UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

SILVIO LUIZ GONÇALVES PEREIRA

“*SELEÇÕES DO READER’S DIGEST, 1954 – 1964.*
UM MAPA DA INTOLERÂNCIA POLÍTICA”.

Tese apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas,
da Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Doutor em
História Social.
Orientadora: Profa. Dra. Zilda Márcia
Gricoli Iokoi

São Paulo
2006

Ao meu pai, José, in memoriam
Ao meu irmão, José Roberto, in memoriam

Pena não estarem aqui para celebrarem comigo...

Agradecimentos

Estes anos de pesquisa encerram um ciclo na minha vida, iniciado justamente num momento de promissor crescimento na área da saúde, quando interrompi uma carreira de quinze anos como farmacêutico-bioquímico e enveredei pela área de humanas. Sinto saudades, mas não me arrependo. E nesta longa jornada encontrei gente interessante, cuja atuação foi decisiva para meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Aos professores Maria Ligia Coelho Prado e Renato Queiroz, pela gentileza em participar do Exame de Qualificação, e pela generosidade com que discutiram meu relatório, levantando críticas pertinentes e sugestões que permitiram aprimorar a qualidade da pesquisa. E pela confiança em mim depositada ao indicar a transformação de nível para Doutorado.

Ao Grupo de Seminário – Zilda, Odair, Ciça, Murilo, Silvanir, Mário, Claudia Delboni, Maurício, Claudia Moraes, Luciano, Janaína, Cassiana, Edvaneide, Dirceu, Jorge, Sandra, Clóvis –, pela acolhida carinhosa e pelo positivo fórum de discussão.

Aos professores e colegas do Laboratório de Estudos sobre a Intolerância – LEI, da Universidade de São Paulo, do qual faço parte como pesquisador no projeto “Intolerância e resistências: 50 anos de luta pelos direitos no Brasil (1940-1990)”, por propiciar embasamento teórico indispensável.

À Capes, pela concessão de bolsa de estudos durante um período da pesquisa, e que foi imprescindível para a realização deste trabalho.

Aos funcionários do Setor de Pós-Graduação do Departamento de História, Andréia, Elizabete e Priscila, pelo carinho, orientação, eficiência e amabilidade.

Aos funcionários do Arquivo Edgar Leuenroth da Unicamp, do Centro de Documentação e Informação/Seção de Documentos Legislativos da Câmara dos Deputados, Brasília-DF, e do Centro de Documentação e Memória da Unesp, pelo atendimento sempre cordial e respeitoso e incansável colaboração.

Aos colaboradores dos projetos de História Oral, que abriram suas casas, corações e memórias, tornando essa pesquisa possível e me emocionando com seus relatos e disposição em ajudar: Erasmo Lessi, Exedito José Prudente de Oliveira,

Jaime Marchi, Jeannette Dente, José Carlos Moreira de Oliveira, Luiz Agostinho da Silva Brandão, Saulo Guimarães e Waldomiro Sphângero. Quanta história...

À professora Célia Aiélo, por me abrir as “portas da História” em Barretos, indicando e fornecendo importante documentação e revelando potenciais leitores de Seleções. Aos velhos amigos da cidade e alhures, Paulo, Bel, Carlinhos, Juninho, Márcia, Sebastião, Ângelo, Paulo, Wilson, Luciana, Beto, Vítor, William, e outros que foram ficando pelo caminho, meu eterno carinho.

Aos amigos que fiz ao longo desses anos de estudo, e que pacientemente suportaram minhas “histórias”: Hugo, que acompanhou de perto os estresses, Luciano, pelo socorro na hora certa, Cláudia, Vinícius, Regina, Lia, Vanir, Débora, Margarethe, Carícia. Sou grato pela amizade generosa e solidária.

Aos amigos que deixei na Boehringer Ingelheim, pelo apoio e motivação: Sueli, Kátia, Eli, Laura, Dímitra, Ângelo, Célia, Dirlene, Maurício, Gérson, Luiz Antonio, Olexander, Daniela, Fernando, Eduardo, Nilce, Carol, os “meninos” da paisagem, da produção e da embalagem, e tantos outros.

A lista é imensa e certamente muitos serão esquecidos – aqui, mas não no meu coração e mente.

Agradecimentos Especiais

Devo agradecer a minha orientadora, Profa. Dra. Zilda M. Gricoli Iokoi, por me sugerir, ainda durante a disciplina História do Brasil Independente II, o adiamento da pesquisa da revista Seleções para a pós-graduação. E também pelas preciosas lições nesses mais de quatro anos de convívio, pelo rigor com que orientou minha pesquisa, sempre respeitando meus pontos de vista, pela leitura atenta e cuidadosa do texto final, e, mais do que nunca, pela paciência e apoio afetivo diante das adversidades pelas quais passei.

Agradeço a minha família, pelo apoio físico e emocional e respeito à minha individualidade, essenciais para chegar até aqui. Compartilho com meus pais, irmãos, cunhados, sobrinhos, tios, primos... a alegria do final.

*“Temos direito de ser iguais quando a diferença não inferioriza,
e o direito de ser diferentes quando a igualdade nos
descaracteriza”.*

Boaventura de Souza Santos¹

¹ “Em busca da cidadania global”, entrevista concedida a Immaculada Lopez. Ver site www.dhnet.org.br. Acesso em maio de 2003.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar a atuação da revista mensal brasileira *Seleções do Reader's Digest* entre os anos 1954 e 1964, publicação norte-americana sob a responsabilidade da Editora Ypiranga S.A., na propaganda ideológica pró-Occidente durante os anos da Guerra Fria.

Apoiando-se na questão da intolerância política, a pesquisa percorreu dois caminhos. No primeiro, foram selecionados para análise e discussão os artigos que veiculavam a *temática anticomunista*, buscando com isso apreender alguns elementos que envolviam as disputas entre os Estados Unidos e a União Soviética durante a guerra fria, e as representações que os norte-americanos construíam sobre seu opositor, tentando justificar a superioridade da democracia e das liberdades existentes no ocidente, frente à tirania presente nos regimes comunistas. A ostensiva campanha anticomunista que orientava as ações do *Reader's Digest* nos diferentes países, acompanhando a mesma configuração geopolítica da guerra fria, ou seja, o “cordão sanitário” promovido pelos Estados Unidos em torno dos países comunistas, negava os esforços para o estabelecimento de uma efetiva coexistência pacífica.

A discussão da intolerância política, desembocando necessariamente na questão dos direitos, exige uma investigação mais profunda do aparato jurídico-político. Assim, o outro caminho percorrido pela pesquisa constituiu-se na análise das relações entre *Seleções* e o mercado brasileiro da imprensa e suas articulações com o campo político-parlamentar, tendo por base os trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI nº 33/63, formada em julho de 1963 na Câmara dos Deputados Federais para investigar a atuação das revistas estrangeiras no país.

ABSTRACT

This study had as its purpose to analyze the role, as a pro-West ideological vehicle, of the Brazilian version of the North American monthly newsmagazine *Seleções do Reader's Digest* (under the responsibility of the Ypiranga publishing house), between 1954 and 1964, the years of the so-called Cold War.

Based on the political intolerance issue, the research has traveled in two ways. First, we selected those articles exploring anticommunist themes, in order to apprehend the components of the dispute between US and Soviet Union during the Cold War – as well as the representations that North Americans were building about their opponent, trying to justify the superiority of the western democracy and freedom in relation to the tyranny of communist regimes. The ostensive anticommunist campaign that oriented the *Reader's Digest* actions in different countries followed the same political configuration of the Cold War, that is to say: a “sanitary cord” promoted, by the US, around communist countries, denying efforts to the establishment of an effective peaceful coexistence.

The political intolerance issue conveys necessarily to the question of rights, and so demands a deeper investigation of the juridical-political apparatus. Therefore, the second way we took in this research was the analysis of the relations between *Seleções* and the Brazilian press market, and its articulations with Brazilian parliament. The base for the analysis was the study of the Brazilian Congress Parliament Committee formed in July, 1963 to make inquiries about the performance of foreign news magazine in the country.

SUMÁRIO

Introdução	09
Capítulo I	
1. “Nem nacional, nem estrangeira: internacional”	48
1.1. <i>Seleções do Reader's Digest</i> e o Brasil	48
1.2. A institucionalização do <i>Reader's Digest</i>	58
1.3. A edição em língua portuguesa – <i>Seleções do Reader's Digest</i>	62
1.4. O crescimento das revistas e o mercado da publicidade	68
1.5. Oposição parlamentar aos desmandos constitucionais: as Comissões Parlamentares de Inquérito	79
Capítulo II	
2. O Leitor Brasileiro de <i>Seleções</i>	98
2.1. Um país em transformação	98
2.2. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE	102
2.2.1. População	103
2.2.2. Educação	105
2.2.3. Difusão Bibliográfica	107
2.2.4. Radiodifusão	108
2.3. Os dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – Ibope	109
2.4. A História Oral e os leitores de <i>Seleções</i>	116
2.4.1. Os depoimentos	126
2.5. O mundo vê o <i>Reader's Digest</i>	129
Capítulo III	
3. Os Personagens do Pensamento Anticomunista de <i>Seleções do Reader's Digest</i>	144
3.1. Os meios de comunicação nos Estados Unidos	144
3.2. Sobre os artigos anticomunistas	150
Capítulo IV	
4. O “Herói Anticomunista” nos artigos de <i>Seleções do Reader's Digest</i>	190
Considerações Finais	231
Bibliografia	239
Fontes	250
Anexos	

Introdução

A imprensa brasileira modificou-se profundamente após a Segunda Guerra Mundial. A partir dos anos 1950 foram abertas oportunidades aos conglomerados de novos jornais e revistas, fortalecendo a imprensa de massa¹, em detrimento da pequena e diversificada imprensa de iniciativa individual e da imprensa partidária. Conseqüentemente, reduziu-se o número de veículos impressos, e as grandes cadeias tornaram-se produtos de uma ação coletiva, organizada e poderosa².

Segundo Juarez Bahia, com a modernização empresarial ocorrida naquele período, ampliou-se o caráter industrial da imprensa, sofisticando ao máximo a intermediação entre produtores e consumidores, e gerando uma forte demanda de publicidade, de produtos industriais, artesanais e agrícolas: do automóvel ao lenço de papel, das artes plásticas ao suco de frutas, do sutiã aos eletrodomésticos e eletrônicos³.

As funções e os custos da notícia passaram a ser balizados pela quantidade de espaço ocupado, de acordo com o preço do papel, dos anúncios, da venda em banca e das assinaturas. Por sua vez, a disputa pela autonomia econômica dos veículos de comunicação se efetivava segundo as leis do mercado, num grau de competição que influenciava a qualidade das notícias e a linha doutrinária⁴.

Em suma, era um mercado editorial e publicitário extremamente concentrado e competitivo. Além da grande imprensa e da pequena imprensa nacional, o país se via cada vez mais envolvido com as publicações estrangeiras, cujos grupos mais

¹ Na opinião de Werneck, “É preciso compreender e aceitar que a imprensa não é meio de massa, em nosso país. Como, aqui, por imprensa entende-se jornal e revista, é fácil constatar que esses meios não são de uso habitual em parcela numerosa, majoritária mesmo, do nosso povo”. In: SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. IX.

² A grande imprensa nacional, que guardava característica nitidamente familiar, era composta, entre outros, pelo *O Estado de São Paulo*, família Mesquita; *O Globo*, família Marinho; *Jornal do Brasil*, família Nascimento Brito; *Folha de São Paulo*, família Frias; revista *O Cruzeiro*, família Chateaubriand; revista *Manchete*, família Bloch; revista *Veja*, família Civita.

³ BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica. História da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990, p. 227.

⁴ *Idem, ibidem*, pp. 232-233, 237.

conhecidos nos anos 1940 e 1950 eram *Seleções*, *Visão* e *McGraw-Hill*, e o grupo *Time-Life*, a partir dos anos 1960.

Neste estudo, com vistas ao título de Doutor em História Social, objetivei analisar a atuação da revista mensal brasileira *Seleções* do *Reader's Digest*, entre os anos 1954 e 1964⁵. A publicação estava sob a responsabilidade da Editora Ypiranga S. A., empresa constituída por brasileiros, como determinava a Constituição Federal, mas subordinada aos procedimentos de trabalho ditados pela matriz norte-americana, tanto na área editorial como publicitária.

Foram selecionados, para análise e discussão, 268 artigos que veiculavam a *temática anticomunista*, buscando com isso apreender alguns elementos que envolviam as disputas entre os Estados Unidos e a União Soviética na hegemonia mundial. Foram verificadas as representações que os norte-americanos construíam sobre seu opositor, na tentativa de justificar a superioridade da democracia e das liberdades existentes no ocidente, em oposição à tirania presente nos regimes comunistas.

A pesquisa nas 132 edições da revista *Seleções*, publicadas entre janeiro de 1954 e dezembro de 1964, revelou a veiculação de um total de 3.652 artigos, compreendendo média de 28 artigos por exemplar, sobre os mais variados temas: religião, cotidiano, família, curiosidades, auto-ajuda, política internacional, humor, piadas, viagens, novas descobertas da medicina, os grandes inventores, os líderes de diversos países, entre outros.

Os 268 artigos com temática anticomunista representam média de dois por edição. Isto significa que, nestes 11 anos de publicação, *Seleções* veiculava todo

⁵ Versão brasileira do *Reader's Digest* norte-americano, *Seleções* foi lançada no Brasil em 1942. Sua “fase de ouro” ocorreu entre os anos 1950 e 1960, principalmente no seio da classe média urbana, quando chegou a vender, em média, 400 mil exemplares. Em 1971, a publicação da revista foi transferida para Lisboa, retornando ao Rio de Janeiro apenas em 1997. A discussão sobre a atuação de *Seleções* no país encontra-se no primeiro capítulo.

mês pelo menos dois artigos que, apresentados sob diversas formas, discorriam sobre um mesmo tema: o perigo comunista para o “mundo livre”⁶.

Nove artigos anticomunistas, objetos de análise no quarto capítulo, traziam como tema as ações do “herói anticomunista”, personificado, nas reportagens, em sujeitos internacionalmente conhecidos, mas também em homens e mulheres comuns, e em povos ou países descritos como exemplos de resistência ao regime comunista. Os artigos abordavam aspectos políticos, religiosos e intelectuais desses personagens.

Seleções moveu-se no campo da intolerância, especialmente da intolerância política. Os artigos veiculados pela revista no período escolhido para esta pesquisa revelam agressiva propaganda anticomunista, manifestada pela demonização do outro, que é considerado pelos autores como sendo o reino do mal, da tirania e do desapego aos valores da família, da prosperidade e da ordem.

A campanha anticomunista que orientava as ações do *Reader's Digest* e, automaticamente, de suas sucursais pelos diferentes países⁷, acompanhando a mesma configuração geopolítica da guerra fria, ou seja, o “cordão sanitário” promovido pelos Estados Unidos em torno da Europa Oriental, da União Soviética, da China e demais países do Sudeste Asiático, negava, da mesma forma que a maioria da mídia norte-americana, os esforços para o estabelecimento de uma efetiva coexistência pacífica.

Em outra linha de raciocínio, *Seleções* reproduzia os ideais anticomunistas elaborados pela matriz norte-americana a partir da sua visão unilateral do mundo,

⁶ A lista destes artigos, com um breve resumo, encontra-se no Anexo, enquanto que sua análise foi tema do terceiro capítulo. Vale destacar que, de certa forma, toda a revista se constituía numa “arma anticomunista”, pois, além dos demais artigos que enalteciam os valores democráticos, principalmente a questão da liberdade que este tipo de regime permitia, até mesmo o anúncio de uma geladeira de “última geração”, por exemplo, ao mostrar a possibilidade de acesso aos bens de consumo nos países capitalistas – algo que não acontecia os países comunistas –, teria, atrelado ao conforto proporcionado pela modernidade, a intenção de mostrar a superioridade de um mundo regido pelas leis do mercado e baseado na propriedade privada.

⁷ Nos anos 50 e 60, a revista chegou a ser veiculada em 13 línguas, 65 milhões de leitores em todo o planeta.

positivando o ocidente capitalista como o lugar da democracia e da liberdade, contra o bloco oriental representado como intolerante. O princípio da pluralidade, elemento inerente à democracia e base para a autonomia do indivíduo, apregoados nos discursos promovidos pelo *Reader's Digest*, e na própria mídia norte-americana em geral, não fugia do monismo da propaganda ideológica anticomunista.

A difusão contínua e exclusiva do modo de vida americano e a ignorância ou desqualificação dos costumes e tradições locais ou regionais, também era outra expressão de intolerância cultural, praticada pela revista mundo afora. Ao propagar o ideal do *american way of life* – um dos componentes do americanismo –, divulgava-se para o mundo um modo de vida que imprimia, na consciência social, a crença de que somente pessoas que vivessem dessa maneira seriam capazes de atitudes e ações nobres, dignas de heróis comuns. E, conseqüentemente, esses indivíduos poderiam galgar extratos mais elevados da sociedade. Neste sentido, *Seleções* contribuía com o imperialismo norte-americano com formas de intolerância moral e ética.

Assim, conjugados com o seu “caráter internacional”, como veremos no decorrer do trabalho, quase nenhuma região do globo ficou fora dos planos da revista. Um verdadeiro “mapa da intolerância” que, definindo no campo geopolítico mundial as fronteiras entre o “mundo livre” e o “mundo da escravidão”, foi sendo traçado ao mesmo tempo em que se realizava a corrida armamentista e aquecia-se a guerra fria.

Os próprios editores brasileiros de *Seleções* deixaram estampado em uma de suas edições o objetivo maior da revista, claramente adequado às diretrizes determinadas pelo *Reader's Digest*:

“Desde o seu primeiro número, um tema constante em Seleções do Reader's Digest tem sido a ameaça que o comunismo representa para o nosso estilo democrático de vida. Nossa revista tem informado sobre a luta do comunismo internacional contra o mundo livre – desde Cuba à Coréia – mas não tinha tido ainda oportunidade de tratar de uma vitória tão significativa para a Democracia como a da revolução brasileira (...) Queremos também quer você saiba, leitor patricio, que a publicação de A Nação que se salvou a si mesma será feita em 13 idiomas – entre os quais o japonês, o árabe e as principais línguas européias – em um total de mais

de 25 milhões de exemplares; portanto, como você, mais de 100 milhões de pessoas do mundo inteiro terão oportunidade de meditar sobre os motivos que levaram os brasileiros à revolução de 30 de março de 1964 – e compreender um acontecimento da mais alta importância para os destinos do homem. – O Redator-Chefe⁸

A questão da intolerância política se constituiu num dos referenciais teóricos empregados na condução desta pesquisa. A articulação entre essa questão e a análise das fontes documentais norteou-se pela busca das respostas aos seguintes questionamentos: Como se engendrou a intolerância? Quais as práticas de intolerância observadas? Quais as narrativas de intolerância encontradas? Como estas práticas de intolerância repercutiram na sociedade? Como estas práticas de intolerância agiram sobre os movimentos sociais? Em outras palavras, foi preciso conhecer como se cria, como se confronta e como se supera um determinado movimento de intolerância.

Paul Ricoeur contribuiu com importantes definições para a ampliação da discussão. Uma delas é que a intolerância não pode reivindicar qualquer espécie de legitimidade e, portanto, para tal intento recorre ao domínio pela violência. Além disso, a intolerância, como a negação do outro como ser social consciente, também acaba não sendo benéfica para o intolerante, visto que ela, na prática, não leva a uma opinião moral que impeça a legitimidade das diferenças. Por sua vez, a liberdade individual incondicional também apresenta um efeito perverso: o ocultamento de comportamentos de intolerância, como as teorias filosóficas, biológicas ou sociológicas que buscaram fundamentar a diferenciação social⁹. Portanto, as proposições de tolerância podem revelar, em suas ausências, uma série de intolerâncias: políticas, religiosas, culturais, dentre outras.

Em outro trabalho, Ricoeur reafirma o risco do “pluralismo” proporcionado pela tolerância, que, em certas condições, pode fazer com que o respeito ao intolerável

⁸ Trecho da mensagem divulgada na contracapa do Artigo Especial “*A Nação que se salvou a si mesma*”, sobre o golpe militar brasileiro de 1964, publicado na edição de novembro de 1964. O cargo de Redator-Chefe era ocupado por Tito Leite, segundo o Expediente da revista.

⁹ RICOEUR, Paul. “Política: tolerância/intolerância”. In: **Enciclopédia Einaudi**, v. 22. Lisboa: Casamoaeda, s/d, p. 179 e ss.

resulte numa cultura da *indiferença*, e no surgimento de fenômenos de anomia, marginalidade, criminalidade, que a sociedade torna-se incapaz de combater com medidas eficazes e confiáveis¹⁰.

Em teoria, na nação democrática há a distinção entre o público e o privado. No público estabelecer-se-ia a unidade, a igualdade e a universalidade da cidadania do indivíduo, enquanto que no privado teria sentido pleno a livre afirmação das identidades e dos referenciais particulares. Neste sentido, a cidadania possibilitaria a integração dos indivíduos em detrimento das suas diversidades concretas. É nesta fronteira entre público e privado que frequentemente a intolerância política se faz presente, ou seja, quando o campo público interfere no privado, ainda mais quando a fronteira entre eles não se encontra claramente determinada.

É nesta zona fronteira nebulosa que se encontra o risco, pois, imbuído da “*tentação do bem*”, como afirma Tzvetan Todorov, o Estado democrático se permite praticar ingerência nas questões públicas, internas ou externas. Historicamente, em prol do combate a regimes diferentes, considerados totalitários, os países democráticos impuseram sua forma política a outros, por meio de embargos ou invasões. Enfim, uma intolerância política que contraria a razão de ser de uma sociedade democrática, constituída sob o princípio da inclusão igualitária. Segundo palavras do autor:

“Querer erradicar a injustiça da superfície da Terra, ou mesmo unicamente as violações dos direitos humanos, instaurar uma nova ordem mundial da qual estariam banidas as guerras e as violências, é um projeto que vai ao encontro das utopias totalitárias em sua tentativa de aperfeiçoar a humanidade e estabelecer o paraíso na terra”¹¹.

A discussão da intolerância política desemboca necessariamente na questão dos direitos, o que exige investigação mais profunda do aparato jurídico-político. No

¹⁰ *Idem*. “Etapa atual do pensamento sobre a intolerância”. In: ACADEMIA UNIVERSAL DAS CULTURAS. **A intolerância**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 22.

¹¹ TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem. Indagações sobre o século XX**. São Paulo: Arx, 2002, pp. 328-329.

caso da pesquisa, buscou-se analisar as relações produzidas pelos diferentes agentes nacionais e estrangeiros que atuavam no mercado brasileiro da imprensa, e suas articulações no campo político-parlamentar. A base da análise foram os trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI nº 33/63, formada em julho de 1963 na Câmara dos Deputados para investigar a atuação das revistas estrangeiras no país.

Configurou-se assim uma possibilidade de avaliar a eficácia das estruturas políticas e jurídicas na resolução (ou ao menos na amenização) dos conflitos e embates que surgiam no campo da imprensa nacional, nos anos imediatamente anteriores ao golpe militar de 1964.

A americanização do Brasil não teve início com a influência das revistas estrangeiras lançadas em meados do século XX, mas muito antes, como mostra a crônica de Lima Barreto, “*O nosso ‘ianquismo’*”, publicada na *Revista Contemporânea*, no Rio de Janeiro, em 22 de março de 1919. O autor afirmava, entre uma série de denúncias, que os brasileiros estavam ficando cegos com as “*coisas americanas*”.

Outro aparente paradoxo da americanização, segundo Antonio Pedro Tota, é que, exigindo necessariamente a presença do Estado para se efetivar, sua intolerância se fortaleceu justamente nos anos autoritários da ditadura Vargas¹².

No Brasil, como em toda a América Latina, a modernidade se efetivou sempre em oposição ao tradicional. Era uma concepção dualista que relegava “*ao passado e ao residual aquilo que supostamente não faria parte do tempo da modernidade, como o tradicionalismo dos pobres, migrados do campo para a cidade, a cultura popular e a própria pobreza*”, reconhecidos como manifestações anômalas e vencidas. Porém, a tradição é parte integrante da modernidade, “*embora de um*

¹² TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor. A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pp. 9-11.

*ponto de vista teórico e tipológico não faça parte do moderno*¹³. Neste sentido, a utopia modernizante é intolerante e restritiva, pois, universal, hegemônica e homogênea, nega as particularidades.

Segundo Tota, alguns dos elementos que compunham o americanismo, a partir de meados do século XX, foram: a **idéia de democracia**,

*“sempre associada aos heróis americanos e, em especial, aos ideais de liberdade, de direitos individuais e de independência (...) garantidos a todo o povo americano, superando diferenças de classe, credo e raça”*¹⁴.

O segundo elemento, o **progressivismo**, o componente ideológico mais importante do americanismo. Ligado ao racionalismo, à idéia de um mundo de abundância e à capacidade criativa do indivíduo americano,

*“enaltecia o homem enérgico e livre, capaz de transformar o mundo natural. Graças a isso, o mercado podia oferecer em abundância vários produtos úteis e atraentes criando uma nova forma de prazer: o prazer de consumir. Ora, como estes produtos estariam ao alcance de qualquer pessoa, independentemente da posição na sociedade de classes, a vida ficaria muito mais fácil, agradável e enriquecedora”*¹⁵.

Isto significava que, eliminadas as dificuldades da vida no mundo moderno, automaticamente estariam anuladas as fontes dos conflitos sociais. Ou seja, a paz social seria alcançada por meio do consumo generalizado. Então, o mercado era o melhor caminho para a americanização. O progressivismo acrescentou ao “vocabulário mítico do americanismo” as palavras “progresso, ciência, tecnologia, abundância, racionalidade, eficiência, gerenciamento científico e padrão americano de vida”.¹⁶ Apropriando-se dos ideais presentes no Destino Manifesto, o progressivismo ampliou seu poder ideológico, sumariamente entendido como a

¹³ MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Hucitec, 2000, p. 18.

¹⁴ TOTA, *op. cit.*, p. 19.

¹⁵ *Idem, ibidem*, pp. 19-20.

atualização da “*tendência para o messianismo nacional, a idéia do povo eleito por Deus, que o judaísmo legou aos puritanos*”.¹⁷

“American Progress”, 1872¹⁸

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 20.

¹⁷ BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil (dois séculos de História)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 86.

¹⁸ Ilustração reproduzida do site www.en.wikipedia.org/wiki/Manifest_Destiny. Acesso em maio de 2005.

Obra produzida pelo pintor norte-americano John Gast, o quadro “*American Progress*” é a representação alegórica do destino manifesto¹⁹. Nele, vemos uma mulher angelical, que alguns identificam como a deusa Columbia, da mitologia norte-americana, personificação dos Estados Unidos no século XIX. A imagem carrega no braço direito um livro escolar – o saber, simbolizando a luz da civilização, o “esclarecimento” nacional, e na mão esquerda o fio do telégrafo – sinal do progresso –, que ela vai instalando conforme vai se dirigindo, sempre à frente, para o oeste, o ocidente (a idéia de olhar para a frente, para o futuro, em vez de olhar para trás, para o passado, é uma das características do destino manifesto).

O lado direito do quadro, representando o leste, o oriente, apresenta-se iluminado, mostrando uma cidade ao fundo, com navios ancorados e de onde partem linhas férreas. O lado esquerdo, selvagem, ocupado pelos índios e pelos animais, ainda encontra-se às escuras, como algo ainda a ser desbravado e, com os indomáveis colonos, a pé, a cavalo ou em carroças, avançando desesperados para os lugares ainda mais sombrios.

Os primeiros grupos que se estabeleceram nos Estados Unidos, impulsionados por um “destino sagrado”, tinham como objetivo principal constituir uma comunidade onde pudessem praticar livremente sua religião. A este puritanismo, “... a historiografia acrescentou o seu caráter empreendedor e egocentrista, demonstrando, isto sim, a existência de uma ética individual contrária à social preconizada”. Portanto, individualismo e liberdade de ação foram as marcas das primeiras colônias instaladas na América, buscando “atingir os objetivos a que se propuseram, não hesitando em deslocar os descontentes para longe de suas fronteiras”, tal como ocorreu no movimento expansionista em direção ao oeste²⁰,

¹⁹ Esta gravura é vendida na *web*, na forma de *pôster* ou quadro com moldura, para fazer parte da decoração dos lares norte-americanos. Também é tema de jogos infanto-juvenis do tipo “*war*”, de conquista de terras; num destes produtos, o “*Manifest Destiny Board Game*”, seu fornecedor afirma que desde o período colonial até os dias atuais, o destino manifesto refletia o progresso americano.

²⁰ COSTA, Ana Maria Siqueira. “O destino (não) manifesto”. *Os imigrantes norte-americanos no Brasil*. São Paulo: FFLCH-USP, Tese de Doutorado, 1985, pp. 56-57, 59.

claramente observado nos clássicos do faroeste, onde se veiculava a idéia de que índio bom era índio morto²¹.

A teoria do direito natural presente na visão do mundo americano colonial foi o elemento justificador para os direitos de propriedade, as liberdades civis e, com o surgimento do pensamento democrático, a idéia da soberania popular. Por sua vez, este direito natural, apropriado pelos grupos religiosos, forneceu ao movimento expansionista um caráter missionário²².

Como povo eleito, era natural a idéia de predestinação geográfica, baseada na expansão territorial e no uso do solo. Deste modo, a

“conjunção dessas crenças formou um complexo mitológico sobre o passado, presente e futuro dos Estados Unidos, alimentando a luta expansionista dos americanos que atingiu o ápice na metade do século XIX, quando constatou-se um aumento territorial de 1.788.000 milhas² em 1845, para 2.992.000 milhas² em 1849. Foi então que se concretizou definitivamente a idéia do ‘Destino Manifesto’ com o argumento generalizador da liberdade e da democracia para os demais territórios”²³.

A idéia de destino manifesto, legitimadora do expansionismo norte-americano, fundiu Deus e geopolítica numa relação diretamente proporcional: quanto maior a ação expansionista, maior a aprovação divina. Com o destino manifesto, os ideais dos Estados Unidos passaram a ser reconhecidos como de interesse universal da espécie humana: um “americanocentrismo” que definia a expansão imperialista norte-americana como evolução da raça humana, promoção da democracia, luta contra os regimes totalitários, conquista de liberdades civis etc. Mas, na verdade, este posicionamento político norte-americano era intolerante, pois negava a autodeterminação dos povos de outros países, e também a credibilidade de organismos internacionais, tais como as Nações Unidas, como ocorre ainda nos dias atuais.

²¹ SONTAG, Susan. **A vontade radical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 188.

²² WEINBERG, Albert K. **Destino manifesto. El expansionismo nacionalista em la historia norteamericana**. Buenos Aires: Editora Pueblos, 1968, pp. 25-26.

Segundo Tota, o terceiro e último elemento do americanismo – o **tradicionalismo** – é efetivado pelo mito da vida pura e saudável na fazenda, com o contato com a natureza, e se completa com o enaltecimento da vida familiar, a coragem dos indivíduos e o temor a Deus. São aspectos válidos apenas para “*uma América de brancos, fundamentalistas religiosos, anglo-saxões, anticomunistas e imperialistas apaixonados*”. Para o autor, este tradicionalismo norte-americano é o cerne do *american way of life*, que os meios de comunicação – o americanismo mercantilizado – difundiam como “*a imagem pastoral do passado dos pioneiros, dos farmers, das pequenas cidades, da vida simples*”²⁴.

Nos anos de 1940 a 1950, os Estados Unidos passaram por algumas das mudanças mais profundas de sua história moderna, que alteraram os rumos nacionais, modificaram sua ideologia, ampliaram seu papel mundial e redirecionaram sua consciência. Enquanto, no início daquele período, o país era uma nação “voltada para dentro”, ainda economicamente frágil, esforçando-se por firmar seus valores ideológicos e identitários, uma década depois ele se tornou uma superpotência global, que saíra vitoriosa da guerra, com responsabilidades internacionais e buscando definir suas intenções para o mundo. Para os norte-americanos daquele período, as angústias eram outras, não mais econômicas, mas atômicas. Passou-se a crer no fim da divisão ideológica interna e num futuro de crescimento ilimitado, de auto-sustentação. Num mundo que também se modificava, com novos alinhamentos políticos e esferas de influência alteradas, os Estados Unidos apostavam no:

*“modo ‘americano’ de capitalismo, individualismo, instituições livres, mercado livre, enfrentando, numa postura de crescente confronto, o modo comunista de coletivismo socialista e da economia controlada. As questões americanas, agora, eram questões mundiais e a influência americana era ampla”*²⁵.

²³ COSTA, *op. cit.*, p. 64.

²⁴ TOTA, *op. cit.*, pp. 20-21.

²⁵ BRADBURY, Malcolm; TEMPERLEY, Howard. “Guerra e guerra fria”. In: BRADBURY; TEMPERLEY (eds.). **Introdução aos estudos americanos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981, pp. 304-305.

Conforme afirma Barros, o cidadão médio norte-americano, no final da década de 1950,

“vivia obcecado pela competição com vizinhos e amigos, pressionado pelos constantes apelos dos comerciais de rádio e televisão e pelo mundo de fantasia que era projetado por revistas populares. Liam Reader's Digest e se orientavam através de condensados artigos que explicavam desde a vida sexual das abelhas até a maldade inerente à alma russa e chinesa. Segundo os padrões americanos, uma família que não possuísse um carro novo, um aparelho de televisão, um congelador bem abastecido num cintilante supermercado e uma máquina de lavar pratos estava fracassado. Os oito anos de governo de Eisenhower não apresentaram qualquer conscientização referente à situação econômica de milhões de americanos pobres — tanto negros como brancos — que não partilhavam da prosperidade do americano branco médio”²⁶.

Após a morte de Stalin, iniciou-se a fase da guerra fria conhecida como coexistência pacífica. Mas, na verdade, durante todo o período,

“... em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas, sobretudo do lado americano, os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual, mas não contestado em sua essência”²⁷.

Do lado norte-americano, quatro fatos ilustraram bem essa não disposição para o enfrentamento: a Guerra da Coreia (1950-1953), a não intervenção do governo norte-americano nas rebeliões na Alemanha Oriental, em junho de 1953, e na Hungria, em outubro-novembro de 1956, e a crise dos mísseis cubanos, em 1962. A principal preocupação dos dois lados, portanto, era *“impedir que gestos belicosos fossem interpretados como medidas efetivas para a guerra”²⁸.*

A coexistência pacífica significou uma fase em que as duas superpotências resignaram-se a viver juntas, e mesmo nas crises do período — como as rebeliões

²⁶ BARROS, Edgar Luiz de. **A guerra fria**. 2ª ed. São Paulo: Atual/Campinas: Unicamp, 1985, p. 65.

²⁷ HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 224.

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 226.

em países do Leste Europeu, o caso do avião U-2 e da instalação dos mísseis em Cuba – preponderou a vontade de ambas em não levar o conflito até o fim²⁹.

Contudo, mesmo com todas as perspectivas de acordos para uma coexistência pacífica, a política norte-americana, e com ela toda imprensa do país, construiu um cenário no qual a URSS estava pronta para a conquista imediata do planeta, dirigindo uma "*conspiração comunista mundial*" disposta a derrubar os "*reinos de liberdade*". O governo norte-americano precisava demonizar o inimigo para ganhar votos (vale lembrar que apenas nos Estados Unidos alguns presidentes foram eleitos para combater o comunismo) e, portanto, um anticomunismo apocalíptico lhe era conveniente, pois reafirmaria sua posição de potência mundial e ao mesmo tempo anularia o isolacionismo ou protecionismo defensivo interno. A guerra fria promoveu o mito do caráter expansionista do comunismo soviético; mas, com exceção de Cuba, a distribuição geográfica do mundo já havia sido definida antes, durante a Segunda Guerra Mundial, com os acordos entre Churchill, Stalin e Roosevelt³⁰.

A guerra fria foi altamente funcional, tanto para os Estados Unidos como para a União Soviética. Porque fornecia a ideologia para que cada um pudesse usar a força e a violência para controlar seus próprios domínios, como nos casos da Guatemala, em 1954, e da invasão na Hungria, em 1956. Por outro lado, não existia uma simetria entre as superpotências, pois os Estados Unidos agiam de maneira mais ostensiva que a União Soviética, um reflexo do maior poder norte-americano³¹.

Nos anos 1940, a preocupação central dos Estados Unidos em relação à América Latina não era a influência soviética nos movimentos políticos, mas as posturas nacionalistas de alguns governos e os movimentos que divergiam da influência norte-americana no tocante a uma política de afirmação nacional. Os Estados Unidos temiam que alguns países latino-americanos poderiam se aliar à União Soviética, no caso de uma guerra, disponibilizando a ela recursos naturais. Para evitar esta possibilidade, foram criados em 1947 o Tratado Interamericano de

²⁹ RÉMOND, René. **O século XX. De 1914 aos nossos dias**. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 154.

³⁰ BARROS, *op. cit.*, p. 11.

Assistência Recíproca – TIAR, e em 1948 a Organização dos Estados Americanos – OEA. Num primeiro momento a interferência norte-americana na América Latina se fez por meio do envio de recursos materiais e dinheiro, sem intervenção direta.

Mas, com a ascensão de Eisenhower, em 1953, esta postura modificou-se. Os Estados Unidos passaram a associar a idéia de segurança continental com o fortalecimento da segurança interna dos países latino-americanos, e pelo aprimoramento dos instrumentos de repressão, bem como intervenção direta³². Enfim, enquanto os Estados Unidos lutavam pela ampliação do capitalismo mundial, com os países latino-americanos devendo servir apenas como fontes de matérias-primas para sua indústria armamentista, o Brasil lutava pela superação da dependência³³.

A política exterior norte-americana para a América Latina voltou a ser alterada durante o governo de John Kennedy, que buscou evitar o confronto direto com os soviéticos. Preferiu exibir a superioridade norte-americana nos campos tecnológico, produtivo e comercial, mostrando as vantagens oferecidas pelo alinhamento com o “mundo livre”, e assim esvaziando as alternativas não-capitalistas ou nacionalistas antimericanas em países latino-americanos. Mas não foram abandonadas políticas preventivas e repressivas dos governos anteriores. Kennedy criou a Aliança para o Progresso, com o objetivo de implementar a política de reformas estruturais e de prevenir novas experiências inspiradas na revolução cubana. Foi reforçada a política de treinamento e aparelhamento das forças repressivas latino-americanas, visando principalmente ao enfrentamento da guerra de guerrilhas que se disseminava pelos países do Terceiro Mundo³⁴.

Com base no seu programa da Nova Fronteira, Kennedy criou em 1961 os Corpos da Paz, agência governamental que tinha como objetivo enviar voluntários aos países do Terceiro Mundo que atuassem em projetos de assistência comunitária

³¹ CHOMSKY, Noam. “*Armas estratégicas, guerra fria e Terceiro Mundo*”. In: NEW LEFT REVIEW. **Exterminismo e guerra fria**. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 190-191.

³² AYERBE, Luís F. **A hegemonia dos Estados Unidos e a trajetória do desenvolvimento latino-americano: aspectos políticos e econômicos. 1945-1990**. São Paulo: FFLCH/USP, Tese de Doutorado, 1992, p.88-91.

³³ BANDEIRA, Moniz. “*O Brasil e o continente*”. In: CERVO, Amado Luiz (org). **O desafio internacional**. Brasília: Editora UnB, 1994, p. 153

³⁴ AYERBE, *op. cit.*, pp. 133-135.

nos campos da educação, saúde e desenvolvimento agrícola. Os *Peace Corps* foram importante instrumento de política exterior do governo dos Estados Unidos. Segundo Cecília Azevedo, entre 1961 e 1981, seis mil norte-americanos foram enviados ao Brasil, onde permaneciam durante dois anos. Para a autora, a agência, expressão moderna dos mitos de origem norte-americanos, se constitui num privilegiado objeto de estudo do imaginário político norte-americano³⁵.

Assumindo a idéia do “*destino providencial*” dos Estados Unidos, o discurso anticomunista de Kennedy se traduzia em termos de uma “*missão civilizadora, consubstanciada em programas de assistência social e econômica de longo prazo*”, dentre eles a Aliança para o Progresso e os Corpos da Paz. Segundo Azevedo,

“a idéia era defender o ‘mundo livre’ não só através das armas, mas de uma política de assistência internacional, conciliando objetivos ou interesses sócio-econômicos com os militares e geopolíticos”³⁶.

A política intervencionista norte-americana nos países latino-americanos já crescia desde o início da Segunda Guerra Mundial, sob o pretexto de garantir a segurança no continente, mas encobriu a preocupação dos Estados Unidos com ameaças aos seus interesses na América Latina. Assim, foi criada uma estrutura para coleta de informações visando a garantir a segurança do continente contra ataques comunistas e nazi-fascistas. E, nos anos subseqüentes à guerra, os Estados Unidos passaram a treinar as polícias latino-americanas para combater as prováveis ameaças da esquerda e a insurreição de guerrilhas armadas³⁷. Portanto, o treinamento norte-americano das polícias estrangeiras na América Latina buscou conquistar o controle sobre os sistemas de segurança interna dos países por ele beneficiados, e não difundir os ideais democráticos³⁸.

³⁵ AZEVEDO, Cecília. **Em nome da “América”: os Corpos da Paz no Brasil (1961 – 1981)**. São Paulo: FFLCH/USP, Tese de Doutorado, 1999, p. 12.

³⁶ *Idem, ibidem*, p. 39.

³⁷ HUGGINS, Martha K. **Polícia e política: relações Estados Unidos /América Latina**. São Paulo: Cortez, 1998, pp. 3-4.

³⁸ *Idem, ibidem*, p. 22.

Existiam diversos programas, agências governamentais e empresas privadas (incluindo-se aí cadeias de jornais, revistas, produtoras de filmes, rádio e televisão, e agências publicitárias, noticiosas, de pesquisas de mercado e de opinião) envolvidas na diplomacia dos Estados Unidos nos países dependentes e aliados. Mas, todas as medidas adotadas pelo governo norte-americano em relação aos países latino-americanos apenas teriam efeito caso seus governos estivessem realmente convencidos da necessidade de ajuda no combate ao comunismo. Foi neste sentido que Washington criou o Organismo de Informação dos Estados Unidos (*United States Information Agency* - USIA, que absorveu a *Voz da América*), com o objetivo de estimular os governos “vulneráveis” a aceitar a ajuda para a sua segurança interna. Consequentemente, no:

“decorrer da década de 1950, o USIA produziu cartazes e panfletos anticomunistas no México e 90.000 exemplares de um livro de caricaturas anticomunistas para distribuição por toda a América Central. O USIA colocou duas séries de histórias em quadrinhos anticomunistas, pró-Estados Unidos, em mais de trezentos jornais latino-americanos (...) No Brasil, O USIA apoiou, ‘antes e durante’, as eleições de novembro de 1954 para o Congresso, ‘a produção e a utilização de um estudo sobre a ligação existente entre o Partido Comunista Brasileiro e a União Soviética’ (...) Um desses grupos filiados ao USIA, a Cruzada Brasileira Anticomunista (CBC) do Rio de Janeiro, distribuía cartazes, panfletos, histórias em quadrinhos, cartões postais e carteirinhas de fósforos anticomunistas”³⁹.

A política cultural oficial norte-americana, nos anos 1950 a 1960, também apostou na estratégia da Guerra Psicológica, que tinha como objetivo a participação de intelectuais na construção de uma nova cultura e de uma nova política. Os intelectuais eram liderados pelos norte-americanos, esses detentores da virtude cívica e dos princípios cristãos de política para a humanidade. Vários dos intelectuais que passaram a ser financiados pelo Departamento de Estado norte-americano talvez não tivessem idéia das pretensões estratégicas desenhadas no interior da CIA; formavam uma espécie de “*corrente dos inocentes*”.⁴⁰

³⁹ *Idem, ibidem*, pp. 96-98.

⁴⁰ CANCELLI, Elizabeth. “*Intelectualidade e poder: inconformidade na Guerra Fria*”. In: **ArtCultura**, n.9, 2004 – Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, p. 113.

O intercâmbio entre os intelectuais dos Estados Unidos e os de outros países tinha a clara intenção de americanização do mundo ocidental: os estrangeiros eram levados aos EUA para “*absorverem o american way of life*”, enquanto que os norte-americanos viajavam aos mais diferentes países, para que

“o mundo conhecesse o que intelectualmente os Estados Unidos possuíam de melhor: sua intelectualidade e seus artistas. Eram eles a prova viva do sucesso da democracia norte-americana”.⁴¹

As revistas norte-americanas também fizeram a sua parte, exercendo expressiva influência em alguns setores da opinião pública latino-americana. No México, em 1964, dez revistas nacionais somaram 338.811 exemplares vendidos, enquanto que três revistas norte-americanas publicadas em espanhol – *Selecciones*, *Visión* e *Life* – alcançaram a venda de 546.000 exemplares. O mesmo comportamento se deu no Brasil, inclusive com as mesmas publicações. Segundo Octavio Ianni, sob:

“diferentes formas, e os mais distintos artifícios e meios, nos países da América Latina difundem-se os ideais, as concepções ou os valores educacionais, científicos e culturais vigentes nas esferas governamentais e empresariais dos Estados Unidos. Não se trata apenas de propaganda do american way of life, como modelo a ser imitado ou almejado. Trata-se também do que Dorfman e Mattelart denominaram american dream of life, no qual se invertem totalmente as relações entre condições de existência social e consciência, entre as possibilidades do pensamento e ação”.⁴²

Com a ascensão de Johnson, em 1963, a política centrada na contra-insurgência foi fortalecida ainda mais, com o apoio às forças militares e paramilitares de cada país latino-americano para o enfrentamento dos inimigos internos, numa clara opção pelo militarismo, em detrimento das saídas institucionais. Entretanto, os

⁴¹ *Idem, ibidem*, p. 117.

⁴² IANNI, Octavio. **Imperialismo e cultura**. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 53.

interesses norte-americanos eram outros, quando seu governo passou a se envolver cada vez mais no conflito do Vietnã⁴³.

Os esforços dos Estados Unidos na América Latina surtiram resultados: depois de 1948, todas as intervenções armadas e golpes militares estavam impregnados da doutrina anticomunista, como o caso da intervenção norte-americana na deposição do governo democrático de Jacobo Arbenz, da Guatemala, em junho de 1954, justificada pela idéia de ser aquele país “*um posto avançado do comunismo internacional*”. No Brasil, baseado na Doutrina Truman, o general Dutra colocou novamente o PCB na ilegalidade e desencadeou forte repressão à classe operária. Certamente as lideranças latino-americanas souberam aproveitar a “*falta de segurança*” no continente. Na opinião de Barros,

*“o ideário da luta anticomunista serviu como uma luva para que as classes dominantes latino-americanas justificassem sua presença no poder. O que era – e é – fruto da miserável situação interna e da exploração externa passou a ser considerado como resultado da ‘conspiração comunista internacional’”*⁴⁴.

Dez anos após a queda do Muro de Berlim, Noam Chomsky assim analisou a relação entre guerra fria e América Latina:

*“A principal função da Guerra Fria era justificar as atrocidades cometidas pelo governo americano. No caso da Guatemala, por exemplo, os Estados Unidos reconhecem as violações aos direitos humanos, mas com esta desculpa: ‘Era preciso evitar que a Rússia controlasse a América Central, por meio da influência de Cuba’. Dizer que Cuba tinha esse poder é o mesmo que dizer que Luxemburgo poderia exercer controle sobre o leste europeu. Isso é ridículo. A América Latina já estava sob o controle dos Estados Unidos. A Guerra Fria era somente um pretexto”*⁴⁵.

⁴³ AYERBE, *op. cit.*, pp. 142-144.

⁴⁴ BARROS, *op. cit.*, pp. 67-68.

⁴⁵ Entrevista a revista *Caros Amigos*, publicada na ed. 29, de ago/99, p. 35. Chomsky diz que, depois da guerra fria, os norte-americanos não modificaram a política com relação à América Latina; mudaram apenas as justificativas – primeiro, os enormes orçamentos para o Pentágono eram aprovados para defesa de uma invasão russa; depois de 1990, para defesa contra “a sofisticação tecnológica do Terceiro Mundo”, ou para manter forças de intervenção no Oriente Médio. Segundo ele, depois da guerra fria, submissos ao poder dos EUA e sem espaço para posicionamento mais neutro diante das rivalidades entre norte-americanos e soviéticos, ficou mais difícil para os países do Terceiro Mundo manter a independência.

No Brasil, a industrialização dos anos 1950 era a base para aqueles que ansiavam pela modernização do país. A temática do discurso de Juscelino Kubitschek era a aceleração do processo de crescimento econômico, pela via da industrialização, como possibilidade de superar o atraso e alcançar a prosperidade. Este desenvolvimento estava associado à paz, como ordem, e à grandeza, como destino⁴⁶.

A fundamentação do desenvolvimento era a segurança, que impediria que o subdesenvolvimento gerasse movimentos perturbadores organizados e radicais, como o comunismo. Por outro lado, somente o desenvolvimento poderia garantir a segurança das instituições democráticas; a ordem democrática era função do desenvolvimento, e este determinaria a segurança. A perspectiva política geral era mudar, dentro da ordem, para garanti-la. A ideologia do desenvolvimento era progressista e anticomunista. Vê-se, portanto, que o impedimento da formação de qualquer grupo como força social não se deu por meio da repressão, mas principalmente por meio do fortalecimento dos mecanismos de coesão social generalizada em torno do projeto nacional que a classe dominante vislumbrava⁴⁷.

Enquanto forma ideológica de representação atravessada pelas lutas de classe, o discurso desenvolvimentista era articulado por três elementos: a idéia de que o desenvolvimento era uma função do capitalismo, consubstanciado no processo de industrialização; de que ele maximizaria o bem-estar de toda população, em virtude da elevação do nível de vida; e a idéia de que em sua ausência a subversão e a luta de classes seriam estimuladas⁴⁸.

A estabilidade proporcionada pelo desenvolvimentismo, encobrendo outros problemas políticos importantes, tais como as reformas agrária, tributária e universitária, era resultado da bem sucedida conciliação entre a elite e as massas.

⁴⁶ CARDOSO, Míriam Limoeiro. **Ideologia do desenvolvimento. Brasil: JK – JQ**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 97.

⁴⁷ *Idem, ibidem*, pp. 132, 153-154, 253.

⁴⁸ ARAÚJO, Marco César. **O Estado e a representação da problemática regional: uma ideologia de desenvolvimento e segurança nacional. 1954/1959**. São Paulo: FFLCH-USP, Dissertação de Mestrado, 1996, p. 74.

Aplicava-se um sistema político aberto e racional – o Programa de Metas – da política econômica favorável ao “bloco do poder”. Estimulava-se o investimento e o acúmulo de capital, intensificando a aproximação dos setores industrial e agrário-exportador. E obtinha-se, em decorrência dessa articulação, o apoio dos partidos políticos, em especial da aliança PSD/PTB, que perdurou até 1959, e das Forças Armadas, notadamente do Exército⁴⁹. Por sua vez, o governo Jânio Quadros transcorreu num período marcado por uma grave crise econômica, pela diversificação dos movimentos sociais, pela crescente intervenção dos militares e da Igreja na cena política, e pelos novos rumos tomados pela guerra fria após a revolução cubana. Dois temas tiveram maior relevância durante seu governo: a política externa independente e a política econômica de estabilização ortodoxa, inclusive o reatamento com o FMI⁵⁰.

Os anos 1961-1964 evidenciaram alguns problemas gerados com o tipo de desenvolvimento econômico ocorrido no Brasil: redução do índice de investimentos, queda da taxa de lucro, diminuição da entrada de capital externo, agravamento da inflação, desequilíbrio econômico setorial e regional, ineficácia da administração pública, necessidade de renegociação da dívida externa e de novos investimentos públicos e privados, entre outros⁵¹. Aumentavam as desigualdades sociais, tanto na cidade como no campo.

Foi um período de intensa politização e organização das massas camponesas, principalmente no Nordeste, onde foram vivenciadas, por exemplo, as lutas das “Ligas Camponesas”, em 1954, no Engenho Galiléia, em Pernambuco. Populações urbanas também se encontravam intensamente politizadas, especialmente a classe média, o proletariado e os estudantes universitários; sua politização era resultado principalmente de envolvimento em freqüentes campanhas de reivindicação salarial, em assembléias, comícios e greves, bem como na

⁴⁹ BENEVIDES, Maria Victória de M. **O governo Kubitschek: desenvolvimento e estabilidade política (1956-1961)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. *Introdução*.

⁵⁰ *Idem*. **O governo Jânio Quadros**. São Paulo: Brasiliense, 1982, pp. 10-11. Coleção *Tudo é história*.

⁵¹ IANNI, Octavio. **Estado e planejamento econômico no Brasil (1930-1970)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 192.

intensificação do debate acerca das reformas de base. A questão agrária ganhou preeminência sobre as outras demandas existentes, em decorrência de três fatos: a suposição de que a sociedade agrária estava atrasada e apresentava problemas econômicos, políticos e sociais cruciais para o país como um todo, em face da expansão industrial; o forte movimento da opinião pública, criado pelos grupos e partidos de esquerda contrários ao “latifúndio”, como principal responsável pelo atraso no campo; e o interesse do governo, convergente com os ideais do trabalhismo populista, pela sindicalização e controle político das massas rurais. Entretanto, João Goulart não chegou a reunir condições políticas para a resolução dos problemas econômicos mais graves e urgentes⁵².

Mas, o golpe militar de 1964 contrapôs-se no discurso à crise social decorrente da escassez, e acabou bloqueando as forças democráticas ou de esquerda. A viragem para a direita fez com que a sistemática difusão ideológica anticomunista se tornasse dispensável.

Segundo José Miguel Wisnik, vivemos num mundo que só se dá a conhecer por meio de imagens, de interpretações, de versões, difundidas tanto pela arte como pelos meios de comunicação. Toda imagem é um recorte da realidade que, ao subtrair uma parte dela, retirá-la de seu contexto original e transferi-la para um outro contexto, sempre se apresenta sob uma nova significação. Portanto, toda imagem, de algum modo, é uma violenta interpretação do seu ponto de partida porque ela é tirada do seu lugar de origem e montada num outro lugar⁵³.

A representação é central no jornalismo. Ao reportar um fato real, nos oferece a realidade por meio de uma representação. É uma realidade cujos fragmentos, partes, recortes, tirados de um contexto, por meio de representação, e reproduzidos num outro contexto, o da imprensa, permite manipulação. O modo como essas representações são construídas e propagadas constitui-se num componente potencial para a intolerância.

O jornalismo é uma *paraliteratura*, afirma Wisnik, no sentido de que é uma representação da realidade; e mesmo possuindo regras e não sendo ficcional, pois se reportam sempre aos fatos verídicos, o jornalismo é também uma forma de ficção. Mesmo

⁵² *Idem, ibidem*, pp. 194-197.

⁵³ José Miguel Wisnik no Programa “Ética”, TV Cultura – SP, 2001, com o tema “Ética e jornalismo”.

que o jornalista não invente, o simples recorte da realidade já tem efeito de transformação. Uma mesma frase, produzida em contextos jornalísticos diferentes (por exemplo, na primeira página de um jornal, em meio a outras notícias), ganha significados diferentes; assim, é possível elaborar críticas as mais variadas sobre um mesmo assunto, seja ele político, econômico, social, cultural etc.

Todavia, sem a consciência de que a realidade produzida num meio de comunicação é, em certa medida, uma ficção não observada pelos leitores, a tendência geral era acreditar que uma reportagem fosse mais real do que o próprio real. Isto, em virtude do maior valor dado à palavra escrita, como se ela fosse forma acabada da realidade. Com seu enorme poder, afirma Wisnik, a imprensa é uma máquina de fazer e desfazer contextos, de destruir o contexto onde o real se dá e construir um novo contexto, com fragmentos, representações desse real. Além disso, a imprensa pode fazer com que algo que seja verossímil faça sentido, passe por verdadeiro, algo que pode parecer real torne-se real.

Além desta questão interna, relacionada com o conteúdo da matéria jornalística, com a produção editorial, existem os aspectos relacionados aos objetivos mercadológicos da empresa. Um jornal, ou um órgão audiovisual de informação, é composto por acionistas e por uma redação composta de jornalistas profissionais, e, conseqüentemente, o principal interesse dos empresários não é forçosamente compatível com a ética jornalística. Disto decorre que a evolução da mídia se constrói em permanente estado de tensão⁵⁴ e, neste sentido, antes de questionar a ética das mídias, “*é preciso saber em que sociedade vivemos e com que tipo de hierarquia nos deparamos*”.⁵⁵

Segundo Margarethe Steinberger,

“... a sociedade não é inerte em relação aos próprios problemas; ela os processa através de seus dizeres e fazeres e dentro de uma temporalidade operatória própria. Podemos crer, então, que avaliar a extensão e a qualidade da

⁵⁴ DERAÍ, Yves. “A ética das mídias”. In ACADEMIA UNIVERSAL DAS CULTURAS. **A intolerância**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 249.

⁵⁵ COLOMBANI, Jean-Marie. *Ibidem*, p. 253.

*informação que circula na sociedade é um caminho para dimensionar esse processamento no campo do dizer/saber”.*⁵⁶

Para Capelato, a imprensa se configura ao mesmo tempo como instituição pública, atuando no âmbito político (princípio da publicidade, ou seja, a garantia do direito à informação), e privado (orientada pela lógica do lucro, em meio à disputa com os concorrentes pelo público leitor). Portanto, a imprensa opera num terreno movediço, no qual deve criticar e denunciar o poder e os poderosos, mas encontra-se vinculada a estes indivíduos e grupos cujos atos têm que denunciar⁵⁷.

Como afirmou acertadamente Richard Sennet,

*“a mídia elevou infinitamente o conhecimento que as pessoas tinham daquilo que transpira na sociedade e inibiu infinitamente a capacidade de as pessoas converterem esse conhecimento em ação política”.*⁵⁸

Mas em algumas situações, a imprensa se constitui na única fonte de reconstrução histórica de uma determinada pesquisa, permitindo o conhecimento das condições de vida das sociedades, suas manifestações culturais e políticas etc. Além disso, a utilização da imprensa como fonte documental da história tem as seguintes vantagens: constitui-se num arquivo do cotidiano, cuja periodicidade permite estabelecer a cronologia dos fatos históricos; possibilita que determinado fato histórico seja inserido num contexto mais amplo; sofre apenas um tipo de censura instantânea e imediata, pois um determinado fato histórico censurado num dia poderia ser liberado numa outra tiragem, após uma modificação na sua apresentação⁵⁹.

⁵⁶ STEINBERGER, Margarethe B. **Discursos geopolíticos da mídia. Jornalismo e imaginário internacional na América Latina**. São Paulo: EDUC; Fapesp; Cortez, 2005, p. 136.

⁵⁷ CAPELATO, Maria H. R. “*Imprensa, uma mercadoria política*”. In: **História & Perspectiva**, 4: 1991, pp. 134-136.

⁵⁸ SENNET, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

⁵⁹ ZICMAN, Renée. “*História através da imprensa: algumas considerações gerais*”. In: **Projeto/História**, n. 4, EDUC/PUC, 1985. Oficina de Trabalho.

Vale lembrar que, na imprensa, as notícias não se configuram somente em repetição de ocorrências e registros, mas constituem causa direta dos próprios acontecimentos. Deste modo, como fenômeno causal, o fato sempre está moldado ao perfil e à filosofia embutidos no veículo de informação, o que resulta sempre numa “filtragem” ou seleção do que se quer realmente publicar. O conteúdo de uma produção jornalística é composto de elementos que devem ser levados em consideração numa pesquisa histórica: a expressão escrita (como é feita a diagramação dos textos, a escolha das manchetes etc.), a expressão icônica (fotos, desenhos, charges etc.), e a composição da publicação (distribuição dos artigos e colunas, a edição da publicidade, as principais tendências etc.). Por isso, a pesquisa histórica da imprensa deve ser conduzida por um método que leve em consideração a dupla substância e natureza da publicação – sua forma e seu conteúdo⁶⁰.

Ao utilizar a imprensa como material de pesquisa, o historiador, segundo Capelato, consegue acompanhar o percurso dos homens através dos tempos, pois, com suas diversas narrativas, ela também “*registra, comenta e participa da história*”. Entretanto, ele não pode deixar de responder a essas indagações básicas: Quem são seus proprietários? A quem se dirige? Com que objetivos e quais os recursos utilizados na batalha pela conquista do público leitor?⁶¹.

Para a autora, ao estudar a imprensa o historiador deve ter em mente que ela se constitui em instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social, cujos produtores são sujeitos dotados de consciência determinada na prática social. Ele deve estabelecer diálogo com múltiplas personagens que atuam em uma época. Por outro lado, deve manter o compromisso de buscar a verdade. Entretanto, diante da constatação de que os fatos apresentados na imprensa são fabricados e não dados, o historiador tem que entender o sentido das muitas verdades – o fato em si, os elementos subjetivos de quem o reproduz na imprensa, e também os interesses aos quais ela está vinculada. Portanto, conclui, a objetividade histórica é relativa. Mas, ainda assim, a maneira pela qual os homens tomaram consciência e

⁶⁰ *Idem, ibidem.*

⁶¹ CAPELATO. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1994, pp. 13-14. Coleção *Repensando a História*.

relataram um determinado fato tem muito mais importância do que a própria realidade⁶².

A análise das idéias e práticas políticas divulgadas pela imprensa revela a complexidade da luta social, pois constituem projetos políticos e visões de mundo representativos dos vários setores da sociedade. Como exemplo, temos a situação ocorrida na década de 1960, com os conflitos sociais e políticos identificados como “desordem” provocada pelos comunistas. A grande imprensa marcou presença na luta pela “*Família, Deus e Liberdade*”, abrindo caminho para a ditadura, para depois ser perseguida por ela, com a censura dos anos 1970⁶³.

O historiador, além de se ocupar da estrutura interna da revista, deve detectar qual lugar ela ocupa na história da imprensa: seu sentido, as condições materiais em que foi produzida, assimilação ou não pela cultura política da época. Ele também deve observar os aspectos materiais da revista: capa, sumário, qualidade da impressão, tipo de papel, diagramação, material iconográfico, propaganda etc. Deve, principalmente, analisar sua relação com o mercado, por meio dos anúncios (valores, hábitos, modernidade, “desejos”). Igualmente, deve reconhecer a revista como projeto coletivo, ou seja, como aglutinação de pessoas que compartilham uma determinada leitura do mundo, passado e presente, construindo assim uma rede de sociabilidade (“afetividades”) e de poder (as representações dele advindas), o que possibilita uma leitura do campo intelectual daquele período. Não há como nos desvencilharmos do problema da recepção, pois, por mais que a revista se organize de maneira a induzir uma certa leitura, na prática a recepção nunca é idêntica⁶⁴.

Além do aporte teórico proporcionado pela temática da intolerância, outro referencial da pesquisa apoiou-se nos estudos de Pierre Bourdieu, especificamente

⁶² *Idem, ibidem*, pp. 22-23.

⁶³ *Idem, ibidem*, pp. 31,34-35. Para Capelato, a ditadura limitou a liberdade da grande imprensa, mas preservou seus bens. Um preço alto, mas compensador.

⁶⁴ DI LUCA, Tânia Regina. XVII Encontro Regional de História. – “O lugar da política na história; os usos da história na política”, debate “*História na e das revistas: questões metodológicas*”. Campinas, IFH/UNICAMP, set/04.

no uso de dois conceitos fundamentais: os conceitos de campo e de *habitus*. O uso desta ferramenta teórica se justifica pela possibilidade de análise da atuação da revista *Seleções* no campo editorial e da propaganda no Brasil, constituindo-se num de seus mais importantes agentes, veiculando representações de mundo sob a ótica norte-americana, mesmo tendo sido objeto de denúncias e de investigação parlamentar.

Segundo Bourdieu, o *habitus* é conhecimento adquirido e também um *haver*, portanto, indica o agente em ação, o “*primado da razão prática*”. Neste sentido, o conceito *habitus* tem suas origens na teoria científica, voltada para a prática, para o experimento, em vez de uma “*teoria teórica*”. Com o conceito de *habitus*, Bourdieu buscou sair da filosofia da consciência, mas sem anular o agente como o “*operador prático de construções de objeto*”, como também se opor a um moralismo abstrato⁶⁵.

O campo de produção é um espaço social de relações objetivas (*habitus*) e, deste, modo, seria possível analisar, por analogia, diferentes campos, determinando não só as características específicas de cada campo, mas também as invariantes neles encontrados, ou seja, presentes em todos os campos. É a idéia da existência de homologias estruturais e funcionais entre todos os campos. Todavia, para a compreensão da gênese social de um campo, é preciso, segundo Bourdieu, conhecer e explicar os atos dos produtores e as obras por eles produzidas⁶⁶.

Num determinado espaço (ou campo) social, os agentes são definidos pelas suas posições relativas. Por sua vez, se as propriedades formadoras deste espaço social forem atuantes, ou seja, se ocorrem diferentes espécies de poder ou de capital (no estado objetivado, materializado, ou, no caso do capital cultural, no estado incorporado), ele pode também ser descrito como campo de forças – “conjunto de relações de força objetivas impostas a todos que entrem nesse campo e irredutíveis às intenções dos agentes...”. A posição de um agente em determinado campo é resultado das múltiplas posições (distribuição dos poderes – capital econômico, cultural ou simbólico) que ele ocupa em espaços diferentes. “*Pode-se assim construir um modelo simplificado do campo social no seu conjunto que permite*

⁶⁵ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, pp. 61-62.

pensar a posição de cada agente em todos os espaços de jogo possíveis...”.⁶⁷ O que se deduz de tal afirmação é que a autonomia do sujeito não existe; suas ações e sua posição no mundo encontram-se moldadas de acordo com o jogo de forças presentes nos campos onde ele atua.

Em resumo, campo é a região de abrangência, enquanto *habitus* é o modo de vida: delimitamos o campo e buscamos no *habitus* a configuração do campo. Ambos, campo e *habitus* devem ser articulados na análise de um fenômeno. Bourdieu sempre procurou aplicar seus conceitos de campo e de *habitus* a uma série de esferas de influência na sociedade: educacional, religioso, político, cultural etc.

O campo político – campo de forças e campo de lutas com vistas a todo o momento modificar suas relações de força – não é um bloco monolítico: ele é igualmente influenciado por demandas externas⁶⁸. Entretanto, a lógica da oferta e da procura presente no campo político é desigual, pois os instrumentos de produção, garantidos, sobretudo, pelo tempo livre (possível graças ao capital econômico) e pelo capital cultural, estão nas mãos dos representantes políticos, determinando assim o monopólio dos profissionais, enquanto que aos cidadãos comuns, reduzidos a seus consumidores, resta apenas a possibilidade da sua escolha, e sua influência neste campo varia de acordo com a posição que eles ocupam no processo produtivo. Neste sentido, “*o campo político exerce de fato um efeito de censura ao limitar o universo do discurso político...*”. Diante desta linha de raciocínio, para Bourdieu, o mercado da política é um dos menos livres que existem⁶⁹.

O campo jurídico, por sua vez, apresenta uma característica essencial: seu universo social, nas mãos do Estado, encontra-se relativamente independente das pressões externas. Entretanto, as práticas e os discursos jurídicos, produtos deste campo, apresentam uma lógica duplamente determinada: pelas relações de força

⁶⁶ *Idem, ibidem*, pp. 64, 66-67, 69.

⁶⁷ *Idem, ibidem*, p. 134.

⁶⁸ É o exemplo, no caso da pesquisa, conforme veremos no primeiro capítulo, da pressão exercida pela revista *Política & Negócios* no Congresso Nacional, que levou à formação da CPI, em julho de 1963, sobre a atuação das revistas estrangeiras no país.

⁶⁹ BOURDIEU, *op. cit.*, pp. 163-166.

que as compõem e pela lógica interna das obras jurídicas, “que delimitam em cada momento o espaço dos possíveis e, deste modo, o universo das soluções propriamente jurídicas”. Disto decorre que o campo jurídico, por funcionar de certo modo homogêneo e estável (coesão dos *habitus*, influenciados pelo caráter apriorístico presente na lógica do funcionamento deste campo), tende a funcionar como um “*aparelho*”⁷⁰.

Outro campo estudado por Bourdieu, o intelectual, encontra-se configurado em três níveis da realidade social: a posição dos intelectuais e artistas na estrutura da classe dirigente desse campo, a estrutura das relações objetivas entre as posições ocupadas pelos grupos em situação de concorrência pela legitimidade intelectual ou artística, e o conteúdo do *habitus*, como sistema das disposições socialmente constituídas e, como estruturas estruturadas e estruturantes, “o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes”.⁷¹

Da leitura de vários artigos de *Seleções* que se baseavam na temática do herói anticomunista, surgiu a impressão de que os personagens apresentados pareciam produzir uma mesma lógica no seu discurso anticomunista. Fossem eles personalidades conhecidas como Rómulo Betancourt, presidente da Venezuela, Wittacker Chambers, o ex-comunista norte-americano, ou Ngo Dinh Diem, Primeiro-Ministro do Vietnã do Sul, fossem eles pessoas comuns, como um pastor, um padre, uma dona de casa espiã do FBI ou um humilde fugitivo cubano. Ou seja, os movimentos, os desafios, os embates que estes heróis anticomunistas travavam pareciam, em essência, sempre os mesmos.

Assim, na análise destes artigos, empreguei uma ferramenta do campo da lingüística, criada por Vladimir Propp, um dos expoentes do formalismo russo, grupo de estudiosos da linguagem que se encontravam reunidos no Círculo Lingüístico de Moscou, formado em 1915, e na Sociedade para o Estudo da Linguagem Poética,

⁷⁰ *Idem, ibidem*, pp. 211, 214.

⁷¹ *Idem. A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 191. Coleção *estudos*: 20.

fundada em Petrogrado, em 1917. As idéias defendidas pelo grupo floresceram na década de 1920, mas nos anos seguintes foram silenciadas pelo stalinismo.

Colocando a obra literária no centro da discussão, a principal idéia defendida pelos formalistas era a realidade material do texto literário, ou seja, ele fala por si. Para eles, a literatura é uma organização particular da linguagem, sem nenhuma conexão com a sociologia, a psicologia, a história, e possuía leis específicas, estruturas e mecanismos, os quais deviam ser estudados em si; a literatura:

“não era um veículo de idéias, nem uma reflexão sobre a realidade social, nem a encarnação de uma verdade transcendental: era um fato material cujo funcionamento podia ser analisado mais ou menos como se examina uma máquina”.⁷²

Os formalistas dedicaram-se ao estudo da forma literária, por meio da aplicação da lingüística, e deixaram de lado a análise do conteúdo literário. Para eles, a obra literária era uma reunião de elementos mais ou menos relacionados entre si: as funções. Os formalistas aceitavam a existência de uma correlação entre literatura e realidade social. A literatura possuía uma função social, na qual não era possível anular a subjetividade do autor e dos leitores. Mas, o que os formalistas queriam era definir os usos da linguagem, tanto na literatura como na não-literatura, pois nos discursos diários encontramos diversos artifícios literários, tais como metáfora, metonímia, sinédoque etc.⁷³.

Vladimir Propp criou um método para analisar comparativamente contos que apresentavam como temática central a figura do herói. Depois de estudar cem contos, das mais diferentes regiões do planeta, chegou a algumas conclusões. No conto, o que muda são os nomes e os atributos das personagens; o que não muda são as suas funções, ou seja, suas ações invariáveis no decorrer da narrativa. *“Pode-se concluir daí que o conto empresta muitas vezes as mesmas ações a personagens diferentes. É isso que nos permite estudar os contos a partir das funções das personagens”*. Disto decorre que é preciso determinar as funções que representam efetivamente os valores constantes,

⁷² EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, pp. 2-3.

repetidos, invariáveis, do conto. Segundo Propp, num conto, ao invés da grande quantidade de personagens, as funções são extremamente pouco numerosas (trinta e uma ao todo), e, conseqüentemente, se repetem de uma maneira espantosa. Assim, no estudo do conto, “a questão de saber o que fazem as personagens é a única que importa; quem faz qualquer coisa e como o faz são questões acessórias”. Acessórias e, portanto, também variáveis, eram a nomenclatura e os atributos das personagens – conjunto das suas qualidades externas: idade, sexo, situação, aparência exterior com particularidades próprias etc. Além disso, a sucessão das funções é rigorosamente idêntica. Mas nem todos os contos apresentam todas as funções. “Mas isso não modifica em nada a lei da sucessão. A ausência de certas funções não modifica a disposição das outras”⁷⁴.

Em geral, os contos começam expondo uma “situação inicial”, uma apresentação do conto, que, em alguns casos, se dá em meio a uma felicidade particular, pitoresca e colorida, como se servisse de contraste para a desgraça que estava por vir. A abertura é seguida das 31 funções percorridas pelo herói⁷⁵.

A metodologia definida por Propp tem sua aplicação num campo específico: a análise da obra literária denominada conto. Contudo, após o exame detalhado dos exemplos das funções do herói, articulada com os heróis anticomunistas dos artigos da revista, os resultados se mostraram adequados à lógica seqüencial por ele proposta, conforme veremos no quarto capítulo. Não quis com isto provar que estes artigos veiculados pela revista seriam verdadeiros contos, mas, ao menos nos artigos específicos sobre o herói anticomunista, foi possível utilizar a estrutura do conto criada por Propp. Além disso, algumas funções específicas do conto, ligadas ao maravilhoso, ao mitológico, por óbvias razões não foram detectadas nos artigos; a riqueza de detalhes e a busca pela historicidade dos fatos, que garantiam a qualidade da matéria jornalística veiculada pela revista, sustentavam ainda mais a impossibilidade de seus conteúdos se aproximarem da ficção.

⁷³ *Idem, ibidem*, pp. 4, 6.

⁷⁴ PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto**. Lisboa: Editorial Vega, s/d. Primeira publicação: 1928, pp. 58-61.

⁷⁵ *Idem, ibidem*, p. 66. Na obra, Propp discorre à exaustão os exemplos das funções percorridas pelo herói em todos os contos por ele analisados, demonstrando assim a invariância do mesmo tipo de narrativa.

Portanto, a importância da metodologia desenvolvida por Propp nesta pesquisa é tão somente a utilização da estrutura por ele montada para a caracterização do herói do conto na abordagem dos artigos anticomunistas, e avaliação ao final se foram reproduzidas as idéias defendidas pelo autor.

Finalmente, quero destacar a grande contribuição da história oral para esta pesquisa, aproximando “*pessoas e instituições*”. Os relatos orais possibilitaram a “*inclusão de histórias e versões mantidas por segmentos populacionais antes silenciados, por diversos motivos, ou que tenham interpretações próprias, variadas e não-oficiais, de acontecimentos que se manifestam na sociedade contemporânea. (...) A presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da história oral*”, que acaba promovendo para o reconhecimento “*de que todos, cidadãos comuns, somos parte do mesmo processo*”. Numa outra importante perspectiva, a história oral também trabalha com a questão do vivido⁷⁶.

Sebe nos indica que a história oral, constituindo-se mais numa ferramenta do que numa disciplina, acaba motivando reflexões ao invés de “*debates inócuos sobre seu sentido epistemológico*”. Por sua vez, é o cuidado no uso da entrevista que diferencia um projeto de história oral de um trabalho jornalístico. “*Enquanto este se apropria da palavra como propriedade sua e faz dela aplicação imediata, para a história oral as mediações são discutíveis e passíveis de juízo*”⁷⁷.

A pesquisa sobre o papel de *Seleções* também possibilitou a produção de projetos de história oral. Busquei com este procedimento metodológico – e com o adequado tratamento desta fonte documental – trazer ao conhecimento público a atuação de dois mediadores que trabalharam anos a fio na Editora Ypiranga S.A., interrompidos apenas com a transferência da publicação da revista para Portugal.

Os colaboradores relataram em profundidade, entre outras questões, a constituição da editora, o processo de elaboração do exemplar da revista, as práticas envolvidas com o segmento comercial da empresa, ou seja, o mercado da propaganda. Portanto, suas informações contribuíram para a reconstituição da

⁷⁶ MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996, pp. 9-11, 14.

⁷⁷ *Idem, ibidem*, pp. 14, 27-28.

trajetória da revista no país, e que se somaram aos diferentes trabalhos que discutiram a temática da imprensa no Brasil e a inserção de *Seleções* neste campo⁷⁸.

Os encontros com a meiga e sorridente Jeannette Dente, 82 anos, mãe de quatro filhos, ocorreram nos dias 21 de abril e 1º de maio de 2004, em sua residência na cidade de São Paulo. Formada em Línguas Neo-Latinas e Anglo-Saxônicas pela antiga Faculdade Alemã, Jeannette iniciou suas atividades na Editora Ypiranga em 1952, como redatora. Cerca de dez anos depois, sentindo-se parte dos “móveis e utensílios da casa”, pediu demissão e foi trabalhar em outro segmento; entretanto, pouco tempo depois, em 1963, retornou à empresa, para atuar em São Paulo, no Departamento de Publicidade, gerenciado por Saulo Guimarães. Trabalhou na revista até o encerramento das atividades no Brasil, em 1971, tendo sido seu último cargo o de Diretora de Projetos Especiais, coordenando a produção e distribuição de folhetos especiais de publicidade.

Saulo Guimarães, 80 anos, extremamente educado e culto, concedeu seu depoimento nos dias 1º e 22 de abril de 2004, em sua residência, na cidade de São Paulo. Formado em Ciências Sociais na Escola de Sociologia e Política, também estudou na Escola de Propaganda de São Paulo, da qual chegou a ser seu Diretor de Relações Públicas. Mas, praticamente, seu primeiro emprego foi no *Reader's Digest*, onde começou em 1950, e ocupou os cargos de Gerente de Publicidade e, mais tarde, o de Vice-Presidente. Depois que a revista encerrou suas operações no Brasil, Saulo atuou, entre outras atividades, como Diretor-Comercial da *Gazeta Mercantil*.

Os demais relatos de história oral tiveram como temática de trabalho a busca de informações sobre ex-leitores de *Seleções*, dos anos 1950 a 1960, atualmente residentes na cidade de Barretos. A cidade se localiza na região norte do Estado de

⁷⁸ Em especial as obras de Nelson Werneck Sodré, “*História da imprensa no Brasil*”, de Juarez Bahia, “*Jornal, história e técnica. História da imprensa no Brasil*”, e de Mary A. Junqueira, “*Ao sul do Rio Grande - imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*”. Mas também foram pesquisados outros agentes da imprensa nacional, que faziam a crítica à atuação das revistas estrangeiras no país, como os ataques proferidos por Genival Rabelo, jornalista da revista *PN*.

São Paulo, distante 420 quilômetros da capital e cerca de 60 quilômetros da divisa com Minas Gerais⁷⁹.

O grupo de colaboradores foi se formando durante os encontros, pois um entrevistado comentava sobre outro possível leitor da revista, com uma idade próxima da ideal para a pesquisa, ou seja, atualmente pessoas com idade entre 70 e 75 anos, e que teriam então naquele período de 25 a 30 anos, oriundos de famílias de classe média, formação educacional colegial ou superior e residentes em centros urbanos. Estas especificidades atendiam às declarações de Saulo Guimarães sobre o perfil do leitor da revista, e confirmadas pelas pesquisas do Ibope.

O grupo ficou composto por funcionário público, dentistas, advogados, diretor de escola, ex-vereador e delegado de polícia, assinantes e não-assinantes. A diversidade de profissões resultou num extenso material transcrito, rico em informações, como certas particularidades da cidade e da região – política, pecuária, ademarismo, comunismo – como também as relações de cada um com a revista *Seleções*.

Erasmu Lessi, 72 anos, casado, maçom, concedeu depoimento no dia 27 de março de 2006, em sua residência. Natural de Embaúba, estado de São Paulo, formou-se em Odontologia na Faculdade de Ribeirão Preto, em 1957, e reside em Barretos desde 1961, onde possui um consultório. Confessou ser um “leitor voraz”, principalmente de obras espíritas.

Exedito José Prudente de Oliveira, 71 anos, casado, grande intelectual, concedeu seu depoimento no dia 18 de maio de 2006. Formado em Geografia e Sociologia pela Universidade de São Paulo, em 1961, foi professor do ensino fundamental e médio da Escola Vocacional, aonde chegou a ocupar o cargo de diretor. Esteve sediado primeiro na unidade de Batatais e depois na de Barretos, quando ocorreu o cerco pelas tropas do Exército de Campinas, em 1970, e presas Elizabeth Aparecida, diretora, Maria Irani, orientadora pedagógica, e Maria Veridiana

⁷⁹ A apresentação de Barretos como o campo para o estudo dos leitores de *Seleções* foi delineada no segundo capítulo.

Suzuki, professora. Aposentado pelo Estado, atualmente realiza trabalho voluntário no Hospital do Câncer de Barretos.

O encontro com Jaime Marchi, 62 anos, casado, ocorreu em sua residência, no dia 27 de março de 2006. Descendente de italianos, nascido numa fazenda próxima a Barretos, tem formação colegial; seu primeiro trabalho foi em escritório de contabilidade, onde teve o primeiro contato com *Seleções*. Em 1980, prestou concurso público, passou, e em 1981 tomou posse na Secretária da Saúde. Relatou que não pede aposentadoria porque perderia alguns benefícios, entre eles cesta básica e vale-refeição.

José Carlos Moreira de Oliveira, 74 anos, casado, filho de tradicional família de fazendeiros e apaixonado pela Festa do Peão de Boiadeiro, recebeu-me em sua residência no dia 11 de maio de 2006. Delegado de Polícia aposentado, trabalhou em diversas cidades da região – Bebedouro, Colômbia, Pirangi, Colina, Jaboticabal, Guairá, Viradouro, Olímpia, Presidente Prudente, Piracicaba. Durante a ditadura militar esteve lotado na Delegacia de Barretos.

Luiz Agostinho da Silva Brandão, 89 anos, casado, concedeu-me depoimento no dia 17 de maio de 2006, em sua residência. Dentista formado pela Faculdade de Odontologia de São Paulo, em 1939, sempre clinicou em Barretos. Filho do Coronel Raphael da Silva Brandão, primeiro Intendente da cidade, também enveredou pela vida política, tendo sido vereador por duas legislaturas consecutivas: 1952-1955 e 1956-1959, ambas pelo PSP. Brilhante intelectual barretense, é membro da Academia Barretense de Cultura e colaborador do jornal “*O Diário*” de Barretos.

Waldomiro Sphângero, 80 anos, casado, dentista aposentado, me recebeu em sua residência no dia 10 de maio de 2006. Natural de Descalvado, estado de São Paulo, formou-se na Faculdade de Odontologia de Araraquara, em 1953. Montou seu primeiro consultório em Fernandópolis, onde permaneceu por dez anos, e em seguida mudou-se para Barretos. Exímio marceneiro, profissão que aprendeu adolescente, ainda hoje, em meio a plainas, arcos de pua, furadeira, serra tico-tico, faz com orgulho suas peças em madeira.

Com a pesquisa foi possível desenvolver questões tendo o tema da intolerância como norteador e articulador em duas situações: a constituição legal da Editora Ypiranga S. A., formada por pessoas de destaque na sociedade carioca, significando assim que a revista tinha um posicionamento de classe no campo da imprensa e do mercado da propaganda⁸⁰. Neste sentido, busquei determinar se a constituição legal da revista foi um elemento decisivo no resultado das investigações da CPI sobre as empresas jornalísticas estrangeiras que operavam no país. Até que ponto as questões articuladas pela mídia nacionalista e antiimperialista, em torno das tensões entre imprensa nacional e a estrangeira, efetivamente sensibilizaram as classes no poder? Teríamos, enquanto constituição legal da editora, um elemento justificador de tolerância ao intolerável?

Com a análise dos artigos anticomunistas selecionados, em especial os que apresentavam como tema o herói anticomunista – incansável guerreiro em ação pelo planeta –, conduzida por meio da aplicação da metodologia de Propp, foi possível defender a tese de que estes heróis, independentemente do conteúdo das mensagens, percorriam praticamente um mesmo movimento. A ausência de determinadas funções em um artigo e outro não anulavam ou inviabilizavam o entendimento da totalidade do percurso do herói no combate ao comunismo mundo afora; ao contrário, as ausências podem ser consideradas como elementos ampliadores do poder ideológico observado nestes artigos.

No primeiro capítulo, “*Nem nacional, nem estrangeira, mas internacional: a atuação de Seleções e o Brasil*”, abordei a trajetória da Editora Ypiranga S.A. e da sua revista no Brasil, inserindo-a numa estrutura mais geral sobre a imprensa e a historiografia. Também busquei neste capítulo aprofundar a discussão sobre as relações entre *Seleções* e o mercado da propaganda, demonstrando que, além da

⁸⁰ A teia global produzida pelo *Reader's Digest* era tão bem interligada que, segundo Saulo Guimarães, quando a operação no Brasil passou a ser deficitária, a produção da revista foi imediatamente transferida para Portugal, onde a estabilidade econômica e os menores custos de produção, além do ressarcimento dos prejuízos aqui contabilizados, segundo lei norte-americana, foram mais compensadores que as 360 mil assinaturas existentes no Brasil.

veiculação de conteúdos ideológicos, era uma empresa tipicamente capitalista, e totalmente submissa às diretrizes de trabalho emitidas pelo *Reader's Digest*.

Outro ponto discutido foi a relação entre imprensa nacional e estrangeira, tendo como base, além dos trabalhos historiográficos, a documentação sobre a Comissão Parlamentar de Inquérito, formada em 1963, para investigar a atuação de revistas e empresas jornalísticas estrangeiras no Brasil. Toda esta discussão em torno da inserção da revista no mercado brasileiro teve como aporte teórico a questão da intolerância e os conceitos de campo e de *habitus* formulados por Pierre Bourdieu.

No segundo capítulo, "*O perfil do leitor de Seleções*", procurei delinear o público leitor da revista. Conteí, para isto, com informações obtidas nas entrevistas com ex-colaboradores da revista, com a análise de dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE sobre população, educação, imprensa periódica, radiodifusão e difusão bibliográfica, e com as *Pesquisas Especiais* opinião do IBOPE, reunidas no arquivo Edgard Leuenroth, da Unicamp. E, por fim, com os projetos de história oral realizados com moradores da cidade de Barretos – SP, leitores da revista no período da pesquisa.

Dediquei o terceiro capítulo, "Sobre os artigos anticomunistas de Seleções", para a apresentação dos artigos por mim selecionados, com os comentários sobre a categorização criada e sobre os agrupamentos geopolíticos construídos. Como os artigos produzidos naquele período, em sua totalidade, eram provenientes da matriz norte-americana, faço uma contextualização histórica dos meios de comunicação nos Estados Unidos, com ênfase nos veículos e nos jornalistas que mais contribuíram com artigos para a revista.

No quarto capítulo, "O herói anticomunista em Seleções", articulo a metodologia criada por Vladimir Propp com os artigos que tinham como temática

central a atuação do herói anticomunista analisando assim os caminhos por ele percorridos no combate ao “perigo vermelho”.

Capítulo I

1. “Nem nacional, nem estrangeira: internacional”.

1.1. *Seleções do Reader’s Digest* e o Brasil

Pégasus é o símbolo do *Reader’s Digest*, sua marca oficialmente registrada. Na mitologia greco-latina⁸¹, *Pégasus* é o cavalo alado, filho de Poseidon e de Medusa. Nasceu do pescoço da mãe, quando Perseu cortou-lhe a cabeça. Na etimologia popular, a palavra “pegasus” tem sua origem em “pegue”, que significa fonte, pois no mito, com uma patada no Monte Helicão, a mando de Poseidon, fez jorrar a fonte de Hipocrene.

Domado por Netuno e Minerva, *Pégasus* tornou-se um instrumento a serviço dos deuses e dos heróis. Foi graças ao cavalo alado que Belerofonte conseguiu realizar duas das grandes tarefas que lhe foram impostas pelo Rei da Lícia: matar a Quimera, um monstro híbrido – cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente – e derrotar as Amazonas; montado em *Pégasus*, Perseu desafiou e matou um monstro marinho que ameaçava devorar Andrômeda; Zeus o utilizava como um dos portadores dos seus raios e trovões.

E, depois de diversas participações em ações de combate, *Pégasus* voou para o Olimpo, ficando a serviço de Zeus, e, colocado entre os astros, se metamorfoseou numa constelação.

⁸¹ SPALDING, Tassilo Orpheu. **Dicionário da Mitologia Greco-Latina**. Belo Horizonte: Itatiaia, s/d. Verbetes consultados: *Belerofonte, Medusa, Netuno, Pégaso, Perseu, Quimera*; BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 2000. Verbetes consultados: *Belerofonte, Crisaor, Pegasus, Perseu, Poseidon, Quimera*; AGHION, Irène et al. **Tout l’Art Encyclopédie. Héros et dieux de l’antiquité. Guide Iconographique**. Paris: Flammarion, 1997. Verbetes consultados: *Gorgone, Neptune, Pégase, Persée*.

Pégasus, “fonte alada”, representa a fecundidade e a elevação. Sua imagem também representa a impetuosidade dos desejos e simboliza a imaginação criadora, sublimada e elevada. Existem dois sentidos para a fonte e as asas do cavalo: a fecundidade e a criatividade espiritual. *Pégasus* é a imaginação sublime e objetiva que eleva o homem a regiões mais altas. Por todos estes adjetivos, tornou-se o símbolo de inspiração poética.

O mito de *Pégasus* carrega uma forte simbologia no *american way of life*, como também em outros componentes do americanismo. Mas refere-se em especial ao progressivismo, que, ligado ao racionalismo, à idéia de um mundo de abundância e à capacidade criativa do indivíduo americano – a chamada *american ingenuity* –, enaltece o homem comum que, com seu próprio esforço, é capaz de transformar o mundo natural. Progredir, enriquecer e consumir – portanto, o trabalho e o mercado tornaram-se o melhor caminho para a americanização, a tal ponto que se acrescentaram ao vocabulário norte-americano palavras e expressões como *progresso, ciência, tecnologia, abundância, racionalidade, eficiência, gerenciamento científico e padrão americano de vida*⁸².

A divulgação do “modo americano de vida”, baseada na concepção de “povo eleito” e da naturalização da idéia da “predestinação geográfica”, se constituiu numa das molas propulsoras da política expansionista dos Estados Unidos.

Segundo Gerson Moura, a corrida imperialista teve início a partir da guerra hispano-americana de 1898, cujo principal campo de disputa foi Cuba. Vencida a Espanha, os norte-americanos se apoderaram da ilha, aplicando a Emenda Platt, aprovada pelo Congresso norte-americano, que em síntese dava o direito aos Estados Unidos de intervirem na ilha para assegurar a independência do país e manter a lei e a ordem. No mesmo período, tomaram também Porto Rico, Guam e Filipinas e anexaram o Havaí. Para o autor,

“a presença militar em Cuba praticamente fazia do Caribe um ‘lago americano’. No limiar do século XX, os Estados Unidos tinham entrado com o pé direito na corrida imperialista. A presença e a

⁸² TOTA, *op. cit.*, p.20.

*intervenção dos Estados Unidos na América Latina iriam aumentar nas duas décadas que se seguiram*⁸³.

Passado o período de depressão dos anos 1870, em consequência da Guerra Civil, ocorreram profundas mudanças na qualidade da vida norte-americana. Principalmente em seus sistemas de valores e em seus padrões de comportamento, entre os anos 1880 e 1914, em virtude da industrialização, da urbanização e da expansão tecnológica – e com ela a necessidade de uma nova espécie de consciência. Os centros urbanos passaram a receber uma enorme quantidade de cidadãos estrangeiros: entre 1880 e 1914, mais de 13 milhões de imigrantes entraram na América. Nas dez maiores cidades norte-americanas, 75% da população eram estrangeiros de pai ou de mãe (ou ambos) nascido no exterior. Muitos ainda olhavam o passado com nostalgia, de um mundo rural “*inocente, bucólico e natural*”, em contraste com o mundo da cidade, artificial. Mas havia aqueles que aprovavam os desafios da nova sociedade, vendo as fábricas e as cidades como consequências do progresso. O próprio passado justificava a industrialização e o capitalismo de *laissez-faire*. A ética puritana enfatizava a economia, a diligência e a frugalidade, e o estímulo ao trabalho⁸⁴.

Com o advento da Primeira Guerra, o centro de gravitação mundial se deslocou da Europa para os Estados Unidos, que emergiram do conflito, em 1918, com suas dívidas públicas liquidadas e como o maior credor mundial, emprestando um total de 11 bilhões de dólares, dos quais cerca de 4,7 bilhões devidos pela Grã-Bretanha⁸⁵.

Consequentemente, os anos 1920 registraram nos Estados Unidos a continuidade um processo de tecnologia modernizadora e padronizadora que vinha desde a Guerra Civil. O *boom* dos anos 1920 foi resultado, em grande parte, da indústria da construção civil e de bens de consumo – rádios, aspiradores de pó, ferros elétricos, torradeiras, vitrolas, automóveis etc. –, que transformaram o estilo de vida dos americanos. Artigos que o povo não podia comprar eram vendidos com

⁸³ MOURA, Gerson. **Estados Unidos e América Latina**. São Paulo: Contexto, 1990, pp. 18-19.

⁸⁴ LEE, Brian, REINDERS, Robert. “A perda da inocência: 1880 – 1914”. In: BRADBURY, *op. cit.*, pp. 223, 229, 239.

a ajuda do crediário e prestações. A lógica da economia passou da poupança para o consumo⁸⁶.

A organização empresarial americana era admirada e invejada mundo afora. Nas fábricas, o desenvolvimento tecnológico, os métodos tayloristas e outros “métodos científicos” de controle da produção e da mão-de-obra ampliavam a produtividade e reduziam os custos de produção. Surgiram escolas de estudos de administração, treinando profissionais para racionalizar o processo de trabalho e assegurar o consentimento e o controle dos trabalhadores. Porém, o colapso de 1929 destruiu a crença na possibilidade deste tipo de capitalismo⁸⁷.

O pânico de 1929 foi tanto uma crise na confiança americana quanto um fenômeno econômico. Foi uma depressão que testaria profundamente a tradicional fé americana no progresso econômico e redirecionaria muitos de seus impulsos. A depressão abalou as afirmações dos republicanos de que eram o “partido da prosperidade”: Herbert Hoover perdeu esmagadoramente para o democrata Franklin Delano Roosevelt, nas eleições de 1932, que subiu ao poder prometendo uma “Nova Política”, o *New Deal*, para fazer o país voltar a progredir, por meio de uma estratégia de crise contínua análoga a uma guerra. Entretanto, com o desemprego ainda em alta e uma aguda recessão nos negócios, em 1937 a nova política parecia perder o fôlego. Mas os acontecimentos na Europa viriam logo a fornecer a solução para o desemprego americano e também a ajudar a assegurar o merceiro mandato de Roosevelt⁸⁸.

Em nenhum momento os Estados Unidos pensaram em ficar fora do conflito contra as potências do Eixo. Em novembro de 1939, o Congresso norte-americano aprovou uma modificação na Lei de Neutralidade, permitindo que empresas privadas do país passassem a exportar material bélico. Entre outubro de 1939 e abril de 1940, os norte-americanos venderam armamentos para a Grã-Bretanha e a França no valor de mais de 50 milhões de dólares. Em março de 1941, o Congresso norte-

⁸⁵ MONIZ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. **Formação do império americano: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 88.

⁸⁶ FEAR, Jacqueline; McNEIL, Helen. “Os anos 1920”. In: BRADBURY, *op.cit.*, pp. 260-261.

⁸⁷ *Idem ibidem*, pp. 248-249, 262-263.

⁸⁸ WILLETT, Ralph; WHITE, John. “Os anos 1930”. In: BRADBURY, *op. cit.*, pp. 276-279-280.

americano aprovou o *Lend-Lease Act*, autorizando Roosevelt, mediante um montante de sete bilhões de dólares,

*“a vender, transferir, dar título, trocar, arrendar, emprestar ou dispor de qualquer outra forma de artigos de defesa a qualquer outro país cuja proteção o presidente julgasse de vital importância”*⁸⁹.

Estes exemplos mostram que, mesmo antes de entrar no conflito, em resposta ao ataque dos japoneses à base norte-americana de Pearl Harbour, em dezembro de 1943, os Estados Unidos estavam investindo maciçamente num programa de rearmamento. Repetiam o que fizeram na Primeira Guerra Mundial, tornando o militarismo um produto de exportação para a Europa, com o claro objetivo de estabelecer uma nova ordem mundial, sob a hegemonia dos Estados Unidos⁹⁰. E conseguiram: terminaram a guerra com quase dois terços da produção industrial mundial; a renda nacional do país saltou de 81 bilhões em 1940, para 181 bilhões em 1945, e 241,9 bilhões em 1950.

O investimento em defesa não cessou com o término da guerra, pois, segundo demonstrou Vitória Cancelli, era a base de sustentação do capitalismo norte-americano, ao proporcionar a maior acumulação no período. Consequentemente, o processo de privatização do Estado se intensificou, com Washington destinando verbas astronômicas para o Departamento de Defesa, que por sua vez as repassava para as empresas privadas sob a forma de contratos de produção de armamentos – “um verdadeiro ‘capitalismo sem risco’”, segundo a autora. Mas, para que a política do complexo militar-industrial norte-americano se expandisse, foi preciso criar um inimigo, que Cancelli denomina de “Novo Inimigo Total” – o comunismo, em substituição ao nazi-fascismo no discurso das elites norte-

⁸⁹ MONIZ BANDEIRA. **Formação do império americano: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, pp. 111-113.

⁹⁰ *Idem, ibidem*, p. 113.

americanas –, garantindo assim a continuidade dos investimentos em armas, no caso o comunismo⁹¹.

Entre os anos 1948 e 1956, as verbas destinadas à defesa constituíram-se num “fator de privatização do Estado”, o que levou Cancelli a considerar o complexo militar-industrial mais como mecanismo fundamental para a acumulação do capital do que um desdobramento da política de Estado norte-americana. O complexo militar-industrial era composto pelas forças armadas, pela burocracia estatal orientada para a defesa, pelos parlamentares (ganhavam-se eleições combatendo o comunismo), pelos pesquisadores das universidades e instituições de pesquisa, e pelas indústrias.

Era freqüente o emprego de militares reformados em cargos executivos das empresas participantes do complexo, como era comum encontrar pessoas vinculadas às maiores empresas ocupando cargos de confiança no governo)⁹².

Os poderosos interesses do complexo militar-industrial precisavam incutir na opinião pública a idéia de que a luta contra o “Inimigo Total” era de todos e não apenas de uma classe. Isto foi possível por meio de diversos mecanismos utilizados simultaneamente: numerosos filmes de ficção científica, jornais, programas de TV, pronunciamentos de personalidades públicas, artigos em revistas de grande circulação, interrogatórios em cadeia nacional de rádio e televisão, julgamentos que terminavam em prisões ou cadeira elétrica⁹³.

É neste sentido que, segundo Octavio Ianni,

⁹¹ CANCELLI, Vitória. Macarthismo, ficção científica e indústria de armas: os efeitos de uma íntima relação. SP: FFLCH, Tese de Doutorado, 1994, p. 3.

⁹² *Idem, ibidem*, pp. 93-94. Segundo anexo vii, p. 162, apresentado pela autora, as indústrias que formavam o complexo militar-industrial eram: Raytheon Corporation, General Electric Co., General Motors, Boeing, Lockheed Aircraft, North American Aviation, American Bosh Arms, General Dynamics, Western Electric, United Aircraft, Martin Marietta, McDonnell Aircraft, Sperry Rand International Business Machines – IBM, Radio Corporation of America – RCA e Union Carbide.

⁹³ *Idem, ibidem*, p. 104.

“A reprodução ampliada do capital, em escala mundial, compreende também a reprodução ampliada da cultura do capitalismo, na mesma escala. Por isso, nos países dependentes, multiplicam-se nos jornais, revistas, livros, filmes, programas de rádio, televisão e outros instrumentos de comunicação os elementos da cultura espiritual que repetem a forma e o espírito dos seus modelos norte-americanos. (...) O capital monopolista, operando em escala mundial, traduz, publica e distribui nos países associados e dependentes, toda modalidade de produção intelectual que corresponda aos valores, princípios e doutrinas próprios da cultura burguesa”⁹⁴.

Para o autor, as revistas norte-americanas exerciam influência decisiva em alguns setores da opinião pública latino-americana:

“Sob diferentes formas, e os mais distintos artifícios e meios, nos países da América Latina difundem-se os ideais, as concepções ou os valores educacionais, científicos e culturais vigentes nas esferas governamentais e empresariais dos Estados Unidos. Não se trata apenas de propaganda do american way of life, como modelo a ser imitado ou almejado. Trata-se também do que Dorfman e Mattelart (“Para ler el Pato Donald”) denominaram american dream of life, no qual se invertem totalmente as relações entre condições de existência social e consciência, entre as possibilidades do pensamento e ação”⁹⁵.

Segundo Mary Anne Junqueira, após o sucesso do *Reader's Digest* na Inglaterra, quando foi lançada em 1938, o Departamento de Estado norte-americano consultou os editores para que eles avaliassem a possibilidade da publicação da revista na América Latina, como forma de ampliar a influência dos Estados Unidos e conter as atividades de grupos nazistas.

E, diante do sucesso da edição em espanhol, Nelson Rockefeller, ligado ao Departamento de Estado e à Política da Boa Vizinhança, insistiu junto aos proprietários do *Reader's Digest* para que fosse produzida uma versão em português, o que se deu em 1942⁹⁶. No final dos anos 1940 e nos anos 1950, o *Reader's Digest*

⁹⁴ IANNI, Octavio. **Imperialismo e cultura**. Petrópolis: Vozes, 1976, pp. 27-28.

⁹⁵ *Idem, ibidem*, p. 53.

⁹⁶ Nelson Aldrich Rockefeller, multimilionário republicano, era filho de John D. Rockefeller, da família proprietária da *Standard Oil Company*, empresa presente em vários países da América Latina (no Brasil, com o nome *Esso*), e que realizavam também atividades filantrópicas, através da Fundação Rockefeller, com recursos provenientes das companhias de petróleo e estradas de ferro, entre outras empresas. Nelson Rockefeller entrou para o governo Roosevelt em agosto de 1940, assumindo a direção do recém-criado *Office*

passou a cooperar com a *Central Intelligence Agency* – CIA. Alguns executivos da revista, em vários países da Europa, pertenciam ao serviço secreto norte-americano; Eduardo Cárdenas, redator-chefe da edição espanhola de *Selecciones*, também era membro da CIA. Portanto, a revista

“foi um meio de comunicação valioso para o Departamento de Estado, para o Serviço Secreto, a CIA e para as empresas norte-americanas, que procuravam novos mercados fora dos Estados Unidos”⁹⁷.

Na mitologia, *Pégasus* está a serviço dos deuses, participa de importantes missões, em todos os cantos onde era chamado para emprestar, como instrumento de combate, sua força e seu poder de ação.

Neste sentido, a principal simbologia do “cavalo alado” empregada pelo *Reader's Digest*, extremamente útil para o fortalecimento da hegemonia norte-americana, era certamente seu caráter internacional. Presente em praticamente todas as regiões do planeta não alinhadas com os países comunistas, o *Reader's Digest*, com sua visão cosmopolita, ao sobrepor o internacional ao local, veiculava uma justificativa ideológica baseada na idéia de que a revista não intervinha nos assuntos políticos dos países onde ela circulava.

Afirmando alçar vôos internacionais, apresentando artigos que discutiam uma grande diversidade de temas, os editores da revista declaravam não se imiscuir nos assuntos locais. Essa informação confirmou-se nas entrevistas com ex-leitores de *Seleções*, colaboradores da pesquisa ora apresentada e que será objeto de análise no próximo capítulo – a maioria dos depoentes afirmou que o fascínio pela revista estava justamente no fato de ela publicar artigos com temáticas variadas e

for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the Americas, que, no ano seguinte mudava seu nome para *The Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* – OCIAA. Para Nelson Rockefeller, o futuro dos empreendimentos norte-americanos na América Latina dependia da venda não só de seus produtos, mas também do *modo de vida americano*, ou seja, o sucesso no campo econômico dependia de uma base sólida no campo ideológico. In: TOTA, *op. cit.*, pp. 43-45, 50, 54.

⁹⁷ JUNQUEIRA, Mary Anne. **Ao sul do Rio Grande - imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, pp. 34-35, 38, 40.

informações de inúmeros países. A pretensão de se mostrar moderna, assim definida pelos entrevistados, fazia do *Reader's Digest* um espaço que se apresentava numa posição típica de distanciamento e esclarecimento, reforçando ainda mais a confiança dos leitores nas temáticas desenvolvidas nos artigos. Portanto, tanto na visão dos editores como dos leitores entrevistados, a revista era considerada ampla, abrangente, elevada e global.

Justificada a sua “neutralidade” nos assuntos locais, a agressiva propaganda anticomunista, promovendo a idéia da negação da existência de outro tipo de regime não alinhado com os ideais norte-americanos; a difusão contínua e exclusiva do modo de vida americano e a ignorância ou desqualificação dos costumes e tradições locais ou regionais; a divulgação para o mundo de um modo de vida que imprimia na consciência social atitudes e ações nobres que qualquer indivíduo poderia realizar para se tornar um herói comum e, conseqüentemente, conquistar os extratos mais elevados da sociedade – foi assumida de corpo e alma pelos editores do *Reader's Digest*, nos Estados Unidos e em todas as sucursais espalhadas pelos vários países do mundo, constituindo-se, como parte da sua estratégia, num dos “cavalos alados” do imperialismo norte-americano.

A simbologia de *Pégasus* encontra-se fortemente enraizada na mentalidade dos editores da revista. Conforme ilustração a seguir, ao cavalo alado foi dedicado um espaço, num dos jardins da matriz do *Reader's Digest* localizada em Pleasantville, subúrbio a 40 quilômetros de Nova York⁹⁸.

⁹⁸ Ilustração a partir de um folheto pelo escritório *Reader's Digest* nos Estados Unidos aos visitantes e funcionários da empresa, intitulado “*An Armchair Visit The Reader's Digest – Pictures from Pleasantville*”, cedido por Saulo Guimarães.

A escolha da simbologia do cavalo alado pelo *Reader's Digest* ajustava-se perfeitamente bem à sua incansável luta contra o comunismo. Uma leitura possível da figura nos permite enxergar *Pégasus* numa posição de atenção, de vigilância, como se estivesse preparado para a ação. Mas, ao mesmo tempo, seu porte altivo demonstra concentração, detendo-se num ponto ao longe, distante, sempre à frente, tal qual Columbia, deusa do destino manifesto e personificação dos Estados Unidos no século XIX. Um estado elevado de concentração, atenção e tensão. Suas asas simbolizam movimento, vivacidade e força do animal; sua musculatura encontra-se enrijecida. *Pégasus* é a imagem da potência, da vigília e da posição de sempre estar prestes a agir.

1.2. A institucionalização do *Reader's Digest*

O *Reader's Digest* foi lançado nos Estados Unidos em fevereiro de 1922, pelo casal Roy William DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace, ambos filhos de pastores presbiterianos, nascidos nos estados do Oeste, e defensores do modo de vida cristão, anglo-saxão, capitalista e norte-americano.

A edição de lançamento teve 62 páginas e foi composta com 31 artigos, condensados de outras publicações, para que o leitor pudesse ler um por dia, durante o mês. Foi sucesso imediato e absoluto nos Estados Unidos, por tratar de temas tão presentes no imaginário social norte-americano: sobre o velho Oeste e seus personagens lendários, sobre idéias puritanas de temor a Deus e assistência missionária, e temas tradicionais norte-americanos, baseados na simplicidade, individualidade, boa-fé e patriotismo. Através de Lila Wallace, alguns artigos eram dirigidos às mulheres, abordando temas gerais do universo feminino – sobre o divórcio e o controle da natalidade, artigos de “auto-ajuda”, entre outros, cujas soluções residiam na própria força individual para a superação dos problemas⁹⁹.

O primeiro número da revista nos Estados Unidos foi editado em preto e branco, não tinha ilustração nem publicidade. Teve uma tiragem de cinco mil exemplares, e foi recebida com reserva pelos jornalistas e editores. Mas, em 1932 já atingia um milhão de exemplares, em 1937, dois milhões e em 1940, três milhões. Mensalmente, no escritório do *Reader's Digest*, um comitê de leitura passava cerca de 5.000 horas lendo artigos, provenientes de 150 revistas e jornais de língua inglesa¹⁰⁰.

Os artigos eram marcados com U – Utilizáveis, P – Possíveis e NU – Não Utilizáveis, de acordo com os critérios adotados por De Witt Wallace, em 1922:

“É passível de ser citado? Trata-se de algo de que o leitor se lembrará, examinará e discutirá? Tem aplicação? Cai debaixo da gama de interesses das pessoas e das suas conversações?”

⁹⁹ JUNQUEIRA, *op. cit.*, pp. 22-23, 25-26.

¹⁰⁰ Esta estratégia aplicada pelos proprietários do *Reader's Digest* garantia impressionante diversidade de informações. Por exemplo, no caso dos artigos anticomunistas selecionados para este trabalho, foram identificados 64 diferentes fontes, sem contar a grande maioria, 130, produzidos pelo próprio *Reader's Digest*. Os meios impressos que mais contribuíam com o *Reader's Digest* foram: livros diversos, com temática sobre a guerra e o comunismo, as revistas *The Saturday Evening Post*, *Time*, *Life*, *U.S. News & World Reporter*, *This Week*, entre outras, e o jornal *The New York Times*, principalmente seu Suplemento Dominical. A abordagem destes veículos foi incluída no terceiro capítulo.

*Consegue tocar os próprios interesses individuais das pessoas? Será capaz de guardar interesse, daqui a um ou dois anos?*¹⁰¹

A partir de 1930, o *Reader's Digest* passou a publicar também seus próprios artigos, a princípio anônimos e sem dados de origem (somente após 1933 esses artigos passaram a apresentar a assinatura de seus autores). Por esse período a revista também inaugurou uma outra forma original de produção de artigos: encomendavam-se alguns para serem publicados em outras revistas e em seguida eram retomados pelo Digest sob a forma condensada¹⁰².

Em 1935, a revista alcançava a tiragem de um milhão de exemplares, em 1938, três milhões, em 1942, cinco milhões, em 1946, nove milhões, e em 1961, 13 milhões, além dos 11 milhões provenientes das edições estrangeiras em 60 países. Esse sucesso devia ao “formato de bolso da revista, a habilidade de sua equipe na análise do gosto popular e a capacidade de condensação de seus redatores”, que faziam do Digest um best-seller nacional e, posteriormente, internacional¹⁰³.

Em 1940, Wallace criou os *roving editors* (jornalistas itinerantes), cujos artigos compunham uma parte apreciável daqueles produzidos pela revista. Para ele, a garantia do salário do mês e um tempo livre poderiam fornecer a estes jornalistas os meios para buscarem novas idéias, possibilidades para escreverem um artigo mais bem elaborado e representativo de ser a última palavra num determinado assunto. Entre estes jornalistas destacaram-se Fulton Oursler, especializado em questões religiosas, Paul de Kruif, assuntos da medicina, e Eugene Lyons, assuntos do mundo comunista¹⁰⁴.

A partir de 1946, Wallace passou a fazer seus próprios artigos, em virtude das dificuldades de obter os direitos de reprodução de outras revistas e para apoiar seus

¹⁰¹ BURBAGE, R.; CAZEMAJOU, J.; KASPI, A. **Os meios de comunicação nos Estados Unidos: imprensa, rádio, televisão**. Rio de Janeiro: Agir, 1973, pp. 95, 97-98.

¹⁰² *Idem, ibidem*, p. 96.

¹⁰³ EMERY, Edwin. **História da imprensa nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Lidador, 1965, p. 690.

¹⁰⁴ BURBAGE, *op.cit.*, p. 99.

próprios pontos de vista sobre a atualidade. A partir de 1955, rompendo um tabu, a revista passou a aceitar anúncios, aumentando ainda mais os seus lucros¹⁰⁵.

Nos anos 1970, o *Reader's Digest* já contava com edições internacionais: a inglesa, lançada em 1938, cobria a Grã-Bretanha, o Canadá, a Austrália, a Nova Zelândia e os outros territórios da *Commonwealth*; a espanhola (para América Latina), lançada em 1940, com publicidade para reduzir o preço de venda e assim atingir todas as classes sociais, cobria 71 países; a portuguesa (para América do Sul), lançada em 1942; a sueca, lançada em 1943, a pedidos da *Office of War Information* – OWI; a árabe, lançada em 1943, também a pedido da OWI, cessou em 1947, retornou em 1956 e novamente desapareceu em 1967; a francesa, lançada em 1947, cobria a França, Bélgica, Suíça e Canadá.

No mesmo período foram lançadas a alemã, que cobria 58 países, a austríaca, a italiana (86 países) e a holandesa (56 países); e chinesa, lançada em 1965, vendida em Hong Kong, na Tailândia, na Malásia e nas Filipinas¹⁰⁶.

A filosofia do *Reader's Digest*,

“como a maioria das revistas de grande circulação, é conservadora. Acredita na mudança política e social através de um desenvolvimento verdadeiro. Acredita nas tradições que são a herança da raça humana, na religião, nas codificações sociais que levaram os homens a progredirem na maior parte do curso de sua história. Os ataques de crítica dirigidos ao Digest têm vindo, naturalmente, das fontes flutuantes pelo impacto de filosofias em oposição”¹⁰⁷.

Para Daniel Baylon, o *Reader's Digest* mitificava dos Estados Unidos, colocando o homem comum norte-americano em posição central e dominante no mundo. Além disso, buscava-se mostrar que “os valores norte-americanos eram intrínsecos àquela sociedade e deviam ser cultivados por todos os indivíduos”. Ariel Dorfman, por sua vez, acreditava que o ponto forte da revista era o “febril

¹⁰⁵ EMERY, *op.cit.*, pp. 690-691.

¹⁰⁶ BURBAGE, *op.cit.*, pp. 99-100.

¹⁰⁷ *Idem, ibidem*, p. 101.

individualismo”, a divinização do homem comum, e que ela defendia o modo de vida cristão, anglo-saxão, capitalista e norte-americano¹⁰⁸.

Dirigida às famílias de classes médias, a revista tinha como estratégia editorial a seleção e publicação de artigos e temas que abrangessem o maior número de leitores. Por isso apostava na diversidade de assuntos, como religião, cotidiano, família, curiosidades, auto-ajuda, política internacional, humor, viagens, novas descobertas da medicina, os grandes inventores, os líderes de vários países. Alguns exemplos anotados foram Rómulo Betancourt, presidente da Venezuela, Ngo Dinh Diem, primeiro-ministro do Vietnã do Sul, Chou En-lai, primeiro-ministro e ministro do Exterior da China Comunista, Richard Nixon, vice-presidente dos Estados Unidos, Fidel Castro, entre outros.

Inspirados em *Pégasus*, o objetivo de Wallace e de sua esposa era propiciar uma visão condensada do que acontecia no mundo. É este caráter internacional que a revista empresta do mito, visto que em sua produção não havia lugar para o poético; ao contrário, a seleção e condensação dos artigos seguiam algumas regras básicas que garantiam o sucesso da publicação.

1.3. A edição em língua portuguesa – Seleções do *Reader's Digest*

¹⁰⁸ BAYLON, Daniel. *L’Amérique mythifiée. Le Reader’s Digest de 1945 a 1970*. Paris; Éditions Du Centre National de La Recherche Scientifique, 1988; DORFMAN, Ariel. “Reader’s Digest *nuestro que estas em la tierra*”. In: **Sin más lejos. Ensaños y crônicas irreverentes**. Chile: Pehuén Ceneca, 1986; DORFMAN. “*Salvación y sabiduría del hombre comum: la teologia del Reader’s Digest*”. In: **De elefantes, literatura y miedo: ensayos sobre la comunicación americana**. Havana: Casa de Lãs Américas, 1986. *Apud* JUNQUEIRA, *op.cit.*, pp. 14-15. Outros trabalhos apresentam a trajetória da edição internacional do *Reader’s Digest*: HEINDENRY, John. **Theirs was the kingdom. Lilá and De Witt Wallace and the story of the Reader’s Digest**. New York/London: W. W. Norton & Company, 1993; PLAYSTED-WOOD, James. **Of lasting interested. The story of the Reader’s Digest**. New York: Doubleday, 1967; BURBAGE, R.; CAZEMAJOU, J.; KASPI, A. **Os meios de comunicação nos Estados Unidos: imprensa, rádio, televisão**. RJ: Agir, 1973; EMERY, Edwin. **História da imprensa nos Estados Unidos**. RJ: Lidador, 1965; TEBBEL, William. **Os meios de comunicação nos Estados Unidos**. SP: Cultrix, 1978.

Segundo Mary Anne Junqueira, quando *Seleções* foi lançada no Brasil, já existia um terreno fértil para recebê-la, porque a população brasileira, desde os anos 1920, através do cinema, do rádio, das revistas, já era receptora de modelos culturais norte-americanos. Para a autora, o enorme sucesso da revista entre a classe média brasileira foi resultado de uma inovação na imprensa escrita: a seleção e a condensação de fatos variados serviriam como instrumental cultural sintético e pouco reflexivo ao homem moderno, cada vez com menor tempo para se informar em meio a um oceano de notícias que lhe acorria todos os dias. Promoveu ainda uma inovação no meio editorial, com a venda por assinaturas. Na sua primeira edição atingiu a marca de 150 mil exemplares vendidos no Brasil e, alguns meses mais tarde, 300 mil exemplares¹⁰⁹.

Havia até então na imprensa escrita artigos extensos, análises, folhetins em capítulos, com poucas imagens e uma certa mistura de distribuição, nas páginas, entre anúncio, editoriais e notícias¹¹⁰. E *Seleções*, com seu formato pequeno – 14 cm x 19 cm –, sessões e colunas fixas, ilustrações e condensações de artigos publicados em outros veículos de imprensa, diversões, piadas e demais entretenimentos, foi considerada uma verdadeira inovação no mercado de revistas.

A possibilidade de resgatar, pela metodologia da História Oral, relatos de ex-colaboradores da revista, Saulo Guimarães e Jeannette Dente, trouxe novas informações sobre a atuação no país, desde o início da produção em solo brasileiro, em 1951, até a transferência para Portugal, em 1971. O depoimento de ambos possibilitou a articulação de novos diálogos com a historiografia existente. Ponto importante a observar na narrativa de Saulo Guimarães foi a forma inusitada e inédita da produção e distribuição da revista *Seleções* nos primeiros oito anos de sua circulação, entre 1942 e 1950. Segundo Junqueira, em 1942, a revista era totalmente produzida em Nova York, sendo diretor-geral das edições para língua portuguesa e espanhola o colombiano Eduardo Cárdenas. Otávio Mangabeira

¹⁰⁹ JUNQUEIRA, *op.cit.*, pp. 43-44.

¹¹⁰ A concentração da imprensa, que se acentuou desde os anos 1930, levou ao desaparecimento de numerosos jornais e revistas. Destas, as que marcaram posição foram: *A Batalha*, *Careta*, *Fon-Fon*, *A Plebe*, *A Noite Ilustrada*, *Revista do Brasil*, *Vamos Ler*, entre outras.

trabalhou como tradutor, e o cargo de Gerente Secretário foi ocupado Afrânio Coutinho, que além do trabalho na revista, colaborava com o OWI, como tradutor¹¹¹.

Saulo, por sua vez, relatou que apenas os editores estavam sediados em New York, como foram os casos de Tito Leite, ex-radialista da NBC, e José Maria Nogueira. Entretanto, ela era supervisionada por uma administração localizada em Havana, denominada *Selecciones del Reader's Digest*, cujo Diretor-Geral era Robert C. Sanchez. Esta edição foi mantida em Cuba até 1959, ou seja, até a chegada de Fidel Castro ao poder, quando todos os seus membros tiveram que retornar aos Estados Unidos.

Além desta dupla localização, a revista era impressa em Miami. Portanto, uma complexa e bem estruturada rede, já que raramente os exemplares chegavam atrasados à casa dos assinantes, majoritariamente concentrados nos grandes centros urbanos e nas capitais de vários estados brasileiros, segundo relatou Saulo. Portanto, antes de ser produzida no Brasil, Seleções respondia ao corpo editorial de Havana e não à matriz nos Estados Unidos.

Outro importante aspecto desta subordinação foi detectado durante a análise do expediente da revista, invariavelmente publicado em cada edição: o copyright da veiculação continuou sendo pago a *Selecciones del Reader's Digest* após o início das operações no Brasil; o destino do pagamento desses direitos autorais foi alterado apenas a partir de agosto de 1960, conforme expediente da edição daquele mês, quando passou a ser pago à Editora Ypyranga SA., autorizada por *The Reader's Digest Association, Inc.*

A administração em Havana, edição em New York, impressão em Miami, distribuição para todo o Brasil e Portugal, indica que a revista era produzida por um esquema de conexão com os pólos da expansão imperialista dos Estados Unidos. Entretanto, seu conteúdo moralista protestante e capitalista exercia uma fachada distinta para o veículo de difusão ideológico tão claro. O que se observa nesta

¹¹¹ JUNQUEIRA, *op. cit.*, pp. 44-45.

dinâmica atividade de produção, distribuição, consumo e pagamento de direitos autorais, pulverizada em diversos países e realizada por diferentes canais, é que o *Reader's Digest* construía paulatinamente uma complexa rede de edições internacionais, tão bem estabelecida que *Seleções* pôde se mover sem maiores problemas e sem qualquer prejuízo, de Havana para o Brasil e daqui para Portugal, visto que o encerramento de empresas norte-americanas no estrangeiro garantia o ressarcimento de impostos.

Segundo Saulo, em 1950, Robert T. Lund, gerente norte-americano do *Reader's Digest*, o procurou para planejar o início da produção da revista em solo brasileiro, com a impressão a ser realizada na Companhia Lithographica Ypiranga, de Carlos Oscar Reichenbach. A matriz da empresa, sua redação e a centralização das assinaturas ficaram sediadas no Rio de Janeiro, enquanto em São Paulo ficou o departamento comercial, que incluía a publicidade e a impressão.

Discutindo a filosofia de trabalho da revista, Saulo deixou claro que o grande diferencial da revista era ser uma publicação internacional, de âmbito global desde aquela época, mostrando ao leitor brasileiro artigos condensados, publicados em outras partes do mundo. Com isso, o *Reader's Digest* tinha como “*espírito*” trazer ao leitor temas aos quais ele não tinha acesso. Portanto, o que se buscava era um “*apelo universal*”, porque não obstante as diferenças culturais, para os editores da revista os seres humanos têm algo em comum: o desejo de se informar, de ampliar conhecimentos, de conhecer a vida de outros povos. Enfim, “*o espírito de aventura, a fantasia que vive em cada um de nós*”, afirmou Saulo, completando que esta fórmula, direcionada à classe média brasileira, garantiu o sucesso da revista, atingindo meio milhão de exemplares vendidos. Nas suas palavras “*uma coisa gigantesca para a época, levando-se em consideração o incipiente hábito de leitura e a preferência pelas publicações que veiculavam ilustrações e fotografias*”.

Segundo o colaborador, a revista não era nacional nem estrangeira, mas internacional, e, com esse caráter, o *Reader's Digest* dizia se situar à parte dos problemas políticos nos países em que atuava. Era uma revista que não tinha editoriais opinativos e, sem citar nomes, afirmou que isto gerava questionamentos sobre a falta de interesse da revista pelos assuntos nacionais, mas que eram

rebatidos pela “qualidade dos artigos”, veiculados quase simultaneamente nas diferentes regiões do planeta.

Mas o que Saulo não via como caráter ideológico era que a exploração de temáticas universais, hegemônicas, criava um alto valor simbólico da informação veiculada pela revista, que dispensava inclusive os editoriais. A veracidade dos fatos apresentados em seus artigos, por exemplo, na abordagem sobre o avanço comunista num país do Sudeste Asiático ou do norte da Europa, da África etc. levava o leitor a imaginar que seu país também poderia ser palco do mesmo processo. Enquanto um tailandês lia sobre a escalada comunista em Cuba, um brasileiro lia sobre o massacre dos huks promovido por Ngo Dinh Diem no Vietnã do Sul. Não importava o país, o valor da mensagem anticomunista servia a propósitos mundiais.

Jeannette Dente, explicando em detalhes a produção da revista, trouxe novas informações que possibilitaram a ampliação do conhecimento dos processos de seleção e de produção dos artigos no Brasil. Segundo a entrevistada, a totalidade dos artigos veiculados em *Seleções*, durante os anos balizados pela pesquisa, era de origem norte-americana. Não eram permitidas quaisquer modificações nos seus conteúdos, e para manter a fidelidade ao original após a tradução, os escritórios do *Reader's Digest* tinham equipes de redatores responsáveis exclusivamente em examinar a fidelidade das traduções.

A condensação dos artigos tinha uma única regra, simples, afirmou Jeannette: “o máximo de informação em um mínimo de espaço, sem prejudicar o conteúdo. Lembre-se, a revista era ‘pequena’, deveria caber no bolso, para ser lida em qualquer lugar”. A colaboradora também informou que este tipo de publicação de condensações, de resumos, gerou críticas de intelectuais brasileiros, que achavam um absurdo o que *Seleções* fazia com as grandes obras, reduzindo-as; mas, para ela, estas grandes obras, editadas de maneira condensada, eram suficientes para

manter as pessoas interessadas na leitura, sem perder tempo com os detalhes de uma história.

O gerenciamento das atividades de produção da revista estava concentrado nas mãos de uma única pessoa: Tito Leite, diretor-secretário e redator-chefe, relatou Jeannette¹¹². Ele recebia os artigos antecipadamente, no exato momento em que eram publicados nos Estados Unidos, mas o tempo de escolha, tradução e produção gráfica acarretava uma defasagem entre a edição brasileira e a norte-americana. Tito Leite, sozinho, fazia a seleção do que iria ser veiculado naquele mês, e, segundo ela informou, “*praticamente tudo o que era publicado nos Estados Unidos acabava saindo aqui*”. Mas, em algumas ocasiões chegavam da matriz norte-americana artigos considerados “*importantes para o mundo*”, que deveriam ser publicados imediatamente. Após a seleção dos artigos, Tito Leite enviava ao *Reader's Digest* um sumário com os artigos escolhidos, e a matriz norte-americana os aprovava. Somente após este consentimento é que se iniciava a edição da Revista.

Como vimos, a fonte dos artigos era única e, além disso, era preciso pedir a autorização para publicação – portanto, a Editora Ypiranga não tinha nenhuma autonomia na produção editorial da revista. Mais surpreendente foi a afirmação de Jeannette, de que os proprietários da revista não obrigavam “*abertamente*” a publicação de um determinado artigo; mas nem precisavam, segundo ela, pois os padrões de trabalho estipulados pelo *Reader's Digest* “*eram tão obedientemente seguidos*”, os redatores encontravam-se tão fortemente condicionados a eles, que já sabiam de antemão o que a matriz gostaria de ver publicado.

¹¹² Em seu trabalho, Mary Anne Junqueira, segundo informações obtidas com o escritor José J. Veiga, que trabalhou na revista durante 20 anos como redator, afirma que os redatores brasileiros selecionavam os artigos que já vinham prontos dos Estados Unidos, em seguida enviavam para tradução (trabalharam como tradutores para *Seleções*: Guimarães Rosa, Raquel de Queiroz, Clarice Lispector, Otto Maria Carpeaux, Manuel Bandeira, Carlos Lacerda, entre outros) e, no retorno, era feita a redação final, com o objetivo de eliminar resquícios de “*estrangeirismos*”. Por fim, elaboravam o sumário dos artigos. Além da construção da revista *Seleções*, os redatores brasileiros também controlavam a emissão e o recebimento das pesquisas de opinião junto aos leitores, posteriormente enviadas para a casa matriz. Desta forma a matriz norte-americana estava sempre a par dos artigos que mais interessavam ao leitor. Estes redatores também eram responsáveis pela organização da “*Biblioteca Seleções*”, publicada a cada três meses com quatro romances condensados. In: JUNQUEIRA, *op. cit.*, pp. 45-49.

Tito Leite também era o responsável pelo envio dos artigos para os tradutores e pelo recebimento do material traduzido. Havia uma variada equipe de tradução, e a escolha era feita dentro da disponibilidade de tempo deles, mas com rigor, levando-se em consideração o cumprimento do prazo de entrega e a minúcia dos detalhes na tradução. Até a etapa da tradução, os demais redatores não tinham ingerência no processo¹¹³.

Na composição da revista, o trabalho dos redatores, segundo Jeannette, se restringia a analisar as traduções, ver se estavam corretas, fazer revisões e editar os artigos – “*um trabalho exaustivo*”. Um redator supervisionava o outro, para que não passasse qualquer tipo de erro, garantindo assim que a tradução estivesse idêntica à original recebida dos Estados Unidos. Em seguida, os artigos eram datilografados e enviados para a gráfica, em São Paulo, para a montagem do boneco da revista. Quando voltava, ia direto para o revisor-geral. Todo este rigoroso trabalho de revisão fazia com que a revista fosse um exemplo em nossa língua, afirmou Jeannette com orgulhos, “*um perfeccionismo, tanto que era possível estudar português pela revista*”.

1.4. O crescimento das revistas e o mercado da publicidade

Estimulada pelo desenvolvimento econômico, a imprensa brasileira se modernizou a partir dos anos 1950, no parque gráfico, nas técnicas de redação, na absorção de pessoal especializado, formados nos novos cursos de jornalismo criados, no Rio de Janeiro e em São Paulo, no final da década de 1940¹¹⁴.

¹¹³ Saulo Guimarães citou Carlos Lacerda como um dos tradutores da revista, “*que traduzia um artigo num fim-de-semana, porque tinha uma ‘cabeça fora do comum’, e entregava uma tradução impecável, num português primoroso*”. Saulo inclusive informou que Lacerda, então governador do Estado da Guanabara, esteve presente, nos Estados Unidos, na cerimônia da publicação do encarte especial “*A nação que se salvou a si mesma*”, sobre o golpe militar de 1964, onde foi homenageado porque era um dos personagens do artigo.

¹¹⁴ RODRIGUES, Marly. *A década de 50. Populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2001, p. 35.

A modernização do mercado de revistas foi resultado da renovação e consolidação da indústria gráfica e da propaganda, e o mercado criou condições para o investimento em publicações semanais, quinzenais e mensais de grande tiragem. O marco contemporâneo das revistas no Brasil foi o semanário *O Cruzeiro*, lançado em dezembro de 1928 pelos Diários Associados, de Assis Chateaubriand¹¹⁵.

Também foi a partir dos anos 1950 que se formaram as editoras, associando parque gráfico com cadeias jornalísticas, com capitais nacionais e estrangeiros, que passaram a imprimir livros e revistas ilustradas, de circulação nacional. Em 1952, a Editora Bloch lançou *Manchete*, revista também semanal, um “fenômeno editorial” que adquiriu contornos definitivos nas décadas seguintes, ao expandir a circulação nacional de revistas, não se limitando apenas ao eixo Rio-São Paulo, mas também no Sul e no Nordeste. A Editora Abril, por sua vez, imprimia revistas em quadrinhos e revistas femininas, num total de 82 mil exemplares¹¹⁶.

Com a publicidade ocupando aproximadamente 30 a 35% da revista, *O Cruzeiro* atingiu em 1950 a marca de 700 mil exemplares no Brasil e 250 mil no exterior – estima-se que era lido por aproximadamente 3,5 milhões de pessoas. Em 1954, *Manchete* alcançou a tiragem de 110 mil exemplares semanais¹¹⁷.

O crescimento da imprensa brasileira nos anos 1950 e 1960, em especial do mercado das revistas, segundo bibliografia consultada sobre o tema, não se deveu apenas ao interesse destas grandes editoras nacionais. Mesmo possuindo o domínio quase absoluto neste mercado, a ampliação do poder da imprensa periódica não se resumia ao monopólio de três ou quatro grandes revistas, mas também ao

¹¹⁵ Os *Diários e Emissoras Associados*, do paraibano Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, constituíram, entre os anos 1930 e 1970 o maior império jornalístico do país e da América Latina, composto por 31 jornais diários, três revistas, 23 emissoras de rádio, 13 estações de televisão e uma agência de notícias. Além de empresário da comunicação, Chateaubriand conviveu de perto com o poder político, beneficiando-se das relações de confiança com presidentes, ministros, generais e magnatas. A ideologia que Chateaubriand imprimia à sua cadeia era a do lucro e do êxito. A importância do papel desempenhado por ele no jornalismo está no fato de ter antecipado o desenvolvimento da tecnologia da comunicação de massa no Brasil. Beneficiando-se do poder, era o interlocutor oficial a propagar a posição anticomunista, “*ora para dar às ditaduras uma máscara cristã e democrática, ora para usurpar a vontade popular*”. Os *Associados*, juntamente com as demais organizações jornalísticas, liberais ou conservadores, tomaram posição ao lado do golpe de 1964, apoiando sem reservas a conspiração civil e militar que derrubou João Goulart. In: BAHIA, *op. cit.*, pp. 259-264.

¹¹⁶ *Idem, ibidem*, pp. 399-400.

¹¹⁷ BAITZ, Rafael. **Um continente em foco: a imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras (1954 – 1964)**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003, pp. 48-49.

crescimento de forma mais generalizada, em todo o território nacional, no número de novos periódicos.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE publicou em 2003 um trabalho contendo dados oficiais sobre a trajetória da imprensa no país durante quase todo o século XX, reunidos no CD-ROM “Estatísticas do século XX”. Nestes dados, é possível conhecer melhor a profunda mudança ocorrida no mercado editorial brasileiro em meados do século passado.

Em dezembro de 1954, circulavam pelo país 2.961 periódicos, dos quais 789 revistas, totalizando uma tiragem média de 7.819.234 exemplares. A distribuição por periodicidade estava assim configurada: semanal – 29 revistas (1.605.604 exemplares), quinzenal – 37 (992.500), mensal – 319 (3.117.811), semestral – 29 (243.500), e concentradas no estado do Rio de Janeiro e no Distrito Federal, com 284 publicações, e em São Paulo, com 229. Em seguida vinham Minas Gerais, com 59 revistas, e Rio Grande do Sul, com 54¹¹⁸.

Em 1954, a revista era um meio de comunicação essencialmente urbano, pois, do seu total, 680 títulos encontravam-se nos municípios das capitais. A maior parte das publicações, 387, era mantida por empresas jornalísticas, enquanto que a sociedade civil colaborava com 88 periódicos, a sociedade religiosa com 75, e os governos federal, estadual e municipal, juntos, com 75 revistas.

Quase a metade das revistas, 319, tinha periodicidade mensal, enquanto que semanalmente circulavam outras 29, quinzenalmente 37, e semestralmente 29. Interessante observar que uma grande quantidade de revistas, 608, era produzida em oficinas de impressão alugadas, certamente com o objetivo de reduzir os elevados custos de produção¹¹⁹.

¹¹⁸ Serviço de Estatística da Educação e Cultura. **Anuário estatístico do Brasil, 1955**. RJ: IBGE, v. 16, 1955. In: *CD-ROM Estatísticas do século XX*. IBGE, 2003. Os demais dados sobre 1954 encontram-se também neste volume.

¹¹⁹ Deve-se levar em consideração que naquele período a grande maioria dos veículos impressos sobrevivia com escassos recursos financeiros e dificuldades administrativas, justificando assim os inúmeros casos de veículos de vida curta.

A quase totalidade das revistas era produzida em português: 737. Segundo as classes de tiragens, 263 produziam até 1000 exemplares, 305, de 1.001 a 5.000, 112, de 10.001 a 50.000, 28, de 50.001 a 100.000. Apenas seis revistas atingiam a circulação entre 100.001 e 200.000, e somente uma revista ultrapassava a marca de 200 mil tiragens, certamente *O Cruzeiro*¹²⁰.

Em 1954, a temática humanista – “ciências sociais”, conforme denominação do IBGE – liderava a lista de assuntos, veiculada por 251 revistas, num total de 1.767.723 exemplares, seguida das ciências aplicadas, ou seja, matemática, física, química, biologia etc., veiculadas por 154 publicações, mas com baixo número de tiragens, em comparação com as demais: 654.943. Revistas religiosas, noticiosas, voltadas às belas-artes, recreação e desportos, e literárias compreendiam, respectivamente, 102 (1.059.002 exemplares), 86 (1.207.324), 98 (2.475.092) e 73 (624.450).

Cerca de dez anos depois, em 1965, o número total de revistas se manteve praticamente constante: 726 publicações. Mas, conforme veremos adiante, com um crescimento espetacular no número de exemplares em circulação. O mercado de revistas ainda continuava concentrado nos estados de São Paulo, com 273 publicações, Rio de Janeiro e Guanabara, com 265, seguidos dos mesmos estados que configuraram em 1954: Minas Gerais, com 59 revistas, e Rio Grande do Sul, com 40¹²¹.

Em 1963, o total de títulos de revistas em circulação no Brasil atingia a marca de 740, com a tiragem de 15.631.548 exemplares, exatamente o dobro de 1954. Da mesma forma que dez anos antes, quase metade das revistas tinha periodicidade mensal: 340, mas mais que o dobro em tiragens – 8.686.775 exemplares. Com periodicidade semanal circulavam 84 – um aumento expressivo, se comparado a

¹²⁰ Considerar o valor da tiragem de uma publicação como dado que reflete a realidade é discutível, pois não representa exatamente o número de leitores que efetivamente a liam; contudo, mesmo não sendo real é ao menos realista, em virtude da própria limitação do mercado leitor naquele período – poder aquisitivo, alfabetização etc. – e dos elevados custo de produção, especialmente por causa do preço do papel, e de distribuição. Além disso, as editoras conheciam bem seu grau de penetração, seu *share* no mercado, e, portanto, imprimiam um número mais próximo possível da realidade.

¹²¹ Serviço de Estatística da Educação e Cultura. **Anuário estatístico do Brasil, 1966**. RJ: IBGE, v. 23, 1966.

1954 –, quinzenal, 74 (o mais surpreendente é que as tiragens saltaram de 992.500 para 2.081.240 exemplares, mais que o dobro), e, semestral, 26¹²².

Observava-se, em 1963, uma mudança radical na distribuição das revistas por assunto. Enquanto em 1954 o IBGE adotou apenas sete tipos diferentes, em 1963 a classificação subiu para 25. Além da diversidade de temas, quase desapareceu a concentração de revistas que tratavam de um mesmo assunto. Apenas publicações religiosas mantiveram praticamente o mesmo número apresentado dez anos antes: 130, contra 102. Os assuntos “direito, administração” ficaram em segundo lugar, compartilhados por 87 publicações. Em seguida, apareciam, pela primeira vez, e com força, os periódicos humorísticos e histórias em quadrinhos: 85 revistas. O tema “generalidades” ocupava a quarta posição, com 78 revistas.

Os periódicos voltados para a área de humanas diminuíram sensivelmente: enquanto em 1954 existiam 251 publicações, em 1963 este número passou para 41. O mesmo aconteceu com os periódicos literários, que despencaram de 73 para 21, e as publicações sobre história e geografia, que passaram de 16 para oito. Vale ressaltar, neste último caso, que a queda foi acompanhada de uma ampliação no número de tiragens, que saltou de aproximadamente 2.100 exemplares para 27 mil.

Outro aspecto interessante foi o surgimento de diversas revistas que traziam temas técnicos – ciências médicas, engenharia, tecnologias diversas, agricultura, pesca, caça, pecuária, higiene pública, artes e ofícios, urbanismo, arquitetura, economia doméstica, revistas femininas e de moda, hotelaria etc. –, que totalizavam naquele ano 135 publicações, e a maior tiragem de todas: três milhões de exemplares, valor maior que principal tiragem individual que era sobre o assunto generalidades, com 2.614.278. Em 1963, também apareciam com expressividade os periódicos com temas voltados às crianças e adolescentes: 57 publicações.

¹²² Serviço de Estatística da Educação e Cultura. **Anuário estatístico do Brasil, 1965**. RJ: IBGE, v. 26, 1965. Os demais dados sobre 1963 encontram-se também neste volume.

O crescimento e a diversificação da imprensa periódica, no período, foram impulsionados principalmente pelo fortalecimento do mercado publicitário, devido ao desenvolvimento da indústria de bens de consumo duráveis, que havia modificado o comportamento dos brasileiros. Segundo Rafael Baitz,

“Geladeira, ferro de passar, TV, radiodifusão, automóveis, tecido sintético, aspirador de pó, máquina de lavar, produtos de higiene pessoal, aparelho de som (toca discos de vinil), alimentos enlatados, cosméticos, em suma, uma lista enorme de novos bens e produtos em maior escala do que antes estava ao alcance de uma grande massa de consumidores (uma categoria social também nova e igualmente produzida por essa indústria)”¹²³.

Inserida neste espaço de crescimento econômico, a publicidade também se modernizou nos anos 1954 – 1964. Anna Cristina Figueiredo demonstra que foram

“nestes anos que as agências introduziram no Brasil as técnicas mais aperfeiçoadas de marketing e que o negócio publicitário, estimulado pelo desenvolvimento industrial e urbano, se expandiu. Isso pode ser atestado pelo acúmulo de eventos importantes ocorridos em torno do negócio publicitário ao longo dos anos 50. Só para citar alguns exemplos: o nascimento dos supermercados brasileiros, em 1953; a autonomização, em 1955, da Escola de Propaganda em relação ao Museu de Arte de São Paulo, ao qual estava vinculada desde sua fundação em 1951; o surgimento da segunda revista Propaganda em 1957 e, no mesmo ano, a realização do I Congresso Brasileiro de Propaganda; a fundação da Associação Brasileira de Anunciantes dois anos depois, e o lançamento de vários livros que buscavam dar conta do tema específico da publicidade, como A Propaganda no Brasil, de João Alfredo de Sousa Ramos e Marketing: Uma Experiência Brasileira, de Francisco Gracioso”¹²⁴.

A Editora Ypiranga S.A., formada por brasileiros, conforme a lei, era dividida na verdade em dois setores: o editorial, sediado no Rio de Janeiro, e o comercial, estabelecido na capital paulistana e dirigido por um gerente-geral norte-americano. Portanto, a direção técnica da revista era feita por pessoas indicadas pelo *Reader's*

¹²³ BAITZ, *op.cit.*, p. 68.

¹²⁴ FIGUEIREDO, Anna Cristina C. M. **“Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada”**. **Publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954 – 1964)**. São Paulo: Hucitec, 1998, pp. 21-22.

Digest, com o objetivo de garantir a continuidade dos padrões de administração da revista, nas operações de publicidade, de circulação e financeira. Segundo relatou Saulo, “*tudo isto era por administração delegada pelo Reader’s Digest*”; conseqüentemente, se a parte editorial da revista estava submetida às aprovações prévias do *Reader’s Digest* dos artigos a serem publicados, a área comercial também não possuía nenhuma autonomia na gestão dos negócios no Brasil.

Havia, portanto, concomitantemente à produção da revista, uma “outra empresa” dentro da Editora Ypiranga S.A., representada pela área comercial, que visava ao lucro, e portanto determinava os rumos da publicação no país, de acordo com a posição ocupada no mercado da propaganda.

Por ter ocupado o cargo de Gerente de Publicidade de Seleções, e em virtude da grande experiência neste segmento, Saulo Guimarães sentiu-se bastante seguro das informações que passou em seu relato. Afirmou que a revista foi pioneira na área de publicidade no Brasil, num período em que não se falava muito em marketing.

Anualmente, a revista traçava seu programa de marketing para o exercício seguinte, focado, sobretudo, em venda e em publicidade. Eram feitas apresentações visuais aos anunciantes, geralmente em almoços. Depois da apresentação surgiam perguntas, sobre o que a revista iria oferecer ao anunciante, o seu programa para aquele ano, a fim de que ele tirasse o melhor proveito possível do seu investimento.

Para Saulo, um trabalho tremendamente profissional. A sua equipe de representantes de vendas e de publicidade era muito bem treinada. E toda esta ofensiva de marketing era lastreada em pesquisas. O grande trunfo de *Seleções* eram suas assinaturas, cerca de 70%. Uma grande força, porque o assinante era um leitor regular, e para ele esta continuidade em campanhas, que proporcionavam um efeito cumulativo das mensagens sobre o leitor (*recall*), era muito importante, pois garantia a penetração das peças publicitárias na ampliação do mercado.

O período dos anos 1950 foi de intensa profissionalização na área da propaganda, salientou Saulo. Os profissionais estavam em constante contato com outras agências, principalmente nos Estados Unidos, onde recebiam treinamento.

Também existiam as agências americanas: as três principais eram a McCann-Erickson, a J. Walter Thompson e a Grant Advertising. A Escola de Propaganda estava formando publicitários, tornando-se um grande centro de ensino profissional. “*E eu digo isso com muita convicção: Seleções foi uma pioneira na introdução de novos métodos profissionais na área de mídia. Até então havia muito empirismo, improvisação. Depois, com a concorrência se acirrando, veio a profissionalização*”, salientou Saulo em seu relato.

A revista seguia regras que faziam parte de uma *Advertising Policy*, uma política para a venda de anúncios, segundo Saulo. Devia ser respeitada uma proporção entre anúncios e texto, para não prejudicar o leitor. Quanto maior o número de anúncios, maior o número de páginas editoriais, uma proporção de mais ou menos 40% para anúncios e 60% para artigos.

Segundo o colaborador, certos tipos de anúncios eram “*indesejáveis*”. Fumo, por exemplo – o *Reader's Digest* jamais aceitou anúncios das indústrias de fumo, e perdia verbas incríveis de publicidade; o veto proibindo anúncios de cigarros e charutos começou a vigorar na edição brasileira nos anos 1960. Também eram proibidos anúncios de aparência editorial, a chamada “reportagem paga”, quando um anunciante quisesse imitar o texto da revista, era colocada a palavra ‘Anúncio’ no topo da página, para o leitor não ser iludido. “*Os anúncios enganosos, aqueles que prometiam coisas milagrosas, eram recusados*”.

Saulo destacou que *Seleções* tinha uma característica que limitava a ampliação da sua força publicitária: o tamanho reduzido não obtinha visibilidade nas bancas e, portanto, para o anunciante, não era o melhor veículo para seu produto; a imagem publicitária era menor se comparado ao mesmo anúncio publicado nas grandes páginas de *O Cruzeiro* ou *Manchete*. Assim, ele explicou que, de modo original e num esforço de criatividade para ampliar o efeito de superfície do anúncio, a revista criou outras “*unidades de anúncio*”, diferentes do padrão da época. Não vendia mais somente página inteira ou meia página de anúncio, mas lançou folhetos, que eram também novos na imprensa – os *gatefolds*, que abriam oito páginas, colocado no meio da revista. Depois veio o “meio folder”, em quatro páginas, ou

mesmo um quarto de página, para adequar a verba do cliente à sua necessidade, segundo suas palavras, “*porque as tarifas iam aumentando*”.

Para o narrador, o desenvolvimento da publicidade nos anos 1950 e 1960 foi resultado do acirramento da concorrência entre as revistas em busca do anunciante, principalmente após a entrada da Editora Abril no mercado. Um mercado acirrado, no qual eram empregadas “*técnicas mais agressivas, mais sofisticadas, de persuasão*”, pois as verbas tornavam-se cada vez mais reduzidas, “*e o anunciante queria tirar o maior proveito possível da situação*”. E depois, com a entrada da televisão, que ficou com mais da metade das verbas, o mercado tornou-se ainda mais competitivo.

A revista que dominava o mercado publicitário, e consequentemente o dos leitores, era *O Cruzeiro*, a “Life da classe média brasileira”, segundo palavras do colaborador. Mas sua vantagem em relação a *Seleções*, que disputava com ela o mercado publicitário, era principalmente porque tinha contato tanto com a agência de propaganda como diretamente com o anunciante. Consequentemente, *O Cruzeiro* publicava *press releases* dos anunciantes, divulgando, por exemplo, a inauguração de uma empresa ou da compra de um equipamento. Segundo Saulo, “*Seleções, por sua natureza, não podia publicar reportagem sobre empresas*”.

Além disso, *O Cruzeiro* tinha políticas de preços flexíveis, ou seja, fazia descontos, dava bonificações às agências, para incentivá-las, enquanto que *Seleções* tinha tabelas fixas que não podiam ser transigidas. Segundo a *policy*, não era permitido dar descontos fora da tabela, nem anúncios a mais. Outra desvantagem da revista é que ela competia com outras editoras, como a Abril, que tinha várias revistas e podia, por exemplo, fazer pacotes de tarifas, ou seja, anunciava em determinada publicação e ganhava como bonificação inserções em outras.

Segundo Juarez Bahia, a primeira agência de propaganda no Brasil surgiu na cidade de São Paulo entre 1913 e 1914, a Castaldi & Benaton, proprietária da revista A Eclética. Entretanto, apenas depois de 1930, em virtude do crescimento industrial

é que a agência de publicidade passou a assumir seu perfil próprio e se consolidou à medida que a produção e consumo incorporavam novas parcelas da sociedade. Para o autor, o

“desenvolvimento industrial, o progresso das comunicações, as maciças concentrações urbanas, as novas mercadorias culturais, a produção em massa, as necessidades resultantes da produção, da distribuição e do consumo e o fato específico das agências para atribuir à publicidade um sentido racional de técnica e de arte são fatores que explicam a moderna função social do anúncio e a sua importância na mídia”¹²⁵.

Nelson Werneck Sodré fornece exemplos sobre a força da publicidade nas questões nacionais naquele período. Cresciam os investimentos em publicidade, na mesma velocidade com que o mercado se abria à influência das empresas estrangeiras. Logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, a política dos Estados Unidos foi promover a instalação de indústrias em diferentes países de vários continentes. Assim, o governo brasileiro, por meio da Instrução 113 da SUMOC estimulava a abertura dos mercados e a disputa entre as empresas. Em 1947, a indústria e o comércio gastaram cerca de 750 milhões de cruzeiros em publicidade. Esse valor saltou para três milhões e meio em 1953, sendo um pouco mais de um milhão em propaganda nos jornais, cerca de 870 milhões às emissoras de rádio, ficando o restante para as revistas¹²⁶.

Em 1953, as principais empresas que investiram em publicidade foram (valores em cruzeiros): Companhia Antártica Paulista (cervejas e refrigerantes): 70 milhões; Esso Standard do Brasil (gasolina e lubrificantes): 28 milhões; Cia. Industrial Gessy (sabonetes e perfumes): 27 milhões; Sydney Ross Co. (drogas e perfumes): 25 milhões; S.A. Irmãos Lever (sabonetes e perfumes): 20 milhões; Shell-Brazil Limited (gasolina e lubrificantes): 18 milhões; Coca-Cola Export Co. (refrigerantes): 15 milhões; Companhia Cervejaria Brahma (cervejas e refrigerantes): 14 milhões; Johnson & Johnson (drogas): 13,5 milhões; Atlantic Refining Company

¹²⁵ BAHIA, *op. cit.*, pp. 282-283.

¹²⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, pp. 405.

(gasolina e lubrificantes): 13 milhões; Gillette Safety Razor Co.: 12 milhões; Companhia Nestlé (leite em pó): 10 milhões¹²⁷.

Em 1953, no período de votação, em regime de urgência, das emendas para a criação da Petrobrás, o total de publicidade aplicado por companhias norte-americanas que se opunham à criação, em veículos de comunicação, foi cerca de três bilhões e meio de cruzeiros, dos quais um pouco mais de um bilhão foram destinados aos jornais e 869 milhões às rádios. Segundo Werneck Sodré,

“Excetuando-se a inglesa Shell, que dispendeu durante aquele ano 18 milhões, foram as seguintes as empresas sediadas nos Estados Unidos que mais contribuíram para a imprensa entreguista no Brasil: Esso Standard do Brasil (o nome brasileiro para a Standard Oil Company): 28 milhões; The Sydney Ross: 25 milhões; Coca-Cola: 15 milhões; The Johnson & Johnson: 13, 5 milhões; Atlantic: 13 milhões; Gillette: 13 milhões; Colgate-Palmolive: 12 milhões; The Eno Scott: 12 milhões”¹²⁸.

Em 1955, realizou-se em Belo Horizonte o VI Congresso Nacional de Jornalistas, onde foi colocada em discussão a criação de controles sobre a imprensa. Um dos principais aspectos analisados foi o preço do papel, como ferramenta de controle das grandes empresas beneficiadas com a importação do produto, sobre a imprensa com poucos recursos financeiros.

Entre os anos 1958 e 1963, os preços do papel subiram mais de 3.294%; em 1943, o quilo do produto custava um pouco mais de dois cruzeiros, e em 1963 este valor chegou a 135 cruzeiros, ou seja, um aumento de 5.744% em 20 anos. O resultado de tal situação atingia a todos, provocando o fechamento de numerosos jornais, enquanto outros reduziram o número de páginas e dispensaram empregados e colaboradores, ou até entregaram-se ao controle das agências estrangeiras de publicidade¹²⁹.

¹²⁷ *Idem, ibidem*, p. 406.

¹²⁸ *Idem, ibidem*, pp 403-404.

¹²⁹ *Idem, ibidem*, pp. 410-412

1.5. Oposição parlamentar aos desmandos constitucionais:

as Comissões Parlamentares de Inquérito

Toda esta discussão sobre a configuração do campo nacional da imprensa, resultado das diferentes relações concorrenciais que nele ocorriam, é ampliada quando a mesma temática é tratada no campo político. A análise dos debates parlamentares em torno da atuação de empresas jornalísticas estrangeiras no país apontava de modo cabal para a ilegalidade das mesmas, já que infringiam limites impostos pela Constituição Federal.

A consolidação do poder das empresas jornalísticas estrangeiras no mercado nacional produziu, principalmente a partir dos anos 1960, uma resistência de parcela da imprensa brasileira, ligada ao nacionalismo e antiimperialista, que passou a denunciar os abusos de poder econômico daquelas organizações no país.

O calor destas discussões chegou ao Congresso Nacional¹³⁰, e resultou na formação, em 1963, de duas Comissões Parlamentares de Inquérito – CPIs na Câmara dos Deputados para investigar abusos de poder econômico no país: a que se debruçou sobre a atuação do complexo IPES/IBAD, que teve seus trabalhos concluídos no mesmo ano¹³¹, e a que procurou investigar as empresas jornalísticas estrangeiras no país.

¹³⁰ O Congresso Nacional tem como principais responsabilidades elaborar as leis e proceder à fiscalização contábil, financeira, orçamentária, operacional e patrimonial da União e das entidades da Administração direta e indireta. Por sua vez, as competências privativas da Câmara dos Deputados incluem: a autorização para instauração de processo contra o Presidente e o Vice-Presidente da República e os Ministros de Estado; a tomada de contas do Presidente da República, quando não apresentadas no prazo constitucional; a elaboração do Regimento Interno; a disposição sobre organização, funcionamento, polícia, criação, transformação ou extinção dos cargos, empregos e funções de seus serviços e a iniciativa de lei para a fixação da respectiva remuneração, observados os parâmetros estabelecidos na Lei de Diretrizes Orçamentárias, e a eleição dos membros do Conselho da República. O Congresso Nacional possui Comissões Parlamentares, Permanentes ou Temporárias, com funções legislativas e fiscalizadoras, na forma definida na Constituição Federal e nos seus Regimentos Internos. As Comissões Parlamentares de Inquérito possuem caráter temporário. São criadas a requerimento de pelo menos um terço do total de membros da Casa, destinadas a investigar fato de relevante interesse para a vida pública e para a ordem constitucional, legal, econômica ou social do País. Tem poderes de investigação equiparados aos das autoridades judiciais. Informações obtidas no site da Câmara Federal: www.camara.gov.br. Acesso em 20 de junho de 2006.

¹³¹ Grandes empresários, mais especificamente os norte-americanos instalados no Brasil, buscaram ampliar sua influência direta na condução da política nacional, patrocinando a criação de entidades como o IPES – Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, em 1961, e que através da contratação de militares reformados e da ação da revista *Ação Democrática*, buscou

Entre os anos 1954 e 1964, do total de CPIs abertas e encerradas na Câmara Federal¹³², observa-se a inexistência de regularidade no número de comissões a cada ano:

Ano	Comissões abertas	Comissões encerradas	Total
1954	6	2	8
1955	19	8	27
1956	15	4	19
1957	13	2	15
1958	6	4	10
1959	11	16	27
1960	9	2	11
1961	12	4	16
1962	5	4	9
1963	30	21	51
1964	16	15	31

É visível o expressivo aumento no número de investigações nos anos imediatamente anteriores e posteriores ao golpe militar de 1964, período de intenso debate no meio parlamentar.

O início da nova legislatura no Congresso Nacional, em 1963, coincidiu com o auge do processo investigativo na Câmara Federal, com a condução de mais de cinco CPIs por mês.

montar um serviço de inteligência com a função de colher dados sobre a suposta infiltração comunista no governo Goulart, e estabeleceu vínculos com a Escola Superior de Guerra. Outro órgão criado foi o IBAD – Instituto Brasileiro de Ação Democrática, criado em 1959, que atuou em conexão com a agência de propaganda S.A. Incrementadora de Vendas Promotion, subvencionando na campanha eleitoral de 1962 a candidatura de indivíduos defensores dos investimentos estrangeiros e contrários à política externa independente. O IBAD coordenava uma série de organizações subsidiárias, entre elas a Ação Democrática Popular - ADEP, a Campanha da Mulher Democrática - CAMDE, a Frente da Juventude Democrática - FJD e a Ação Democrática Parlamentar – ADP.

¹³² Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Coordenação de Comissões Temporárias. **Comissões parlamentares de inquérito realizadas pela Câmara dos Deputados; 1946-1982**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1983, pp. 34-105.

Este elevado número de investigações entre 1963 e 1964 certamente obstruía a normalidade das atividades do Congresso¹³³, sendo possível relacionar a intensa dinâmica deste instrumento congressual com a situação econômica, social e política que se encontrava o governo João Goulart, discutido mais adiante.

Durante a Terceira República (1945-1964), a grande maioria das cadeiras do Congresso Nacional esteve nas mãos de três grandes partidos políticos. O Partido Social Democrático – PSD foi a maior agremiação, tendo eleito as maiores bancadas. Sua origem está ligada à máquina administrativa do Estado Novo, em especial na força dos interventores nomeados por Vargas nos estados¹³⁴.

A União Democrática Nacional – UDN era o partido que reunia as oligarquias afastadas do cenário político com a revolução de 1930, e a classe média urbana que temia fortemente o avanço da classe operária. A UDN defendia a não-intervenção do estado na economia e era amplamente favorável à abertura do país ao capital estrangeiro. Foi o principal partido favorável ao golpe de 1964, mobilizando “as senhoras católicas da elite brasileira, junto com uma classe média apavorada com a possibilidade de comunização do país”. O PSD e a UDN eram ideologicamente muito semelhantes: ambos tinham fortes raízes nacionais, tinham forte apelo pelo grande capital, tinham penetração importante na classe média. A grande diferença, e que foi decisiva, era Getúlio Vargas¹³⁵.

O Partido Trabalhista Brasileiro – PTB foi o terceiro maior partido e com o maior crescimento eleitoral do período. Em 1962, suplantou a UDN no Congresso Nacional. Assim como o PSD, o PTB também nasceu da máquina “estadonovista”, principalmente a partir da sua estrutura sindical corporativa, sendo formado por uma

¹³³ Segundo Miguel Reale, as Comissões Parlamentares de Inquérito – CPIs são importantes instrumentos, mas elas impedem o deputado em legislar, pois consomem um tempo imenso: “a CPI dá muito prestígio, dá muito mais força aos deputados e senadores. Eles preferem operar nas CPIs do que no plenário da Câmara, fazendo discursos e demonstrando conhecimento legislativo, econômico, financeiro, político, jurídico e assim por diante, que muitas vezes não têm”. In: DINES, Alberto; FERNANDES Jr, Florestan; SALOMÃO, Nelma (orgs.). **Histórias do poder: 100 anos de política no Brasil**, vol. 2: *Ecos do Parlamento*. São Paulo: Ed. 34, 2000, p. 177.

¹³⁴ SCHMITT, Rogério. **Partidos políticos no Brasil (1945 – 2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000, p.14.

¹³⁵ BENEVIDES, Maria Victoria. In: DINES, *op. cit.*, pp. 62-63, 66-67.

corrente nacionalista e reformista e por um grupo tradicional clientelista. Constante aliado do PSD, apoiou o partido nos pleitos presidenciais de 1945, 1955 e 1960, e em 1950 colocou na presidência Getúlio Vargas, com 48,7% dos votos. O PTB também elegeu João Goulart à vice-presidência em duas eleições consecutivas: 1955 (44,3% dos votos) e 1960 (41,3%), em que assumiu a presidência após a renúncia de Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1961¹³⁶.

A revista Política e Negócios – PN liderava o foco de resistência à penetração estrangeira no mercado editorial e publicitário brasileiro. Publicação semanal, lançada em 1940 na cidade do Rio de Janeiro, seu exemplar apresentava poucas páginas e anúncios cada vez mais escassos, em virtude do “boicote” conduzido pelas agências de propaganda. Vendida em bancas e também para assinantes, seu Diretor-Geral era o jornalista Genival Rabelo.

Em artigo comemorativo, Rabelo destacava alguns fatos que definiam o posicionamento da revista. Orgulha-se de sua publicação possuir grande influência sobre algumas discussões e trabalhos que estavam ocorrendo no Congresso Nacional, entre elas as atividades da CPI sobre o IPES e o IBAD, onde ele próprio participara como depoente, e a abertura da CPI para investigar a penetração das revistas estrangeiras. A postura dos editores da revista em lutar pelos interesses nacionais, combatendo os interesses estrangeiros, mais especificamente o imperialismo norte-americano, estava explicitada da seguinte forma:

*“Sofremos discriminação, é verdade. Discriminam contra PN anunciantes e agências estrangeiros. Brasileiros, também, a serviço deles. Mas venceremos. Porque há bons brasileiros. Que não se acomodam. Que se aglutinam. Que lutam. Pelos interesses legitimamente nacionais. Pela nossa emancipação econômica. Venceremos, sobretudo, porque prestamos bons serviços ao Brasil. E este país já ninguém poderá deter na sua marcha de progresso, por maiores pressões que se lhe façam”*¹³⁷.

¹³⁶ SCHMITT, *op. cit.*, pp. 17-18. Estes foram os três maiores partidos durante a Terceira República, ocupando juntos nada menos que 79,8% de todas as cadeiras na Câmara dos Deputados e 86,2% no Senado Federal.

¹³⁷ RABELO, Genival. “Os 23 anos de PN e o Brasil”, edição n° 587, de 26 de agosto de 1963, pp. 6-7.

Estas posições defendidas pelos editores da PN, centradas na questão da “defesa intransigente do interesse nacional” e na luta contra o imperialismo norte-americano, e sua vitoriosa influência sobre o Poder Legislativo, dá idéia de como se encontravam intrincadas as relações entre a sociedade civil, no caso representada pela imprensa escrita, e o campo político nacional. Jornalistas depunham em CPI, parlamentares das mais diferentes posições políticas escreviam artigos em jornais e revistas.

Foram longos os embates contra a formação das empresas estatais. Depois de dez anos da concentração publicitária contra o monopólio estatal do petróleo, o requerimento que deu origem à Resolução n° 33/63 foi apresentado na Sala de Sessões no dia 12 de julho de 1963. A respectiva Resolução era aprovada pelo presidente da Câmara no dia 30 do mesmo mês. No requerimento, os deputados, liderados por João Dória – PDC/BA¹³⁸, solicitavam a constituição de uma CPI, com oito membros titulares (três do PSD, dois da UDN, dois do PTB e um do PSP), e crédito de Cr\$ 1.000.000,00, com prazo final de 120 dias, para

“verificar a situação das empresas jornalísticas estrangeiras, com sede no país ou no exterior, que operam com publicações ou transmissão de notícias em língua portuguesa no território nacional, em flagrante desrespeito ao preceito constitucional e, em face do apurado, tomar as providências cabíveis junto aos órgãos competentes da República no sentido de prevalecer em toda a sua plenitude o que determina a Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil”¹³⁹.

¹³⁸ João Dória iniciou sua carreira atuando na imprensa baiana, tendo sido redator de *O Estado da Bahia*, até 1942. Em 1938, ao mesmo tempo em que ingressava na Faculdade de Direito de Salvador, foi nomeado redator-chefe do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, além de oficial do Gabinete do Interventor Federal na Bahia, Landolfo Alves. Ainda em 1942, se transferiu para o Rio de Janeiro, para terminar os estudos, mas desistiu, e passou a colaborar na *Revista do Brasil*, em *Vamos Ler* e *Carioca*. Logo em seguida, passou a se dedicar à publicidade, tornando-se em 1944 redator da Standard Propaganda SA, e em 1948 tornou-se seu diretor-vice-presidente. Em 1951, criou a Dória Associados Propaganda, permanecendo na sua presidência até 1964. Entrou para o PDC em 1961, e foi eleito suplente de deputado federal pela Bahia no pleito de outubro de 1962 (único pleito que participou). Unindo-se à Frente Parlamentar Nacionalista, apoiou as reformas de base e a política independente de João Goulart. Teve seu mandato e direitos políticos cassados pelo AI-1, em 09 de abril de 1964. Partiu para o exílio em Paris, onde se bacharelou em Psicologia pela Sorbonne, em 1967, e fez o mestrado na Universidade de Sussex, na Inglaterra. Retornou ao Brasil em 1974, quando montou a empresa Pro-Service Editora, em sociedade com o ex-deputado federal José Aparecido de Oliveira, e tornou-se presidente do Instituto Mind Power, onde permaneceu até dezembro de 1992. Também foi filiado a Sociedade Brasileira de Estatística, a ABI e a ABP. In: ABREU, Alzira Alves et al. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930**. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. João Dória havia sido escolhido para compor a CPI, mas foi substituído por Odilon Coutinho, que por sua vez praticamente não compareceu às reuniões. A importância de Dória deve-se à autoria do requerimento para instalação da CPI e depois, como depoente, quando apresentou extenso documento indicando os motivos que o levaram a solicitar a investigação.

¹³⁹ Diário do Congresso Nacional – DCN, 30 de julho de 1963, p. 4899.

De acordo com a Resolução, o requerimento para a criação da CPI atendia aos seguintes fatos: proibição indicada no art. 160 da Constituição Federal¹⁴⁰, necessidade de se preservar a opinião pública contra “influências antinacionais vindas de fora”, e por que a questão envolvia a segurança nacional, pois implicava na desestabilização da ordem social. Segundo o requerente, estas empresas jornalísticas estrangeiras promoviam

“concorrência desleal e desigual às publicações nacionais, recebendo polpudas verbas de publicidade autorizadas no estrangeiro com fins políticos, e, portanto, podendo inverter grandes somas de dinheiro em forçar circulação para cobertura nacional de seus interesses muitas vezes contrários ao Brasil, sempre visando a manipular a opinião pública nacional”.

Segundo informou Saulo Guimarães, evidentemente a revista, uma das publicações denunciadas na CPI, tinha muitos críticos movidos por razões ideológicas. Existia o que ele chamou de *“um preconceito chamado ‘cultura de Seleções’, muito disseminado, para menosprezar”*. Para o colaborador, *“a revista exaltava muito os valores americanos, o ‘american way of life’*.

Estávamos naquela época na guerra fria, e a revista tinha uma posição nitidamente anticomunista, relatou Saulo: todos os artigos que ela publicou ao longo dos anos defendiam os princípios capitalistas e combatiam intransigentemente a União Soviética, que era símbolo do comunismo naquela época. E no Brasil, segundo seu relato, alguns deputados, principalmente os simpatizantes da União Soviética, aqueles que consideravam Stalin o “guia genial dos povos”, eram ferozes inimigos da revista, tachando-a de uma revista estrangeira, que defendia interesses americanos e procurando impugnar a existência da revista.

¹⁴⁰ Íntegra do artigo 160 da Constituição Federal de 18 de setembro de 1946: *“É vedada a propriedade de empresas jornalísticas, sejam políticas ou simplesmente noticiosas, assim como a de radiodifusão, a sociedades anônimas por ações ao portador e a estrangeiros. Nem essas, nem pessoas jurídicas, excetuadas os partidos políticos nacionais, poderão ser acionistas de sociedades anônimas proprietárias dessas empresas. A brasileiros (art. 129, n°s I e II) caberá, exclusivamente, a responsabilidade principal delas e a sua orientação intelectual e administrativa”*.

A Editora Ypiranga S.A. foi legalmente constituída, de acordo com as leis brasileiras, que eram muito rígidas, declarou Saulo: “*Era permitido formar uma sociedade com sete membros, desde que brasileiros. Procurou-se convidar pessoas que tinham prestígio, bem ‘conceituadas’, e tudo mais. Isso ajudava bastante*”.

Para o colaborador, a obrigatoriedade do caráter nacional era cumprida atendendo-se a legislação, mas um aspecto interessante sobre a sistemática de trabalho de Seleções foi a forma como eram remetidos à matriz nos Estados Unidos os lucros da atuação da sua sucursal no país. Saulo informou que a Editora Ypiranga pagava direitos autorais pela publicação dos artigos. Tendo em vista que até os anos 1960 todos os artigos publicados mundialmente eram provenientes do matriz norte-americana, pode-se imaginar o montante de dinheiro que migrava dos mais de cem países que publicavam a revista, onde eram vendidos mais de 21 milhões de exemplares, seguindo em direção aos Estados Unidos.

A composição inicial da sociedade é altamente indicativa do seu poder de penetração no mercado nacional: Carlos Reichenbach, dono da Companhia Lithographica Ypiranga, era seu diretor-presidente, e Fernando Chinaglia, dono da Distribuidora que leva o seu nome, seu diretor-vice-presidente. Dr. Lauriston Job Lane, Jr, que ocupou o cargo de Diretor-consultivo, era médico e, conforme o entrevistado, “*muito querido, um homem muito respeitado, principalmente na colônia norte-americana*”. Tito Leite e José de Mara Nogueira, Redator-chefe e Redator-secretário, respectivamente, já trabalhavam na revista desde seu início, em Nova York. Os outros redatores eram João Távora e o escritor J. J. Veiga.

De todos os membros da sociedade que compunha a Editora Ypiranga, Herbert Moses¹⁴¹ era uma pessoa bastante conhecida no meio, ocupando a

¹⁴¹ Herbert Moses (1884-1972) iniciou suas atividades na revista como Consultor, mas em seguida assumiu o cargo de Diretor-Presidente, a partir do final de 1956, ficando até 1971, quando a publicação começou a ser realizada em Portugal. Formado em Direito, Moses entrou para a Associação Brasileira de Imprensa – ABI em 1917, como redator da revista Souza Cruz, e foi presidente da organização entre maio de 1931 e abril de 1964, quando pediu renúncia do cargo. Ajudou Roberto Marinho a fundar O Globo, em 1925, e onde ocupou o cargo de Diretor-tesoureiro até sua morte. Também ocupou a presidência do Automóvel Clube do Brasil, da Sociedade Brasileira das Nações Unidas e da Cruz Vermelha, a direção do Jôquei Clube Brasileiro, do Instituto dos Advogados do Brasil. Também foi dirigente de inúmeras entidades culturais, inclusive o Instituto Brasil-Israel, no qual chegou à presidência, e é seu patrono. Foi diretor do Fluminense. Outros dados da vida de Herbert Moses, consultar: MOREL, Edmar. **A trincheira da liberdade: história da Associação Brasileira de**

presidência da ABI. Seleções, relatou Saulo, obviamente tinha interesse de ter uma pessoa ligada à imprensa para fazer parte da sua sociedade. O fato de Moses ter sido presidente daquela associação não havia nenhum impedimento para que ele fosse diretor de uma revista. Para o colaborador,

“o importante é que ele era do meio, como ele foi diretor também de O Globo. O Tito Leite tinha um bom relacionamento com o Alberto Dines, que era diretor do Jornal do Brasil. Eu tive um bom relacionamento comercial com O Estado de São Paulo, que tinha um diretor chamado José Maria Homem de Montes, um homem muito influente na área comercial. Com O Estado de São Paulo fizemos a troca de mailing lists para fazer campanhas de assinaturas. Colocamos um certo número de endereços à disposição deles, e nós mandamos o nosso material e eles fizeram a expedição”.

Com base na análise dos trabalhos da Comissão, podemos tirar algumas conclusões. A primeira é que, enquanto a Resolução foi oficialmente publicada no dia 30 de julho de 1963, a reunião de instalação da comissão só ocorreu no dia 16 de outubro, ou seja, os partidos levaram quase três meses para indicar e/ou substituir os nomes dos seus deputados. Esta morosidade é um indício significativo das tensões e disputas que ocorriam no Congresso Nacional durante o governo de João Goulart.

Conforme o requerimento, a CPI solicitava a presença de onze membros titulares. No final das diversas substituições, assim ficou oficialmente composta a CPI, em reunião realizada no dia 16 de outubro:

Presidente	Getúlio Moura	PSD – RJ
Vice-Presidente	Manso Cabral	PTB – BA
Relator	Padre Godinho	UDN – SP
Deputados (titulares)	João Calmon	PSD – ES
	Bias Fortes	PSD – MG
	Petrônio Fernal	PTB – PR

Secretária
Chefe das Comissões

Arnaldo Nogueira
Clodomir Millet
Haydée Barreto
Yolanda Mendes

UDN – Guanabara
PSP – MA

Organizada a Comissão, ocorreram apenas mais quatro reuniões: no dia 29 de outubro, com a presença de cinco deputados, no dia cinco de novembro, com seis deputados, no dia 14, com quatro, e no dia 21, com oito deputados, conforme quadro a seguir:

Participação dos membros titulares da CPI nas reuniões realizadas

Membros	Datas					Freq. (%)
	16/10	29/10	05/11	14/11	21/11	
Getúlio Moura	P	P	A	A	P	60
Manso Cabral	P	A	P	P	A	60
Padre Godinho	P	P	A	A	P	60
João Calmon	A	A	A	A	A	0
Bias Fortes	P	A	P	A	P	60
Petrônio Fernal	A	A	A	A	A	0
Arnaldo Nogueira	A	A	P	P	P	60
Clodomir Millet	A	P	A	A	A	20

Siglas: P = presente; A = ausente.

Observa-se, nestas cinco reuniões, uma alta rotatividade dos parlamentares que compunham a Comissão. Apenas Gil Veloso, da UDN/ES, e na condição de suplente, compareceu a todas as reuniões. Petrônio Fernal, titular, não compareceu a nenhuma, nem mesmo na reunião de instalação, como também João Calmon, membro titular da CPI, vice-presidente dos Diários Associados, braço direito e sucessor natural de Assis Chateaubriand, e, portanto, o representante da grande imprensa nacional. Qual a posição dos Diários Associados diante da atuação das empresas jornalísticas estrangeiras no país, naquele momento? A questão pode ser abordada numa outra perspectiva, a da união entre a grande imprensa nacional e os interesses nacionais e estrangeiros, contra os riscos que se encontrava o Brasil

durante o governo João Goulart. Por sua vez, Arnaldo Nogueira, outro representante da mídia, compareceu nas três últimas reuniões¹⁴².

A presença de João Dória, requerente e principal depoente da CPI, ocorreu apenas na reunião do dia 21 de novembro, depois de 36 dias da instalação da comissão e faltando apenas nove dias para o prazo final estipulado na Resolução¹⁴³. Segundo ata da reunião, para colher o depoimento de João Dória, intitulado “Roteiro dos Trabalhos para a Comissão de Inquérito destinada a apurar a burla ao artigo 160 da Constituição”¹⁴⁴, não se encontrava à disposição nem taquígrafo nem aparelho de gravação. Deste modo, ficou decidido apenas ouvir seu depoimento, ficando a discussão para a próxima reunião, que jamais ocorreu.

Dória iniciou seu extenso depoimento, certamente lido na forma de discurso, numa reunião que durou apenas uma hora e meia, indicando o objetivo maior daquela Comissão: investigar um novo tipo de abuso de poder econômico que era praticado no país. Abuso este que, juridicamente, não fora previsto na Constituição Federal de 1946, pois não coibia seu controle sobre a máquina administrativa, sua manipulação dos Três Poderes e seu domínio sobre a opinião pública, em todas as esferas (subornos eleitoral, governamental, legislativo, judiciário e publicitário). Segundo o deputado, estes elementos deformavam o próprio regime democrático:

“Espero em Deus que a sabedoria e o patriotismo dos seus integrantes cheguem, por este meio, à constatação de um dos poderosos mecanismos de que se utilizam grupos financeiros internacionais e anti-cristãos para exercitar no mundo moderno uma nova forma de colonialismo: aquela que domina as fontes de produção e os meios de exploração de riquezas com outras armas que não as da ocupação militar e dá aos povos colonizados a falta e por isso cruel impressão de senhores de seu destino”.

¹⁴² Para se ter uma idéia da quantidade de CPIs que ocorreram em 1963, obstruindo as atividades no Congresso, a maioria destes mesmos deputados participou de outros inquéritos. Getúlio Moura participou de três CPIs, duas como presidente e uma como membro. Manso Cabral também participou de três comissões, uma como vice-presidente e duas como membro, o mesmo Arnaldo Nogueira, uma como autor e duas como membro. Padre Godinho participou de quatro CPIs, uma como autor, uma como relator, e duas como membro. Bias Fortes participou de duas CPIs, uma como presidente e uma como membro. Tanto João Calmon quanto Petrônio Fernal participaram de apenas uma CPI, e ainda assim não compareceram a nenhuma reunião. Deste grupo, Clodomir Millet foi o que mais participou em CPIs naquele ano: seis, uma como relator e cinco como membro.

¹⁴³ No dia anterior, Getúlio Moura havia requerido ao Presidente da Câmara dos Deputados a concessão de mais 60 dias para a CPI, sendo concedida no dia 27 de novembro. Assim, o novo prazo se encerrava no dia 30 de janeiro de 1964.

¹⁴⁴ A íntegra do depoimento de João Dória foi publicada no DCN de 24 de junho de 1967, pp. 3723-3726.

Dória defendia a idéia da soberania nacional e da própria idéia de nacionalismo sem as influências estrangeiras, mais especificamente, do domínio imperialista norte-americano. Afirmou que os primeiros resultados da CPI sobre a atuação do IPES/IBAD, além de comprovar as ações subversivas destas organizações, financiadas pelos agentes do Poder Econômico e movidas contra o povo e o governo, mostravam a perniciosa disseminação de publicações estrangeiras no país. E que, sob a “capa da legalidade” constituíam-se numa desobediência à Constituição. Outro ponto para a abertura da CPI é que o país não poderia conviver com um mercado brasileiro da propaganda quase totalmente dominado pelo poder econômico estrangeiro, onde

“das 300 agências de publicidade em funcionamento no Brasil, oito apenas – e todas estrangeiras ou representantes de grupos estrangeiros – faturam nada menos de 35 bilhões de cruzeiros anuais de um total de 120 bilhões gastos em publicidade, dos quais 80 bilhões por intermédio de agências (...) E note-se: nesse volume não se consideram as chamadas verbas invisíveis de Relações Públicas, nem os famosos “lobbies”, de valor imprevisível e das quais se extraem costumeiramente os recursos para as campanhas políticas em que a propaganda muitas vezes se confunde com ‘corrupção’”¹⁴⁵.

No depoimento, Dória também sugeriu um roteiro de trabalho para “o bom andamento da comissão”. Em primeiro lugar, dever-se-ia ouvir o principal autor da denúncia, o jornalista Genival Rabelo; na seqüência, a convocação para comparecimento dos representantes legais de Seleções, Visão, Editora Abril, Editora Banas (MacGrow Hill), United Press e McCann-Erikson de Publicidade S.A.; e, numa última etapa, a convocação de representantes das agências de publicidade J. Walter Thompson, McCann-Erikson, Multi Propaganda, Norton Publicidade, Grant Advertising Co, Linthas Publicidade, Promo Publicidade e International Advertising Service, ou seja, as oito que detinham 45% da verba publicitário em todo o país.

Na mesma reunião, João Dória entregou ainda a Comissão, como provas das suas acusações, 32 cópias de reportagens da revista PN, publicadas entre dezembro de 1961 e outubro de 1963. Uma compilação de reportagens, na sua

¹⁴⁵ Diário do Congresso Nacional, 24 de junho de 1967, p. 3.724. Para Dória, uma das razões para tal abuso seria a falta de uma lei ordinária que legalizasse de forma mais abrangente esta questão. Portanto, ao menos neste depoimento, o deputado parecia desconhecer a existência da Lei de Imprensa n° 2.083, promulgada em 12 de novembro de 1953 e válida até 1967.

grande maioria de autoria de Genival Rabelo, e que apresentavam praticamente uma mesma temática: a denúncia do domínio das empresas jornalísticas estrangeiras e agências de propaganda no e sobre o mercado brasileiro. Os mesmos assuntos discutidos nestas reportagens foram sistematizados por Dória em seu depoimento. Também deixou um exemplar de *Seleções*, de outubro de 1963, um exemplar da revista *Visão*, de novembro de 1963, e um exemplar da revista *Quatro Rodas*, de setembro de 1963.

A CPI 33/63 não concluiu seus trabalhos¹⁴⁶, o que possibilita colocar em discussão se as questões articuladas pela mídia nacionalista e antiimperialista, em torno dos embates entre imprensa nacional e a estrangeira, efetivamente sensibilizaram as classes no poder. Neste sentido, torna-se necessário analisar o campo político brasileiro entre os anos 1961 e 1964, visto que só é possível compreender a gênese social de um campo através do conhecimento dos produtores e das obras por eles produzidas. Em outras palavras, num determinado espaço (ou campo) social, os agentes são definidos pelas suas posições relativas, ou seja, a posição de um agente num determinado campo é resultado das múltiplas posições (distribuição dos poderes – capital econômico, cultural ou simbólico) que ele ocupa, nos diferentes campos¹⁴⁷.

A tentativa de se utilizar o recurso parlamentar como instrumento para dar fim aos abusos de poder econômico na imprensa brasileira não teve êxito, pois a crise política estava aberta. Desde o plebiscito de janeiro daquele ano, os militares golpistas apoiavam-se nos acordos secretos com os Estados Unidos para evitar esta e as demais investigações em curso no Congresso, obstando o governo. Portanto, a não finalização dos trabalhos da CPI sobre as empresas jornalísticas estrangeiras foi consequência das tensões e dos vários interesses presentes no Congresso Nacional

¹⁴⁶ Em 12 de março de 1964, a Chefe das Comissões de Inquérito, Yolanda Mendes, emitiu um documento certificando que a CPI tivera seu prazo extinto. E em 24 de junho de 1967, passados mais de três anos, o *Diário do Congresso Nacional* publicou um Relatório, assinado também por Yolanda Mendes, onde descrevia todo o andamento dos trabalhos ocorridos na Comissão.

¹⁴⁷ BOURDIEU, *op. cit.*, pp. 69, 134.

nos anos pré-golpe militar, iniciados após a renúncia de Jânio Quadros, em agosto de 1961 e o impasse gerado no processo sucessório.

Aprovado o parlamentarismo como instrumento que possibilitou a posse do vice-presidente João Goulart, o primeiro embate entre o Poder Executivo e o Poder Legislativo ocorreu em junho de 1962, mais precisamente com a questão da substituição de Tancredo Neves, que havia renunciado ao cargo de Primeiro-Ministro. O presidente sugeriu o nome do Ministro do Exterior e membro do PTB Santiago Dantas, do PTB, o que gerou a obstrução do Congresso Nacional, principalmente pela recusa do PSD, cujos membros mais conservadores “assustavam-se, agora, com a tendência esquerdista de Jango, especialmente com relação à reforma agrária”. Para contornar o posicionamento da bancada do PSD, Goulart nomeou para o cargo o presidente do Senado, Moura Andrade, um dos líderes do partido, mas em 48 horas renunciou, diante da negativa do governo em aprovar os ministros por ele indicados. Esta falta de habilidade dos políticos em resolver a questão irritou o Exército, e as Forças Armadas entraram em prontidão, em virtude da greve geral declarada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias e que paralisou os transportes nas grandes cidades¹⁴⁸.

Outro ponto de crise entre o presidente e o Congresso foi a discussão em torno do adiantamento em dois anos do plebiscito para decidir sobre o retorno ao presidencialismo, sugerido pelo Primeiro-Ministro Brochado da Rocha, a ser realizado em dezembro de 1962. A UDN acusou que a concessão de plenos poderes a Jango, comprometido com os comunistas, fazia parte de um plano golpista. O PTB, liderado por Brizola, ameaçou invadir o Congresso com intervenção armada caso a lei não fosse aprovada. Mas havia um amplo apoio tanto no centro quanto na esquerda para o retorno ao presidencialismo, pois concordavam que o Brasil necessitava de um Executivo forte. Por exemplo, o PSD tinha claro objetivo de ter Juscelino concorrendo à presidência outra vez em 1965. Após o apoio dado pelos militares, o plebiscito foi finalmente aprovado pelo Congresso, em setembro de 1962,

¹⁴⁸ SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975, pp. 267-268.

ou seja, antes das eleições parlamentares de outubro, e marcado para seis de janeiro de 1963¹⁴⁹.

Também contribuiu para a modificação das relações entre o Legislativo e o Executivo a nova composição do Congresso Nacional resultante do pleito de outubro de 1962, quando a metade das cadeiras da Câmara Federal foi ocupada por deputados eleitos por meio das alianças entre partidos: dos 409 novos membros apenas 216 se candidataram em uma única legenda; os demais 193 foram eleitos através de coligações,

*“alianças estas que se fizeram com propósitos eleitorais e sem nenhuma implicação de consciência partidária, ou multipartidária, na atividade legislativa que se seguiria às eleições”*¹⁵⁰.

O PTB aumentou sua representação na Câmara, passando de 66 para 104, mas tal fato não resultou em melhoria da posição de João Goulart, que se encontrava preso entre duas alas do seu próprio partido: de um lado, Brizola, que exigia medidas mais radicais, de outro, a “esquerda positiva” representada por San Tiago Dantas. Depois de 1962, a UDN também encontrava-se dividida entre sua ala moderada, liderada pelo governador mineiro Magalhães Pinto e pelo senador Afonso Arinos – e sua ala intransigente, liderada pelo governador do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda e pelo deputado Bilac Pinto, cujo interesse político nacional era radicalizar a opinião pública contra o governo, “não unindo forças para acelerar o desenvolvimento econômico ou realizar a reforma social”. O PSD mostrava-se passivo em face desta radicalização de opiniões, pois desfrutando de sua participação no governo, parecia apenas aguardar o final do mandato de João Goulart para ver Juscelino novamente no poder. Portanto, sem uma opinião de centro, o presidente herdou uma estrutura partidária que prometia pouco êxito para

¹⁴⁹ *Idem, ibidem*, pp. 269-271.

¹⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 280.

seu programa; e diante de um sistema partidário dividido e radicalizado, era impossível que qualquer ação nacional fosse organizada em linhas partidárias¹⁵¹.

Em março de 1963, Jango apresentou ao Congresso um projeto de lei de reforma agrária, que exigiria uma emenda ao Artigo 141 da Constituição, e portanto seriam necessários dois terços dos votos da casa para sua aprovação. Rapidamente formou-se na Câmara – composta em grande parte por representantes dos proprietários de terras – uma oposição ao projeto de lei, atacado pela ultraconservadora Ação Democrática parlamentar – ADP, aliança de deputados da ala direita da UDN e do PSD, fortemente influenciada por seus partidários predominantemente agrários. A UDN também se opôs ao projeto, e o PTB encontrava-se dividido. A atmosfera era tensa e um projeto dessa natureza provavelmente não seria aprovado, o que se deu em maio de 1963, quando uma Comissão da Câmara rejeitou o projeto por sete votos contra quatro. O governo havia colocado a aprovação dessa reforma como parte essencial de seu acordo de ajuda com os Estados Unidos, e desta forma a obstrução dos deputados tornou tais reformas mais difíceis de serem concretizadas¹⁵².

Forçado por seus ministros militares, preocupados com o crescimento da onda grevista e dos distúrbios políticos de uma forma geral, João Goulart enviou no dia 4 de outubro mensagem ao Congresso solicitando o estado de sítio por 30 dias. A reação foi imediata: os parlamentares viram, na medida, um objetivo de poderes de exceção que o Executivo exerceria através das Forças Armadas. Diante da posição negativa, três dias depois o presidente retirou a proposta. A situação ficou mais tensa, e a posição do presidente se enfraqueceu, pois aumentava-se a suspeita de que tentaria soluções antidemocráticas para resolver o impasse político¹⁵³.

No fim de 1963 e início de 1964, o conflito político se acirrou ainda mais, com uma atmosfera de denúncias de golpes e contragolpes; mas os políticos em geral, mesmo os que não apoiavam o presidente, ainda contavam com a continuidade do

¹⁵¹ *Idem, ibidem*, pp. 283-285.

¹⁵² *Idem, ibidem*, pp. 300-302.

¹⁵³ *Idem, ibidem*, pp. 318-321.

processo político através das urnas. Mas com o comício de 13 de março de 1964, no Rio de Janeiro, quando foram aprovados os dois decretos (nacionalização de todas as refinarias de petróleo particulares e a criação da Superintendência de Política Agrária – SUPRA), João Goulart buscava o apoio das massas urbanas, levando “para além do recinto do Congresso e para as ruas a sua luta pelas reformas”¹⁵⁴.

Segundo Afonso Arinos, deputado federal pela UDN da Guanabara, sobre os acontecimentos políticos do final de 1963:

“o que se viu foi a supressão da democracia representativa, e a emergência de um processo caótico de decisões e ações de um poder instável. O mecanismo se instalou com a dissolução interna dos partidos, instrumentos básicos da democracia, e o aparecimento de grupos que se aliavam por cima das legendas e que começavam a atuar fora do Parlamento, em estreita ligação com outros grupos, estes sem representação eleitoral e existência legal, mas com irresistível poder de pressão sobre um governo ambicioso, irresoluto e incapaz (...) A toleima, a insciência, a audácia e a irresponsabilidade davam-se as mãos em duas filas paralelas, à esquerda e à direita, enquanto o país atravessava uma tremenda crise de governo que não era senão de autoridade responsável e de nível intelectual”¹⁵⁵.

No campo político, a crise dos anos 1961-64 residiu na radicalização intensa das posições dos partidos políticos de esquerda e de direita acerca das discussões sobre os assuntos econômicos e políticos, tanto nas relações internas como nas externas. Um fato político que exemplifica o enfraquecimento do Poder Executivo foi a imposição, pelas forças políticas e militares conservadoras e antipopulistas, do regime parlamentarista para que a posse de Goulart pudesse ser legitimada. Para acentuar ainda mais a crise do período, o Poder Legislativo, composto na maioria por representantes da sociedade agrária, acabou se divorciando do Poder Executivo, constituindo-se na essência da crise político-econômica do período, que acabou exigindo, como resolução, a condenação da democracia representativa. Com o

¹⁵⁴ *Idem, ibidem*, pp. 331, 360-361.

¹⁵⁵ MELO FRANCO, Afonso Arinos de. A Câmara dos Deputados: síntese histórica. Brb, Câmara dos Deputados, 1976, p. 113-114.

rompimento da aliança PSD-PTB extinguiu-se a única esperança do governo de obter apoio do legislativo para as reformas¹⁵⁶.

Para Ianni, João Goulart nunca obteve o apoio político necessário para colocar em prática seu combate aos problemas econômicos mais graves e urgentes. A discussão pela reforma agrária mobilizou as forças políticas tradicionais, maioria no Congresso, contra o governo, e o divórcio entre o Poder Executivo, que se encontrava mais ligado à sociedade industrial e financeira, e o Poder Legislativo, que estava mais comprometido com a sociedade agrária, aprofundou

“a contradição que abalava a existência da ‘democracia representativa’ e dificultava a execução de uma política econômica governamental capaz de resolver problemas e controlar desigualdades”¹⁵⁷.

Divorciado do Poder Legislativo, ao buscar apoio nas massas urbanas para pôr em prática sua política, João Goulart contribuiu para a criação de um “estado de ilegalidade”, visto que ultrapassava “os limites convencionados na Constituição, marginalizando os partidos políticos e opondo-se ao Congresso”. O problema principal não era apenas uma crise da “democracia representativa”, nem um problema de reformas de base, mas principalmente a necessidade de reestruturação do poder político, a fim de aplicar a política governamental¹⁵⁸.

Segundo Werneck Sodré, o golpe militar “tragou” tanto a CPI sobre o complexo IPES/IBAD quanto a que procurou investigar as empresas jornalísticas estrangeiras. Todos os parlamentares que tiveram qualquer participação em ambas as comissões perderam os mandatos com o golpe de 1964, enquanto que os parlamentares eleitos pelo IBAD “ganham merecido destaque, tornaram-se árbitros da situação, feitos ministros, porta-vozes da ditadura, líderes no Congresso”¹⁵⁹.

As trajetórias políticas dos membros da CPI sobre a atuação das empresas jornalísticas estrangeiras no país após o golpe de 1964 esclarecem seus

¹⁵⁶ IANNI, Octávio. **Estado e planejamento econômico no Brasil (1930-1970)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, pp. 194-196.

¹⁵⁷ *Idem, ibidem*, pp. 214-215.

¹⁵⁸ *Idem, ibidem*, p. 219.

¹⁵⁹ SODRÉ, *op. cit.*, p. 435.

posicionamentos durante o regime militar. Apenas João Dória, requerente da investigação e seu principal depoente, teve seu mandato político cassado logo após o golpe. Os demais se alinharam, alguns ao menos num primeiro momento, em apoio ao novo regime. Getúlio Moura foi nomeado Ministro Extraordinário para Assuntos do Gabinete Civil da Presidência da República. Com o AI-5, filiou-se ao MDB, assumindo sua vice-liderança em março de 1966, e eleito deputado federal no pleito de novembro, mas teve seu mandato e direitos políticos cassados, em fevereiro de 1969¹⁶⁰.

Depois do golpe, João Calmon, do PSD do Espírito Santo, se filiou à ARENA. Em abril de 1966, teve seu nome indicado para ser candidato à vice-presidência de Artur da Costa e Silva, mas acabou sendo substituído por Pedro Aleixo. Foi reeleito deputado federal pelo Espírito Santo em novembro de 1966, e eleito senador nas eleições de novembro de 1970. Foi o orador oficial do Senado na sessão comemorativa dos dez anos do golpe militar. Em setembro de 1978, foi eleito senador biônico. Com a extinção do bipartidarismo, em 29 de novembro de 1979, filiou-se ao Partido Democrático Social – PDS. Em 1984, deixou o PDS para apoiar Tancredo Neves, filiando-se ao PMDB, partido pelo qual foi reeleito senador nas eleições de novembro de 1986. Reeito em mais duas legislaturas, deixou o Senado em janeiro de 1995, mas continuou a atuar na casa, na condição de assessor¹⁶¹.

Manso Cabral filiou-se à ARENA após o AI-2, sendo reeleito para o mandato 1967-1971. Com o AI-2, Bias Fortes, do PSD de Minas Gerais, foi um dos fundadores da ARENA, que agregou também Clodomir Millet, elegendo-se senador pelo Maranhão em novembro de 1966. Arnaldo Nogueira também foi para a ARENA após o AI-2, e obteve a suplência no pleito de novembro de 1966, voltando à Câmara entre junho de 1967 a julho de 1970. Padre Godinho também se filiou à ARENA após a instalação do bipartidarismo, mas logo migrou para o MDB, legenda pela qual foi reeleito deputado federal por São Paulo no pleito de novembro de 1966. Amigo de Carlos Lacerda, ingressou na Frente Ampla, e teve seu mandato e direitos políticos cassados com base no AI-5. O mineiro Petrônio Fernal foi o único membro da CPI que se filiou ao MDB

¹⁶⁰ ABREU, *op. cit.*, pp. 3945-3946.

¹⁶¹ *Idem, ibidem*, pp. 942-944.

após o AI-2 e a instalação do bipartidarismo, mas nunca mais conseguiu se eleger para o Congresso¹⁶².

¹⁶² *Idem, ibidem*, pp. 903, 2291-2294, 2549-2550, 3807, 4092, 2128.

Capítulo II

2. O Leitor Brasileiro de Seleções

2.1. Um país em transformação

A industrialização ocorrida nos anos 1950 trouxe a modernização para o Brasil. Modernização dos homens – maior concentração urbana: em 1950, 35% dos brasileiros viviam nas cidades; em 1960 esse índice saltara para 45%, correspondendo a 38,5 milhões de pessoas, de um total aproximado de 85,5 milhões; modernização dos seus pensamentos e hábitos, do modo de vida, das cidades, da arquitetura, das artes, da técnica, da ciência¹⁶³.

“Durante os anos 1950, o modo de vida dos moradores dos grandes centros urbanos mudou, adaptando-se a um ritmo cada vez mais acelerado. Para a classe média, o carro, fiador da liberdade de ir e vir e símbolo do progresso, passou a ser visto como indispensável para vencer as distâncias das cidades que se agigantavam. As senhoras que antes iam ao centro fazer compras – das quais fazia parte uma pausa para o repousante chá da tarde em elegantes salões, como o do Mappin, em São Paulo – foram substituindo este hábito pelo do ‘pulinho’ rápido ao comércio do bairro, que cada vez mais se diversificava e ampliava, oferecendo facilidade de estacionamento (...) Gradativamente as senhoras trocam o ‘papinho’ matinal com o dono do armazém ou da quitanda pela impessoalidade, eficiência e rapidez oferecidas pelos supermercados que, em São Paulo, começaram a ser instalados em 1953. Entre as camadas altas e médias da população urbana assiste-se a uma padronização do consumo provocada pela expansão da propaganda, instrumento básico para a ampliação do comércio e da produção, Fios sintéticos, alimentos enlatados, eletrodomésticos e utensílios saltavam das coloridas páginas das revistas semanais criando novos hábitos e despertando necessidades”¹⁶⁴.

¹⁶³ RODRIGUES, *op. cit.*, p. 31.

¹⁶⁴ *Idem, ibidem*, pp. 34-35.

No período 1951-1954, o governo brasileiro ampliou as condições políticas do desenvolvimento. Em 1951 foi anunciado o Plano Nacional de Reaparelhamento Econômico – “Plano Horácio Lafer”, ministro da Fazenda de Vargas, que contemplava investimentos em indústrias de base, transporte, energia, frigoríficos e modernização da agricultura. Em 1952, o Congresso Nacional autorizou a criação do Fundo de Reaparelhamento Econômico, a ser administrado pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico – BNDE, criado no mesmo ano. A Comissão Mista Brasil-Estados Unidos elaborava projetos, num montante de mais de 300 milhões de dólares. Entre 1947 e 1953, o governo adotou um sistema de controle do câmbio, que estabelecia prioridades para as importações através de listas de espera por categorias, estimulando com isso a importação de artigos essenciais (remédios, inseticidas e fertilizantes, combustíveis, máquinas, entre outros) e desencorajando a importação de bens de consumo. Entre 1952 e 1953, foram criados o Banco do Nordeste do Brasil, a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, a Petróleo Brasileiro S.A. – Petrobrás. Ainda em 1953, realizou-se uma reforma cambial, com o objetivo de ampliar a capacidade exportadora e garantir prioridades para a importação de bens essenciais, que vigorou até 1957. Em 1954, foi implantado o Plano Nacional de Eletrificação e as Centrais Elétricas Brasileiras S.A. (Eletrobrás)¹⁶⁵.

O governo Juscelino Kubitschek caracterizou-se pela reorientação do desenvolvimento econômico. Não resta dúvida do alto índice de desenvolvimento econômico durante seu governo, embora as condições políticas para o exercício do poder fossem altamente negativas. Portanto, os anos 1956-1960 foram atípicos na estabilidade política do Brasil (só obtida, como já foi visto na introdução deste trabalho, pela conciliação entre a elite e as massas). Mas se Getúlio Vargas tinha objetivos nacionalistas de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek apelou para a participação do capital estrangeiro para obter os bons resultados do Plano de Metas. O investimento estrangeiro, aliás, Já havia sido estimulado pela Instrução 113 da Sumoc, editada ainda em 1955, durante o governo Café Filho, que permitia aos investidores importar bens de produção sem cobertura cambial.

¹⁶⁵ IANNI, Octavio. **Estado e planejamento econômico no Brasil (1930-1970)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, pp. 116-122.

“Em 1958 estavam registradas como brasileiras, com participação direta de capitais estrangeiros, 1.353 firmas, das quais 552 eram associadas ao capital norte-americano.”¹⁶⁶

Com o Plano de Metas desenvolveu-se um novo estágio no processo da internacionalização da economia brasileira, no qual a estrutura industrial tornou-se amplamente integrada à estrutura econômica mundial, por intermédio das empresas multinacionais. Consequentemente, as decisões sobre a política de produção, comercialização, novos investimentos etc., passaram a ser tomadas no exterior ou em parceria com as empresas filiais. Em vista deste fato, desenvolveu-se ainda mais o modo capitalista de produção no Brasil como subsistema do sistema capitalista mundial, o que provocou fortes reflexos na divisão social do trabalho e na diferenciação social interna da nossa sociedade¹⁶⁷.

Lançada no Brasil em 1942, *Seleções* se beneficiou do surto desenvolvimentista dos anos 1950, que favoreceu a modernização do mercado nacional da imprensa. Em curto espaço de tempo ela já atingia a grande maioria das unidades da federação, graças à sólida estrutura da distribuidora de propriedade de Fernando Chinaglia – que, aliás, ocupou o cargo de diretor-vice-presidente na primeira formação da Editora Ypiranga S. A.

Colaborando com a pesquisa, Saulo Guimarães informou que nos anos 1950 a circulação da revista era nacional, mas encontrava-se concentrada em São Paulo, que chegou a ter 40% da distribuição no Brasil, e no Rio de Janeiro, com cerca de 20%. Considerando-se que no período de maior circulação *Seleções* atingia no país 460 mil exemplares (destes, 70% vendidos a assinantes), em São Paulo eram vendidos 184 mil e no Rio de Janeiro, 92 mil exemplares¹⁶⁸. Esta concentração era

¹⁶⁶ RODRIGUES, *op. cit.*, pp. 65-66.

¹⁶⁷ IANNI, *op. cit.*, pp. 168-169.

¹⁶⁸ Rio de Janeiro e São Paulo eram as duas maiores cidades do país. Em 1950, possuíam, respectivamente, 2,3 milhões (dos quais 60 mil funcionários públicos), e 2,2 milhões de habitantes (quase a metade composta de migrantes, mineiros e nordestinos). In: RODRIGUES, *op. cit.*, p. 32.

natural, segundo o relato, pois os índices de alfabetização eram maiores no Sul e menores no Norte e Nordeste¹⁶⁹, e o interior do Estado de São Paulo tinha muitos assinantes. O leitor da revista era majoritariamente oriundo da classe média, com ênfase na média alta, e se encontrava principalmente na faixa de idade entre 19 e 29 anos, além de pouco público mais idoso.

A própria revista veiculava em suas páginas, como estratégia de vendas, o perfil do seu leitor. Por exemplo, a edição n° 154 de Seleções, que circulou em novembro de 1954¹⁷⁰, trazia uma pesquisa do Instituto de Pesquisas de Opinião e Mercado, realizada em outubro de 1953, com os seguintes resultados:

82% dos leitores estavam nas classes A e B¹⁷¹,
74% freqüentaram ou o colégio ou a universidade,
53% possuíam casa própria,
35%, automóvel,
17%, aparelho de televisão (no eixo Rio-São Paulo)

Segundo Skidmore, no início da década de 1950, a classe média brasileira não era muito grande – aproximadamente 10% da população, algo em torno de cinco milhões de pessoas. Composta de burocratas, profissionais liberais e executivos industriais e comerciais, concentrava-se nos grandes centros urbanos do centro-sul. De suas fileiras saía a maior parte dos administradores indispensáveis ao desenvolvimento econômico. Politicamente, a classe média urbana compreendia dois grupos principais: os que se identificavam com os valores sociais e econômicos das classes dos plantadores e do grupo comercial de exportação e importação que há um século dominava a política brasileira, e os que viam a industrialização e a “modernidade” como indispensáveis para o futuro do país¹⁷².

¹⁶⁹ Segundo Juarez Bahia, “*Os jornais e revistas estão sujeitos a leis clássicas de mercado. Para vender mais, devem voltar-se para consumidores que estejam aptos a consumi-los, isto é, que saibam ler e possuam poder aquisitivo. Se são espasmódicas as taxas de alfabetização e de renda, seus efeitos atingem primeiramente os veículos impressos. Onde há maior consumo de leitura, como nos principais centros urbanos, a situação dos veículos impressos é melhor*”. In: Bahia, *op. cit.*, p. 396.

¹⁷⁰ Estes dados se repetiram, sem alterações, nas publicações de março de 1956 e de novembro de 1957.

¹⁷¹ A terminologia adotada nestas pesquisas de opinião confere a definição das classes sociais com base na riqueza – A = rica, B = média, C = pobre e D = miserável –, e não segundo a teoria de classes marxista.

¹⁷² SKIDMORE, *op. cit.*, pp. 112-113.

Para Octavio Ianni, nos anos 1951–1954, a industrialização, a expansão do setor terciário, o crescimento dos núcleos urbanos e as migrações do campo para as cidades médias e grandes acentuaram ainda mais a amplitude e a profundidade das transformações sociais, econômicas, políticas e culturais pelas quais passava a sociedade brasileira. No período 1946-1954, a classe média, social e culturalmente heterogênea, era favorável às soluções de tipo nacionalista e ao intervencionismo desenvolvimentista do Estado; mas, temerosa da proletarização, era influenciável pelas campanhas antigetulista e antipopulistas¹⁷³.

2.2. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Como base inicial de análise, usei a historiografia brasileira apresentada, as informações de Saulo Guimarães sobre a concentração da venda das revistas entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, e o perfil do leitor de Seleções que a revista divulgava em seus exemplares. Mas considerei ainda necessário articular esses dados com outros aspectos que caracterizavam a vida nacional. Por exemplo, o crescimento brasileiro nas décadas de 1950 e 1960 pode ser analisado por meio de dados produzidos e publicados pelo IBGE, mais especificamente sobre quatro categorias, relacionadas com a pesquisa: população – índices demográficos, condições de moradia e saneamento básico etc. –, educação – dados sobre ensino ginásial, colegial e superior –, difusão bibliográfica – publicação de livros e folhetos – e radiodifusão, que aproveitava o rádio, veículo de comunicação mais popular no período (além da imprensa periódica, cujos dados foram analisados no capítulo anterior).

2.2.1. População

¹⁷³ IANNI, *op. cit.*, pp. 132-134.

O Censo de 1950 registrou uma população nacional de 51.944.397 habitantes. Mais de 60% encontrava-se em seis Estados:

Estado	Habitantes	% aproximada
São Paulo	9.134. 423	17
Minas Gerais	7.717.792	15
Bahia	4.834.575	9
Rio de Janeiro e Guanabara	4.674.645	9
Rio Grande do Sul	4.164.821	8
Pernambuco	3.395.185	6

Em 1960, a população nacional cresceu cerca de 37%, contando com 70.967.185 pessoas. Ficaram mantidos praticamente os mesmos Estados mais populosos: São Paulo – 18 %, Minas Gerais – 14 %, Rio de Janeiro e Guanabara – 9 %, Bahia – 8 %, Rio Grande do Sul – 8 % e Pernambuco – 6 %. Enquanto em 1950 a população urbana era cerca de 36% e a rural, 64%, estes valores, na década seguinte, foram 45% e 55%, respectivamente. A zona rural ainda predominava, mas com um crescimento expressivo da população urbana: cerca de 9%¹⁷⁴.

Em 1950, existiam 25.885.001 homens (49,8%) e 26.059.396 mulheres (50,2%). A distribuição da população por faixas de idade estava assim estabelecida:

0 a 9 anos	15.386.407 (30%)
10 a 19 anos	11.810.882 (23%)
20 a 59 anos	22.425.135 (43%)
Mais de 60 anos	2.321.073 (4%)

A população nacional era na sua maioria branca: 32.027.661 (62%), seguida dos pardos e negros: 19.479.399 (38%). O número de casados era maior que o de solteiros: 32.742.606 (65%) e 11.777.572 (23%), respectivamente. A grande maioria da população era composta de católicos romanos, com 48.558.854 fiéis (93%). E quase a sua totalidade era de brasileiros natos: 50.727.113 (98%)¹⁷⁵.

¹⁷⁴ Serviço Nacional de Recenseamento. Anuário Estatístico do Brasil 1962. RJ: IBGE, v. 23, 1962.

¹⁷⁵ Serviço Nacional de Recenseamento. Anuário Estatístico do Brasil 1954. RJ: IBGE, v. 15, 1954.

Em 1960, dos 70.119.071 de habitantes, 35.010.717 eram homens (49,9%) e 35.108.354 mulheres (50,1%), mantendo-se praticamente a mesma proporção de dez anos antes, bem como na distribuição da população por faixas de idade¹⁷⁶:

0 a 9 anos	21.357.604 (30%)
10 a 19 anos	15.716.320 (22%)
20 a 59 anos	29.620.820 (42%)
Mais de 60 anos	3.424.327 (6%)

O número de solteiros, porcentualmente, teve um leve declínio: do total de habitantes, 13.678.125 eram solteiros (20%), enquanto que 46.450.334, casados (66%).

Os dados do IBGE mostram que, nos anos 1950 e 1960, a população economicamente ativa (consideradas pessoas acima de 10 anos) encontrava-se dividida, segundo os principais ramos de atividades, conforme tabela a seguir¹⁷⁷:

	1950	%	1960	%
Condições inativas	19.440.628	53,2	26.110.204	53,5
Agricultura, pecuária e avicultura	9.886.934	27,0	11.697.798	24,0
Prestação de serviços	1.672.802	4,6	2.732.148	5,6
Indústria de transformação	1.608.309	4,4	2.069.962	4,2
Comércio	958.509	2,6	1.530.046	3,1
Outras atividades	1.226.103	3,4	2.184.054	4,5
Total	36.557.990	100,0	48.761.467	100,0

Em 1950, da população economicamente ativa, 59,9 % encontravam-se no setor primário, 13,7% no secundário, e 21,0% no setor terciário. Em 1960, estes mesmo valores foram: 54,0%, 12,9% e 26,4%, respectivamente¹⁷⁸.

Segundo divulgado em *Seleções*, 53% de seus leitores possuíam casa própria. Em 1950, o Brasil contava com 10.046.199 domicílios particulares ocupados, cerca de 37% nas zonas urbana e suburbana e 63% na zona rural. Mais

¹⁷⁶ Serviço Nacional de Recenseamento. Anuário Estatístico do Brasil 1965. RJ: IBGE, v. 26, 1965.

¹⁷⁷ *Idem*.

¹⁷⁸ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Anuário Estatístico do Brasil, 1979. RJ: IBGE, v. 40, 1979.

da metade deles era própria (52%), enquanto que 23% eram alugados. Apenas 15% possuíam água encanada, 24%, iluminação elétrica e 33%, instalação sanitária.

Não há dúvida de que o Brasil urbanizou-se nesse período: em 1960, o total de domicílios particulares ocupados subiu para 13.415.412, 49% nas zonas urbana e suburbana, o restante na zona rural (51%, uma redução expressiva em relação a 1950). Cerca de 57% eram próprios, e 22% alugados. Cerca de 21% possuíam água encanada, cerca de 39% iluminação elétrica e mais da metade (51%), instalação sanitária¹⁷⁹.

2.2.2. Educação

Quando *Seleções* indicava que o seu leitor encontrava-se nas classes A e B, ou seja, rica e média, isto significava que, em virtude do nível de riqueza que possuíam, tinham mais acesso a educação e aos bens materiais e culturais, entre eles o acesso à leitura. *Seleções* indicava que 74% de seus leitores possuíam o nível colegial ou superior.

Os maiores valores numéricos referentes à educação no Brasil entre os anos 1954 e 1964, nos níveis ginasial e colegial, estavam concentrados em quatro unidades da federação, conforme quadro abaixo¹⁸⁰:

	1954		1964	
	Ginasial	Colegial	Ginasial	Colegial
São Paulo	140.284	21.116	413.154	127.358
Rio de Janeiro e DF	83.617	19.189	240.094	46.537
Minas Gerais	57.491	7.958	180.456	51.797
Rio Grande do Sul	39.026	5.897	132.362	41.133
BRASIL	459.489	76.286	1.453.671	439.040

¹⁷⁹ Instituto Brasileiro de Estatística. Serviço Nacional de Recenseamento.

¹⁸⁰ Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Anuário estatístico do Brasil, 1954. RJ: IBGE, v.13, 1954; Anuário estatístico do Brasil, 1966. RJ: IBGE, v. 27, 1966.

Entretanto, mesmo com este crescimento positivo, a educação brasileira era restrita a uma pequena parcela da população, majoritariamente situada na zona urbana. Em 1950 o total de pessoas que sabia ler e escrever era apenas 14.916.779, correspondendo a 34% da população acima dos 5 anos de idade, enquanto o número de analfabetos era de 15.272.632 (29% do total da população). Em 1960, dos 58.871.151 brasileiros acima dos cinco anos de idade, 31.565.718 sabiam ler e escrever (54%) – valor bem melhor que o registrado dez anos antes¹⁸¹.

Por sua vez, o número de alunos matriculados no ensino superior, distribuído nos cursos mais concorridos, estava assim definido¹⁸²:

	Alunos matriculados			
	1954	%	1964	%
Direito	17.124	26	30.888	23
Administração e Economia	4.389	07	16.008	12
Engenharia	7.876	12	19.925	15
Ciências Humanas	6.270	10	30.441	22
Medicina	9.764	15	14.213	10
Odontologia	4.446	07	5.690	04
BRASIL	64.645		136.744	

[2.2.3. Difusão Bibliográfica

Os resultados da difusão bibliográfica no Brasil dependiam, é claro, do nível de alfabetização. Alguns resultados referentes à edição de livros e folhetos no Brasil, nos anos 1950 e 1960, estão arrolados na tabela a seguir¹⁸³:

Ano	Livros/folhetos editados	Total de tiragem	Média tiragem/livro
1953	3.971	39.980.000	10.067
1956	4.650	41.517.000	8.928
1959	5.337	56.235.000	10.537
1962	4.469	85.987.000	19.240

¹⁸¹ Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Anuário estatístico do Brasil, 1954. RJ: IBGE, v. 15, 1954; Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Anuário estatístico do Brasil, 1965. RJ: IBGE, v. 26, 1965.

¹⁸² Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Anuário estatístico do Brasil, 1954. RJ: IBGE, v. 15, 1954; Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Anuário estatístico do Brasil, 1966. RJ: IBGE, v. 27, 1966.

¹⁸³ Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Anuário estatístico do Brasil, 1966. RJ: IBGE, v. 27, 1966.

1964

4.972

69.088.000

13.895

Observa-se que o número de tiragens de livros e folhetos editados entre 1953 e 1964 quase dobrou. A média anual de tiragens naqueles anos ficava em torno de 12.500 exemplares, valor este que certamente correspondia ao limite máximo do mercado consumidor de obras impressas.

Em 1953, das 3.971 obras publicadas, 986 eram didáticas, 1.040 literárias e 1.945 agrupadas como “Outras” (as duas últimas com cerca de 8 mil tiragens por título). Neste ano, o estado que mais editava livros e folhetos era São Paulo (1.798 títulos), seguido do Rio de Janeiro mais Distrito Federal (1.636), Minas gerais (180) e Bahia (137)¹⁸⁴.

Em 1964, das 4.972 obras, 876 estavam classificadas como “generalidades”, 481 como religião e teologia, 318 como direito, administração etc., 662 como ensino e educação, e 174 manuais escolares. São Paulo ainda liderava a lista do estado que mais editava livros e folhetos (2.108 títulos), seguido do Rio de Janeiro mais o estado da Guanabara (1.780), Rio Grande do Sul (300) e Minas Gerais (177)¹⁸⁵.

2.2.4. Radiodifusão

Seguindo de perto a euforia desenvolvimentista a partir dos anos 1950, a radiodifusão, concorrente direta da imprensa pelas receitas publicitárias, também cresceu de forma expressiva no período, como mostram os dados do IBGE. Entre 1955 e 1964, o número de estações de rádio saltou de 527 (em mãos de 471 empresas, que empregavam 13.509 pessoas) para 944 (em mãos de 740 empresas, que empregavam 19.744 pessoas)¹⁸⁶.

¹⁸⁴ Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Anuário estatístico do Brasil, 1954. RJ: IBGE, v. 13, 1954.

¹⁸⁵ Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Anuário estatístico do Brasil, 1966. RJ: IBGE, v. 27, 1966.

¹⁸⁶ Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Anuário estatístico do Brasil, 1966. RJ: IBGE, v. 27, 1966.

Em 1955, a liderança neste setor estava de novo em São Paulo, que possuía 144 empresas de radiodifusão. Minas Gerais ocupava a segunda posição, com 82 empresas. Em seguida, o Rio Grande do Sul, com 63 empresas. Interessante observar que naquele momento, o Rio de Janeiro mais o Distrito Federal ocupavam apenas a quinta posição, com 36 empresas, perdendo inclusive para o estado do Paraná, que possuía 40 empresas. Enquanto na imprensa, o maior número de publicações encontrava-se no Rio de Janeiro, a força da sua radiodifusão era reduzida¹⁸⁷.

Naquele ano, das 470 empresas, 14 haviam sido inauguradas entre 1923 e 1930, 52 entre 1931 e 1940, e a maior parte, na verdade quase a metade, 225, entre 1941 e 1950.

Ainda eram poucas as empresas que possuíam mais de uma estação de rádio (apenas 13%). Cerca de 60% das estações regularmente estabelecidas mantinham uma média diária de irradiação entre 10 e 18 horas¹⁸⁸.

Em 1964, das 740 empresas de radiodifusão, 593 encontravam-se nos municípios do interior. Juntas, estas empresas possuíam um patrimônio, composto por equipamentos, imóveis e instalações, no valor de cerca de 21,5 bilhões de cruzeiros. Entre os 19.744 trabalhadores deste setor, a grande maioria era composta por homens (17.158), e 135 eram estrangeiros¹⁸⁹. Em 1965, das 14.531 horas de emissão diária (média de cerca de 15 horas diárias por estação), quase a metade era dedicada a música (7.175 horas); ao jornal falado, cerca de 800 horas, e ao esporte, 763 horas¹⁹⁰.

2.3. Os dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - Ibope

¹⁸⁷ Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Anuário estatístico do Brasil, 1957. RJ: IBGE, v. 18, 1957.

¹⁸⁸ Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Anuário estatístico do Brasil, 1957. RJ: IBGE, v. 18, 1957.

¹⁸⁹ Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Anuário estatístico do Brasil, 1966. RJ: IBGE, v. 27, 1966.

¹⁹⁰ Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Anuário estatístico do Brasil, 1967. RJ: IBGE, v. 28, 1967.

Outra fonte de dados utilizada na pesquisa sobre o público leitor brasileiro foram os resultados de pesquisas de opinião produzidos e publicados pelo Ibope, catalogadas como *Pesquisas Especiais* e reunidas no Arquivo Edgard Leuenroth, da Unicamp. Considerei dessa fonte apenas os resultados relacionados aos embates entre *Seleções* e *O Cruzeiro* na disputa pelo mercado leitor e publicitário, consideradas, mesmo com periodicidades diferentes, as principais publicações da área, naqueles anos.

O Ibope, fundado em 1942 por Auricélio Penteado, no mesmo ano em que *Seleções* passou a circular no país, foi o primeiro instituto de pesquisa de opinião pública, cerca de 50 anos após seus congêneres norte-americanos. Penteado era proprietário da Rádio Kosmos de São Paulo, quando realizou uma pesquisa de opinião por meio de técnicas de George Gallup, nos Estados Unidos, para dimensionar o percentual de ouvintes de sua emissora. O resultado da pesquisa o fez desistir de sua rádio, a menos ouvida, para ingressar no ramo das pesquisas de opinião. Em 1950, os sócios Paulo Tarso Montenegro, José Perigault, Guilherme Torres e Hailton Santos passaram a comandar o instituto, que mais tarde seria controlado pela família Montenegro, que o dirige até hoje¹⁹¹.

Empresas como o Ibope têm como objetivo a aferição de tendências, a obtenção de “*dados sobre reações, comportamentos, expectativas de pessoas ou grupos, inclinações eleitorais, aceitação ou não de um produto, audiência de programas de rádio e televisão, perfil do leitor, repercussões de determinadas posições, impacto de medias políticas, administrativas etc.*”. A pesquisa de opinião afere um conjunto de fatos no instante preciso em que acontece. Portanto, busca expressar o que seria a “*verdade momentânea*” e, assim passível de sofrer alterações em novas pesquisas. “*Seus resultados oferecem aos interessados um conhecimento que lhes possibilita intervir, se necessário, na opinião pública, de forma a melhor informá-la, esclarecê-la ou satisfazê-la, evitando efeitos negativos ou*

¹⁹¹ BUSETTO, Áureo. “Pela legitimidade de prever: Ibope, imprensa e lideranças políticas nas eleições paulistas de 1953 e 1954”. In: CPDOC/FGV, *Estudos Históricos, Mídia*, n.31, 2003/1.

diferentes daqueles desejados”¹⁹². Deste modo, um resultado de pesquisa de opinião não representa fielmente a realidade, mas não deixa de ser realista.

Saulo Guimarães também informou que *Seleções* dava uma enorme importância aos estudos de audiência, boa parte feita pelo Ibope e pelos Estudos Marplan, um instituto especializado em audiência, pois o perfil do leitor era um poderoso elemento na venda de anúncios. Segundo me informou, os Estudos Marplan indicavam as porcentagens de possuidores de um ou mais automóveis, de eletrodomésticos, de casa própria, enfim, aquilo que caracterizava a renda das pessoas, isto é, o seu poder aquisitivo; estes estudos mostravam o leitor da revista, em termos gerais, acima da média dos leitores das outras revistas, inclusive de *O Cruzeiro*.

Outros estudos eram realizados, como por exemplo, para determinar quantos leitores liam apenas uma revista, quantos leitores de *O Cruzeiro* liam *Seleções* e vice-versa, ou descobrir até que ponto sua mensagem não estaria sendo superposta a outra, e vice-versa. Fizeram também estudos sobre a fidelidade dos leitores, os “leitores leais”, a assiduidade com que os leitores liam a revista, como os anúncios eram lidos, testes de *recall* – recordação de anúncios, ou seja, dentre as marcas anunciadas, quais o leitor lembrava. Mas, conforme o entrevistado, o objetivo destas pesquisas era apenas um: seus resultados eram transformados em peças promocionais, de venda de anúncios, que eram enviadas aos executivos de contas de agências e aos diretores da área de mídia. A política era suprir o anunciante de muitos dados, para ele saber a quem estava chegando suas mensagens, que tipo de consumidor, que tipo de comprador potencial.

Outro aspecto relacionado à penetração das revistas, ou outro meio impresso, era a diferença entre circulação e audiência. Saulo explica que a primeira significa o número de exemplares vendidos, enquanto que audiência, ou o índice de leitores, é

¹⁹² BAHIA, *op. cit.*, pp. 428-429.

o número dos que liam esses exemplares. O índice de leitores, o “tráfego” de leitores por exemplar, na revista, era muito grande, porque *Seleções* era lida pela família toda. A pesquisa é de fundamental importância: ao aferir a opinião do leitor, está avaliando a opinião pública. A própria revista também produzia pesquisas com seus leitores, por meio do “Painel dos Assinantes”, onde eram enviadas enquetes periódicas, pelo correio, para saber que artigos eles preferiam mais, quais os autores, o que achavam de determinado tema ou assunto.

No acervo do Arquivo Edgar Leuenroth foram localizadas, entre os anos 1950 e 1958, duas pesquisas de opinião solicitadas por *Seleções*, uma solicitada pelos Diários Associados, além de pesquisas de penetração doméstica realizadas mensalmente pelo Ibope, e que tiveram como objetivo verificar a presença de jornais e revistas no material de leitura do público brasileiro. A seguir a lista dos volumes pesquisados:

Volume	Ano	Item	Assunto
9	1950	19	“Popularidade – <i>Seleções do Reader’s</i> ”
10	1951	17 a 19	“Circulação – <i>Seleções</i> ” e “Opinião – <i>O Cruzeiro</i> ”
14	1954/v.1	6	“Consumidores Leitores Revistas”
15	1954/v.2	6 a 15	“Penetração Doméstica” e “Consumo”
19	1955/v.2	21	“Penetração Doméstica”
21	1956/v.2	1	“Penetração Doméstica”
23	1957/v.2	2	“Penetração Doméstica”

Em junho de 1950, a Editora Ypiranga solicitou pesquisa ao Ibope sobre a popularidade de revistas e magazines, levada a efeito em São Paulo e no Rio de Janeiro, num total de 1.200 pessoas (600 em cada cidade). Divididos igualmente nas

classes A (rica), B (média) e C (pobre), e entre os sexos masculino e feminino. Uma amostragem representativa de 800.000 habitantes¹⁹³.

Dentre os resultados obtidos, a pesquisa mostrou que os cariocas liam mais revistas (84,2%) do que os paulistas (70,0%). E entre as dez revistas mais lidas, no Rio de Janeiro, estava *O Cruzeiro*, que ocupava o primeiro lugar (73,0%), e *Seleções* o segundo (42,5%); este resultado se repetia em São Paulo: *O Cruzeiro* com 61,0% (um valor bem menor do que na capital do país), e *Seleções* com 41,5%, mostrando assim uma regularidade de leitores nas duas cidades.

Entretanto, perguntados se tivessem que “*escolher a leitura de apenas uma revista*”, no Rio de Janeiro, *O Cruzeiro* foi escolhido por 50,5% dos entrevistados, enquanto que *Seleções* teve 28,7% dos votos. O mesmo resultado foi verificado em São Paulo: *O Cruzeiro* com 33,4% e *Seleções* com 28,7%.

Questionados sobre a revista “*mais interessante*”, *O Cruzeiro* manteve a liderança no Rio de Janeiro, com 35,2% dos votos, seguido por *Seleções* (21,1%). Mas o resultado se invertia na cidade de São Paulo: *Seleções* com 30,0% e *O Cruzeiro* com 22,2%. Por sua vez, no quesito “*revista mais útil*”, *Seleções* ocupava a primeira posição, nas duas cidades: 32,1% no Rio e 34,0% em São Paulo, seguida de *O Cruzeiro*, com 29,3% e 15,4%, respectivamente.

Perguntados sobre “*qual revista lhes inspirava mais confiança*”, *Seleções* ficava na frente: 31,3% no Rio de Janeiro e 30,7% em São Paulo, enquanto que *O Cruzeiro* respondia por 28,3% e 22,4%, respectivamente. Esta pesquisa também mostrou uma importante vantagem de *Seleções* no público leitor das duas cidades, quando a questão era saber “*quantas vezes, em média, os entrevistados manuseavam o exemplar das duas revistas*”, indicando assim o caráter permanente das informações na publicação norte-americana: por exemplo, no Rio de Janeiro, 5,2% dos entrevistados liam 10 vezes *Seleções*, enquanto que *O Cruzeiro* recebia 2,2% das opiniões. Este resultado se manteve em São Paulo: 11,7% para *Seleções*

¹⁹³ IBOPE, *Pesquisas Especiais*, v. 9 (1950).

e 6,1% para *O Cruzeiro*. Por sua vez, o tempo médio máximo gasto para ler o exemplar de *O Cruzeiro* no eixo Rio-São Paulo era de 8 horas (2,7% dos entrevistados), enquanto que *Seleções* era lida em 12 horas (2,3%). A pesquisa ainda mostrou que 1,4% dos entrevistados chegavam a ler *Seleções* em 30 horas.

Entre os meses de novembro e dezembro de 1950, os *Diários Associados* solicitaram nova pesquisa de opinião ao Ibope, também com leitores do eixo Rio-São Paulo, num total de 1.200 entrevistados, divididos igualmente entre as duas cidades¹⁹⁴. No Rio de Janeiro, os resultados mostravam que a revista mais lida era novamente *O Cruzeiro* – 58,9% –, contra 25,5% obtidos por *Seleções*. Além disso, a pesquisa também destacava a superposição dos leitores, ou seja, 22,1% liam ambas as revistas. Os resultados obtidos em São Paulo foram bastante próximos: leitores de *O Cruzeiro*, 53,3%, leitores de *Seleções*, 28,0%, e superposição, 22,1%.

Em 1951, a Editora Ypiranga solicitou nova pesquisa ao Instituto¹⁹⁵, também no eixo Rio-São Paulo, com 2177 pessoas, assim distribuídas:

	Rio de Janeiro			São Paulo		
	H	M	TOTAL	H	M	TOTAL
classe A	32	37	69	21	37	58
classe B	167	273	440	101	203	304
classe C	271	452	723	130	240	370
classe D	54	79	133	30	50	80

Esta pesquisa confirmou *O Cruzeiro* como a revista mais lida, tanto pelos cariocas (70,6%) como pelos paulistas (51,9%). *Seleções* ocupava a segunda posição: 41,0% no Rio de Janeiro e 28,9% em São Paulo. Mas, questionados se tivessem que restringir a leitura de revistas a uma só, a preferência dos entrevistados se dividia de maneira mais equilibrada entre as duas publicações: no Rio de Janeiro, 26,2% optaram por *O Cruzeiro* e 17,8% por *Seleções*, e em São Paulo, 18,6% e 14,0%, respectivamente.

¹⁹⁴ IBOPE, *Pesquisas Especiais*, v. 9 (1950).

¹⁹⁵ IBOPE, *Pesquisas Especiais*, v. 10 (1951).

Importante destacar nesta pesquisa encomendada por *Seleções* a busca de dados sobre o perfil do leitor da revista. Mais da metade dos entrevistados era constituída por casados (61,6% no Rio de Janeiro e 55,7% em São Paulo). A formação educacional estava assim distribuída: no Rio de Janeiro, 20,2% tinham o grau primário, 60,2%, o secundário, e 19,6%, nível superior; estes números, para São Paulo, eram de 31,8%, 46,4% e 20,8%, respectivamente.

No Rio de Janeiro, 30,9% dos entrevistados possuíam casa própria; este número era maior em São Paulo, com 50,0%. Cerca de metade dos entrevistados do Rio de Janeiro e de São Paulo respondeu possuir telefone residencial (49,5% e 43,0%, respectivamente). Era grande a presença de máquina de costura (85,5% no Rio e 81,0% em São Paulo), e de fogão a gás (88,0% e 70,9%, respectivamente).

Praticamente todos possuíam energia elétrica, em ambas as cidades (99,0%), e o rádio era presença certa nestas residências (100,0% no Rio e 95,4% em São Paulo). Porém, ainda era pequeno o número de máquinas de lavar roupas (7,6% no Rio de Janeiro e 13,6% em São Paulo); e a presença de refrigerador era maior no Rio de Janeiro (52,5%) do que em São Paulo (38,2%). A presença de carro, item de luxo naquele período, ainda era baixa: 13,2% dos cariocas e 26,4% dos paulistas o possuíam.

O Ibope também realizou mensalmente entre os anos de 1954 a 1957, pesquisas mensais de Penetração Doméstica de Revistas e Jornais, num total de 35 meses. O Instituto não divulgou o número de pessoas entrevistadas e nem as regiões geográficas envolvidas¹⁹⁶. Deste extenso relatório, a tabela abaixo indica os resultados médios anuais da superposição dos leitores de *Seleções* e de *O Cruzeiro*:

Percentual de leitores de <i>Seleções</i> entrevistados que liam <i>O Cruzeiro</i>		Percentual de leitores de <i>O Cruzeiro</i> entrevistados que liam <i>Seleções</i> :	
Ano	%	Ano	%
1954	79,9	1954	22,8
1955	65,9	1955	17,8
1956	78,5	1956	15,8

¹⁹⁶ IBOPE, *Pesquisas Especiais*, v. 15 (1950/v.2), v.19 (1955/v.2), v. 21 (1956/v.2) e v.23 (1957/v.2).

1957	76,2	1957	12,4
------	------	------	------

2.4. A História Oral e os leitores de *Seleções*

É apenas no ato da leitura, ou seja, na interpretação produzida pelo leitor, que os processos de significação de um texto se materializam, e cujo resultado final, por sua vez, depende da posição do receptor da mensagem, pois ele se encontra social e historicamente situado. Como demonstrou Lefebvre, toda linguagem nasce socialmente¹⁹⁷.

Segundo o crítico literário Terry Eagleton, apoiando-se nas idéias do crítico americano Stanley Fish,

“a leitura não é a descoberta do que significa o texto, mas um processo de sentir aquilo que ele nos faz (...) o que o texto nos ‘faz’ é na verdade, uma questão daquilo que fazemos ao texto, uma questão de interpretação (...) Tudo no texto – sua gramática, seus significados, suas unidades formais – é produto da interpretação, e de modo algum constitui algo dotado de uma realidade factual. Isso suscita uma indagação intrigante, qual seja, saber o que Fish acredita estar interpretando quando lê. Sua resposta a essa questão, de uma sinceridade comovente, é que não sabe – mas ele também acha que ninguém sabe”¹⁹⁸.

A eficácia da palavra depende tanto do enunciador como da situação de enunciação, mas também do “efeito potencial” que ela pode gerar, como demonstra

¹⁹⁷ LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia. Contribución a la teoría de las representaciones**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1983, p. 47.

¹⁹⁸ EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 91. O objeto de análise de Eagleton é a obra literária; contudo, a definição dada por ele sobre a questão da interpretação na teoria da recepção pode ser

Steinberger. É por isso que muitas vezes a eficácia de um texto não depende da sua compreensão, mas apenas do seu reconhecimento¹⁹⁹.

Com base nessas proposições, o objetivo deste capítulo é abordar a questão da efetividade das mensagens veiculadas por *Seleções* entre seu público leitor. A possibilidade de responder a essa questão está certamente condicionada ao conhecimento da opinião de uma parcela significativa do leitor brasileiro daquele veículo. Passados mais de cinquenta anos, esta tarefa torna-se árdua, pois a possibilidade de organizar uma amostragem representativa é cada vez mais incerta; no máximo seria possível resgatar as opiniões de um número reduzido de pessoas, representativas se tomadas como valores absolutos, mas que não podem determinar uma resposta definitiva, representativa de todo o caso em estudo.

Partindo dessa premissa, foram produzidos seis relatos, usando-se a metodologia da história oral, conforme veremos mais adiante, com moradores de Barretos, cidade tradicional da região norte do Estado de São Paulo, distante 420 quilômetros da capital e cerca de 60 quilômetros da divisa com o sudeste de Minas Gerais (Triângulo Mineiro).

O núcleo formador de Barretos foi estabelecido em 1854, quando duas famílias de fazendeiros da região doaram terras para a construção da capela do Divino Espírito Santo e a formação de um povoado ao seu redor: família Barreto, que se desfez de 62 alqueires de sua Fazenda Fortaleza, e família Marques, com outros 20 alqueires da Fazenda Monte Alegre²⁰⁰. O arraial logo formado foi elevado a Freguesia do Espírito Santo do Alto Paraná, em 1874, sob a jurisdição de

estendida a um texto jornalístico. A teoria literária marxista procurava demonstrar o sentido da literatura como retrato da realidade social, ao contrário dos formalistas.

¹⁹⁹ STEINBERGER, *op. cit.*, p. 181.

²⁰⁰ As primeiras famílias instaladas, em decorrência do movimento migratório mineiro iniciado na primeira metade do século XVIII, eram compostas por roceiros pobres que se ocupavam na produção de gêneros de primeira necessidade para os viajantes. Contudo, esta primeira leva de mineiros à região não foi consequência da decadência da mineração, mas ao crescimento agrário que ocorria no próprio estado de São Paulo. In: ARAÚJO, Célia Regina Aiélo. **Perfil dos operários do Frigorífico Anglo de Barretos – 1927 / 1935**. Campinas, IFCH – Unicamp, Dissertação de Mestrado, 2003, p.20.

Jaboticabal, e a Comarca, em 1891. Em 1895 chegava o primeiro grupo de imigrantes italianos, que fundaram a sociedade *Unione e Fratellanza*. Em 1897, a comarca foi elevada à cidade de Barretos, no mesmo ano em que se criou a Loja Maçônica Fraternidade Paulista²⁰¹.

Mas, segundo Luiz Agostinho da Silva Brandão, um dos leitores de *Seleções* entrevistados, com o fortalecimento da pecuária, a partir das primeiras décadas do século XX, pessoas de várias partes do Brasil afluíram para Barretos. Foram também imigrantes portugueses, italianos, espanhóis, e principalmente sírios e libaneses, chamados na cidade como “turcos”, pois se constituíram no maior contingente de imigrantes que a cidade recebeu. Vale também destacar o grande número de lituanos que foram especificamente para trabalhar no Frigorífico Anglo.

Em 1900 surgia o primeiro jornal da cidade, “*O Sertanejo*” – a cidade sempre contou com muitos periódicos, sempre de curta a média duração: entre 1900 e 1920 foram criados 17 jornais, e mais 26 nos vinte anos seguintes. Naquele mesmo ano, Barretos elegia seu primeiro deputado estadual, Coronel Silvestre de Lima. Os primeiros vereadores foram eleitos em 1901, e em 1903 ocorreu a primeira eleição para prefeito (até então a cidade fora governada pelo Intendente Coronel Raphael Brandão)²⁰².

Em 1909 chegava a Barretos a extensão da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, com o claro objetivo de servir às necessidades da nascente indústria frigorífica. Em 1913 foi inaugurado o Matadouro Frigorífico, pela Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais, de propriedade de Antonio Prado²⁰³.

Em 1931 foi criada em Barretos a poderosa *União dos Fazendeiros e Invernistas do Oeste do Estado de São Paulo*, que agregava os grandes fazendeiros pecuaristas. Em 1932, quando Barretos contava 32 mil habitantes, foram alistados em Barretos 352 voluntários para tomar parte na Revolução. As tropas barretenses foram posicionadas nas trincheiras do Porto do Taboado, no Rio Grande, para defender a fronteira com

²⁰¹ NÉTTO, Daniel Bampa. **Família Bampa: de Verona a Barretos**. Barretos, SP: Daniel Bampa Nétto, 2001, pp. 268-269.

²⁰² NÉTTO, *op. cit.*, pp. 271-272.

²⁰³ *Idem, ibidem*, pp. 274-275.

Minas Gerais. Em 1933 foi a vez dos trabalhadores se unirem e criarem o *Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação de Barretos*²⁰⁴.

Segundo anuários estatísticos do IBGE, entre 1940 e 1950, a população de Barretos cresceu cerca de 48%, passando de 39.870 para 50.249 habitantes. Dez anos depois, atingia a marca de 59.204 moradores²⁰⁵.

Em 1947, o prefeito Mário Vieira Marcondes, do PSP, teve a idéia de organizar uma festa do peão. Segundo Luiz Brandão, ele foi muito feliz quando pensou em homenagear o “peão de boiadeiro”, porque já nessa época na cidade de Barretos o peão era visto como a parte rude de uma camada social inferior. Nas suas palavras, “*peão é peão, peão é para montar no cavalo e tomar conta do boi, e quem mandava mesmo era o dono da boiada*”. Assim, o prefeito, apoiado pelo Frigorífico Anglo, com seus quase três mil operários e pela imprensa local, levou o projeto adiante, declarou Brandão; e como tinha uma forte relação de amizade com Leonor Mendes de Barros, esposa do então governador Adhemar de Barros, ela abraçou a idéia, e o Estado também deu o apoio. A renda da festa foi revertida para o Sanatorinho de Assistência à Criança Tuberculosa, em Campos do Jordão. Dessa forma, a figura rude do peão de boiadeiro, o elo menos valorizado na cadeia formada pela pecuária nacional, foi exatamente o elemento do qual inteligentemente se apropriaram os promotores da festa, como o valoroso herói do nosso sertão. Barretos também tinha seu “*herói anônimo de nossa grandeza econômica*”: o peão de boiadeiro.

Em 1955 foram fundados a *Associação Rural do Vale do Rio Grande* e o clube “Os Independentes”, promotor da atual Festa do Peão de Boiadeiro, cuja primeira edição ocorreu no ano seguinte. Em 1958, Barretos era declarada a maior produtora de arroz do estado. As primeiras imagens da TV Tupi começaram a ser captadas em 1962. Em 1964 surgia a primeira faculdade da cidade, e três anos depois o Hospital do Câncer – Fundação Pio XII, referência no Brasil na atualidade. Em 1973 era criada,

²⁰⁴ *Idem, ibidem, op. cit.*, pp. 279-280.

²⁰⁵ Serviço Nacional de Recenseamento. Anuário Estatístico do Brasil, 1954. RJ: IBGE, v. 15, 1954; Anuário Estatístico do Brasil, 1962. RJ: IBGE, v. 23, 1962.

pelo Vaticano, a Diocese de Barretos, e em 1984, após 61 anos do início das suas atividades, o Frigorífico Anglo atingia a marca dos dez milhões de bois abatidos²⁰⁶.

Segundo Ruy Menezes, um dos mais prestigiados memorialistas de Barretos, o desenvolvimento da cidade foi resultado de três fortes impulsos. O primeiro ocorreu em agosto de 1870, quando os poucos habitantes da freguesia, que viviam em meio às agruras de um calor insuportável e uma densa mata virgem, presenciaram uma fortíssima geada de dias seguidos, seguida de um incêndio que devastou toda a vegetação da região. E com as chuvas, originaram-se imensas pastagens naturais que estimularam a formação de pastagens e posteriormente o surgimento de grandes fazendas de criação de gado²⁰⁷.

O segundo impulso ocorreu com a Primeira Guerra Mundial, quando o matadouro da Companhia Frigorífica e Pastoril passou a exportar de modo maciço carne e subprodutos enlatados para os exércitos em luta na Europa. O impulso proporcionado com o abate de carnes em Barretos estimulou o início de um forte movimento migratório para a cidade, que perdurou inclusive nas décadas seguintes²⁰⁸.

O terceiro impulso foi motivado pela Guerra da Abissínia (1935-1941), período em que o Brasil, contrariando os demais países ocidentais, manteve comércio regular com os italianos. Barretos então passou a exportar toneladas de carne, principalmente para os exércitos em luta; processo este que se manteve forte durante toda a Segunda Guerra Mundial. Consequentemente, Barretos passou por um forte crescimento populacional e urbano. Entretanto, na década de 1950, em decorrência da série crise econômica mundial no mercado da carne, a economia da cidade sofreu substancial modificação, com a entrada da lavoura e a redução da atividade pecuária à criação de gado de raça. E o fluxo de dinheiro surgido com a

²⁰⁶ NÉTTO, *op. cit.*, pp. 285-288, 291.

²⁰⁷ MENEZES, Ruy. **Espiral**. Barretos, São Paulo: Academia Barretense de Cultura; Academia de Letras Municipais do Brasil, 1985, p. 53.

²⁰⁸ *Idem, ibidem*, pp. 127-128.

compra e venda de gado propiciou a abertura de novos estabelecimentos comerciais, característica fundamental na economia da cidade até os dias de hoje²⁰⁹.

Luiz Brandão, 88 anos vividos em Barretos, também opinou sobre o desenvolvimento da cidade. Para ele, a fundação da Loja Maçônica Fraternidade Paulista foi um marco, pois surgia em Barretos um movimento associativo, social e beneficente muito poderoso naquele período. Outro impulso foi a criação da Associação Comercial, por intermédio dos esforços do imigrante português Gastão de Castro Leite e dos descendentes italianos Luiz Bernardi e João Baroni. A difusão da Igreja Católica, presente desde a fundação de Barretos e que chegou ao bispado, também foi um elemento constante no desenvolvimento social e cultural de Barretos. Mas a base econômica principal de Barretos foi, de fato, o Frigorífico Anglo.

Essa abrangência sobre todos os estágios produtivos da pecuária modificou *“a tradicional estrutura pecuarista local e regional, bem como o espaço geográfico”*, e levou à formação, *“distante de uma realidade urbano-industrial”*, de uma peculiar categoria de trabalhadores. Diversamente de quase todo o restante do Estado, que se desenvolveu sob a economia cafeeira, em Barretos a pecuária tornou-se a principal atividade econômica. Atividade favorecida por alguns fatores: exigia-se pouca mão-de-obra, não era negativa a distância com o litoral e não havia necessidade de altos investimentos em redes de transportes, pois durante muito tempo o rebanho transportou a si próprio²¹⁰.

No início do século XX, a pecuária barretense já enriquecia o comércio de gado, proporcionando circulação de riquezas e forte desenvolvimento local. Barretos passava a ser vista em todo o país como localidade próspera, com empregos e oportunidades em abundância. Constituiu-se na cidade o forte grupo dos invernistas (fazendeiros que mantêm pasto protegido para a engorda do gado comprado magro nos meses de seca). Enquanto os grandes criadores dominavam as áreas do Sul de Goiás, Pantanal do Mato Grosso, Norte e Nordeste de Minas Gerais, os invernistas

²⁰⁹ *Idem, ibidem*, pp. 257-259.

²¹⁰ Aiélo, *op. cit.*, pp. 14, 21.

ocupavam o Oeste paulista e as regiões mineiras de Montes Claros, Teófilo Otoni e Governador Valadares. Em Barretos, era possível encontrar tanto o invernista como o criador²¹¹.

O primeiro frigorífico do Brasil foi fundado em Barretos. Foi a Companhia Frigorífica Pastoril, ligada à Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais, cujos diretores eram Antonio Prado, Conde Prates e Alexandre Siciliano. A poderosa família Prado era detentora de grandes fazendas de café no Estado de São Paulo, com terras que iam de Limeira e Araras até Ribeirão Preto, era acionista do Banco do Brasil e proprietária do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo. Possuía uma “*enorme capacidade de autofinanciamento*”, e o investimento em indústria frigorífica constituía-se numa diversificação das atividades da família²¹².

Em 1913, o frigorífico iniciava operações, e entre 1914 e 1918 já exportara para a Inglaterra cerca de 170 mil toneladas de carne congelada. A Companhia comprava gado criado em São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso, engordava o rebanho nas pastagens da empresa, abatia os animais no frigorífico e transportava a carne e subprodutos nos vagões da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Antonio Prado presidiu o frigorífico até 1919, quando o mercado de carne passou por intensa crise que se seguiu aos ótimos resultados obtidos durante a Primeira Guerra Mundial. A empresa foi transferida para a Companhia Mecânica e Importadora de São Paulo, sob a presidência de Alexandre Siciliano. Mas a crise persistia²¹³.

Naquele momento, empresas norte-americanas e inglesas entram no mercado de frigorífico brasileiro e passam a controlá-lo. A capacidade de produção nacional passava para os grandes *trusts* americanos – Armour & Co, Swift & Co e Wilson & Co – e ingleses – Frigorífico Anglo. Em 1923, o frigorífico de Barretos é comprado pela *Brazilian Meat Company*, de capital britânico e americano, e instalado na cidade de Mendes, no Rio de Janeiro. Em 1924, a empresa passou a se chamar S.A. Frigorífico Anglo, com capital totalmente inglês. Foi apenas uma

²¹¹ *Idem, ibidem*, p. 23.

²¹² *Idem, ibidem*, pp. 27-29.

²¹³ *Idem, ibidem*, pp. 30-31.

questão de tempo para que a primeira indústria de carnes com investimentos nacionais fosse encampada pelo capital estrangeiro²¹⁴.

A tabela a seguir dá uma idéia do potencial do frigorífico, depois que passou a ser controlado pelos ingleses, mostrando que o ritmo produtivo não sofreu com a crise de 1929²¹⁵:

Período	bovinos abatidos	Média anual aproximada
1923 – 1927	287.127	57.000
1928 – 1932	657.831	131.000
1933 – 1937	983.220	196.000

Segundo Célia Aiélo, a pecuária de Barretos, dominada praticamente desde o início pelos ingleses, sobrepujou até a atividade industrial, com muitas fazendas na região e participando do mercado de refinamento de raça. Até hoje, mesmo depois de ter vendido o frigorífico a brasileiros (Friboi), os ingleses ainda mantêm a posse das terras na região.

O domínio inglês sobre a economia de Barretos gerou um movimento operário igualmente forte. No período da legalidade, a grande sede do Partido Comunista, localizada no centro da cidade, com a presença freqüente de trabalhadores do Frigorífico Anglo, dava idéia da força dos comunistas na cidade. Em 1948, o DEOPS catalogou oito células comunistas: Célula Siqueira Campos, Célula Benedito Martins (ferroviários), Célula Tiradentes (Vila Baroni), Célula Olga Benário Prestes, Célula 25 de Março (Vila Melo), Célula Frigorífico, Célula Leocádia Prestes (Bairro Fortaleza) e Célula Frei Caneca (Bairro Fortaleza)²¹⁶.

O espanhol Eduardo Dias, militante comunista das regiões da Mooca e Ipiranga, na capital paulistana, viveu entre 1946 e 1951 no interior do Estado de São Paulo, mais precisamente em Bebedouro, Olímpia e Barretos, como quadro político do Partido Comunista. Em seu livro de memórias, mostra suas diversas lutas na região, em especial a

²¹⁴ *Idem, ibidem*, pp. 33, 37.

²¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 46.

²¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 104.

participação na greve dos ferroviários federais da Estrada de Ferro São Paulo-Goiás, ocorrida em Bebedouro e em Olímpia, na greve dos camponeses das fazendas da região de Barretos e Altair, de posse também dos ingleses, e na organização da greve no Frigorífico Anglo²¹⁷.

Entretanto, mesmo com os comunistas atuando no movimento operário e rural da região, na política local, seguindo uma tendência estadual, entre 1948 e 1959, ou seja, durante três legislaturas seguidas na Câmara e duas na Prefeitura, o domínio político esteve nas mãos do Partido Social Progressista – PSP. Entretanto, a União Democrática Nacional – UDN, liderada pelos grandes pecuaristas, sempre fez forte pressão e chegou mesmo a dominar o executivo e o legislativo municipais nas duas últimas legislaturas antes do Ato Institucional N° 2 (27/10/1965, que estabelecia o bipartidarismo)²¹⁸.

Adhemar de Barros tinha fortes vínculos políticos com Barretos²¹⁹. Visitara a cidade por diversas vezes, e a idéia da realização da primeira festa do peão, em 1947, como já vimos aqui, foi encampada por ele e por sua esposa, Leonor, tendo sido a renda da primeira edição revertida a uma associação beneficente dirigida pela primeira-dama do estado. A força do PSP em Barretos pode ser confirmada nos resultados eleitorais, como mostra a tabela a seguir:

²¹⁷ DIAS, Eduardo. **Um imigrante a revolução: memórias de militante operário. 1934–1951**. SP: Brasiliense, 1983, p. 65 e ss.

²¹⁸ Dados oficiais obtidos junto a Câmara Municipal e ao Tribunal Regional Eleitoral de Barretos.

²¹⁹ Adhemar de Barros era filho de ricos fazendeiros da região de Piracicaba. Formou-se em Medicina no Rio de Janeiro e fez residência médica na Europa. Em setembro de 1926, conheceu Leonor Mendes no navio de volta ao Brasil, com quem se casou em 1927. Clinicou até 1932, quando se alistou na Revolução Constitucionalista como médico, mas saiu dela como capitão. Talvez sua formação como médico tenha influenciado seus programas sociais, base de seu projeto político assistencialista, concentrados nas áreas da saúde e educação, criados e/ou executados durante seus mandatos (foi interventor federal no estado de São Paulo em 1938, foi governador do estado em duas legislaturas, 1947 e 1962, e prefeito da capital paulista em 1957 – também disputou duas eleições presidenciais, em 1955 e 1960, ficando em terceiro lugar em ambas; também foi eleito deputado estadual em 1935, pelo PRP). Fundou em 1946 o Partido Social Progressista – PSP (União do Partido Republicano Progressista – PRP, do Partido Popular Sindicalista – PPS e do Partido Agrário Nacional – PAN), um partido forte mas que teve uma base eleitoral muito concentrada regionalmente, como ocorreu em São Paulo. É sobre Adhemar a famosa frase “Rouba, mas faz”. Enquanto em 1947 Adhemar foi eleito com a ajuda do Partido Comunista, na campanha de 1962, baseada nas questões sociais (melhoria das condições de saúde e educação) e no conservadorismo (preservação das instituições democráticas e das tradições cristãs, e a defesa da propriedade privada, em oposição ao comunismo e o sindicalismo de esquerda), ele o combatia. In: COUTO, Ari M. Macedo. “*Adhemar de Barros – ações e práticas políticas*”. **Anais Eletrônicos do XXII Semana de História – “O golpe de 1964 e os dilemas do Brasil contemporâneo”**. Unesp/Assis, 19 a 22 de outubro de 2004.

Composição da Câmara Municipal e da Prefeitura de Barretos

Legislatura	Câmara Municipal	Prefeitura
1948-1951	PSP/PTB – 13, PSD/UDN – 8, PRP – 1, PTN -1	PSD/UDN
1952-1955	PSP – 8, UDN – 5, PTB – 3, PDC – 1	PSP
1956-1959	PSP – 9, UDN – 5, PSB – 2, PRP -1	PSP

Entretanto, a correlação de forças se modificou nas duas legislaturas seguintes: entre 1960 e 1963, a Câmara passou a ser dominada pela UDN, com sete vereadores (seguida do PSP, com cinco, do PSB/PSD, com quatro e do PR com um membro), enquanto que, de forma surpreendente, o PSB, coligado com PSD, elegia o prefeito; entre 1964 e 1967/68 a UDN, coligada com o Movimento Trabalhista Renovador – MTR, saiu vitoriosa tanto na Prefeitura como na Câmara Municipal, com dez vereadores, contra sete cadeiras pertencentes ao PSP. Com o AI-2, a ARENA passou dominar o cenário político barretense.

Em suma, dominada economicamente pelos ingleses da *Brazilian Meat Company*, Barretos teve uma formação social heterogênea, fruto dos sucessivos movimentos migratórios desde meados do século XIX, tanto internos como externos, atraídos pelas possibilidades de enriquecimento com a pecuária, ou ao menos pelas ofertas de emprego que a cidade oferecia. Com a criação e o comércio do gado, a circulação de riqueza se fortaleceu. Barretos cresceu rapidamente no decorrer da primeira metade do século XX, como mostraram os dados do IBGE. O crescimento favoreceu o surgimento de expressivas classes médias, compostas de comerciantes do gado, pequenos invernistas, bancários, advogados, contadores, médicos, dentistas, funcionários públicos e jornalistas, entre outros, e estabelecidas entre a oligarquia ligada à pecuária e a grande massa operária do Frigorífico Anglo.

2.4.1. Os depoimentos

Os colaboradores que liam *Seleções*, com as respectivas idades no momento dos relatos, foram: *Erasmus Lessi*, 72 anos, dentista, em atividade; *Expedito José Prudente de Oliveira*, 71 anos, aposentado, professor do ensino fundamental e médio e diretor da Escola Vocacional; *Jaime Marchi*, 62 anos, funcionário público estadual da Secretaria da Saúde, em atividade; *José Carlos Moreira de Oliveira*, 74 anos, delegado de polícia aposentado; *Luiz Agostinho da Silva Brandão*, 88 anos, dentista aposentado e vereador nas legislaturas 1952/1955 e 1956/1959, ambas pelo PSP; *Waldomiro Sphângero*, 80 anos, dentista aposentado.

Jaime Marchi leu *Seleções* apenas na adolescência, quando trabalhava num escritório de contabilidade, pois seu chefe assinava a revista. Mas sempre lia em partes, pois precisava conciliar o trabalho e as ausências do dono.

Erasmus Lessi começou a ler durante a Faculdade de Odontologia, em Ribeirão Preto, por volta de 1954. Não chegou a ser assinante, mas sempre comprava ou conseguia emprestado, de modo que lia muito, mas apenas naquele período.

Waldomiro Sphângero comprava números avulsos, mas nunca chegou a assinar a revista. Também lia alguns números de colegas, nos momentos de folga dos estudos e do trabalho. Mas depois de casado “*rareou um pouco a leitura, porque aumentaram as preocupações, as responsabilidades*”. Deixou claro que sua leitura de revistas não se resumia apenas a *Seleções*; lia muito *O Cruzeiro* e *Manchete*, e na época da Segunda Guerra Mundial, quando ainda fazia o ginásio, lia *Em Guarda*, que a escola recebia.

Dos entrevistados, José Carlos Moreira de Oliveira foi o que menos teve contato com *Seleções*, tendo lido na adolescência, mais especificamente no tempo do ginásio, pois sua professora de português, dona Maria Carolina, utilizava a revista para leitura em grupo e posterior dissertação. Lembrou-se quando, numa dessas discussões, escrevera cachorro da raça gozo, com “z”, e a professora disse que o correto era “s”, mas respondeu que ele estava certo, pois estava assim num artigo que lera na revista.

Exedito José Prudente de Oliveira não assinou *Seleções*, mas relatou que seu pai, talvez por trabalhar no Frigorífico Anglo, uma empresa inglesa, a assinava, nos anos 1950, e gostava que todos da família, esposa e filhos, também a lessem. Posteriormente, passou a comprar em banca de jornal; mas, depois de 1963, “*como era muito ativista, não tinha muito tempo de ficar pensando nisso*”, declarou. Gostava muito do formato da revista, ideal, pois cabia no bolso do terno. Outro ponto que lhe chamava a atenção eram os anúncios, muito bem produzidos e chamativos.

Como tinha pouco tempo para leitura, Jaime Marchi até se lembrava de ter lido alguns artigos longos, mas gostava muito dos pequenos textos que invariavelmente vinham após o final de cada artigo. Eles retratavam casos por ele considerados pitorescos. Confirmou que lia as seções fixas *Piadas de Caserna*, *Rir é o Melhor Remédio*, *Enriqueça o seu Vocabulário*,

Erasma Lessi relatou que tudo na revista o atraía: as reportagens (sic), bastante diversificadas, os textos curtos que seguiam ao final de cada artigo, os pensamentos, que ele considerava interessantes. Lembrou-se da seção *Meu Tipo Inesquecível*. Declarou que não se esqueceu do título de uma reportagem, “*Dente do siso pode lhe tirar o juízo*”, porque quando ele fica incluso às vezes dói demais.

Luiz Agostinho da Silva Brandão também não foi assinante, mas comprava todo mês a chegada da revista na banca. Gostava muito do que ele definiu como “sistema da revista”: uma diversidade de assuntos que não havia em outra revista, que compreendia desde política internacional até as seções humorísticas, “*que também eram muito bem aceitas; não era aquele humor vagabundo, vazio, não, era um humor de pessoa para pessoa. Eu achava as piadas muito boas, muito adequadas, embora às vezes muita gente não entendesse o fundamento*”. Para ele, a revista dava confiabilidade à notícia.

Sphângero declarou que tinha algumas seções preferenciais: *Meu Tipo Inesquecível*, *Seção de Livros*, *Piadas de Caserna*, *Enriqueça o Seu Vocabulário*. E que a revista cativava por ser original, por não ter similar no país, e que tirava sempre proveito dos artigos que ela trazia. “*Era uma revista fácil de ler, bem regida, os artigos bem distribuídos, bem explícitos, bem claros, fáceis de entender, eles tinham o cuidado de divulgar a verdade, o vocabulário, não tinha banalidades*”, informou o colaborador. Também relatou que um artigo ficou gravado em sua memória, sobre três combatentes

norte-americanos que encontraram uma fortuna numa cidadezinha alemã durante a Segunda Guerra Mundial e, não sabendo o que fazer, decidiram enterrá-la para depois de terminado o conflito guerra voltarem para recuperá-la; e passados vários anos resolveram se unir e voltar para a Alemanha, mas quando lá chegaram a cidade estava totalmente modificada, havia crescido, o ambiente era completamente diferente, e acabaram desistindo do tesouro.

Erasmus Lessi declarou-se anticomunista, dizendo que esse regime não propicia liberdade de pensamento nem de ação, e que o povo tem que pensar aquilo que meia dúzia de cidadãos que tomam conta do governo querem que ele pense. E por isso lia muito a revista, pois trazia mensagens mais democráticas e combatia o comunismo.

Brandão tinha ciência de que era uma publicação norte-americana porque a maioria das reportagens trazia sempre referência americana, e que via isso com naturalidade, *“tanto é que Seleções tinha muitos leitores, de qualquer classe social, ela era bem aceita”*. A princípio quem lia os artigos anticomunistas não compreendia bem o sentido, mas depois, *“com a presença dos partidos comunistas nos países abaixo do Rio Grande, dos Estados Unidos da América, depois foi sendo compreendido melhor”*.

Expedito Oliveira revelou que tinha senso crítico quanto à influência norte-americana no mundo todo, mas para ele *“Seleções conseguia manter uma linha praticamente neutra (...) e totalmente independente porque nunca ela me passou uma mensagem que eu conseguisse perceber uma influência sobre mim”*. Por outro lado, segundo seu ponto de vista, evidentemente a revista procurava mostrar as vantagens de um regime democrático, com base no praticado pelos Estados Unidos. Mas lembrou-se de uma aula de estudos sociais no Vocacional, em Batatais, quando utilizou exemplares da revista para que os alunos, em equipe, tirassem conclusões sobre a influência da revista na formação de futuros cidadãos brasileiros, *“chegamos à conclusão que ela deveria ser lida de uma maneira crítica”*.

2.5. O mundo vê o *Reader's Digest*

Quase todas as edições da revista do período traziam, invariavelmente impressos no verso da capa, depoimentos de pessoas conhecidas, no país e no exterior, sobre a atuação do *Reader's Digest*, dos quais relato alguns a seguir.

A edição n° 163, de agosto de 1955, trazia o depoimento de Karl-August Fagerholm, presidente do parlamento finlandês (*“Uma Tarefa de Responsabilidade”*), de que o *Reader's Digest – Valitut Palat*, na edição finlandesa –, tinha uma grande responsabilidade na escolha de artigos que deveriam ser de interesse para os leitores de todo o mundo, em virtude grande circulação da revista. Mas, que isto não era um problema para a revista, pois os redatores tinham experiência na tarefa: o mais importante papel da revista era a capacidade de orientar a opinião pública e, deste modo, por encarnar o bem. Ela trazia benefícios para a humanidade, aproximando nações, promovendo a compreensão mútua e afastando os desentendimentos. Na sua opinião, o objetivo da revista já havia sido atingido: *“oferecer ao público idéias novas e material que consegue sempre interessar, fascinar, ensinar”*.

O Primeiro Ministro do Japão, Ichiro Hatoyama, também teceu comentários sobre o *Reader's Digest*, numa mensagem intitulada *“Pela boa vontade entre os homens”*, em comemoração ao 10° aniversário da edição japonesa, e publicada no verso da capa da edição de *Seleções* n° 171, de abril de 1956. Hatoyama inicia seu relato condenando o “progresso quase ilimitado da ciência”, que tornava a vida mais complexa e com isso limitava o tempo *“para compreender e amar nossos semelhantes”*, aspectos para ele essenciais aos governos democráticos e também entre as nações. Para ele, era nessa falta de tempo que o papel da revista, de quem era *“leitor ávido”*, ganhava significação. Por publicar os mesmos artigos em todo o *“mundo civilizado”*, ele concluía que com isso a revista, cuja orientação era em sua opinião *“ditada por um profundo idealismo e pelo amor humano”*, ia *“aprofundando os sentimentos mútuos de interesse e boa vontade entre os povos”*.

O Secretário-Geral da OEA, José Antonio Mora, também emitiu opinião sobre a revista, em mensagem publicada na edição n° 173, de junho de 1956 (*“Traço de união entre as Américas”*). Afirmava o autor que tivera no *Reader's Digest*, com seus seis milhões de leitores em português e espanhol, seus 35 milhões nos Estados Unidos e três milhões de leitores das edições canadense em inglês e francês, um influente elemento para melhor

compreensão dos problemas que afligiam os 21 países-membros da organização e dos recursos disponíveis para incrementar o “*sentimento de amizade*” entre as Américas. Quando começou a ler *Selecciones*, a edição em espanhol, mais de 15 anos antes, ele e todos os seus leitores logo descobriram que a publicação não se dedicava ao “*ideal abstrato*”, mas se preocupava “*com o ser humano que labuta, sofre, realiza seus sonhos, modifica seu ambiente*”. Em todas as páginas da revista, afirmava, podia-se encontrar o “*Homem*”, que não desanimava, que vencida as adversidades, que colaborava com seus semelhantes e que lutava pela verdade. “*Não será exagero dizer-se que o Reader’s Digest mostra o caminho para a volta da consciência humana ao centro de gravidade do Universo*”.

A edição nº 177, de outubro de 1956, trazia uma mensagem de Henry Cabot Lodge, Jr., representante dos Estados Unidos junto às Nações Unidas. Sob o título “*A força da opinião pública*”, afirmava que esta não podia condenar uma pessoa à prisão, mas que em virtude da sua influência formava a base do poder legal. Neste sentido, na questão de moldar a opinião pública em escala mundial, o *Reader’s Digest* realizava uma “*função vital*”, pois, “*solidificando a compreensão entre as pessoas*”, propiciava o compartilhamento de experiências e ideais entre os povos, ajudando-os a atingirem um “*senso comum de justiça*”, a única arma para o restabelecimento da paz mundial.

Seleções publicou, em março de 1958, edição nº 194, o relato do australiano Frank Louat, membro do Conselho da Rainha. Intitulado “*Enciclopédia da arte de viver*”, declarava que, em virtude do seu “*infalível cunho humano*”, o *Reader’s Digest* poderia ser considerado uma enciclopédia da arte de viver, e que sua “*atração mundial*” se devia à “*constância com que fala em tons de auxílio, a esperança e humor com que discorre sobre assuntos que interessam a todo mundo*”. Interesse que ultrapassava os fatores que dividiam a humanidade, como a raça, a cor, o sexo e o modo de vida, pois a revista focalizava “*sempre os traços de coragem, da dignidade, do poder e alcance do espírito humano*”.

O diretor de cinema Alfred Hitchcock também deu seu relato sobre a revista, publicado na edição nº 198, de julho de 1958, intitulado “*Colhido na própria teia*”. Nele, o diretor relembra suas primeiras experiências nos Estados Unidos, quando chegou a Hollywood em 1939, e constatou que “*o melhor meio de adquirir um conhecimento íntimo e pormenorizado de um novo país era ler o que a grande maioria de seu povo estava lendo*”.

Portanto, o *Reader's Digest* foi seu “*valioso guia dos Estados Unidos*” e que continuava sendo seu “*guia de vida em toda parte*”.

Mário Jorge Lobo Zagallo, ponta-esquerda da Seleção Brasileira de futebol campeã do mundo em 1958, também assinou uma mensagem publicada no verso da capa da edição n° 206, de março de 1959, intitulada “*O meu ‘Selecionado’ de artigos*”. Relatava que a leitura era o melhor remédio para acalmar os jogadores nos dias que antecedem a um clássico; e sua preferência era *Seleções*, pois seus artigos, “*vivos, diretos*”, prendiam a atenção e ajudavam a passar o tempo. Além de ser sua companheira “*nas horas monótonas antes da entrada em campo*”, Zagalo afirmava que a revista também era um “*guia seguro do que se passa em outros ‘campos’ de atividade pelo mundo afora*”.

Em “*Companheiro do Homem Moderno*”, mensagem publicada na edição n° 212, de setembro de 1959, Hugo Gouthier, embaixador do Brasil na Bélgica, afirmava que em virtude do pouco tempo para o lazer que restava para a maioria das “*pessoas modernas*”, o *Reader's Digest*, “*com seus relatos imparciais e precisos*”, se constituía no “*mais poderoso instrumento na ampla difusão de conhecimentos entre pessoas de muitos países e de todas as classes*”, e que sempre o impressionavam “*a honestidade de seus informes, a cuidadosa escolha dos assuntos e, sobretudo, a importância que dispensava aos valores humanos*”. Finalizava o relato apoiando a idéia de que a revista era um “*maravilhoso companheiro*”, como mostrava seu extraordinário êxito no mundo inteiro, prova de que os povos buscavam a “*companhia de boa leitura*”.

Na edição n° 223, de agosto de 1960, Carvalho Pinto, governador de São Paulo, teceu alguns comentários sobre a revista. Em sua mensagem, intitulada “*Uma necessidade do nosso tempo*”, afirmava que o mundo cada vez mais se caracterizava pela especialização, e em nenhum outro período o homem teve tanta necessidade de estar constantemente informado sobre os mais variados assuntos. Neste sentido, *Seleções*, com suas “*condensações cuidadosamente escolhidas de grande parte do que de mais notável se escreve em nosso tempo*”, atendia essa “*exigência da vida complexa de nossos dias*”, possibilitando assim que o “*homem ocupado e cheio de responsabilidades*” se inteirasse do que acontecia em todos os campos.

No relato de Hailé Selassié I, publicado na edição n° 228, de janeiro de 1961, sob o título “*Uma função especialmente útil*”, o imperador da Etiópia declarava que descobrira a

revista cerca de 25 anos antes, durante seu exílio na Inglaterra, em consequência da invasão de seu país pelas tropas de Mussolini. Para ele, a revista trazia artigos de grande utilidade prática, como o caso de um que discutiu sobre os medicamentos utilizados no combate à lepra e que acabou estimulando o início de um programa de controle da doença no país. Entre as numerosas revistas que o Palácio assinava, o *Reader's Digest* servia “a uma função especialmente útil, qual seja a de proporcionar cobertura ampla e extratécnica de setores tais como Ciência, Medicina, Biografia, História e viagens”.

Mark W. Clark, general reformado do Exército norte-americano, em sua mensagem intitulada “*Guia para a liberdade*”, publicada na edição nº 229, de fevereiro de 1961, destacava uma experiência que tivera em 1952, durante o seu comando à frente das forças da ONU no Extremo Oriente, no Japão, quando recebeu um postal do escritório do *Reader's Digest* em Tóquio. O remetente era um “coreano vermelho” que se encontrava prisioneiro na Ilha Koje, que respondia ao presente de vários exemplares recebidos do *Digest* em língua japonesa, e agradecia efusivamente, afirmando que era o que justamente precisavam, pois a revista falava “das alegrias e dos benefícios da liberdade”. Relatava o general que ficara animado com esta notícia, visto que “até soldados comunistas que haviam sofrido lavagem cerebral mantinham o amor pela liberdade”, e que a história do coreano preso exemplificava a “vitória da liberdade sobre a tirania”, da mesma forma que o *Reader's Digest* exemplificava a “voz da liberdade”.

Outro brasileiro contribuiu com um depoimento: Cândido Fontoura, segundo a revista, “industrial, inspirador de várias campanhas humanitárias”. O título de sua mensagem é “*Papel de relevo na formação da juventude*”. Foi veiculada na edição nº 230, de março de 1961, e afirma que os jovens de seu tempo, condicionados pelo surto industrial e urbano e pela conquista de bens materiais, já não eram como os de antigamente. Por isso era necessário que se criasse “um tipo de leitura em dia com seu tempo e com o seu estilo de vida”. Neste sentido, para Fontoura, *Seleções* foi uma revista pioneira, se impondo pela qualidade de seus artigos “sintéticos e profundos”, desempenhando assim “um papel de relevo nesse influir benéfico em nossa juventude”.

O escritor Philip Wylie, em “*Viagem para a amizade*”, mensagem publicada na edição nº 231, de abril de 1961, descrevia a calorosa recepção que ele e sua esposa

tiveram durante uma viagem ao redor do mundo. Em Tóquio, foram recebidos por cerca de 20 fotógrafos que, em sua maioria, conhecia os seus escritos apenas pelo que havia sido publicado na edição japonesa do *Reader's Digest*. Em Calcutá, os indianos haviam fundado um “*clube de fãs*” depois que tomaram conhecimento de seus escritos para a revista. Em Nova Déli, o escritor relatava que tivera a oportunidade de travar uma interessante discussão com um físico sobre seu romance publicado na edição indiana, onde descrevia um ataque atômico imaginário contra os Estados Unidos, intitulado “*Tomorrow*”. Em todos os lugares que chegavam eram olhados com respeito, considerados “*velhos amigos*”. Finalizava a mensagem confirmando que o *Reader's Digest* era “*um dos meios mais eficazes que nós, os povos livres, tinham para conquistar novos amigos para o nosso lado – o lado da paz e da liberdade*”.

Seleções veiculou, em sua edição n° 244, de maio de 1962, um texto assinado por Luis Muñoz Marín, governador de Porto Rico, intitulado “*Ele deixa entrar as brisas amenas*”, onde inicia com um velho ditado porto-riquenho que diz: “*Orgulhe-se de sua casa, mas deixe abertas as janelas para que as brisas amenas possam entrar*”. Depois de ter passado um período de dificuldades, Marín havia conseguido abrir “*as janelas às brisas amenas*”, em virtude dos programas econômicos, sociais e culturais colocados em prática; e que naquele momento sopravam no país “*brisas amenas de determinação, engenho e calma coragem*”. Uma das fontes desta brisa, segundo o governador porto-riquenho, “*tem sido há muito o Reader's Digest, que todo mês traz à minha mesa novas idéias, a inspiração de valores espirituais e o estímulo no sentido de traduzir esses atributos em ação prática*”. Finalizava o relato comemorando o lançamento de uma edição do *Reader's Digest*, em outubro de 1961, destinada a veicular publicidade de empresas de Porto Rico aos leitores porto-riquenhos: enquanto os editores da revista reconheciam a importância econômica do país, este por sua vez já há muito tempo reconhecia a revista “*como uma rica fonte de vitalidade compartilhando idéias em escala mundial*”.

John F. Kennedy também dedicou um relato sobre a revista, publicado na edição n° 252, de janeiro de 1963, sob o título “*Reencontro com um velho amigo*”. Escrito quando Kennedy era senador, afirmava que havia reencontrado no Capitólio um velho amigo – o *Reader's Digest* – que ele lera na Marinha, durante a Segunda

Guerra Mundial. Relatou que sempre encontrava exemplares da revista sobre as mesas dos senadores e das comissões, e que também trechos de seus artigos eram frequentemente citados nas atas do Congresso. Para ele, a revista era “*uma das vozes mais eficazes da democracia a alcançar muitas terras em muitos idiomas*”, e que não havia assunto grande demais ou insignificante demais para não ser abordado pela revista. Esperava terminar seu mandato tendo sido “*tão receptivo para novas idéias e novas pessoas como as páginas dessa revista*”.

A mesma estratégia de trazer ao leitor opiniões sobre *Seleções* por meio de relatos de pessoas conhecidas na sociedade brasileira, oriundas de diferentes áreas, pode ser observada no *site* da atual editora responsável pela publicação de *Seleções* no Brasil²²⁰. No grupo de mensagens intituladas “*A importância da revista Seleções na vida do brasileiro*”, saudando o retorno da publicação no Brasil, em 1998, o primeiro depoimento é do então presidente da República Fernando Henrique Cardoso, para quem *Seleções* era uma referência familiar, e responsável pelo estímulo à leitura, pois traz conteúdos capazes de “*atrair os mais variados interesses e as mais diversas faixas etárias*”. Nélida Piñon, presidente da Academia Brasileira de Letras no período de 1996-1997, também afirma que *Seleções* “*despertou em muitos leitores a paixão do saber*”, e que “*trazia-nos uma aragem estrangeira, que é sempre benéfica, arejava a curiosidade nossa, expandia nossa imaginação*”.

Seleções fez parte da infância e juventude de Ignácio de Loyola Brandão, escritor, que afirmou adorar o “*cheiro da revista nova*” e que achava fantástica a idéia do sumário dos artigos na própria capa. Ruy Castro, escritor e jornalista, tendo inclusive trabalhado na revista em Portugal, entre 1973 e 1975, como editor-adjunto, afirma que *Seleções* foi para ele uma escola de edição. “*Os editores do Reader’s Digest eram gênios na arte de cortar, condensar, inverter, substituir palavras, dar um toque de humor ali, certificar-se de que o leitor não vai se perder - enfim, editar uma matéria*”. Por fim o técnico de futebol Luiz Felipe Scolari começou a ler *Seleções* aos 15 anos de idade. “*Diversificada, divertida e fácil de manusear*”, tornou-se

²²⁰ Informações obtidas no site www.selecoes.com.br. Acesso em março de 2003.

companheira inseparável, e lembra-se de ter distribuído aos jogadores antes da partida Palmeiras e Corinthians pela semifinal da Copa do Brasil de 1998, um pensamento de Dave Weinbaum, copiado da revista: "*Se não puder destacar-se pelo talento, vença pelo esforço*".

Fevereiro 1954

Junho 1954

Agosto 1954

Agosto 1955

Setembro 1955

Outubro 1955

Março 1957

Novembro 1957

Março 1959

Novembro 1959

Janeiro 1962

Agosto 1962

Agosto 1956

Novembro 1956

Junho 1959

Setembro 1960

Outubro 1960

Novembro 1960

Janeiro 1962

Abril 1962

Mai 1962

Abril 1955

Novembro 1960

Março 1961

Maio 1961

Agosto 1961

Novembro 1961

SEÇÃO DE LIVROS

COMO O KREMLIN CONQUISTOU CUBA

A História Secreta de uma Grande Cilada

JAMES MONAHAN e KENNETH O. GILMORE

Condensação de um livro a sair

“Foi assim que realmente aconteceu”, afirma um jornalista cubano, atualmente em exílio, que leu o manuscrito. “E é assim que acontecerá em outras partes se não abrirmos os olhos para os ardis e as realidades da conspiração comunista.”

158

Março 1963

“Nós, latino-americanos, temos a possibilidade e a obrigação de extirpar do nosso hemisfério esse câncer de subversão”, diz um destacado líder latino-americano.

Aqui está o seu programa para consegui-lo

Fidel Castro Deve Sair!

GONZALO J. FACHO

Embaixador de Costa Rica nos Estados Unidos; Presidente do Conselho da Organização dos Estados Americanos de 1962 a 1963

Abril 1964

O Problema Mais Explosivo da América Latina

Há um meio seguro de sustar a difusão do comunismo nos sertões da América Central e do Sul—um programa justo e metódico de maior aproveitamento da terra produtiva.

A Venezuela indicou o caminho

GEORGE W. HILL

Outubro 1964

Março 1954

Abril 1955

Por Que a China Vermelha Não Romperá Com a Rússia

Hollington Tong

Outubro 1957

Junho 1960

Fevereiro 1961

Novembro 1963

Setembro 1961

Novembro 1964

Capítulo III

3. Os Personagens do Pensamento Anticomunista de Seleções do *Reader's Digest*

3.1. Os meios de comunicação nos Estados Unidos

Entre os anos 1954 e 1964, *Seleções* ainda não produzia artigos próprios. Jeannette Dente nos informou que todos vinham do *Reader's Digest*, dos quais uma parcela oriunda de outras publicações norte-americanas. Para a análise dos artigos veiculados pela revista, baseados num campo cultural exterior ao nosso, consideramos necessário fazer um percurso na forma como foram organizados nos Estados Unidos o setor de comunicações e o mercado editorial.

Após 1825, os meios de comunicação passaram a ter um crescente papel de influência na vida nacional norte-americana. Diante do predomínio inicial dos jornais, as revistas e os livros “começaram a despertar uma impressão muito mais profunda na consciência americana como fatores de educação, informantes e modeladores culturais de moral e boas maneiras”, em conformidade com o “espírito nacional” que se formava:

“Nenhum fator foi mais importante na definição dos Estados Unidos do que a imprensa escrita. Quando a onda de migração e de colonização se movia rumo ao Oeste, tipos e impressoras eram metidos em carroças, transportados em barcas e até carregados na mão”²²¹.

No início do século XIX, a edição de revistas se multiplicou. Enquanto em 1794 havia apenas cinco, em 1800 chegava a doze; em 1810, quarenta, e em 1825, cerca de cem revistas eram editadas e distribuídas no país. As igrejas logo viram a eficácia das revistas, muito maior que a dos livros, como forma de difusão da fé: por volta de 1824 eram publicadas mensalmente 21 revistas com conteúdos religiosos.

²²¹ TEBBEL, William. *Os meios de comunicação nos Estados Unidos*. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 111, 121.

la ficando evidente o caráter de especialidade ou interesses que as revistas vinculavam e, assim sendo, logo passaram a surgir periódicos segmentados, voltados para novos públicos: agricultores, professores, advogados, médicos, músicos, artistas, estudantes universitários, cientistas, mecânicos, historiadores etc.²²².

Após a Guerra Civil (1861-1865), as revistas norte-americanas passaram pela sua segunda idade de ouro. Por volta de 1890 havia mais de 4.400 revistas em circulação, em 1895, cerca de 5.100 e, no final do século XIX, mais de 5.500. Neste período também se ampliou a variedade dos projetos gráficos. As revistas religiosas também prosperaram no período: enquanto em 1865 existiam 350 títulos, em 1865 este número já atingia mais de 650²²³.

Em 1859 foi fundada a *Harper's Monthly Magazine*, que em 1887 chegou a editar 185 mil exemplares; em 1857 foi lançado o *Atlantic Monthly*; em 1865, o *The Nation*; em 1881, o *Century* (que, em 1887, chegou a 220 mil exemplares). O *Munsey's*, semanário que circulou entre 1889 e 1891, tornando-se depois mensário, passou de 20 mil exemplares em 1893 para 500 mil em 1895, 700 mil em 1897, caindo para 400 mil em 1912. O *McClure's*, mensário fundado em 1893, tinha em 1900 uma tiragem de 370 mil exemplares, e em 1907 atingiu a marca dos 500 mil. O *Cosmopolitan*, mensário voltado para a literatura, fundado em 1886, tinha uma tiragem de 100 mil em 1892, passou a 200 mil em 1896, 300 mil em 1898, e chegou a um milhão em 1905. Também surgiram nesse período: *Scribner's*, *Collier's*, *The New Republic* e *Ladie's Home Journal*²²⁴.

Nesse novo mercado nacional surgiram novas fórmulas nas revistas. Uma delas foi no segmento de moda, cujo exemplo é a *Delineator*, criada em 1872, que alcançou tiragens de 200 mil exemplares em 1888, e 500 mil em 1894, com mais de 200 páginas em cada edição. Esse modelo se ampliou e estabeleceu para as

²²² *Idem, ibidem*, p. 115.

²²³ *Idem, ibidem*, pp. 276-277, 279.

²²⁴ BURBAGE, *op. cit.*, p. 30. Vale lembrar que os Estados Unidos possuíam, em 1900, 63 milhões de habitantes, destes 32% concentrados em centros urbanos.

décadas futuras, ao menos até a década de 1920, o padrão de revista feminina: uma mistura de lazer, moda, artigos e seções que cobriam toda atividade doméstica. Outra inovação no período foi o incremento de revistas infantis, sendo a *St. Nicholas* considerada a melhor deste gênero²²⁵.

A partir dos anos 1895-1900 iniciou-se o movimento de concentração da imprensa norte-americana (no Brasil isto se deu cerca de 50 anos depois), e as cadeias de jornais e revistas surgiam ao mesmo tempo que os trustes nos outros domínios da vida econômica. Entre 1913 e 1914, William Randolph Hearst possuía 30 jornais. Em 1951, ano de sua morte, possuía 18 jornais, distribuídos em 12 cidades norte-americanas, duas agências de notícias e nove revistas. Entre 1892 e 1914, a cadeia Scripps-Howard-McRae adquiriu 12 jornais e fundou a United Press – UP. Frank A. Munsey, além de sua revista, era proprietário do *Washington Times*, do *New York Daily News*, do *Boston Journal*, do *Baltimore Evening News* e do *Philadelphia Evening News*²²⁶.

O mundo das revistas sofreu grande transformação após a criação de *Ladie's Home Journal*, em 1883, a princípio como suplemento do jornal *Tribune and Farmer*, e após a reestruturação de *The Saturday Evening Post*, a partir de 1897, ambos sob a propriedade de Cyrus H. K. Curtis. A *Ladie's*, com uma tiragem de 20 mil exemplares, em 1886 chegou a 270 mil, em 1889, 400 mil, em 1900, 800 mil, em 1902, 900 mil, em 1903 passava a casa de um milhão de exemplares, e em 1919 alcançou a marca dos dois milhões. Numa única edição, de cerca de 200 páginas, trazia publicidade cujo valor era superior a um milhão de dólares. Na Primeira Guerra Mundial, era a terceira revista mais procurada pelos soldados²²⁷.

A *Post* possuía uma lista de assinantes que não passava de 2.000, e estava prestes a desaparecer, quando foi adquirida por Curtis, que a transformou, durante os 30 anos seguintes, numa das revistas mais importantes e prósperas na história dos periódicos norte-americanos. Como provedora de entretenimento, conselhos e opiniões públicas “para um considerável setor da classe média americana e para a

²²⁵ TEBBEL, *op. cit.*, pp. 282-283.

²²⁶ BURBAGE, *op. cit.*, p. 33.

²²⁷ TEBBEL, *op. cit.*, pp. 388, 390, 392.

maior parte dos republicanos protestantes de origem anglo-saxônica”. No seu auge, a revista foi comprada por mais de três milhões de pessoas, e havia se tornado uma instituição americana. A *Ladie's* e a *Post* transformaram as revistas em instituições comerciais, criando as primeiras e verdadeiras revistas de massa nos Estados Unidos, vinculando-as ao negócio da publicidade que, por volta da década de 1920, dominava os meios de comunicação, propiciando ao público consumidor “os frutos da industrialização e da tecnologia americanas”²²⁸.

A maioria da imprensa, em especial os jornais diários, não era influenciada pelos anunciantes, no tocante ao conteúdo editorial. Mas, com as revistas, os anunciantes encontraram-se numa posição muito mais forte, visto que a circulação dependia fortemente da publicidade; assim, as revistas tinham bons motivos para não ofender ou criticar certos produtos ou serviços que lhes trariam recursos publicitários. Algumas revistas se mantinham independentes, mas apenas os periódicos ricos e poderosos, que podiam suportar perdas, ou os pequenos e radicais, que tinham pouco a perder ou eram subsidiados. Mas de um modo geral, a “maioria das revistas passou a refletir os interesses comerciais conservadores de seus anunciantes”²²⁹.

O impacto causado pela Primeira Guerra Mundial fez desaparecer muitas revistas, ou por não terem alterado velhas fórmulas ou pela falta de capital para se manterem em operação: *North American Review*, *Living Age*, *Forum*, *Independent*, *Century*, *St. Nicholas*, *Judge* e *Delineator*. Foram substituídas por uma geração de publicações inovadoras, cujos responsáveis foram: De Witt Wallace (*Reader's Digest*), Henry Luce (*Time*, *Life* e, mais tarde, *Fortune*), Harold Ross (*New Yorker*) e David Smart (*Esquire*), que deixaram claro os fatores da sobrevivência: especialização e diversificação. Curioso observar como novas idéias eram bem aceitas, pois nas décadas de 1920 e 1930, quando a situação econômica era adversa, foram lançadas algumas das mais notáveis revistas e impérios de revistas do século XX²³⁰.

²²⁸ *Idem, ibidem*, pp. 393, 395-396, 398.

²²⁹ *Idem, ibidem*, p. 399.

²³⁰ *Idem, ibidem*, pp. 401-402.

Embora as revistas de generalidades dominassem as bancas, como fonte altamente diversificada de informação e entretenimento, talvez o mais notável desenvolvimento do século tenha sido a proliferação da imprensa comercial. Das mais de 16 mil revistas da atualidade, dez mil estavam envolvidas com o mundo dos negócios (sendo 8 mil de companhias e as restantes publicações industriais), numa tiragem total muito acima dos 60 milhões de exemplares. Além de oferecer informações sobre acontecimentos em qualquer setor do mundo dos negócios, previam mudanças e orientavam as formas de enfrentá-las. Mas também eram órgãos de opinião, analisando as notícias e avaliando seu impacto, e ainda ofereciam uma quantidade de mercadorias, em suas páginas publicitárias, sem igual em qualquer outro meio de comunicação²³¹.

Nas décadas de 1910 e 1920, a introdução do rádio levou a uma transformação na vida nacional talvez muito mais notável do que a produzida mais tarde pela televisão. Mesmo diante de perspectivas sombrias, os outros meios de comunicação desenvolveram-se e prosperaram na competição, provando que as tecnologias não substituem necessariamente outras tecnologias com que competem.

Em outras palavras, os outros meios não foram extintos ou postos em perigo de extinção com o advento do rádio e da televisão, mas foram influenciados por eles. A radiodifusão, como meio de divertimento, representou uma forte competição para as revistas, o cinema e os livros, mas havia também muitas inter-relações entre todos estes meios. Os jornais, por sua vez, foram seriamente afetados pelos noticiários radiofônicos, pois forneciam um fluxo contínuo de informações num tempo relativamente curto; mas o maior desgaste dos jornais veio com a televisão, que promoveu a capacidade de ver as notícias acontecendo²³².

Em 20 de outubro de 1969, a revista *Advertising Age* publicou a lista das 100 primeiras revistas norte-americanas, em tiragem. A seguir, as dez primeiras²³³:

²³¹ *Idem, ibidem*, pp. 404-405.

²³² *Idem, ibidem*, pp. 417-418.

²³³ BURBAGE, *op. cit.*, pp.73-75.

Revista	Tiragem
1 – <i>The Reader's Digest</i>	17.602.526
2 – <i>TV Guide</i>	13.729.289
3 – <i>McCall's</i>	8.532.497
4 – <i>Life</i>	7.802.820
5 – <i>Look</i>	7.797.521
6 – <i>Better Homes and Gardens</i>	7.571.606
7 – <i>Woman's Day</i>	7.201.775
8 – <i>Ladie's Home Journal</i>	6.964.719
9 – <i>Family Circle</i>	6.503.415
10 – <i>National Geographic</i>	6.077.806

Quanto ao número de leitores, as oito maiores revistas eram:

Revista	Nº Leitores
1 – <i>The Reader's Digest</i>	44.576.000
2 – <i>Life</i>	43.170.000
3 – <i>Look</i>	37.308.000
4 – <i>TV Guide</i>	33.441.000
5 – <i>Parade</i>	27.519.000
6 – <i>This Week</i>	27.327.000
7 – <i>McCall's</i>	22.819.000
8 – <i>Better Homes and Gardens</i>	21.994.000

3.2. Sobre os artigos anticomunistas

Pouco mais da metade dos artigos anticomunistas selecionados para esta pesquisa, ou seja, 138, era resultado da condensação de artigos já publicados em outros periódicos e jornais ou livros de não-ficção. O restante foi produzido por redatores contratados ou convidados da própria *Reader's Digest*, mostrando que já se observava uma mudança em relação ao conceito inicial da revista, de trabalhar apenas com artigos condensados de outros veículos impressos. Aparentemente, os proprietários da revista, certamente enriquecidos com direitos autorais obtidos das suas sucursais pelo planeta, tinham receita suficiente para garantir que os próprios redatores (os *roving editors*) corressem o mundo e criassem artigos segundo as impressões que colhiam – logicamente, alinhados com a filosofia da revista.

Os artigos anticomunistas não produzidos pelo *Reader's Digest* eram provenientes de 43 publicações norte-americanas, um número alto²³⁴. Um terço dos artigos, porém, era concentrado em apenas seis fontes, como indicado no quadro a seguir:

FONTE	Nº ARTIGOS
Livros sobre o comunismo ²³⁵	24
<i>The Saturday Evening Post</i>	16
<i>Time</i>	12
<i>The New York Times</i>	12
<i>Life</i>	7
<i>U.S. News & World Report</i>	7

²³⁴ Esta diversidade de fontes, como também de autores, não significava pluralidade de idéias, pois, no caso do anticomunismo, o discurso era uníssono: o comunismo avançava e era preciso combatê-lo. Na verdade, a utilização de uma grande quantidade de fontes constituía-se numa vantagem competitiva para o *Reader's Digest*. A lista com as fontes dos artigos anticomunistas selecionados encontra-se em Anexo.

²³⁵ Entre outros títulos, “*Seeds of treason*”, de Ralph Toledano, “*Inside Europe today*”, de John Gunther, “*Reflections on the failure of socialism*” e “*Protracted conflict*”, de Max Eastman, “*The future is ours, comrade*”, de Joseph Novak (pseudônimo), “*Our secret allies: the people of Russia*”, de Eugene Lyons, “*Strike in the west*”, de James Daniel e John G. Hubbell, “*The mind of an assassin*”, de Isaac Don Levine, “*An african student in China*”, de Emmanuel John Hevi.

Uma das primeiras revistas dos Estados Unidos, *The Saturday Evening Post*, foi lançada em 1821, com apenas quatro páginas, sem ilustrações e com periodicidade semanal. Em 1839, George Rex Graham assumiu o cargo de editor e a transformou numa das mais interessantes publicações dos Estados Unidos. Seu lema: “*uma revista para a família, politicamente neutra, devotada à moralidade, literatura pura, notícias nacionais e estrangeiras, agricultura, assuntos comerciais, ciência, arte e entretenimento*”. Com essa fórmula, em 1855 a *Post* atingia a circulação de 90 mil exemplares.

Na década de 1890, a revista passou por uma crise financeira, e em 1897 foi comprada por Cyrus H. Curtis, o proprietário da revista *Ladie's Home Journal*, que lhe deu novo alinhamento editorial: negócios, assuntos públicos e romance, além de investimentos crescentes nas ilustrações. Em 1908, a revista ultrapassava pela primeira vez a marca de mais de um milhão de exemplares vendidos semanalmente; em 1913, atingia a casa dos dois milhões. Em 1919 a *Post* assumia sua forma definitiva: 200 páginas, sendo 111 páginas de anúncio, dos quais 30% sobre a indústria automobilística. Em 1937 atingia a marca dos seis milhões de exemplares vendidos²³⁶.

Segundo Emery, no início a revista procurava como público leitor as “*senhoras idosas*”. Mas com o seu sucesso, passou a publicar ficções de importantes escritores americanos do primeiro terço do século XX. Em seguida vieram as biografias, os arquivos sobre o sucesso material do comércio norte-americano e reportagens ocasionais sobre acontecimentos da atualidade. Com essa fórmula, a *Post* “*converteu-se na expressão de uma América em transição e sua influência se estendeu a todos os cantos do país*”. Em 1961, a revista tinha uma

²³⁶ Informações obtidas no site www.spartacus.schoolnet.co.uk. Acesso em setembro de 2003.

tiragem de seis milhões e meio de exemplares, mas foi apanhada pela queda da publicidade que migrou para a televisão, tendo sobrevivido apenas até fevereiro de 1969²³⁷.

Entre 1950 e 1968, sua superfície publicitária anual passara de 4.425 páginas para apenas 904; e de 1961 a 1968, teve um prejuízo acumulado de 62 milhões de dólares. Para os anunciantes, a revista não soubera renovar-se e os anúncios publicados não vendiam mais nada. Já a revista buscou manter um preço de venda relativamente baixo e conservar a reputação de pagar bem os colaboradores²³⁸.

Exemplos de artigos veiculados originalmente pela *Post* e reproduzidos em *Seleções*²³⁹: “*Os enfurecidos camponeses da Rússia*”, em setembro de 1955, “*O que eu vi na China Vermelha*”, em novembro de 1956, “*O que vi no inquieto império de Krushchev*”, em julho de 1960, “*Minha opinião sobre Berlim*”, em maio de 1962, “*O violento conflito que divide o mundo comunista*”, em setembro de 1963, “*A fraqueza oculta de Krushchev*”, em fevereiro de 1964 etc.

²³⁷ EMERY, *op. cit.*, p. 690.

²³⁸ BURBAGE, *op. cit.*, p. 75.

²³⁹ Para informações completas sobre estes artigos, vide tabela anexa.

Semanário de informação e comentário, a revista *Time* foi fundada em 1923, por Henry Luce e Briton Hadden, diplomados pela Universidade de Yale, que buscavam um novo jornalismo. Insurgiam-se contra os jornais da época, que somente se interessavam por notícias locais ou regionais e que publicavam as informações sem uma ordem de apresentação e de prioridade. Acreditavam na necessidade de inclusão de comentários a fim de que os leitores pudessem compreender o “sentido profundo” dos acontecimentos, tal como ressaltava Hadden:

“As pessoas na América são, na sua maior parte, mal informadas. Deste fato não se podem culpar os jornais diários; imprimem eles todas as notícias. Não é culpa das revistas semanais; desenvolvem elas, adequadamente, e comentam a respeito das notícias (...) As pessoas são mal informadas porque nenhuma publicação preparou-se a si mesma, adequadamente, para a utilização do tempo que os homens de negócios podem desperdiciar simplesmente na tarefa de se informarem”²⁴⁰.

A finalidade da revista era apresentar sinteticamente – *rewriting*, forma condensada – os principais elementos da atualidade, buscando explicá-los por meio de comentário, guiando assim o leitor com a “*superabundância de acontecimentos*” e, ao mesmo tempo, informando-o o máximo possível a respeito da evolução do mundo – os progressos da humanidade –, de tal forma que parecesse ser a *Time* sua única fonte de informação. A apresentação da revista permanecia praticamente a mesma desde o lançamento: todas as informações ficariam reduzidas a cerca de cem artigos, cada um com no máximo 400 palavras. Os artigos estavam localizados de maneira lógica no contexto da revista, segundo um “*método fixado de*

²⁴⁰ BURBAGE, *op. cit.*, p. 77.

estruturação” que propiciaria uma completa organização das notícias. A filosofia da revista pode ser observada na publicidade que precedeu seu lançamento:

“Time, confessadamente, reconhece ter alguns preconceitos. Entre eles: 1) A crença de que o mundo é uma esfera e a admiração pela visão total do mundo que tem o estadista; 2) Uma desconfiança geral da presente tendência em relação à crescente interferência do Estado; 3) Um preconceito contra o crescente custo do funcionamento do governo; 4) Fé nas coisas que o dinheiro não pode comprar; 5) Respeito pelos velhos, particularmente em relação às boas maneiras; 6) Interesse pelas coisas novas, particularmente no que diz respeito às idéias”²⁴¹.

A *Time* teve tiragem superior a 300 mil exemplares desde 1930. O sucesso levou seus proprietários a patrocinarem uma série de programas de rádio, na cadeia CBS, entre eles *The March of Time*, iniciado em março de 1931, que trazia por meio da dramatização as notícias mais importantes que seriam publicadas na mesma semana. O programa tornou-se extremamente popular e, em 1937, foi contratado pela cadeia NBC, durando até 1945. Em 1935 foi lançada uma versão cinematográfica, tratando-se de uma autêntica revista filmada. A sede de *Time*, em Nova York, empregava, no início dos anos 1970, cerca de 270 pessoas (140 na administração e 130 na redação e pesquisa). Tinha equipes especializadas em *rewriting* que davam a forma definitiva, densa e concisa, aos artigos recebidos, garantindo “*seu caráter anônimo, uniforme e particular*” que contribui para assegurar o sucesso²⁴².

Nos anos 1970, a tiragem nacional chegou a 4.250.000 exemplares, compreendendo 12 edições regionais (*Time Eastern*, *Time East Central* etc.), e 13 edições metropolitanas (maiores tiragens em New York, Los Angeles, Chicago e Philadelphia). O conteúdo editorial diferia pouco nessas edições, mas permitia maior variedade de conteúdo publicitário. As edições internacionais cobriam 128 países, com os mesmos conteúdos, rubricas, editoriais e ensaios da edição norte-americana, diferindo apenas na publicidade. As tiragens eram as seguintes: Canadá,

²⁴¹ *Idem, ibidem*, p. 78.

²⁴² *Idem, ibidem*, p. 79.

480 mil, Edição Atlântica (Inglaterra, Holanda e França), 430 mil, Ásia, 180 mil, Edição Pacífico Sul, 162 mil, América Latina, 100 mil, Edições militares além-mar, 55 mil²⁴³.

A maioria dos artigos e das rubricas era anônima. A publicidade ocupava cerca de 50% da revista. Ao trazer para o Grupo Time Inc., em 1969, mais de 122 milhões de dólares em receitas publicitárias, obtinha ainda para uma página em preto e branco o valor de 23 mil dólares na edição americana, e cerca de quatro mil dólares na edição européia²⁴⁴.

O sucesso da *Time* levou alguns jornais a iniciar suas seções de notícias em revista nas edições dominicais, como foi o caso do *New York Sun*, em 1933, e do *The New York Times*, em 1955, entre outros²⁴⁵.

Os artigos veiculados originalmente pela *Time*, todos anônimos, conforme procedimento adotado pela revista, e analisados nesta tese são: “*Pio XII. Um papa diferente*”, publicado em *Seleções* em maio de 1954, “*A China é vencida pelo terror*”, em setembro de 1956, “*Fogo no Teto do Mundo*”, em agosto de 1959, “*Jânio - nova era para o Brasil*”, em setembro de 1961, “*Anatomia da decisão sobre Cuba*”, em fevereiro de 1963, entre vários outros.

²⁴³ *Idem, ibidem*, p. 80.

²⁴⁴ *Idem, ibidem*, pp. 80-81.

²⁴⁵ EMERY, *op. cit.*, p. 695.

The New York Times

O *The New York Times*, fundado por H. J. Raymond e G. Jones, preocupados com um jornalismo livre de escândalos e notícias sensacionalistas, passou a circular em setembro de 1851, com quatro páginas, e vendido a 1 *cent*. Em 1871, passou a veicular artigos que denunciavam a corrupção política da cidade de Nova York. Entre 1884 e 1896, o jornal entrou num período de declínio, chegando a uma tiragem de 9 mil exemplares, enquanto que o seu concorrente, o *New York Journal*, atingia 300 mil.

Em 1896, A. S. Ochs comprou o jornal e alterou seu conteúdo: maior importância para as notícias econômicas, lançamento de uma revista dominical com o resumo dos eventos da semana, e inauguração de uma seção de livros. Também alterou sua apresentação, com a mudança dos caracteres de impressão e da enunciação dos títulos. Em 1898, quando as tiragens atingiam 25 mil exemplares, Ochs baixou o preço de três *cents* para um *penny*, e em 1901, as tiragens já chegavam a 100 mil²⁴⁶.

O *New York Times* foi o primeiro jornal americano a ocupar as ondas do rádio para transmitir notícias, quando cobriu a guerra russo-japonesa em 1905. O jornal notabilizou-se pela qualidade de suas reportagens, bem como pela exclusividade com que repercutiu grandes acontecimentos, como a chegada do Almirante Peary ao Pólo Norte e de Amundsen ao Pólo Sul, e a travessia do Atlântico por Lindbergh. A transmissão da notícia da existência de pesquisa atômica garantiu ao jornal pedido do governo dos Estados Unidos para o acompanhamento das experiências atômicas, a fim de escrever a sua história. A presença do jornalista W. L. Laurence na equipe do B-29, que jogou a bomba atômica sobre Nagasaki, deu ao periódico enorme prestígio. Durante a Segunda Guerra Mundial, o jornal publicou uma *overseas edition* destinada às forças armadas, e depois do conflito as “*Memórias*” de

²⁴⁶ BURBAGE, *op. cit.*, pp. 44-45.

Churchill, Truman e Eisenhower. Em 1963, noticiou o texto completo do Relatório da Comissão Warren sobre o assassinato do presidente Kennedy. No plano político, o jornal tinha a reputação de ser liberal e, até 1970, havia sustentado por seis vezes a candidatura republicana às eleições presidenciais²⁴⁷.

A filosofia do jornal foi definida em 1896 por Ochs, cujas palavras encontram-se gravadas em mármore, à entrada do edifício-sede do jornal:

*“O meu objetivo mais fervoroso será o de que o The New York Times forneça as notícias, todas as notícias, numa forma concisa e atraente, numa linguagem de validade corrente nos meios cultos, e que dê essas notícias cedo, senão mais cedo do que possam ser conhecidas através de qualquer outro meio de comunicação. Que se dêem tais notícias imparcialmente, sem temor ou favor, independentemente de facção, de seita ou de interesses em jogo; com o fim de tornar as colunas do The New York Times uma tribuna para o exame de todas as questões públicas que tenham importância pública e, com essa finalidade, estimular a análise inteligente a partir de todas as matizes de opinião”*²⁴⁸.

Os artigos veiculados originalmente pelo *The New York Times* e depois em *Seleções* são: “*A Rússia de Malenkov*”, em março de 1955, “*A ilusão do poderio vermelho*”, em janeiro de 1956, “*Como se controla o pensamento de 650 milhões de chineses*”, em fevereiro de 1959, “*Aviso a Washington: a América Latina é vital para o hemisfério*”, em outubro de 1959, “*Cuba - um histórico da dominação comunista*”, em agosto de 1961, entre outros.

²⁴⁷ *Idem, ibidem*, p.46.

²⁴⁸ *Idem, ibidem*, pp. 46-47.

A revista *Life*, lançada em 1936, após o sucesso do suplemento fotográfico da revista *Time*, foi considerada uma revista de informações gerais, composta majoritariamente por fotografias – foi a primeira a fazer da fotografia uma informação. Antes mesmo da primeira publicação, a revista já possuía 200 mil assinantes, e meses mais tarde atingia um milhão.

A filosofia da revista tinha as seguintes premissas:

“Enxergar a vida; enxergar o mundo; testemunhar grandes acontecimentos; ver as faces dos pobres e os gestos dos orgulhosos; ver coisas estranhas: máquinas, exércitos, multidões, sombras na floresta virgem e na lua; ver o trabalho feito pelo homem, suas pinturas, torres e descobertas; ver as coisas que estão a centenas de milhares de quilômetros de distância, as coisas que se escondem por detrás das muralhas e dentro das alcovas; coisas perigosas de enfrentar; as mulheres que os homens amam, e uma infinidade de crianças; ver e sentir prazer em ver; ver e sentir-se entusiasmado; ver e instruir-se. Desta forma, ver e ser visto é, precisamente, o desejo e a nova expectativa de metade da humanidade”.²⁴⁹

Regra geral: nas primeiras páginas da revista eram publicadas as notícias atuais. E a maior parte das fotos servia para ilustrar os acontecimentos conhecidos do público, tendo o texto a função de apoio às ilustrações:

“toda a arte de Life reside na subversão dos valores: o texto, aqui, é que se torna ilustração e a foto assume o lugar essencial. Uma longa história não tem mais razão de ser, ela é ‘visível’, eis o que a equipe de Life chama de talk into the picture”.²⁵⁰

²⁴⁹ *Idem, ibidem*, pp. 87-88.

²⁵⁰ *Idem, ibidem*, pp. 88-89.

A aquisição destas fotografias, a custos elevadíssimos para o período, dava a idéia dos enormes gastos de funcionamento da revista, que limitavam o seu lucro, mesmo com tiragem expressiva e elevadas receitas publicitárias, que atingiam 154 milhões de dólares em 1969. Em 1971, uma página de publicidade a cores custava 54 mil dólares, e em preto e branco cerca de 37 mil. As tiragens de *Life* nunca deixaram de crescer até 1971: em 1955, cinco milhões de exemplares, em 1966, seis milhões, em 1968, oito milhões e meio (em parte devido ao fechamento do *The Saturday Evening Post*). A partir de janeiro de 1971, a Time Inc. resolveu reduzir a tiragem da revista a sete milhões de exemplares, para igualmente reduzir as tarifas da publicidade, e aumentar o preço das assinaturas. O grupo também resolveu suspender a publicação da edição internacional de *Life*, que era deficitária, a despeito de uma tiragem de 635 mil exemplares²⁵¹.

A *Life* também publicou uma série de artigos que foram reimpressos em *Seleções*, como os demais periódicos já citados. Os artigos são: “*Falo pelos escravos do Soviete*”, publicado em setembro de 1954, “*Como o Kremlin trata os seus*”, em dezembro de 1954, “*O sentido da confusão moscovita*”, em dezembro de 1956, “*A hora da América Latina*”, em dezembro de 1961, “*Os milhões de famintos na China*”, em abril de 1962.

²⁵¹ *Idem, ibidem*, p. 89.

A revista *U. S. News & World Report* foi criada em janeiro de 1948, após a fusão de duas revistas, *The United States News*, lançada em maio de 1933, que analisava os fatos acerca do governo norte-americano, com a *World Report*, lançada em maio de 1946, que tratava exclusivamente dos assuntos internacionais. Em 1970, a revista atingia tiragens de 1.825.000 exemplares, vendidos nos Estados Unidos e em todo o mundo.

O semanário geralmente compreendia 100 páginas, e a publicidade ocupava cerca de 30% do conjunto. Os artigos, inclusive as entrevistas, eram anônimos, sendo apenas o editorial, publicado na última página, assinado por David Lawrence, fundador²⁵².

Além dos artigos e comentários, estavam presentes algumas seções fixas, tais como “*To Morrow*” – sobre as tendências de curto prazo dos negócios americanos, nas esferas governamentais e políticas, “*Trend of American Business*” – notas rápidas sobre a Bolsa de Valores, os mercados etc., “*Worldgram*” – visão rápida das principais capitais e dos acontecimentos internacionais, “*News you can use*” – destaques dos direitos do cidadão, como as novas leis, bolsas de estudos etc., “*Business around the world*” – notícias dos mercados econômicos internacionais, “*March of the News*” – resenha dos acontecimentos da semana, “*People of the Week*” – sobre as pessoas que foram notícia na semana, e “*Whispers*” – comentários sociais.

²⁵² *Idem, ibidem*, p. 85.

Em fins de 1968, o semanário se definia da seguinte maneira:

“... um duplo sistema de comunicação para dizer às pessoas influentes do país o que o Governo está fazendo (...), para dizer ao Governo o que os cidadãos – nos Negócios e no Setor das Profissões, nas Fazendas, nas Fábricas, no setor da Educação e no das Ciências, na vida urbana e na vida rural – estão fazendo, por todos os cantos do País (...) U. S. News & World Report é um elo de ligação entre o Governo e os Governados”²⁵³.

Seleções publicou os seguintes artigos originalmente veiculados pela *U.S News & World Report*: “Cingapura cairá de novo?”, em fevereiro de 1956, “As conversações com a Rússia compensam?”, em abril de 1956, “Como a mocidade húngara lutou pela liberdade”, em janeiro de 1957, “Voltando a Cuba”, em abril de 1961, “Por que Krushev não quer guerra”, em agosto de 1962.

Outra característica dos artigos anticomunistas selecionados refere-se à grande diversidade de autores que produziram pautas sobre o assunto, e que foram publicados em *Seleções*; mas, da mesma forma que foi destacada a relação com o amplo leque de veículos de comunicação que o *Reader's Digest* utilizava, ela não representava uma pluralidade de pontos de vista.

Excluindo-se 36 artigos que não apresentavam autoria (cerca de 13%), os demais (232) foram produzidos por 144 autores diferentes. Observa-se que o *Reader's Digest* tinha preferência por alguns autores, pois também havia uma concentração: 13 autores assinaram 74 artigos (32%), seis autores 47 artigos (20%), e apenas dois autores foram responsáveis por 22 artigos (9%).

Destes artigos anticomunistas selecionados nesta pesquisa, o jornalista norte-americano **Eugene Lyons** produziu o maior número: 14. Como correspondente da

²⁵³ *Idem, ibidem*, pp. 85-86.

United Press em Moscou entre 1928 e 1934, foi considerado pelo meio jornalístico como um especialista nos assuntos soviéticos²⁵⁴.

Lyons foi o primeiro jornalista estrangeiro a entrevistar Stalin. Também trabalhou como editor na revista *The American Mercury*. Em 1957 iniciou sua trajetória no *Reader's Digest*. Escreveu diversos livros tendo o regime soviético como tema: “*Carrossel Moscou*” (1935), “*Nossos Aliados Secretos: os Povos da Rússia*” (1953), “*Stalin, Czar de Todas as Rússias*” (1942), “*A Década Vermelha*” (1941). “*Missão em Utopia*” (1937) foi possivelmente seu mais importante trabalho, um relatório do período que esteve na União Soviética, onde fazia severas críticas a Stalin e ao regime soviético, e recebeu inclusive comentários favoráveis de algumas lideranças, entre as quais Leon Trotsky e George Orwell.

Os artigos assinados por Eugene Lyons e veiculados em *Seleções* foram: “*Nossos aliados secretos: os povos da Rússia*”, condensação de seu próprio livro, publicado em agosto de 1954, “*Kruschev - o novo senhor do Kremlin*”, em novembro de 1957, “*O livro que está abalando o mundo comunista*”, sobre o livro *A nova classe*, de Milovan, Djilas, publicado em dezembro de 1957, “*Uma viagem à Rússia não faz um técnico*”, em janeiro de 1960, “*Já começou a Terceira Guerra Mundial! As ‘tropas de choque’ e seus processos de combate*”, em março de 1961, “*Sempre haverá uma ‘crise de Berlim*”, em dezembro de 1961, entre outros.

Frederic Sondern, Jr, também redator do *Reader's Digest*, escreveu oito artigos, dois deles condensados da revista *The Catholic World*. Trabalhou em Viena como correspondente do *McClure Newspaper Syndicate* de New York, de 1932 a 1938, até poucos meses depois da invasão alemã. Depois da guerra, retornou à cidade para acompanhar o período da ocupação soviética. “*Os negros americanos não quiseram ficar ‘vermelhos*”, publicado em março de 1954, “*Viena – Cidade de Coragem*”, em dezembro de 1954, “*Balões através da Cortina de Ferro*”, em abril de

²⁵⁴ As informações sobre Eugene Lyons foram obtidas nos próprios artigos por ele escritos, como nota de rodapé, como também no site www.en.wikipedia/wiki/Eugene_Lyons. Acesso em agosto de 2004.

1955, e “‘Chê’ Guevara - um argentino que manda em Cuba”, em novembro de 1960, são alguns de seus artigos publicados por *Seleções*.

Robert Littell foi o terceiro da lista, com sete artigos, seis escritos para o próprio *Reader's Digest* e um para a revista *Le Nouveau Candide*. Considerado um especialista em assuntos da União Soviética e do Leste Europeu, foi redator geral da revista *Newsweek*. Escreveu uma série de livros cuja temática principal é a espionagem: “*The Defection of A. J. Lewinter*”, “*The Company*”, “*The October Circle*”, “*Mother Russia*”, “*If Israel Lost The War*”, “*The Revolucionist*”, “*The Once and Future Spy*”, entre outros. Alguns de seus artigos publicados em *Seleções*: “*Berlim - a cidade dividida*”, em dezembro de 1955, “*O semideus que Stalin foi*”, em outubro de 1956, “*A outra Alemanha*”, em setembro de 1960, “*A heresia na Iugoslávia cria progresso*”, em março de 1962 etc.

James A. Michener (1907 – 1997) participou com seis artigos, todos como redator, ou convidado, do *Reader's Digest*. Formado em História, foi professor durante muitos anos no Colorado State Teachers College, como também na Universidade de Harvard. Durante a Segunda Guerra Mundial, como tenente da Marinha dos Estados Unidos, foi enviado em missão ao Oceano Pacífico Sul como historiador naval. E suas notas e impressão mais tarde foram a base de seu primeiro livro “*Tales of the South Pacific*”, com o qual ganhou o Prêmio Pulitzer de Ficção em 1948. Em 1971, Michener foi condecorado pelo presidente dos Estados Unidos, Gerald Ford, com a Medalha Presidencial da Liberdade²⁵⁵. Autor de mais de 40 livros, geralmente sobre grandes sagas das vidas de muitas gerações em local geográfico específico: “*Sayonara*”, “*Iberia*”, “*As Pontes de Toko-Ri*”, “*A Saga do Colorado*”, “*Os Rebeldes*”, “*A Ponte de Andau*” (também foi condensado e publicado pelo *Reader's Digest*), “*Hawaii*”, “*Alaska*”, “*Texas*”, “*O Mundo é Minha Casa*”, seu livro de memórias, entre outros. Alguns de seus artigos produzidos para o *Reader's Digest*: “*Tailândia - jóia*

²⁵⁵ As informações sobre James A. Michener foram obtidas nos próprios artigos por ele escritos, como nota de rodapé, como também no site www.en.wikipedia/wiki/James_Michener. Acesso em agosto de 2004.

da *Ásia*”, publicado em *Seleções* em março de 1955, “*O Enigma Pândita Nehru*”, em outubro de 1956, “*A batalha pela Birmânia*”, em setembro de 1958 etc.

Lester Velie aparece também com seis artigos, cinco para o *Reader's Digest* e um para o *Post* de Denver. Segundo informações veiculadas junto aos seus artigos em *Seleções*, foi escritor e jornalista, tendo trabalhado em diversos periódicos, tais como *Colliers* e *The Saturday Evening Post*, como também no *Reader's Digest*. “*Que está acontecendo na Iugoslávia?*”, em fevereiro de 1957, “*O latino-americano a quem os comunistas mais temem*” (no caso Rómulo Betancourt, presidente da Venezuela), em março de 1961 e “*A China ameaça a América Latina*”, em maio de 1961, são alguns dos artigos que assinou para a revista.

Louis Fischer, igualmente com seis artigos, quatro produzidos pelo *Reader's Digest* e dois pelo *The New Leader*, viveu na União Soviética durante 14 anos na qualidade de correspondente estrangeiro. Acompanhou em Berlim o movimento popular de junho de 1953, e escreveu um artigo sobre esse fato para o *Reader's Digest*: “*Dois Dias que Abalaram o Mundo Soviético*”, publicado em *Seleções* em janeiro de 1954. É autor de diversos livros sobre o comunismo, entre eles “*Soviets in World Affairs*” e “*The Life and Death of Stalin*”. Outros artigos publicados na revista: “*China e Rússia - aliados ou rivais?*”, em setembro de 1954, “*Rebelião em Poznan*”, em março de 1957, “*Berlim, fronteira da liberdade*”, em dezembro de 1959 etc.

André Visson, russo de nascimento, naturalizou-se cidadão norte-americano, foi correspondente internacional de diversos jornais, como *The Washington Post*, e revistas, inclusive a *Reader's Digest*, como consultor para assuntos internacionais. Escreveu dois importantes livros: “*The Coming Struggle for Peace*” (1944) e “*As Others See Us*” (1948). Foram selecionados quatro artigos anticomunistas: “*A Alemanha de hoje*”, publicado em *Seleções* em maio de 1954, “*A Itália vai vencendo a crise*”, em setembro de 1955, “*Desconfia do teu próximo como a ti mesmo*”, em dezembro do mesmo ano, e “*Oriente versus Ocidente em conferência de cúpula*”, em maio de 1960.

Dickey Chapelle (1919 – 1965) trabalhou como fotógrafa e repórter. Iniciou sua carreira na *National Geographic*. Esteve presente Segunda Guerra Mundial junto com a Marinha norte-americana. Presenciou movimentos em Cuba, Hungria e Vietnã do Sul. Chapelle foi a primeira mulher a receber aprovação do Pentágono para saltar de pára-quedas juntos com as tropas. Ganhou muitos prêmios, como a “Fotógrafa do Ano”, em 1963, pela Associação dos Fotógrafos da Imprensa, pelo trabalho realizado durante um combate da marinha no Vietnã em 1962, justamente quando o governo dos Estados Unidos passou a proibir a participação de repórteres naquela guerra. No outono de 1965, Chapelle conseguiu convencer os editores do *National Observer* a enviá-la novamente para o Vietnã. Parecendo pressentir algo, antes de viajar, entregou toda sua vasta coleção de fotografias, escritos, cartas e relatórios para a Universidade de Wisconsin, em Madison.

No dia 4 de novembro de 1965, Dickey Chapelle foi atingida por uma granada. Foi a primeira pessoa da imprensa a morrer no Vietnã, e a primeira mulher repórter norte-americana a morrer em batalha²⁵⁶. Dos artigos anticomunistas selecionados, Dickey Chapelle escreveu quatro, todos para o *Readers Digest*: “*A Rússia estaca na Turquia*”, publicado em *Seleções* em outubro de 1958, “*Lembrem-se de 26 de julho! A história de Fidel Castro e a libertação de Cuba*”, em junho de 1959, “*Cuba... um ano depois*”, em março de 1960, e “*O padre guerreiro do Vietname*”, em outubro de 1963.

Hanson W. Baldwin (1903-1991), graduado pela Academia Naval dos Estados Unidos, foi um jornalista, autor e correspondente militar para o *The New York Times* entre as décadas de 1940 e 1960, cobrindo a Segunda Guerra Mundial, a Guerra da Coréia e a Guerra Fria. Ganhou o Prêmio Pulitzer em 1943, pelos seus artigos sobre a guerra no Sudeste do Pacífico. Escreveu o livro “*Great mistakes of the war*”, em 1950. Seus três artigos selecionados foram originalmente publicados no *The New York Times* e, portanto condensados pelo *Reader's Digest*: “*A ilusão do*

²⁵⁶ Informações obtidas no site www.photobetty.com/dickey_chapelle/15.htm. Acesso em agosto de 2004.

poderio vermelho”, publicado em *Seleções* em janeiro de 1956, “*Qual é a situação*”, em julho de 1958, e “*Nuvens sobre Guantânamo*”, em fevereiro de 1961.

Os irmãos **Joseph e Stewart Alsop** ficaram conhecidos como jornalistas políticos do *New York Herald Tribune*, e das revistas *The Saturday Evening Post* e *Newsweek*. Depois de se formar em Harvard, Joseph foi trabalhar no *Herald Tribune*, onde permaneceu durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto Stewart entrou para o *Office of Strategic Services* – OOS, em 1944. Depois da guerra, os irmãos Alsop passaram a produzir a coluna “*Matter of Fact*”, escrita entre 1946 e 1958. Foi neste período que eles ganharam reconhecimento; sua coluna tornou-se concorridíssima em todo o país, e eles, ao lado de Walter Lippmann, são considerados os mais importantes jornalistas do século XX nos Estados Unidos²⁵⁷.

Os Alsop não trabalharam para o *Reader's Digest*. Dos seis artigos publicados pela revista, um foi originalmente publicado no *New York Herald Tribune*, assinado apenas por Joseph Alsop, e os demais na *The Saturday Evening Post* (um assinado por ambos e os outros quatro por Stewart Alsop): “*A corrida que a Rússia está ganhando*”, publicado em *Seleções* em novembro de 1956, “*O que vi no inquieto império de Krushev*”, em julho de 1960, “*Como a China Vermelha fez tremer o Kremlin*”, em dezembro de 1963 etc.

Irwin Ross trabalhou para o *Reader's Digest*, como *roving editor*, mas também produziu artigos para várias outras revistas, entre elas *Fortune*, *Harper's* e *The New Leader*. Também foi autor de diversos livros, tais como “*The Loneliest Campaign*”, “*The Image Merchants*” e “*Shady Business*”. Dos artigos selecionados pela pesquisa, Irwin Ross participou com dois: “*China Vermelha - a grande traficante de entorpecentes*”, publicado em *Seleções* em maio de 1955, e “*A Finlândia estará brincando de roleta russa?*”, em fevereiro de 1963.

²⁵⁷ Informações obtidas no site www.bartleby.com/65/al/Alsop-Jo.html. Acesso em agosto de 2004.

John Gunther (1901 – 1970) foi jornalista e romancista norte-americano. Depois de se formar na Universidade de Chicago, foi para a Europa em 1924, pelo *The Chicago Daily News*, onde permaneceu durante 12 anos, trabalhando nos escritórios em Londres, Berlim, Viena, Moscou, Roma e Paris. Também visitou a Polônia, Espanha, os Bálcãs e a Escandinávia. Apreendeu um extraordinário panorama da Europa entre 1924 e 1936, e todas estas experiências foram reunidas no livro *“Inside Europe”*, lançado em 1936, e que se tornou sucesso mundial. Entre 1937 e 1938, Gunther viajou pela Ásia e lançou um livro sobre suas experiências naquele continente: *“Inside Ásia”* (1939). Na mesma linha vieram *“Inside Latin America”* (1941), *“Inside USA”* (1947), *“Behind the Curtain”* (1949), *“Inside Africa”* (1955), *“Inside Russia Today”* (1958) etc. Também produziu três biografias: *“Roosevelt in Retrospect: a Profile in History”* (1950), *“The Riddle of MacArthur: Japan, Korea, and the Far East”* (1951) e *“Eisenhower, the Man and the Symbol”* (1952). Estes “inside books” renderam a John Gunther três milhões e meio de cópias vendidas em todo o mundo, num período de 30 anos²⁵⁸. Dos seus livros, dois foram condensados e publicados pelo *Reader’s Digest*: *“Moscou, cidade monótona”*, publicado em *Seleções* em março de 1958, e *“A Rússia chama para a escola”*, em maio do mesmo ano, faziam parte da obra *“Inside Russia Today”*, e o artigo *“A Alemanha que eu vi”*, publicado em julho de 1961 na edição brasileira, resumo do primeiro capítulo do livro *“Inside Europe Today”*.

Leland Stowe (1889 - 1994) iniciou sua carreira jornalística em 1921, no *Worcester Telegram*. No ano seguinte entrou para o *New York Tribune* e, em 1926 tornou-se um de seus correspondentes estrangeiros. Baseado na França, Stowe ganhou o Prêmio Pulitzer em 1930 pela sua cobertura da Conferência de Reparações de Paris. No verão de 1933, visitou a Alemanha, e escreveu uma série de artigos sobre os planos expansionistas de Adolf Hitler, prevendo que dentro de dez anos uma nova guerra teria início; entretanto, o editor do *New York Tribune*, considerando estes artigos muito alarmistas, não os publicou. Mas Stowe estava decidido a torná-los públicos, e escreveu um livro intitulado *Nazi Germany Means War* (1933). Foi um fracasso de venda.

²⁵⁸ Informações obtidas no site www.hwwilson.com/print/14gunther.html. Acesso em agosto de 2004. Antonio Pedro Tota, em

Quando começou a Segunda Guerra Mundial, o jornal considerou-o muito velho para ser correspondente do conflito. Estava apenas com 39 anos, e tentou convencer o *Chicago Daily News* e o *New York Post*. No fim, Stowe participou da guerra, pelo *Chicago*, cobrindo durante os seis anos do conflito, em 44 países, distribuídos em quatro continentes. Obteve “furos de reportagem” na guerra, entre eles a invasão russa na Finlândia. Aliás, foi o único que conseguiu chegar a certas zonas de combate dos russos não acessíveis a jornalistas. Testemunhou algumas conquistas alemãs nos Bálcãs, e descobriu um esquema do líder chinês Chiang Kai-Shek para usar os recursos militares norte-americanos contra os comunistas chineses ao invés de contra os japoneses.

Pelos seus trabalhos durante a guerra, além do Prêmio Pulitzer, Stowe recebeu diversas homenagens e premiações. Depois da guerra, foi editor da revista *Reporter*, e também diretor de notícias e de serviço de informação da Rádio Europa Livre. Em 1955, começou a dar aulas na Universidade de Michigan e entrou para o *staff* de escritores do *Reader's Digest*²⁵⁹.

Dos artigos anticomunistas selecionados, quatro foram produzidos por Leland Stowe, para a própria revista: “*Leva a esperança atrás da Cortina de Ferro*”, publicado em abril de 1954, “*Adeus "Lar, doce lar"*”, em outubro de 1955, “*Os finlandeses continuam lutando pela liberdade*”, em novembro de 1959, e “*A China Comunista quer ser potência mundial*”, em fevereiro de 1961.

Max Eastman (1883 – 1969) nasceu nos Estados Unidos. Estudou filosofia com John Dewey na Universidade de Columbia. Mudou-se 1907 para New York. Socialista, Eastman começou a se envolver em várias causas, como o movimento pelo sufrágio para as mulheres, em 1910. Logo ganhou a reputação de jornalista notável e em 1912 foi convidado para ocupar o cargo de editor da revista de esquerda *The Masses*. Organizados em cooperativa, artistas e escritores contribuíam com o periódico, dividindo sua administração. *The Masses* se envolvia

“*O imperialismo sedutor*”, denominou John Gunther como historiador semi-oficial do *New Deal*.

²⁵⁹ Informações obtidas no site www.spartacus.schoolnet.co.uk/2WWstoweL.htm. Acesso em agosto de 2004.

frequentemente com as autoridades, em virtude do conteúdo dos artigos e também dos famosos *cartoons* que a revista publicava. Eastman, como a maioria dos integrantes de *The Masses*, acreditava que o sistema imperialista competitivo era a causa para a Primeira Guerra e que os Estados Unidos deveriam manter-se neutros no conflito. Pressionada pelo governo para mudar seu posicionamento, a revista perdeu seus privilégios de correio. Em 1917, em virtude da publicação de charges e de artigos que desmereciam os esforços norte-americanos na guerra, a revista foi judicialmente acusada de ter violado a Lei de Espionagem; entretanto, com o fim do conflito, decidiu-se pelo engavetamento do processo.

Em 1918, Eastman juntou-se com sua irmã, Crystal Eastman, Art Young e Floyd Dell, e fundou outro periódico radical, *The Liberator* (absorvido quatro anos depois por Robert Minor e pelo Partido Comunista, e que passou a receber outro nome a partir de 1924, *The Workers' Monthly*).

Com estas mudanças, Eastman viajou para a União Soviética. Tinha recebido bem a Revolução Russa, mas desiludiu-se com Stalin quando este expulsou Leon Trotsky. Mudou-se para França, onde escreveu *Since Lenin Died* (1925), e *Marx and Lenin: The Science of Revolution* (1926). Nestes livros, Eastman advertia sobre os perigos da postura que Stalin ia assumindo; mas as obras foram mal-recebidas pelos marxistas norte-americanos, que passaram a denunciar Eastman como um rebelde individualista. Em 1927, Eastman retornou aos Estados Unidos e passou a colaborar com Trotsky, como seu tradutor e agente literário não oficial. Suas críticas a Stalin se ampliaram a partir dos expurgos promovidos pelo líder soviético, quando vários de seus amigos foram executados. Neste período publicou uma série de livros: *The Enjoyment of Laughter* (1935), *The End of Socialism in Russia* (1937), *Marxism: Is It Science?* (1940), *Stalin's Russia and the Crisis in Socialism* (1940) e *Heroes I Have Known* (1942).

Durante a Segunda Guerra Mundial, Eastman começou a questionar suas crenças socialistas. Em 1941, o *Reader's Digest* o contratou como *roving editor*, e então passou a publicar seus ataques sobre socialistas e comunistas. Trabalhou para a revista mais de 25 anos. Em 1950, Eastman foi um forte colaborador de McCarthy e do Comitê de Atividades Anti-Americanas – HUAC. Seus artigos

anticomunistas publicados no *Reader's Digest*, no *The Freeman* e no *National Review*, na década de 1950, tiveram papel importante no fortalecimento do macarthismo. Em 1955, Eastman publicou *Reflections on the Failure of Socialism*. Também escreveu, mais tarde, dois volumes de autobiografia: *The Enjoyment of Living* (1948) e *Love and Revolution* (1965)²⁶⁰.

Dos cinco artigos de Eastman que se encontram inseridos no conjunto dos selecionados na pesquisa, quatro foram produzidos para o *Reader's Digest*, sendo que, destes, um era condensação do livro *Reflections on the failure of socialism*, e dois sobre o livro *Protracted Conflict*. O artigo produzido para *National Review*, “Noruega: um exemplo do que é socialismo”, publicado em *Seleções* em setembro de 1956, comparava o socialismo praticado na Noruega com o praticado na União Soviética.

O jornalista **Ralph de Toledano** tem sua importância para a pesquisa, pois seu livro sobre o ex-comunista e ex-redator da revista *Time*, Witthaker Chambers, e sua participação na HUAC como delator do caso Alger Hiss, foi um dos poucos publicados por *Seleções* no interior dos Estados Unidos.

Toledano, depois de se formar em jornalismo e trabalhar em várias empresas, serviu o Exército entre 1943 e 1946. Quando retornou aos Estados Unidos, ajudou a montar em New York a revista mensal anticomunista *Plain Talk*, na qual ocupou o cargo de diretor-gerente. Trabalhou na revista *Newsweek* entre 1948 e 1960, como redator de notícias nacionais, e depois como correspondente em Washington. Nunca trabalhou para o *Reader's Digest*.

Seus outros livros incluem *Seeds of Treason* (1950), que foi condensado e publicado pelo *Reader's Digest*, *Spies, Dupes and Diplomats* (1952), a novela *Day of Reckoning* (1955), uma autobiografia, *Lament for a Generation*, com introdução de Richard Nixon (1960), e *RFK, The Man Who Would Be President* (1967). Mas, Ralph

²⁶⁰ Informações obtidas no site www.spartacus.schoolnet.co.uk/Jeastman.htm. Acesso em agosto de 2004.

de Toledano ficou famoso pelos dois volumes de biografia sobre Richard Nixon, de quem foi amigo íntimo: *Nixon, uma Biografia* (1956) e *Richard Nixon. Um homem solitário* (1969)²⁶¹.

Os 268 artigos anticomunistas selecionados foram agrupados por temas, conforme tabela abaixo, tendo como base principalmente os aspectos geopolíticos, visto que seus discursos, obviamente sob a ótica dos autores que os produziram, variavam de acordo com a posição que um determinado país ou região em foco no campo político-econômico internacional da guerra fria:

AGRUPAMENTO	Nº ARTIGOS	%
Eurásia	113	42
Aspectos Teóricos	90	34
América Latina	31	12
China	30	11
África	4	1

- **Eurásia**

O maior número de artigos foi agrupado sob o título *Eurásia*, pois discutem um amplo leque de temas sobre países da Europa Oriental e, em menor quantidade, sobre países da parte ocidental, sobre a União Soviética e demais países do sul e sudeste asiáticos (com exceção da China que, em virtude do grande número de artigos, recebeu um agrupamento próprio).

Deste grupo destacam-se os artigos relacionados especificamente a União Soviética – 28, que, no seu conjunto, analisavam em profundidade aspectos do

²⁶¹ Informações obtidas no volume de sua obra “*Richard Nixon. Um homem solitário*”. RJ: Edições O Cruzeiro, s/d (1ª edição norte-americana: 1969). Tradução: Luiz Carlos F. de Paula Xavier.

regime soviético. O funcionamento precário do país, por exemplo, favorecia a sobrevivência de um capitalismo ainda em escala considerável e a existência de uma burocracia que engessava o sistema²⁶². Os erros da política econômica do governo, considerada uma “monumental salada”, eram constantemente denunciados²⁶³. Outros artigos mostravam a influência do regime no mundo dos esportes, cujas vitórias significavam pontos favoráveis ao comunismo²⁶⁴, como também o forte investimento estatal na educação, com a formação de um grande contingente de cientistas e técnicos, o que constituía grande risco para o equilíbrio de forças no mundo²⁶⁵.

Difundia-se também a idéia do forte apoio que o Ocidente poderia receber dos povos soviéticos, que viviam em péssimas condições, em constante tensão com os dirigentes, e sem o conforto do mundo capitalista²⁶⁶. Um artigo, que discutia a vida na União Soviética, afirmava que “*muitos nunca tinham lido uma coluna social no jornal, muitos nunca tinham visto um supermercado, uma torradeira elétrica, um campo de golfe, e sequer tinham isqueiro*”; e se os soviéticos tivessem consciência da existência das melhores condições proporcionadas pelos países capitalistas ocidentais, fatalmente seria o começo do fim do regime comunista²⁶⁷.

Outro artigo criticava o rigor dos órgãos de vigilância e repressão, da tortura e do terror, da censura e da intimidação, numa constante atmosfera de desconfiança

²⁶² WHITNEY, Tom. “Capitalistas que prosperam na Rússia”. Cond. de *The Wall Street Journal*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 149, jun/1954, pp. 38-41.

²⁶³ STROHM, John. “Alimentos: calcanhar-de-Aquiles do comunismo”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 270, jul/1964, pp. 44-49; Anônimo. “A monumental ‘salada’ econômica de Krushev”. Cond. de *Time*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 271, ago/1964, pp. 42-47.

²⁶⁴ POLING, James. “Como os comunistas subvencionam um campeão”. Cond. de *Sports Illustrated*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 176, set/1956, pp. 109-113.

²⁶⁵ Anônimo. Cond. de *Life*. “A Rússia recruta seus técnicos”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 180, jan/1957, pp. 75-76; GUNTHER, John. “A Rússia chama para a escola”. Cond. de seu próprio livro *Inside Russia Today*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 196, mai/1958, pp. 43-46.

²⁶⁶ Entre outros: LYONS, Eugene. “Nossos aliados secretos: os povos da Rússia”. Cond. de seu próprio livro *Our secret allies: the people of Russia*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 151, ago/54, pp. 185-224; Anônimo. “O lado fraco do poderio russo”. Cond. de *U.S. News & World Report*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 202, nov/58, pp. 99-103; RAYMOND, Ellsworth. “Os enfurecidos camponeses da Rússia”. Cond. de *The Saturday Evening Post*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 164, set/55, pp. 99-103; *Idem*. “O que os russos me contaram”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 204, jan/1959, pp. 32-39; HOBBS, Enno. “Cantando na Rússia soviética”. Cond. de *The Lion*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 211, ago/59, pp. 100-118.

²⁶⁷ GUNTHER, J. “Moscou, cidade monótona”. Cond. de seu próprio livro *Inside Russia Today*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 194, mar/58, pp. 34-39.

interna²⁶⁸. Foram feitas críticas ao mito criado em torno de Stalin, considerado “*um homem vaidoso, ignorante, covarde, cruel, desconfiado, maligno, despótico, demente e monstruoso*”. E afirmava-se a igual culpa dos que acusavam os crimes de Stalin, por terem permanecido em silêncio e obedecido às suas ordens²⁶⁹. Nikita Krushev também foi bastante criticado, visto pelo Ocidente como cruel e sem escrúpulos, dissimulado numa fachada bem-humorada, amigável, cordial e pacificadora, destacando a forma como destruiu seus adversários para se tornar o número um do regime²⁷⁰.

As condições políticas após a morte de Stalin, tratadas em mais de uma ocasião como um possível assassinato, foram descritas em detalhes: o final trágico de Lavrenti Beria, o fortalecimento do Exército em torno do Marechal Zhukov, a relação entre o regime, a igreja ortodoxa e os judeus, a permanência do trabalho forçado, o secretíssimo programa nuclear, as tensas relações com a China, a aproximação com a Índia, e a reaproximação com Inglaterra e França²⁷¹.

Alguns artigos abordavam as repressões e deslocamentos sofridos pelos povos soviéticos, como os *kazaks* e os habitantes de Chechen-Ingush, Ucrânia, Estônia, Letônia e Lituânia; os casos de raptos de cientistas alemães; e as ações do regime visando a falsificar documentos oficiais²⁷². A repressão intelectual foi tema recorrente: a censura interna à publicação de livros, como “Dr. Jivago”, de Boris Pasternak, e a proibição deste em receber o Prêmio Nobel de Literatura, foram intensamente exploradas²⁷³.

²⁶⁸ THAYER, Charles W. “*Como o Kremlin trata os seus*”. Cond. de *Life*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 155, dez/54, pp. 81-86.

²⁶⁹ LITTELL, Robert. “*O semideus que Stalin foi*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 177, out/56, pp. 65-68.

²⁷⁰ LYONS, E. “*Krushev - o novo senhor do Kremlin*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 190, nov/57, pp. 54-63; *Idem*. “*As muitas faces de Nikita Krushev*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 212, set/59, pp. 37-43.

²⁷¹ SALISBURY, Harrison E. “*A Rússia de Malenkov*”. Cond. de *The New York Times*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 158, mar/55, pp. 139-190; VISSON, André. “*Desconfia do teu próximo como a ti mesmo*”. Cond. de *The Freeman*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 167, dez/55, pp. 119-122; Anônimo. “*O sentido da confusão moscovita*”. Cond. de *Life*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 179, dez/56, pp. 68-70; FISCHER, Louis. “*O erro fatal do Marechal Zhukov*”. Cond. de *The New Leader*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 196, mai/59, pp. 92-95.

²⁷² KENT, George. “*A espantosa fuga dos ‘homens sem amo’*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 163, ago/55, pp. 86-94; JORDAN, Henry. “*Ivan Serov: verdugo n° 1 do Kremlin*”. Cond. de *Argosy*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 197, jun/58, pp. 145-154; LITTELL, Robert. “*Técnico alemão seqüestrado por Moscou*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 201, out/58, pp. 54-59.

²⁷³ LYONS, E. “*O livro que o Kremlin tem medo de deixar os russos lerem*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 207, abr/59, pp. 60-67; *Idem*, “*Um espectro assombra o Kremlin*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 262, nov/63, pp. 46-53.

Os artigos relacionados com a Europa Oriental exploraram com intensidade as revoltas populares ocorridas após a morte de Stalin, tanto na Alemanha Oriental, em junho de 1953, como na Polônia, em outubro de 1956, e na Hungria, nos meses de outubro e novembro de 1956, onde as tropas soviéticas esmagaram a revolução “*num banho de sangue de crueldade inominável*”, gerando manifestações de protesto em todo o mundo, inclusive provocando “*baixas*” em diversos Partidos Comunistas e organizações sindicais²⁷⁴.

Alguns artigos mostravam as atividades anticomunistas da Rádio Europa Livre, do Comitê Europa Livre e da Rádio Libertação, que alertavam os povos do Leste Europeu sobre a organização do comunismo nos seus países, descreviam as precárias condições de vida, e os estimulavam a romperem com o domínio soviético e a voltarem-se para o Ocidente²⁷⁵. A espetacular “neutralidade” de Viena, considerada uma “*desconcertante janela aberta sobre o mundo ocidental*”, foi enfatizada num artigo, enquanto que um outro criticou a devassa provocada pelos soviéticos na Áustria durante os anos de ocupação²⁷⁶.

Vários outros artigos mostravam as perversas ações de “*Hilda Vermelha*”, também chamada de “*Guilhotina Vermelha*”, o controle dos regimes comunistas no mundo dos esportes, a resistência da Igreja na Alemanha Oriental, a situação da Iugoslávia que, após o rompimento com a URSS em 1948, reconheceu os

²⁷⁴ Entre outros; FISCHER, L. “*Dois dias que abalaram o mundo*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 144, jan/54, pp. 33-43; *Idem*. “*Rebelião em Poznan*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 182, mar/1957, pp. 61-66; HOTCHKISS, Christine. “*A revolução silenciosa da Polônia*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 188, set/1957, pp. 53-61; LACHMANN, Kurt S.; PAINTON, Fred C. “*Como a mocidade húngara lutou pela liberdade*”. Cond. de *U.S. News & World Report*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 180, jan/1957, pp. 43-48; BUCHWALD, Art. “*Os comunistas contam a verdadeira história de Budapeste*”. Cond. de *New York Herald Tribune*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 182, mar/1957, pp. 38-39; MALETER, Maria. “*Herói da Hungria rebelde*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 206, mar/1959, pp. 147-192; BONE, Edith. “*Sete anos de solidão*”. Cond. de seu livro *Seven years solitary*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 212, set/59, pp. 140-148.

²⁷⁵ STOWE, Leland. “*Leva a esperança atrás da Cortina de Ferro*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 147, abr/1954, pp. 99-110; SONDERN Jr. Frederic. “*Balões através da Cortina de Ferro*”. Cond. de *The Catholic World*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 159, abr/1955, pp. 135-142; RATICLIFF, J. D. “*A medicina rompe a Cortina de Ferro*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 173, jun/1956, pp. 101-108; HOBGING, Enno. “*A Rádio Libertação penetra a Cortina de Ferro*”. Cond. de *The New Leader*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 208, mai/1959, pp. 128-134; ALSOP, Stewart. “*O que vi no inquieto império de Krushchev*”. Cond. de *The Saturday Evening Post*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 222, jul/1960, pp. 83-96; NIXON, Richard. “*A fraqueza oculta de Krushchev*”. Cond. de *The Saturday Evening Post*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 265, fev/1964, pp. 58-63.

²⁷⁶ SONDERN, F. “*Viena - cidade de coragem*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 155, dez/1954, pp. 44-49; KENT, George. “*O saque da Áustria pelos vermelhos*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 172, mai/1956, pp. 51-55.

insucessos do comunismo e estava ensaiando uma virada para o Ocidente, entre outros temas²⁷⁷.

Mas também foram veiculados artigos que buscavam impugnar as ações comunistas pela discussão de situações favoráveis à democracia na Europa Ocidental, como o recuo do Partido Comunista na França e na Itália, a segurança proporcionada pelas tropas da OTAN, o crescimento vertiginoso da Alemanha Ocidental, com Konrad Adenauer no comando do governo, a resistência heróica da Finlândia e da Noruega ao avanço comunista pelo flanco setentrional, o abalo que o livro *A nova classe*, de Milovan Djilas, ex-vice-presidente da Iugoslávia, estava provocando no mundo comunista²⁷⁸.

O caso de Berlim, “*metade escrava e metade livre*”, mereceu da revista destaque especial. A cidade, aos olhos dos autores dos artigos, era a única porta aberta na Cortina de Ferro, e por este motivo Moscou sempre queria fechá-la. Estes artigos também traziam informações do elevado número de refugiados da parte Oriental na Ocidental, antes da construção do muro, e as dificuldades impostas de

²⁷⁷ MUHLEN, Norbert. “O carrasco mais temido da Europa”. Cond. de *The Saturday Evening Post*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 168, jan/56, pp. 90-94; WECHSBERG, Joseph. “Como a Rússia espera ganhar as Olimpíadas”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 161, jun/55, pp. 89-94; Anônimo. “Pio XII. Um papa diferente”. Cond. de *Time*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 148, mai/54, pp. 25-29; SONDERN Jr, F. “A batalha de Bolonha”. Cond. de *The Catholic World*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 153, out/54, pp. 52-57; VELIE, Lester. “Que está acontecendo na Iugoslávia?”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 181, fev/1957, pp. 39-45; WILSON, Jerome. “O maior ‘gangster’ de Moscou na Europa”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 193, fev/1958, pp. 134-140.

²⁷⁸ Entre outros: VISSON, André. “A Alemanha de hoje”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 148, mai/19054, pp. 34-40; ROOT, Lin. “Finlândia - sobrevivência pelo sisu”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 163, ago/1955, pp. 162-170; VISSON, A. “A Itália vai vencendo a crise”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 164, set/1955, pp. 50-54; EASTMAN, Max. “Noruega: um exemplo do que é socialismo”. Cond. de *National Review*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 176, set/1956, pp. 133-142; Anônimo. “Ele sustentou a defesa da Europa”. Cond. de *Time*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 184, mai/1957, pp. 122-124; ROOT, L. “A recuperação da Alemanha”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 187, ago/1957, pp. 52-58; LYONS, E. “O livro que está abalando o mundo comunista”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 191, dez/1957, pp. 33-38; STANLEY, High. “A Alemanha Vermelha perde a guerra contra a Igreja”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 192, jan/1958, pp. 47-51; STOWE, Leland. “Os finlandeses continuam lutando pela liberdade”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 214, nov/1959, pp. 77-82; LITTELL, Robert. “A outra Alemanha”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 224, set/1960, pp. 39-44; CHAMBERLIN, William H. “Por que a Europa abandonou o socialismo”. Cond. de *The Freeman*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 228, jan/1961, pp. 96-100; LITTELL, R. “A heresia na Iugoslávia cria progresso”. Cond. de *Le Nouveau Candide*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 242, mar/1962, pp. 55-61.

forma crescente pelo regime comunista, a recorrente questão da reunificação das duas Alemanhas, assim como as pesadas críticas em torno do Muro de Berlim²⁷⁹.

Neste mesmo grupo, o Sul e o Sudeste Asiático também foram extensamente explorados pela revista, como regiões frágeis perante o domínio comunista. Nesse sentido, seus artigos abordavam, por exemplo, o risco do domínio da Tailândia pelos comunistas, por encontrar-se rodeada por eles em todas as fronteiras, inclusive justificando a instalação de tropas da SEATO no país²⁸⁰; o projeto de educação em massa nas Filipinas, como forma de dar dignidade ao povo e fortalecê-los contra o comunismo, e os esforços de Magsaysay para massacrar os *huks*, dominados pelos comunistas²⁸¹. Mostrava-se a luta de Ngo Dinh Diem, Primeiro-Ministro do Vietnã do Sul, contra focos comunistas no país, e o dramático processo de transferência dos refugiados do Vietnã do Norte para o do Sul, conforme definido no Congresso de Genebra de 1955²⁸².

A Austrália, por sua vez, era difundida pela revista como o baluarte da defesa do “mundo livre” naquela região²⁸³. Nessa mesma linha, temia-se a Indonésia, recém-independente, e que a saída dos britânicos de Cingapura tornassem as duas regiões satélites comunistas. Discutia-se a frágil neutralidade da Birmânia e do Laos, que vinham sofrendo intensa propaganda ideológica e recebendo ajuda econômica da União Soviética e da China²⁸⁴. A questão do Tibet, invadido pela China, e as dificuldades de Nehru em se posicionar de forma neutra diante dos blocos em disputa, também foi utilizado pela revista

²⁷⁹ Entre outros: LITTELL, R. “Berlim – a cidade dividida”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 167, dez/1955, pp. 93-99; FISCHER, Louis. “Berlim, fronteira da liberdade”. Cond. de *The New Leader*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 215, dez/1959, pp. 45-49; BIRNIE, William A. H. “A infamante Muralha de Berlim”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 240, jan/1962, pp. 21-27.

²⁸⁰ MICHENER, James A. “Tailândia - jóia da Ásia”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 158, mar/55, pp. 117-132; BUSCH, Noel F. “O interesse do mundo livre na Tailândia”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 250, nov/62, pp. 60-65.

²⁸¹ McEVOY, J. C. “Magsaysay: exemplo de dinamismo para a Ásia”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 155, dez/54, pp. 117-126; *Idem*. “Um homem acorda a Ásia”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 163, ago/55, pp. 201-228.

²⁸² ARMSTRONG, O. K. “O maior homenzinho da Ásia”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 171, abr/56, pp. 95-102; Anônimo. “Livrai-nos do mal”. Cond. do livro de Thomas Dooley. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 174, jul/56, pp. 170-214.

²⁸³ Anônimo. “Austrália: nova âncora da defesa”. Cond. de *U.S. News & World Report*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 154, nov/54, pp. 187-188.

²⁸⁴ Entre outros: Anônimo. “Cingapura cairá de novo?”. Cond. de *U.S. News & World Report*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 169, fev/56, pp. 81-84; CALDWELL, John C. “A China Vermelha ‘ataca o coração’ da Ásia”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 183, abr/57, pp. 44-47; MICHENER, J. A. “A batalha pela Birmânia”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 200, set/58, pp. 130-140; *Idem*. “Malaca - nação exótica e

como prova do poderio crescente dos comunistas sobre todo o sul e sudeste da Ásia. Também era discutida a estratégia de guerrilhas utilizada pelos comunistas para conquistar o sudeste asiático, e o alto preço pago pelos Estados Unidos para entrar na luta²⁸⁵.

- **Aspectos Teóricos**

Os 90 artigos que compõem o segundo maior agrupamento, *Aspectos Teóricos*, discutem três questões mais gerais sobre o embate entre capitalistas e comunistas: *Coexistência Pacífica*, *Comunismo* e *Armamentismo*.

A maioria dos que analisaram a **Coexistência Pacífica**, tema intensamente discutido nas décadas de 1950 e 1960, mostrava o mundo ocidental receoso, ou mesmo contrário à convivência mútua, pois acreditava-se que a redução das tensões e conseqüente quebra na vigilância por parte do Ocidente era um truque dos soviéticos para conseguirem maiores concessões e expandirem sua guerra ideológica para outros países. Assim, por meio da coexistência os soviéticos poderiam manter seus serviços de infiltração, subversão, espionagem e sabotagem, e contornar o clima tenso e hostil no interior do seu próprio país. Enquanto os

livre”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 203, dez/58, pp. 229-252; COUSIN, Norman. “Atrás da cortina do Laos”. Cond. de *Saturday Review*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 233, jun/61, pp. 73-79.

²⁸⁵ MICHENER, James A. “O Enigma Pândita Nehru”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 177, out/56, pp. 149-160; MAAS, Peter. “O maquiavélico Sr. Menon”. Cond. de *The Saturday Evening Post*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 250, nov/62, pp. 116-124; Anônimo. “Fogo no Teto do Mundo”. Cond. de *Time*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 211, ago/59, pp. 149-158; SHEEAN, Vincent. “A missão universal do Rei-Deus”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 221, jun/60, pp. 151-156; FRAZER, John E. “Kerala faz nova tentativa”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 223, ago/60, pp. 157-170; *Idem*. “A batalha pelo Himalaia”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 241, fev/62, pp. 52-57; HALL, Clarence W. “Tibete violentado - um desafio à consciência do mundo livre”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 251, dez/62, pp. 101-108; Anônimo. “Guerrilhas contra guerrilhas no Vietname”. Cond. de *Newsweek*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 247, ago/62, pp. 141-150; CARROLL, Raymond. “Vitória cara no Vietname”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 248, set/62, pp. 134-144; CHAPELLE, Dickey. “O padre guerreiro do Vietname”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 261, out/63, pp. 74-80.

Estados Unidos se concentravam em armamentos nucleares, os comunistas empregavam armas da subversão²⁸⁶.

Outros artigos, mais explosivos, negavam veementemente a idéia de coexistência pacífica, inclusive a efetividade das reuniões de cúpula, e em contraposição, que o Ocidente deveria empenhar-se numa *política ativa de libertação* para vencer a guerra contra o comunismo. Essa aposta no enfrentamento aberto resultava da difusão da idéia da supremacia econômica e militar dos Estados Unidos em relação aos regimes comunistas, e que essa idéia era um forte aliado para deter uma guerra que os soviéticos *sempre ameaçavam provocar*²⁸⁷.

Nesse sentido, foram propostas fórmulas para interromper o avanço comunista, tais como o embargo comercial e diplomático aos países do bloco comunista; a manutenção do Ocidente forte e vigilante, evitando o pessimismo, o comodismo e a indiferença diante das relações Leste-Oeste; o fortalecimento da ONU; a redução das barreiras econômicas e alfandegárias entre os países não-comunistas; a ajuda aos povos subdesenvolvidos do Terceiro Mundo; e a concentração de esforços para que fossem firmadas relações com os povos do bloco comunista²⁸⁸. Outros temas foram explorados nos artigos sobre coexistência pacífica, tais como as reais intenções dos soviéticos com relação aos acordos de desarmamento, as possibilidades ou não de uma Terceira Guerra Mundial, as

²⁸⁶ LAWRENCE, David. “Será a “coexistência pacífica” a solução?”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 155, dez/1954, pp. 169-180; HIGGINS, Marguerite. “A ‘coexistência’ segundo a Rússia”. Cond. de *New York Herald Tribune*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 160, mai/1955, pp. 46-49; DRAKE, Francis V. “Que significaria, de fato, o desarmamento total?”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 218, mar/1960, pp. 122-130; ALSOP, Stewart. “As probabilidades de paz mundial”. Cond. de *The Saturday Evening Post*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 226, nov/1960, pp. 151-154; KUCHEROV, Alex. “Por que Krushev não quer Guerra”. Cond. de *U.S. News & World Report*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 247, ago/1962, pp. 33-34.

²⁸⁷ RHEE, Syngman. “É possível a coexistência?”. Cond. de *This Week*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 170, mar/1956, pp. 151-154; MALIK, Charles. “É tarde para vencer o comunismo?”. Cond. do discurso proferido na ONU em 11 de junho de 1960. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 227, dez/1960, pp. 64-70; EASTMAN, Max. “Já começou a Terceira Guerra Mundial! O magistral plano de domínio dos comunistas”. Cond. do livro *Protracted Conflict*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 230, mar/1961, pp. 23-27.

²⁸⁸ TAYLOR, Henry J. “A única porta para a paz”. Cond. de *This Week*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 157, fev/1955, pp. 123-128; HIGH, Stanley. “O inabalável Foster Dulles”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 200, set/1958, pp. 90-94; LLOYD, Selwyn. “Como viver com os russos”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 209, jun/1959, pp. 84-94; Anônimo. “Não há missão mais nobre...”. Cond. de *Time*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 210, jul/1959, pp. 141-142; LYONS, Eugene. “Sempre haverá uma ‘crise de Berlim’”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 239, dez/1961, pp. 188-196.

dificuldades nas negociações com Moscou, fatos sobre espionagem, tanto do lado norte-americano como, e principalmente, do soviético²⁸⁹.

O constante temor do Ocidente em relação ao domínio comunista no planeta era contrabalançado com artigos sobre a **Corrida Armamentista**, cujos conteúdos mostravam a superioridade militar e nuclear dos Estados Unidos, e a “fictícia” superioridade soviética que proporcionaria vitórias aos comunistas sem derramamento de sangue²⁹⁰. Mas outros artigos, ao contrário, afirmavam que a União Soviética estava na dianteira da corrida armamentista, e que a força do seu poderio resultava da permanência do seu povo na miséria, obtida por meio do terror implantado pelo regime, e alertava o Ocidente para se preparar de melhor maneira para o conflito iminente²⁹¹.

Também foram discutidas, entre outros assuntos, a viabilidade de guerra total ou guerras limitadas, a preocupação com a guerra química e bacteriológica, inclusive o uso de bombas “psicoquímicas”, capazes de alterar o “comportamento mental” de populações inteiras, as novas tecnologias envolvidas na guerra fria, como o uso de radar e a produção de bombas e aviões²⁹².

²⁸⁹ FISCHER, Louis. “Não haverá Terceira Guerra Mundial”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 146, mar/54, pp. 48-53; HARD, William. “Nosso futuro à luz da bomba de hidrogênio”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 152, set/54, pp. 33-41; LYONS, E. “‘Negociando’ com o Kremlin”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 199, ago/58, pp. 146-161; MILLER, Marion. “Eu fui uma contra-espiã”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 218, mar/60, pp. 82-87; TRUMAN, Smith. “História da espionagem soviética”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 224, set/60, pp. 156-168; HOOVER, Edgar J. “O caso do espião sem cara”. Cond. de *This Week*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 230, mar/61, pp. 44-47; DETZER, Karl. “Instantâneos de um espião”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 266, mar/64, pp. 146-155; SHEEHAN, Edward R. F. “A saga de um espião soviético”. Cond. de *The Saturday Evening Post*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 270, jul/64, pp. 70-79.

²⁹⁰ BALDWIN, Hanson W. “A ilusão do poderio vermelho”. Cond. de *The New York Times*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 168, jan/56, pp. 104-105; *Idem*. “Qual é a situação?”. Cond. de *The New York Times*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 198, jul/58, pp. 51-59.

²⁹¹ DRAKE, Francis V. “Arma de guerra ou de paz?”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 172, mai/56, pp. 29-35; ROOT, Lin. “Estarão os russos na dianteira em ciência nuclear?”. Cond. de *Collier’s*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 175, ago/56, pp. 39-45; ALSOP, Joseph; ALSOP, Stewart. “A corrida que a Rússia está ganhando”. Cond. de *The Saturday Evening Post*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 178, nov/56, pp. 86-89.

²⁹² Entre outros: GAVIN, James. “Guerra total ou guerras limitadas?”. Cond. do livro *War and peace in the space age*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 207, abr/59, pp. 77-83; RICE, Charles D. “Poderá haver guerra sem morte?”. Cond. de *This Week*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 213, out/59, pp. 105, 108-121; HUBBELL, John G. “A verdade sobre a guerra química e bacteriológica”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 225, out/60, pp. 81-86; *Idem*. “Sentinela alerta na América do Norte”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 227, dez/60, pp. 90-98; MANN, Martin. “A guerra secreta do radar”. Cond. de *Popular Science Monthly*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 232, mai/61, pp. 133-138; STROTHER, Robert S. “Fotografia aérea: sentinela do espaço”. Cond. de *Popular Science Monthly*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 245, jun/62, pp. 52-57.

Análises sobre o **Comunismo** eram freqüentes nas publicações da revista, comparando-o sempre com a escravidão, por não promover a liberdade, de qualquer natureza. As reportagens descreviam, entre outros assuntos, os métodos de doutrinação do Kremlin; o perigo da propagação comunista por meio de livros, revistas e folhetos, espalhados “às dezenas de milhões sobre o mundo livre”; a destruição da convivência familiar promovida pelas dificuldades econômicas, a privação do tempo de folga, a tática de fazer os filhos voltarem-se contra os pais, e as visitas constantes de supervisores; a discussão sobre o futuro da democracia; as decepções com o comunismo e/ou o socialismo; sobre o perigo do comunismo nos Estados Unidos. Em algumas situações, a revista publicou artigos compostos de perguntas e respostas sobre o comunismo, para facilitar o entendimento do homem comum ocidental²⁹³.

A análise psicológica do comportamento dos comunistas também foi abordada, tais como seus estados de exultação e depressão, de ansiedade, de esquizofrenia, de paranóia e de histeria. Na mesma linha “paranóica”, um artigo descrevia o caso da planta originária da União Soviética que tinha “invadido” secretamente os Estados Unidos, propagando um veneno pelos campos do país e destruindo imensos rebanhos de gado e ovino. Noutro, a existência de uma cidade na Ucrânia, que reproduzia exatamente uma pequena cidade norte-americana, e servia como centro de treinamento de estudantes para posterior espionagem nos Estados Unidos. Nesta cidade comiam-se pratos típicos norte-americanos, assistiam-se apenas a filmes de Hollywood, compravam-se somente roupas de fabricação ianque, dirigiam-se carros dos Estados Unidos e segundo as regras

²⁹³ Entre outros: CHAMBERS, Witter. “*Que é um comunista?*”. Cond. de *Look*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 145, fev/54, pp. 82-86; PEI, Mario A. “*A liberdade básica*”. Cond. de *The Saturday Evening Post*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 151, ago/54, p. 135; TOYNBEE, Arnold J. “*Resposta a seis perguntas oportunas*”. Cond. de *The New York Times*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 163, ago/55, pp. 109-112; EASTMAN, Max. “*A falsa promessa do socialismo*”. Cond. do livro *Reflections on the failure of socialism*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 168, jan/56, pp. 123-126; CHAMBERLIN, William H. “*Onde o socialismo falhou*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 195, abr/58, pp. 48-52; WHARTON, Don. “*Veneno em letras vermelhas*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 240, jan/62, pp. 143-148; Anônimo. “*Sementes da traição*”. Cond. do livro *Seeds of treason*, de Ralph Toledano e Victor Lasky. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 243, abr/62, pp. 147-198; MAISEL, Albert Q. “*A longa história da liberdade de falar*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 256, mai/63, pp. 147-156.

daquele país, estudava-se o dialeto norte-americano e com profundidade a história dos Estados Unidos²⁹⁴.

²⁹⁴ VELIE, Lester. “*Um veneno assola os campos*”. Cond. de *Post*, de Denver. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 154, nov/1954, pp. 155-158; STOWE, Leland. “*Adeus ‘Lar, doce lar’*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 165, out/1955, pp. 177-184; TAYLOR, Lord. “*Análise em profundidade do espírito russo*”. Cond. de *The New York Times*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 246, jul/1962, pp. 64-68; Associated Press. “*Pequena América*”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 215, dez/1959, p. 73.

- **América Latina**

O terceiro agrupamento com maior número de artigos foi *América Latina*: 31 ao todo. Contudo, o continente latino-americano ocupou mais as edições de *Seleções* a partir de 1960, passando da média anual de um único artigo entre os anos 1954 e 1960 para oito artigos em 1961. Em geral, a região foi mostrada pela revista como frágil diante de uma infiltração comunista, com índices elevados de analfabetismo, pobreza e fome, baixa renda *per capita*, baixa expectativa de vida, falta de moradia, eclosão constante de conflitos raciais e classistas, antiamericanismo crescente, inquietação no campo, concentração de terra e governos corruptos e irresponsáveis. Diante desta grave situação, eram duas as saídas para a América Latina: as mudanças realizadas pelos próprios governos dos países latino-americanos, e o “*apoio amigo*” dos Estados Unidos, o que explicava as diversas ações do Ocidente para “*proteger*” os países da região²⁹⁵.

Foi o caso da forte crítica ao plano de nacionalização de empresas norte-americanas na Guatemala, durante o governo “pró-comunista” de Jacobo Arbenz, e a história, na versão da revista, da sua queda pelas forças militares de Castillo Armas, em 1954, e que acabou revelando a “*complexa trama de Moscou para a América Latina*”, cujos pontos vulneráveis eram Guatemala, Brasil, Chile e Bolívia – o que inclusive refletira-se nas eleições brasileiras de 1955, quando “*a extrema-esquerda sofreu um revés arrasador*”²⁹⁶. O próprio Richard Nixon, quando senador, escreveu um artigo para a revista *This Week*, condensado e publicado pelo *Reader's Digest*, expondo suas impressões sobre a América Latina e os riscos da ameaça comunista à paz e ao progresso²⁹⁷.

²⁹⁵ MATTHEWS, Herbert L. “Aviso a Washington: a América Latina é vital para o hemisfério”. Cond. de *The New York Times*. In: *Seleções do Reader's Digest*, n° 213, out/59, pp. 47-50; FIGUERES, José. “Estados Unidos e América Latina”. In: *Seleções do Reader's Digest*, n° 238, nov/61, pp. 47-54; COUGHLAN, Robert. “A hora da América Latina”. Cond. de *Life*. In: *Seleções do Reader's Digest*, n° 239, dez/61, pp. 43-48; HILL, George W. “O problema mais explosivo da América Latina”. In: *Seleções do Reader's Digest*, n° 273, out/64, pp. 29-34.

²⁹⁶ SCULLY, Michael. “Guatemala: ensaio de dominação comunista”. In: *Seleções do Reader's Digest*, n° 145, fev/54, pp. 105-114; *Idem*. “A história secreta da conspiração do Kremlin na Guatemala”. In: *Seleções do Reader's Digest*, n° 159, abr/55, pp. 49-56.

²⁹⁷ NIXON, Richard. “Fala o vice-presidente dos Estados Unidos”. Cond. de *This Week*. In: *Seleções do Reader's Digest*, n° 165, out/55, pp. 65-69.

Por outro lado, alguns artigos elogiavam a Venezuela, considerada um reduto anticomunista no hemisfério sul e símbolo do reformismo bem-sucedido e do arrojo capitalista, que proporcionou àquele país a possibilidade de ascensão social e o usufruto da modernização²⁹⁸. Também foram analisados os riscos das crises nos países latino-americanos como facilitadores do avanço comunista, por exemplo, o caso da Nicarágua e a futura independência da Guiana Inglesa²⁹⁹.

Um extenso artigo descrevia a campanha de subversão promovida pela China na América do Sul, com a infiltração de agentes disfarçados de estudantes, jornalistas e emissários culturais, para o treinamento dos latino-americanos em campanhas de guerrilha e o aliciamento de intelectuais. Também mencionava a atuação das Ligas Camponesas, no Nordeste brasileiro, tidas como semelhante aos centros revolucionários rurais chineses, e a visita de Francisco Julião à China, em novembro de 1960, “*provavelmente para receber instruções*”³⁰⁰.

Obviamente, uma grande quantidade de artigos abordou a revolução cubana, num primeiro momento elogiando a derrubada do ditador Batista pelas forças revolucionárias (obviamente omitindo a ajuda norte-americana ao governo destituído). Mas, em artigos posteriores, foi sendo alterado o ponto de vista, exemplificado pela crítica a Fidel, que estava virando as costas para os Estados Unidos, motivado pelo fracasso da invasão à Baía dos Porcos, pela aproximação de Cuba com a União Soviética, e, por fim, pela a crise dos mísseis em 1962³⁰¹.

²⁹⁸ VELIE, Lester. “O latino-americano a quem os comunistas mais temem”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 230, mar/61, pp. 75-81; HILL, George W. “O sistema de Don Eugenio”. Cond. de *La Hacienda*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 259, ago/63, pp. 45-49.

²⁹⁹ VELIE, L. “Nova bomba-relógio na América Central”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 242, mar/62, pp. 115-126; LYONS, Eugene. “Guiana Inglesa: outra Cuba em formação?”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 256, mai/63, pp. 43-49.

³⁰⁰ VELIE, L. “A China ameaça a América Latina”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 232, mar/61, pp. 155-164.

³⁰¹ Entre outros: CHAPELLE, Dickey. “Lembrem-se de 26 de julho! A história de Fidel Castro e a libertação de Cuba”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 209, jun/1959, pp. 27-34, 172-194; *Idem*. “Cuba... um ano depois”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 218, mar/1960, pp. 96-106; MUNDT, Karl E. “Relembrando 1898 – a libertação de Cuba. Fatos documentados que contrariam a propaganda de Fidel Castro”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 225, out/1960, pp. 58-65; SONDERN Jr, Frederic. “‘Ché’ Guevara - um argentino que manda em Cuba”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 226, nov/1960, pp. 37-42; BALDWIN, Hanson W. “Nuvens sobre Guantánamo”. Cond. de *The New York Times*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 229, fev/1961, pp. 77-81; REED, David. “Voltando a Cuba”. Cond. de *U.S. News & World Report*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 231, abr/1961, pp. 41-44; FRANKEL, Max. “Cuba – um histórico da dominação comunista”. Cond. de *The New York Times*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 235, ago/1961, pp. 78-84; MARÍN, Luis Muñoz. “Como a América Latina pode salvar-se do castrismo”. Cond. de *This Week*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 236, set/1961, pp. 11-14.

- **China**

Os 30 artigos relacionados à China comunista abordavam, entre outros assuntos, desde as tensas relações com Taiwan³⁰², até o perfil do *premier* e Ministro do Exterior Chou En-lai, que escondia por trás de seu caráter “*espirituoso, encantador e hábil*”, um grande dissimulador e assassino de cidadãos chineses com as próprias mãos³⁰³. Num artigo chegou-se a afirmar que o país realizava atividades oficiais na rentável exportação de entorpecentes, para suprir seu enorme déficit econômico e para enfraquecer seus inimigos³⁰⁴.

As reportagens sobre o cotidiano dos chineses eram freqüentes, mas eles eram vistos como “*fantoches mascarados*”, cujos cérebros “... *estão sendo transformados em esponjas que, se forem apertadas, só deixarão gotejar a água do comunismo*”. Criticava-se também a “*russificação*” do país, em todas as esferas (econômica, política, social e cultural). Portanto, vários artigos criticavam a cruel repressão interna promovida pelo regime de Mao Tsé-Tung, uma verdadeira “*máquina de terror*”, copiada da União Soviética, cuja única diferença era a de que os chineses buscavam a máxima publicidade dos fatos, por meio de julgamentos, condenações e fuzilamentos em praça pública. O que ficava evidente nos artigos sobre a China era que o regime era altamente doutrinador³⁰⁵.

Seleções do Reader's Digest, n° 245, jun/1962, pp. 39-42; Anônimo. “*Anatomia da decisão sobre Cuba*”. Cond. de *Time*. In: **Seleções do Reader's Digest**, n° 253, fev/1963, pp. 125-130; Anônimo. “*Enquanto a América dormia*”. Cond. do livro *Strike in the west*, de John G. Hubbell. In: **Seleções do Reader's Digest**, n° 255, abr/1963, pp. 160-214; LAZO, Mário. “*A decisão desastrosa*”. In: **Seleções do Reader's Digest**, n° 272, set/ 1964, pp. 153-188.

³⁰² SPARKS, Fred. “*A verdade sobre Formosa*”. In: **Seleções do Reader's Digest**, n° 164, set/ 1955, pp. 141-152.

³⁰³ Anônimo. “*O grande dissimulador*”. Cond. de *Time*. In: **Seleções do Reader's Digest**, n° 154, nov/ 1954, pp. 63-68.

³⁰⁴ ROSS, Irwin. “*China Vermelha - a grande traficante de entorpecentes*”. Cond. de *The New Leader*. In: **Seleções do Reader's Digest**, n° 160, mai/ 1955, pp. 93-100.

³⁰⁵ SONDERN Jr, Frederic. “*Os negros americanos não quiseram ficar ‘vermelhos’*”. In: **Seleções do Reader's Digest**, n° 146, mar/ 1954, pp. 85-90; GALE, G. S. “*Seiscentos milhões de fantoches*”. Cond. de *Manchester Guardian Weekly*. In: **Seleções do Reader's Digest**, n° 158, mar/ 1955, pp. 65-67; Anônimo. “*A China é vencida pelo terror*”. Cond. de *Time*. In: **Seleções do Reader's Digest**, n° 176, set/ 1956, pp. 62-65; GUILLAIN, Robert. “*O que eu vi na China Vermelha*”. Cond. de *The Saturday Evening Post*. In: **Seleções do Reader's Digest**, n° 178, nov/ 1956, pp. 62-66; CHIPPI, David. “*Como se controla o pensamento de 650 milhões de chineses*”. Cond. de *The New York Times*. In: **Seleções do Reader's Digest**, n° 205, fev/ 1959, pp. 45-48; STROHM, John. “*A campanha de ódio na China Vermelha*”. In: **Seleções do Reader's Digest**, n° 206, mar/ 1959, pp. 45-55.

Alguns artigos enfatizavam a estratégia de ofensiva comunista por todo o sudeste asiático, chegando até a Índia, aproveitando-se de subornos, ameaças e subversão, terror e assassinato contra os chineses que viviam naquelas regiões. Também foram descritas as ações político-econômicas para o país se tornar uma potência mundial – uma contradição, pois não conseguia sequer alimentar seu povo – tendo como principais objetivos a Ásia, a África e a América Latina, por meio de uma doutrinação cultural, econômica, política e de propaganda. Entretanto, o ponto de vista de alguns autores era que a China dificilmente seria uma potência mundial, em virtude dos profundos problemas econômicos por que passava o regime³⁰⁶.

Num artigo analisou-se a Conferência de Bandung, em 1955, onde afirmava-se que a China não conseguira dominar o evento pois países aliados do Estados Unidos levantariam a voz para criticar fatos apresentados por Chou En-lai, referentes à interferência norte-americana no mundo³⁰⁷. Outros dois importantes assuntos apresentados na revista foram: a admissão do país na ONU³⁰⁸ e as relações entre a China e a União Soviética³⁰⁹.

³⁰⁶ STOWE, Leland. “A China Comunista quer ser potência mundial”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 229, fev/1961, pp. 43-48; Anônimo. “Os milhões de famintos na China”. Cond. de *Life*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 243, abr/1962, pp. 46-51; Anônimo. “China Vermelha: gigante acorrentado”. Cond. de *Time*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 267, abr/1964, pp. 52-57.

³⁰⁷ MICHENER, James A. “Reunião histórica na Indonésia”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 165, out/1955, pp. 85-89.

³⁰⁸ ROBERTSON, Walter. “Deve ser admitida a China Vermelha?”. Cond. de *Western World*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 195, abr/1958, pp. 84-86; HUDD, Walter H. “Por que a China comunista deve ser mantida fora da ONU”. Cond. de discurso proferido no Detroit Town Hall. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 274, nov/1964, pp. 205-212.

³⁰⁹ FISCHER, Louis. “China e Rússia - aliados ou rivais?”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 152, set/1954, pp. 49-54; TONG, HOLLINGTON. “Por que a China Vermelha não romperá com a Rússia”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 189, out/1957, pp. 68-72; FRANKEL, Max. “O violento conflito que divide o mundo comunista”. Cond. de *The Saturday Evening Post*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 260, set/1963, pp. 44-50; ALSOP, Joseph. “Como a China Vermelha fez tremer o Kremlin”. Cond. de *New York Herald Tribune*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 263, dez/1963, pp. 93-94.

- **Brasil**

Foram publicados dois artigos sobre o Brasil. Em “*Jânio – nova era para o Brasil*”³¹⁰, afirmava-se, com relação à temática anticomunista, que “*um Brasil forte e sadio não assegura a democracia na América latina, mas é certo que, se o Brasil não der tal segurança, poucos serão os outros países que a darão*”. E que Jânio Quadros tinha ciência deste problema – inclusive teria dito que “*um dia, em alguma serra desconhecida, um desconhecido Fidel Castro aparecerá no Brasil*”.

No artigo, fazia-se a relação entre o sentimento revolucionário e as Ligas Camponesas que, sob a direção do “*discípulo de Castro*”, Francisco Julião, estavam atacando propriedades rurais e provocando distúrbios nas cidades. Assim, a reforma do governo para o Nordeste teria como base combater a “*influência crescente das Ligas Camponesas de infiltração comunista, com uma reforma agrária intensiva*”. Em relação ao mundo do trabalho, afirmava-se que ele, até então, tivera forte infiltração comunista,

“... os homens de Jânio Quadros estão em ação para ‘cortar as pernas’ aos vermelhos. Diz o presidente: ‘Os comunistas só se beneficiam com a ignorância que aflige muitos dos meus patrícios. Não têm absolutamente interesse num Brasil democrático e próspero. Procuram apenas explorar a miséria’”.

No outro artigo sobre o Brasil, os autores descreveram em “*A nação que se salvou a si mesma*”³¹¹ o golpe militar no Brasil em março de 1964. Neste artigo de 28 páginas, um caso inédito na revista, foi tratado por *Seleções* como “*um documento de significação muito especial*”, inclusive podendo ser destacado da revista “*e enviado a outras pessoas*”.

³¹⁰ Anônimo. “*Jânio - nova era para o Brasil*”. Cond. de *Time*. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 236, set/1961, pp. 39-46. Curiosamente, o exemplar da revista saiu após a renúncia de Jânio Quadros.

Entre os numerosos fatos apresentados, mostrou-se que as etapas para a conquista do poder já estava preparada – “primeiro o caos; depois, a guerra civil; por fim, o domínio comunista total” – num país considerado estratégico para todo o continente, os comunistas poderiam subverter um país após o outro, e, comparada a isso, “a comunização de Cuba era insignificante”.

Os comunistas estavam dominando o governo e o Congresso. Afirmavam os redatores que os

“vermelhos tinham introduzido toneladas de munições por contrabando, havia guerrilheiros bem adestrados, os escalões inferiores das Forças Armadas estavam infiltrados, planos pormenorizados estavam prontos para a apropriação do poder, feitas as ‘listas de liquidação’ dos anticomunistas mais destacados”.

Em meio a esse avanço dos comunistas, afirmavam que uma contra-revolução, assumida pela classe média, com uma força bem organizada e poder inesperado, antecipara-se à iniciativa deles. O redator citava Lincoln Gordon, embaixador dos Estados Unidos no Brasil, que negava o papel de seu país no golpe, afirmando: “*Esta foi uma revolução doméstica, feita com as próprias mãos, tanto na concepção como na execução. Nem um só dólar ou cérebro norte-americano foi empenhado nela!*”.

Os autores também destacavam o papel das mulheres na luta contra os comunistas, tecendo elogios a Amélia Molina Bastos, esposa de um general reformado, e responsável pela formação da CAMDE (Campanha da Mulher pela Democracia). Sobre a atuação de Castelo Branco no golpe, afirmavam ser ele um homem moderado e patriótico que restauraria a ordem no país, e que seu governo em nada se parecia com uma ditadura militar.

³¹¹ HALL, Clarence W; WHITE, William L. “A Nação que se salvou a si mesma”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, nº 274, nov/1964, pp. 93-120. Afirmando que a classe média brasileira foi a grande heroína no golpe militar de 1964, este artigo faz parte do conjunto analisado no quarto capítulo.

Concluindo, esta campanha anticomunista que orientava as ações do *Reader's Digest* e, automaticamente, de suas sucursais pelos diferentes países, acompanhando a mesma configuração geopolítica da guerra fria, ou seja, o “cordão sanitário” promovido pelos Estados Unidos em torno da Europa Oriental, da União Soviética, da China e demais países do Sudeste Asiático, negava, da mesma forma que a maioria da mídia norte-americana, os esforços para o estabelecimento de uma efetiva coexistência pacífica.

Em virtude dessa agressiva propaganda anticomunista, manifestada geopoliticamente sob diferentes aspectos – fraquezas e limitações impostas pelo regime soviético, planos de domínio mundial pelos comunistas chineses, investimentos cada vez maiores na corrida armamentista, fragilidade dos países do Terceiro Mundo diante do domínio comunista etc. – e consubstanciada na demonização do Outro, considerado pelos autores dos artigos como o reino do mal, da tirania e do desapego aos valores da família, da prosperidade e da ordem, *Seleções* se manifestava de maneira intolerante.

Nestes artigos, destaca-se como elemento principal e comum o discurso histriônico do “*incansável combate ao caráter expansionista do comunismo*”, quer fosse pelo recrudescimento da corrida armamentista, quer fosse pela firme recusa a resoluções diplomáticas e de cúpula. E justamente por ter colaborado ostensivamente com um discurso contrário a uma efetiva coexistência pacífica, *Seleções* se posicionava de modo intolerante.

Em outra linha de raciocínio, *Seleções* reproduzia os ideais anticomunistas elaborados pela matriz norte-americana através da sua visão unilateral do mundo, positivando o ocidente capitalista como o lugar da democracia e da liberdade, contra o bloco oriental representado como intolerante. O princípio da pluralidade, elemento inerente à democracia e base para a autonomia do indivíduo, apregoados nos discursos promovidos pelo *Reader's Digest*, e na própria mídia norte-americana em geral, não fugiam do intolerante monismo da propaganda ideológica anticomunista.

Essa propaganda, somada ao estímulo promovido pela imprensa nacional contra os perigos de comunização do país, era veiculada mensalmente para mais de dois milhões de leitores brasileiros naquele período, oriundos principalmente das

classes médias urbanas, e que, com medo da “proletarização”, se sentiam temerosos em relação às reformas sociais pretendidas para o Brasil.

Segundo Décio Saes, a aliança entre a classe dominante, as camadas médias urbanas e setores das forças armadas – esboçada em campanhas cívicas e de manifestações públicas destinadas a criar um clima político favorável à intervenção militar, de caráter moral e religioso – sempre se reforçou nos momentos de tentativas de derrubada do populismo: 1932, 1945, 1954 e 1964. Assim,

“se em 1945 a propaganda antipopulista reivindica a defesa da ‘democracia’ contra a ‘ditadura’, e se em 1954 ela assume a forma do combate da ‘moralidade’ contra a ‘corrupção’, em 1964 ela se baseia na oposição da ‘democracia’ ao ‘comunismo’. Em resumo, a crise de 1964 leva até o seu limite a orientação política das camadas médias tradicionais: o antipopulismo se transforma em anticomunismo, à recusa da democratização da política se acrescenta o medo da proletarização”³¹².

³¹² SAEZ, Décio. **Classe média e sistema político no Brasil**. SP: T.A. Queiroz, 1984, pp. 136-137.

Capítulo IV

4. O “Herói Anticomunista” nos artigos de Seleções do *Reader's Digest*

Na discussão do capítulo anterior, o recorte temático utilizado na análise dos artigos veiculados por *Seleções* entre os anos 1954 e 1964 baseou-se no discurso anticomunista veiculado durante a guerra fria. Mais especificamente na fase denominada coexistência pacífica, mostrando que os esforços para o estabelecimento de uma efetiva distensão eram acompanhados, como mostrou a totalidade dos artigos, pela contínua proposição de novas e mais eficazes formas de combate. Como formas de afastar o perigo comunista pela neutralização dos conflitos sociais, propunha-se: o fortalecimento da espionagem diplomática e atômica, a utilização de táticas de guerrilhas ou de guerras convencionais, o investimento maciço na corrida armamentista e espacial, o apoio aos países subdesenvolvidos para que buscassem o crescimento econômico e a conseqüente melhoria nas condições de vida de seu povo.

Esta batalha, travada entre os blocos em disputa, era constantemente utilizada pela revista. Era especialmente demonstrada por meio de uma série de artigos que propagavam as efetivas ações de combate e destruição do agressor – a União Soviética e os demais países comunistas –, realizadas pelos que se colocavam ostensivamente contra o seu avanço. Em virtude de suas ações, esses indivíduos foram denominados na pesquisa por *heróis anticomunistas*, representados tanto por personalidades conhecidas internacionalmente como por pessoas comuns, ou mesmo um povo ou uma classe social.

Foram selecionados nove artigos que veiculavam as ações de heróis anticomunistas, dos quais oito foram produzidos pelo próprio *Reader's Digest* e, portanto, representavam o posicionamento dos proprietários da revista em relação ao comunismo. A seguir, a lista dos heróis analisados.

- O povo *kazak*, que vivia em tribos localizadas no Sinkiang, região no extremo ocidental da China, sobrevivendo da pecuária, mas que, em 1946, com a chegada dos soviéticos, passaram para o domínio comunista³¹³.
- O missionário protestante norte-americano John David Hayes, descrito no artigo apenas como professor de inglês no Colégio Chinês de Professores Nacionais de Kueyang, mas que na verdade também ocupou o cargo de Presidente Executivo da Missão Presbiteriana Americana e foi membro do Conselho de Diretores da Universidade Yenching, além de outros importantes postos e missões na China, entre 1917 e 1952³¹⁴.
- Ngo Dinh Diem, Primeiro-Ministro do Vietnã do Sul entre 1955 e 1963, apoiado pelos Estados Unidos³¹⁵.
- Marion Miller, dona de casa da classe média norte-americana, que defendeu a pátria trabalhando como contra-espiã para o FBI e depondo na Subcomissão de Segurança Interna do Senado norte-americano³¹⁶.
- Rómulo Betancourt, presidente da Venezuela entre 1959 e 1964, que colocou em prática medidas políticas, econômicas e sociais com o claro objetivo de neutralizar o avanço comunista no país³¹⁷.
- Whittaker Chambers, ex-membro do Partido Comunista Americano e principal delator do caso de espionagem diplomática envolvendo Alger Hiss³¹⁸

³¹³ KENT, George. “A espantosa fuga dos ‘homens sem amo’”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 163, ago/55, pp. 86-94.

³¹⁴ SONDERN Jr., Frederic. “A catequese de John Hayes”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 166, nov/55, pp. 173-186.

³¹⁵ ARMSTRONG, O. K. “O maior homenzinho da Ásia”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 171, abr/56, pp. 95-102.

³¹⁶ MILLER, Marion. “Eu fui uma contra-espiã”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 218, mar/60, pp. 82-87.

³¹⁷ VELIE, Lester. “O latino-americano a quem os comunistas mais temem”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 230, mar/61, pp. 75-81.

³¹⁸ Anônimo. “Sementes da traição”. In: **Seleções do Reader’s Digest**, n° 243, abr/62, pp. 147-198. Artigo condensado do livro de Ralph de Toledano e Victor Lasky, *Seeds of treason*, publicado pela primeira vez nos EUA em 1950.

- O padre católico chinês Augustin Nguyen lac-Hoa, que havia se refugiado no Vietnã do Sul após a subida de Mao Tse-Tung ao poder, formando um exército com fiéis camponeses para combater os vietcongs³¹⁹.
- O cubano Rafael Rodríguez, homem simples, piloto de barco de carga, que liderou a fuga de mais de 80 pessoas para Miami³²⁰.
- E finalmente a classe média brasileira, descrita no artigo como a grande heroína no golpe militar de 1964³²¹.

Na narração de suas jornadas, a força destes heróis anticomunistas reside no fato de se constituírem verdadeiros combatentes. São heróis reais prontos para a ação, mesmo que suas trajetórias tenham sido percorridas de diferentes maneiras, o que certamente ampliava ainda mais seu poder de combate, visto que tinham em comum o posicionamento na ofensiva da luta contra o comunismo.

Outra característica destes heróis anticomunistas, alinhada com a doutrina ideológica do *Reader's Digest*, era seu caráter internacional, pois se encontravam posicionados em todos os pontos do globo que exigiam a contenção do agressor e, portanto, na fronteira entre a liberdade e a escravidão: a liberdade que poderia advir do ato da delação e da contra-espionagem; a proporcionada pela fuga; a promovida pela liderança religiosa em torno de um objetivo comum; a alcançada por meio das políticas públicas com vistas à melhoria das condições de vida.

Neste sentido, uma ação bem sucedida do herói poderia ser representada por uma série de realizações positivas, tais como o crescimento econômico, as reformas sociais e urbanas, a força da fé religiosa, a conquista de uma vida melhor para os fugitivos etc. Com base nessa sua capacidade de realização, a imagem do herói anticomunista era construída nos artigos como “guardião da normalidade”, combatendo o mundo da escravidão. Era também a de um agente civilizador, mas

³¹⁹ CHAPELLE, Dickey. “O padre guerreiro no Vietnã”. In: **Seleções do Reader's Digest**, n° 261, out/1963, pp. 74-80.

³²⁰ BLANK, Joseph P. “A incrível fuga”. In: **Seleções do Reader's Digest**, n° 270, jul/1964, pp. 123-136.

³²¹ HALL, Clarence W. “A Nação que se salvou a si mesma”. In: **Seleções do Reader's Digest**, n° 274, nov/64, pp. 93-120.

que agia de maneira intolerante, pois, apoiado nos ideais de construção de uma democracia planetária, na verdade negava qualquer possibilidade de manifestação de idéias, costumes, políticas, programas, posicionamentos etc., não alinhados com os objetivos dos Estados Unidos.

Especialistas como Sidney Hook explicam que a figura do herói nos fascina porque personifica o desejo e a figura ideal do ser humano. Hook define três fatores de ordem psicológica que explicam o interesse pelo herói: a necessidade de segurança (psicológica), uma forma de compensar limitações de ordem pessoal ou material, em que “*o esplendor, a força, o brilho do líder são compartilhados imaginariamente*”, e uma fuga da responsabilidade, quando se espera que outro faça o que se considera incapaz de fazer³²².

O mito do herói, relacionado com um homem ou um homem-deus todo-poderoso que vence o mal, livrando seu povo da destruição e da morte, sempre traz uma mensagem para o mundo, afirma Joseph Campbell³²³. Para José Murilo de Carvalho, os heróis são exemplos a serem seguidos, e ao lado de outros elementos, seu papel também é o de formar almas:

*“Heróis são símbolos poderosos, encarnações de idéias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos (...) Herói que se preze tem de ter, de algum modo, a cara da nação. Tem de responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, refletir algum tipo de personalidade ou de comportamento que corresponda a um modelo coletivamente valorizado”.*³²⁴

Ao nos identificarmos com o herói como o defensor de nossas causas, segundo afirma Lutz Muller, nos reencontramos “*nos seus medos e sofrimentos, nos seus combates, vitórias e derrotas, na sua luta pela sobrevivência*”. Neste sentido, o

³²² HOOK, Sidney. **O herói na história**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962, pp. 24-27.

³²³ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix / Pensamento, 2005, p. 42.

³²⁴ CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 55.

herói simboliza uma imagem redentora, que liberta, e também criadora, pois o herói criador é aquele fiel a si mesmo, aos seus desejos, que vive a vida em vez de fugir dela, que supera o medo diante do estranho, do desconhecido e do novo. Suas armas: “*saber, ousar, querer, calar*”³²⁵.

O tema do herói como o “*Salvador*”, assim denominado por Raoul Girardet,

*“sempre aparece associado a símbolos de purificação: o herói redentor é aquele que liberta, corta os grilhões, aniquila os monstros, faz recuar as forças más. Sempre associado também a imagens de luz – o ouro, o sol ascendente, o brilho do olhar – e a imagens de verticalidade – o gládio, o cetro, a árvore centenária, a montanha sagrada”*³²⁶.

Segundo este autor, todo processo de heroificação está condicionado pelas circunstâncias historicamente determinadas nas quais ele é elaborado, e, portanto, implica adequação entre a personalidade do “*Salvador*” e as necessidades da sociedade num dado momento de sua história. Nesse sentido, o mito tende a se definir como resposta a certo tipo de exigência ou de expectativa, podendo revelar um sistema de valores, um tipo de mentalidade, e mesmo “*modelos de autoridade*” inerentes à sociedade em questão³²⁷.

Hook levanta uma questão que se contrapõe à grande quantidade de imagens de heróis anticomunistas elaboradas nos artigos da revista – a da impossibilidade da existência de herói no regime democrático. Definido como “*o grande homem que redetermina o curso da História*”, era preciso “*estar sempre em guarda contra ele*”, pois em tal sociedade, “*o líder não pode arrogar-se o poder heróico*”, visto que governa baseado “*no livre consentimento dos governados*”. Um grande homem poderia ser uma “*ventura pública*”, mas, ainda assim, a democracia deveria desconfiar dos homens bons, pois a essência do seu governo é o seu caráter participativo na determinação do próprio bem-estar. A democracia, então, encontra-

³²⁵ MÜLLER, Lutz. **O herói – todos nascemos para ser heróis**. São Paulo: Cultrix, 1997, pp. 8-10, 34.

³²⁶ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 17.

³²⁷ *Idem, ibidem*, pp. 82-84.

se a salvo do herói até o momento em que ele deixa de proceder de acordo com as decisões da maioria. É por isso que, segundo Hook, na história das sociedades democráticas, seriam poucos os exemplos de heróis³²⁸.

Como indicado na Introdução, empregou-se a metodologia criada por Vladimir Propp na análise dos artigos anticomunistas que descreviam as ações dos heróis anticomunistas, em seu estudo comparativo de cem contos, das mais diferentes regiões do planeta, que apresentaram como temática central a figura do herói.

Deste estudo, Propp estabeleceu algumas definições: no conto, o que muda são os nomes e os atributos dos personagens; o que não muda são as suas funções, ou seja, suas ações no decorrer da narrativa³²⁹. Segundo o autor, função é *“a ação de uma personagem definida do ponto de vista do seu significado no desenrolar da intriga”*. Ainda que seja grande a quantidade de personagens, as funções são pouco numerosas, e se repetem de maneira espantosa. Assim, no estudo do conto, o importante é conhecer o que fazem os personagens; *“quem faz qualquer coisa e como o faz são questões acessórias”*. Acessórias, e, portanto, variáveis, são a nomenclatura e os atributos dos personagens, ou seja, suas qualidades externas: idade, sexo, situação, aparência exterior e particularidades próprias etc. Propp também constatou que a sucessão das funções é rigorosamente idêntica, mas nem todos os contos apresentam todas as funções. Entretanto, *“isso não modifica em nada a lei da sucessão. A ausência de certas funções não modifica a disposição das outras”*.³³⁰

Em geral, os contos começam expondo uma “situação inicial”, uma apresentação do contexto em que a ação irá se desenrolar, e que, em alguns casos, se dá em meio a uma felicidade particular, pitoresca e colorida, como se servisse de

³²⁸ HOOK, *op. cit.*, pp. 190-196.

³²⁹ PROPP, *op. cit.*, pp. 58, 60.

³³⁰ *Idem, ibidem*, pp. 59, 61.

contraste para a desgraça que está por vir. A abertura é seguida das 31 funções percorridas pelo herói, descritas resumidamente a seguir³³¹:

FUNÇÃO	AÇÃO
1	UM DOS MEMBROS DA FAMÍLIA AFASTA-SE DE CASA
2	AO HERÓI IMPÕE-SE UMA INTERDIÇÃO
3	A INTERDIÇÃO É TRANSGREDIDA
4	O AGRESSOR TENTA OBTER INFORMAÇÕES
5	O AGRESSOR RECEBE INFORMAÇÕES SOBRE A SUA VÍTIMA
6	O AGRESSOR TENTA ENGANAR A SUA VÍTIMA PARA SE APODERAR DELA OU DOS SEUS BENS
7	A VÍTIMA DEIXA-SE ENGANAR E AJUDA ASSIM O SEU INIMIGO SEM O SABER
8	O AGRESSOR FAZ MAL A UM DOS MEMBROS DA FAMÍLIA OU PREJUDICA-O
8 ^a	FALTA QUALQUER COISA A UM DOS MEMBROS DA FAMÍLIA; UM DOS MEMBROS DA FAMÍLIA DESEJA QUALQUER COISA
9	A NOTÍCIA DA MALFEITORIA OU DA FALTA É DIVULGADA; DIRIGE-SE AO HERÓI UM PEDIDO OU UMA ORDEM; ESTE É ENVIADO A UMA EXPEDIÇÃO OU DEIXA-SE QUE PARTA DE LIVRE VONTADE
10	O HERÓI-QUE-DEMANDA ACEITA OU DECIDE AGIR
11	O HERÓI DEIXA A CASA
12	O HERÓI PASSA POR UMA PROVA, UM QUESTIONÁRIO, UM ATAQUE ETC., QUE O PREPARAM PARA O RECEBIMENTO DE UM OBJETO OU DE UM AUXILIAR MÁGICO
13	O HERÓI REAGE ÀS AÇÕES DO FUTURO DOADOR
14	O OBJETO MÁGICO É POSTO À DISPOSIÇÃO DO HERÓI
15	O HERÓI É TRANSPORTADO, CONDUZIDO OU LEVADO PERTO DO LOCAL ONDE SE ENCONTRA O OBJETO DA SUA DEMANDA
16	O HERÓI E O SEU AGRESSOR DEFRONTAM-SE EM COMBATE
17	O HERÓI RECEBE UMA MARCA
18	O AGRESSOR É VENCIDO
19	A MALFEITORIA INICIAL OU A FALTA SÃO REPARADAS
20	O HERÓI VOLTA
21	O HERÓI É PERSEGUIDO
22	O HERÓI É SOCORRIDO
23	O HERÓI CHEGA INCÓGNITO À SUA CASA OU A OUTRO PAÍS
24	UM FALSO HERÓI FAZ VALER PRETENSÕES FALSAS
25	PROPÕE-SE AO HERÓI UMA TAREFA DIFÍCIL
26	A TAREFA É CUMPRIDA
27	O HERÓI É RECONHECIDO
28	O FALSO HERÓI OU O AGRESSOR, O MAU, É DESMASCARADO
29	O HERÓI RECEBE UMA NOVA APARÊNCIA
30	O FALSO HERÓI OU O AGRESSOR É PUNIDO
31	O HERÓI CASA-SE E SOBE AO TRONO

A metodologia definida por Propp tem aplicação no campo específico da análise da obra literária denominada conto. Contudo, após o exame detalhado dos exemplos das funções do herói, articulada com os heróis anticomunistas dos artigos

³³¹ *Idem, ibidem*, p. 66. Na obra, Propp discorre à exaustão os exemplos das funções percorridas pelo herói em todos os contos por ele analisados, demonstrando assim a invariância do mesmo tipo de narrativa.

da revista, os resultados se mostraram adequados à lógica seqüencial por ele proposta.

Das 31 funções estabelecidas por Propp, nove delas estiveram presentes por diversas vezes nos artigos analisados. Algumas funções, por serem específicas do conto, já que ligadas ao caráter maravilhoso ou mitológico, por razões óbvias não foram detectadas nos artigos. Além disso, a riqueza noticiosa das informações nos artigos, na busca pela historicidade dos fatos, que garantia a qualidade da matéria jornalística veiculada pela revista, sustenta ainda mais a impossibilidade de seus conteúdos se aproximarem da ficção. Em resumo, a importância da metodologia criada por Propp na pesquisa reside na possibilidade de analisar as jornadas dos heróis anticomunistas utilizando algumas funções por ele definidas, como elementos encadeadores de suas trajetórias.

- **Situação inicial**

Todos os artigos analisados apresentam uma *situação inicial*, com o objetivo de estabelecer o campo no qual o herói anticomunista encontrava-se inserido. Em outras palavras, o conteúdo desta situação inicial indicava para o leitor o tipo de aventura pela qual o herói iria se lançar.

Marion Miller, autora e heroína do artigo “*Eu fui uma contra-espiã*”, era uma dona de casa norte-americana classe média, professora de música, casada com Paul Miller, desenhista de cartazes, mãe de dois filhos pequenos, e morava em Los Angeles desde 1947. “*O futuro parecia de plenitude e segurança*”, relata. Mas em outubro de 1947 ela recebe uma carta convidando-a para uma reunião com o objetivo de organizar na cidade o Comitê de Defesa dos Cidadãos Nascidos no Estrangeiro. Mas, como na missiva eram feitas acusações contra o governo dos Estados Unidos, denominando-o de “*Estado policial e fascista*”, seu esposo a persuadiu a enviar a carta ao FBI. Dias depois apareceu na sua casa um agente do Bureau, solicitando que ela fosse à reunião para coletar informações. Concordou e

na reunião ficou chocada com o “*tom violentamente antiamericano de todos os oradores*”. Fez um relatório completo, enviou-o pelo correio e deu por finalizada sua tarefa. Mas gostaram tanto das informações que foi convidada a continuar trabalhando no Comitê, fazendo contra-espionagem para o FBI. Marion Miller estava confusa e indecisa, pois aceitar o encargo implicava mudanças radicais em sua vida: de um lado, fingir que concordava com as idéias comunistas, que considerava “*repugnantes*”, dedicar-se integralmente às atividades do comitê, ter que se separar dos filhos e parentes e se afastar dos vizinhos e amigos; de outro, a ciência de estar prestando um serviço ao país³³².

O artigo “*Sementes da traição*”, condensação do livro de mesmo nome, conta a história de Whittaker Chambers, ex-membro do Partido Comunista Americano, nascido em 1901. Estudou em Berlim, em 1923, onde tomou contato com os ideais comunistas. Retornou a New York e entrou para o Partido, ao mesmo tempo em que integrou-se à redação do jornal *Daily Worker*. Por essa época, casou-se com Esther Shemitz, que conhecera quando fazia para o jornal uma cobertura jornalística de uma greve de operários têxteis, que ela liderava³³³. Em 1931, Chambers tornava-se diretor da revista *New Masses*, e em 1932 era convocado pelo partido a entrar para o movimento subterrâneo comunista, tornando-se a partir daquele momento um “*homem sem cara*”, “*um homem de muitos nomes e sem nome*”. Chambers conheceu Alger Hiss em meados de 1934, em Washington. Neste encontro, ficou decido que Hiss iniciaria um plano de espionagem diplomática, e que Chambers seria seu superior hierárquico e contato imediato³³⁴. Alger Hiss, depois de se graduar com distinção na Faculdade de Direito da Universidade de Harvard, trabalhou como secretário do juiz da Suprema Corte de Justiça dos Estados Unidos, Oliver Wendell Holmes e, mais tarde na Administração do Ajustamento Agrícola. Casado com Priscilla Fansler Hobson, “*uma jovem divorciada, alambicada, atraente e voluntariosa*”, foi levado por ela a participar de numa unidade do Partido Socialista. Tornou-se consultor da Comissão Nye, do Senado dos Estados Unidos, que

³³² MILLER, *op. cit.*, pp. 82-83.

³³³ Anônimo, *op. cit.*, pp. 148-151.

³³⁴ *Idem, ibidem*, pp. 151-153.

investigava a indústria de munições; foi neste momento que conheceu Chambers, em 1934, e começaram a trabalhar juntos na espionagem diplomática³³⁵.

O artigo “*A catequese de John Hayes*” conta a história do norte-americano, missionário e filho de missionários presbiterianos, de 63 anos, nascido na China. Depois de estudar nos Estados Unidos e Inglaterra voltou ao país de origem para trabalhar como professor de inglês no Colégio Chinês de Professores Nacionais de Kueyang. A partir de 1951, o governo comunista começou a perseguir os missionários protestantes norte-americanos, segundo o autor, “*abnegados homens e mulheres de Deus*”, pois “*exerciam uma influência muito forte sobre o povo chinês para que pudessem ser tolerados pelas autoridades comunistas*”³³⁶.

O autor do artigo “*O maior homenzinho da Ásia*” afirma que, quando se tornou Primeiro Ministro do Vietnã do Sul, em junho de 1954, Ngo Dinh Diem teve que enfrentar hostilidades de diversas frentes: de um lado, a hostilidade do governo colonial francês, e de outro, a infiltração dos comunistas, além da assistência que deveria ser dada às centenas de milhares de refugiados que fugiam do domínio comunista do Vietnã do Norte. Ainda enfrentava a oposição dos chefes de duas seitas religiosas, Cao Daí e Hoa Hao, e de uma “*organização de foragidos*” chamada Binh Xuyen, que explorava o jogo e o meretrício no país. Após um ano no exercício, a situação de Diem à frente do governo era bastante vulnerável³³⁷.

No final de 1937, aos 29 anos, o padre católico chinês Augustin Nguyen Iac-Hoa, personagem principal do artigo “*O padre guerreiro do Vietname*”, foi designado para uma paróquia num distrito localizado no sul do país, local violento, “*dominado por Wong Lo Dai, um dos mais ferozes piratas do sul da China*”. Em 1939, padre Hoa, cujo nome significa “dar felicidade”, foi recrutado pelo Exército para lutar contra

³³⁵ *Idem, ibidem*, pp. 153-157.

³³⁶ SONDERN Jr., *op. cit.*, pp. 173-176.

³³⁷ ARMSTRONG, *op. cit.*, pp. 95-97.

o Japão, como coronel. Voltou a vestir a batina em 1949, mas, com a ascensão de Mao, os padres também passaram a ser visados, e “*os comunistas locais mandaram um ultimato ao padre Hoa: fugir ou morrer*”³³⁸.

De existência pastoril, afirma o autor do artigo “*A espantosa fuga dos ‘homens sem amo*”, o povo kazak vivia em paz no Sinkiang, região localizada no extremo ocidental da China. Mas, em 1946 chegaram os soviéticos, com seus “*tanques, aviões e artilharia*”, e logo em seguida as tropas de Mao, destruindo os pastos, incendiando as mesquitas das aldeias e se apropriando das riquezas minerais e do petróleo. Enfim, a situação dos kazaks era de total submissão ao domínio comunista, de tal forma que suas tribos deveriam se reunir e definir qual atitude a seguir³³⁹.

No artigo “*O latino-americano a quem os comunistas mais temem*”, Rómulo Betancourt, após dois anos do segundo mandato como presidente da Venezuela, havia acabado de sofrer uma tentativa de assassinato, em 1960, em Caracas. Isso era um exemplo claro da delicada situação que vivia o presidente, apoiado numa frágil coligação formada por três partidos hostis, e tendo que enfrentar os constantes motins que comunistas promoviam para abalar seu governo. O Exército, que tradicionalmente dominava o país, “*era uma incógnita e um perigo constante*”. Para o autor, completar o mandato seria uma façanha para Betancourt, mas sua sobrevivência era importante não apenas para o futuro da Venezuela, mas também para todo o hemisfério ocidental, em virtude dos investimentos que tinha realizado no país. O autor também apresenta um breve resumo da situação em que se encontrava a América Latina: o elevado crescimento populacional, que não era acompanhado por um proporcional aumento na produção de alimentos, fazia da fome uma realidade para cerca de metade da população latino-americana. Também faltava moradia decente, o analfabetismo atingia quase a metade da sua população, e a assistência médica era ineficiente. Enfim, um continente que poderia facilmente

³³⁸ CHAPELLE, *op. cit.*, p. 76.

³³⁹ KENT, *op. cit.*, pp. 86-88.

desembocar em duas saídas: ou “*o centrismo de Betancourt ou o comunismo de Fidel Castro*”.³⁴⁰

O cubano Rafael Rodríguez, 48 anos, era um homem comum, de “*tranquila autoridade*”, nascido na cidadezinha de Guanabo, cerca de 23 quilômetros de Havana, e que antes de terminar o primário passou a trabalhar no mar. Adquiriu um pequeno barco e passou a transportar carga entre Cuba e a América Central. Seu interesse pela política era “*puramente pessoal. Queria viver sem medo, continuar a tratar dos seus negócios e melhorar a situação de sua família*”; Fidel Castro havia prometido um governo controlado pelo povo, mas na verdade se empenhava no controle absoluto do povo³⁴¹.

Segundo o autor do artigo especial “*A Nação que se salvou a si mesma*”, a situação do Brasil nos anos anteriores ao golpe militar de 1964, mostrava a crescente influência dos comunistas nos rumos da vida nacional. O “*palco estava completamente armado*”, como também o cronograma para a tomada do poder: primeiro, o caos, depois, a guerra civil e, por fim, o domínio comunista total. Os riscos da comunização do país, com seus 80 milhões de habitantes, quase a metade de toda a América do Sul, e rico em recursos naturais ainda não explorados, eram muito grandes. Fazendo fronteira com dez países, abriria a possibilidade de subversão em cadeia nestes países sul-americanos, se fosse dominado pelos comunistas³⁴².

A crise brasileira aumentava a cada dia – inflação, corrupção, governo e Congresso tomados pelos radicais, etc. – e criava condições perfeitas para os objetivos comunistas. “*O país estava realmente maduro para a colheita. Os vermelhos tinham introduzido toneladas de munições por contrabando, havia*

³⁴⁰ VELIE, *op. cit.*, pp. 75-76.

³⁴¹ BLANK, *op. cit.*, pp. 123-124.

guerrilheiros bem adestrados, os escalões inferiores das Forças Armadas estavam infiltrados, planos pormenorizados estavam prontos para a apropriação do poder, feitas as ‘listas de liquidação’ dos anticomunistas mais destacados”. Com o aprofundamento da crise, prossegue o autor, no final de 1961, empresários e profissionais liberais reuniram-se no Rio e em São Paulo. Nasceu destes encontros o Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais – IPES, “destinado a descobrir exatamente o que ocorria por trás do cenário político e o que se poderia fazer a respeito”.³⁴³

Os comunistas já haviam se infiltrado na administração pública federal – em especial nos Ministérios de Minas e Energia, da Justiça e da Educação (e, por correspondência a sua “mimada” União Nacional dos Estudantes – UNE), nos Correios e Telégrafos etc. –, como também no Congresso Nacional. E por toda parte havia “*técnicos de conflito, comunistas do caos, adestrados em escolas de subversão atrás da Cortina de Ferro (...) peritos em criar o caos, promover agitações em prol das ‘reformas’, levar o Governo a fazer grandes promessas que nunca poderia cumprir, e, em seguida, aproveitar o desespero resultante para gritar: ‘Revolução!’*”. No Nordeste, por exemplo, “*barbudos de Castro perambulavam pelo campo suscitando a revolta*”; aviões diplomáticos traziam instrutores cubanos para treinamento em guerrilha, como também levava brasileiros para treinamento em Havana; irradiações da China comunista, em português, ficavam até oito horas no ar, “*conclamando os camponeses a se sublevarem contra os proprietários das terras*”³⁴⁴.

- **As funções**

³⁴² HALL, *op. cit.*, pp. 95-96.

³⁴³ *Idem, ibidem*, pp. 97-98.

³⁴⁴ *Idem, ibidem*, pp. 99-100.

Das 31 funções enunciadas por Propp, as percorridas pelos heróis anticomunistas nos nove artigos analisados encontram-se indicadas a seguir:

2 – ao herói impõe-se uma interdição, presente em cinco artigos;

10 – o herói aceita ou decide agir, em oito;

11 – o herói deixa a casa, em cinco;

16 – o herói e seu agressor se defrontam em combate, em nove;

18 – o agressor é vencido, em dois;

20 – o herói volta, em dois;

21 – o herói é perseguido, em um;

22 – o herói é socorrido, em um;

26 – a tarefa do herói é cumprida, em cinco artigos.

O que se observa nestes resultados é a elevada recorrência das mesmas funções nos diferentes artigos, indicando assim o caráter comum da jornada que o herói anticomunista empreendeu para derrotar seu agressor. Ou seja, diferentes personagens inseridos em diferentes situações, mas que na lógica interna de cada um dos artigos, percorriam as mesmas funções. Da mesma forma como ocorre no conto, nem todas as funções detectadas estão presentes em todos os artigos; contudo, sua ordem seqüencial se mantém inalterada.

Segundo John Campbell, “o percurso padrão da aventura mitológica do herói” é a fórmula utilizada nos rituais de passagem: separação – iniciação – retorno, “*um afastamento do mundo, uma penetração em alguma fonte de poder e um retorno que enriquece a vida*”³⁴⁵. As ações efetuadas pelo herói anticomunista, repetindo-se em quase todos os artigos selecionados, também estão baseadas num ritual de

³⁴⁵ CAMPBELL, *op. cit.*, pp. 36, 40.

passagem: em primeiro lugar, ao herói é colocada uma interdição; em seguida, a interdição é transgredida, acompanhada da aceitação ou da decisão de agir; na ação empreendida, o herói sai de casa, ou seja, de sua pátria, de um país onde vivia, ou mesmo de uma condição social; a ação empreendida resulta no combate entre o herói e seu agressor, que geralmente o vence (em alguns artigos o herói ainda continuava na luta); terminado o combate, o herói volta para casa, fortalecido, e a tarefa é cumprida.

2 – Ao herói impõe-se uma interdição

Em alguns artigos a própria situação inicial gera uma interdição para a ação do herói, como nos casos das condições de permanência do padre Hoa na China e do fugitivo Rafael Rodriguez em Cuba, da sobrevivência dos kazaks no regime soviético, e da infiltração comunista no governo João Goulart. Nos demais, a interdição segue imediatamente a situação inicial.

Numa manhã de outono de 1951, o missionário John Hayes foi preso pela polícia chinesa, sendo conduzido algemado em passeata como forma de humilhação pública, e ficou encarcerado numa cela de 3 x 3 m, com três antigos funcionários do Partido Nacionalista, em condições desumanas³⁴⁶. A prisão do herói, segundo o autor, representava a interdição à sua liberdade de viver na China, lecionando inglês.

Vários meses depois de ter tomado posse, Diem, Primeiro-Ministro do Vietnã do Sul, ainda parecia “*uma figura decorativa, cheia de medo e indecisão*”, relatava o autor. Não conseguia manter a ordem; a polícia e o exército tratavam-no com pouco caso; suas primeiras medidas não surtiram os resultados esperados. Em setembro

³⁴⁶ SONDERN Jr., *op. cit.*, p. 173.

de 1954, “*tinha-se a impressão de que Diem era prisioneiro de seus generais*”³⁴⁷. A limitação do ato de governar era a interdição imposta ao herói.

Os comunistas chineses haviam imposto uma interdição ao padre Hoa: o livre exercício da atividade religiosa. Vencido pela covardia, fugiu para a cidade mais próxima da Indochina francesa, e, diante do superior imediato, Hoa passou por uma prova de moralidade, quando foi intimado a retornar junto aos seus fiéis, “*que precisavam da sua presença nesta hora mais do que nunca*”. Envergonhado, voltou para sua paróquia, mas, segundo a autora, transformado: Hoa já não tinha mais medo da morte. Preso pelo comandante comunista, foi no cárcere – representação da maior interdição possível ao herói – que “*nasceu o homem que hoje empolga a imaginação de todos os que o conhecem*”³⁴⁸.

Não aceitando as condições impostas pelo regime de Fidel Castro, Rafael Rodrigues tinha idéia fixa de pegar seu barco e fugir de Cuba com a família. Entretanto, em julho de 1961 foi preso, suspeito de tentar sair ilegalmente do país, ficou encarcerado durante sete meses e teve o barco confiscado. Depois de liberto, Rafael estava mais decidido do que nunca a partir, e a principal razão era que seus filhos estavam sendo submetidos a “*implacável doutrinação*”³⁴⁹. A interdição, neste caso, estava representada pela prisão do herói, pela perda de um bem material, pela ausência da liberdade de pensamento e de expressão, e pela destruição da instituição familiar que a doutrinação comunista gerava.

10 – O herói aceita ou decide agir

³⁴⁷ ARMSTRONG, *op. cit.*

³⁴⁸ CHAPELLE, *op. cit.*

³⁴⁹ BLANK, *op. cit.*

A princípio, os kazaks tentaram resistir ao domínio imposto pelos comunistas. Mas, diante da interdição que os atingia, privados de sua liberdade, em 1950, cerca de 40 mil homens, mulheres e crianças kazaks, provenientes das seis tribos que viviam na região nordeste do Sinkiang, se reuniram em assembléia e decidiram partir, em direção da Turquia, “*pátria de seus ancestrais*”³⁵⁰.

O mesmo fez Diem que, enfrentando condições desfavoráveis, resolveu agir. O comandante do exército, o general Hinh, seu inimigo declarado, repentinamente deixou o país, e, segundo o autor, Diem aproveitou para colocar no seu lugar o seu leal amigo, o general Le Van Ty. Outra providência tomada por Diem foi a incorporação dos exércitos de Cao Daí e Hoa Hao às forças nacionalistas, obtendo desta forma poder suficiente para enfrentar o Binh Xuyen e conseguir eliminar o seu domínio sobre o governo e fechar “*as casas de tavolagem e os antros do vício de Saigon e Cholon*”³⁵¹.

Abatida, confusa, sem saber o que fazer, Marion Miller toma o jornal e vê nas manchetes as últimas baixas dos soldados norte-americanos na Guerra da Coréia: “*Pensei nas mãos que naquela manhã haviam perdido tudo para os comunistas. Algum dia poderia ser meu filho. Resolvi fazer o que o FBI me pedia*”,³⁵² Um dever maior, para com a pátria, era mais importante para a heroína do que o bem-estar da família e a convivência com parentes, amigos e vizinhos.

Diante da dramática situação dramática em que se encontrava a Venezuela, como também toda a América Latina, o autor relata que Betancourt iniciou sua ação montando um governo de coligação, formando um ministério com representantes de todos os partidos legais, exceto os comunistas. Isolou estes últimos de qualquer influência no governo, mantendo-os sob rígido controle. Entretanto, Betancourt sabia

³⁵⁰ KENT, *op. cit.*

³⁵¹ ARMSTRONG, *op. cit.*

³⁵² MILLER, *op. cit.*

que a única forma de se ver livre dos comunistas era elevando o padrão de vida da população³⁵³.

Depois de mais de um ano enviando importantes documentos para a União Soviética, em 1937, as convicções de Whittaker Chambers foram, diz o autor, “*abaladas... e finalmente destruídas. Chega um dia ao comunista honesto em que tem de enfrentar as dúvidas que ele pôs de lado, sem, contudo eliminá-las. Uma escuridão total envolve-lhe a alma. E dessa luta íntima, ou ele emerge frio e cínico, com todos os escrúpulos morais atrofiados – ou experimenta uma completa mudança*”. Foram os julgamentos de Moscou que abalaram a fé de Chambers no comunismo³⁵⁴.

A única saída para Rafael Rodriguez era pelo mar, e durante vários meses observou que um barco do governo, que media uns vinte metros, passava regularmente por aquela região, abastecendo os faróis. Pensou que poderia fugir se pudesse se apoderar daquele barco. Preferiu cooptar seu comandante, Reinaldo Armas. Depois de vários encontros num bar do cais, aproveitando-se das queixas do comandante sobre seus vencimentos e sobre a hierarquia, a evolução das conversas chegou a tal ponto que no verão de 1963 fecharam o plano de fuga. Rafael convidou um amigo de confiança, além de vários casais que queriam fugir com os filhos, e o mesmo fez Armas. Planejavam levar em torno de 40 pessoas. Compraram combustível, falsificaram documentos, e adquiriram narcóticos para fazer a tripulação do barco dormir na noite da partida, marcada para as cinco horas da manhã do dia 4 de setembro de 1963³⁵⁵.

Diante do crescente avanço comunista no Brasil, iniciado principalmente a partir do momento em que João Goulart assumira o poder, os “*líderes da classe*

³⁵³ VELIE, *op. cit.*

³⁵⁴ Anônimo, *op. cit.*

³⁵⁵ BLANK, *op. cit.*

média brasileira, armados com as montanhas de provas reunidas por seus investigadores, puseram-se então a agir". Segundo o autor do artigo, organizavam dossiês e os distribuíam entre líderes da resistência e jornais, produzindo e distribuindo panfletos e livretos, que *"visavam principalmente à crescente classe assalariada do país, a grande sofredora com a galopante inflação"*.

Quando o governo fechou estações de rádio e televisão, João Calmon, diretor dos Diários Associados, organizou a "Rede da Democracia", composta por mais de 100 estações em todo o Brasil. Os principais jornais também entraram na luta: no Rio, *O Globo* e o *Jornal do Brasil*, em São Paulo, *O Estado de São Paulo*, e no Rio Grande do Sul, o *Correio do Povo*. Mas, a destruição dos planos dos comunistas deve uma enorme parcela de crédito às mulheres do Brasil, que deixaram suas casas e tomaram as ruas: *"Em escala sem paralelo na história da América Latina, donas de casa lançaram-se à luta aos milhares, fazendo mais para alertar o país para o perigo do que outra força qualquer"*. Relata o autor que a principal líder das mulheres foi Amélia Molina Bastos, do Rio, 59 anos, ex-professora primária, esposa de um general reformado do corpo médico do Exército.

Alarmada com o que ouvia nas reuniões informais de que o marido participava, resolveu unir donas de casa e formar a Campanha da Mulher pela Democracia – CAMDE, cujas ações eram formar comícios de protesto público, produzir cartas para serem enviadas aos congressistas, pressionar empresas para que tirassem a publicidade do jornal *Última Hora*, participar de comícios para discutir com esquerdistas e desafiar os agitadores, e distribuir circulares e livretos denunciando as relações de Goulart com os comunistas. Até mesmo nas favelas, *"ponto especial de ataque da propaganda vermelha"*, a atuação da organização se fez presente, afirma o autor³⁵⁶.

11 – O herói deixa a casa

³⁵⁶ HALL, *op. cit.*

Abalado com os acontecimentos na União Soviética, Whittaker Chambers tomou uma decisão radical: deixar o partido, o que fez em abril de 1938, e fugir com a família para uma fazenda que comprara em Maryland. Entretanto, Chambers tinha outro desafio moral a cumprir: “*fazer alguma coisa pelos amigos que ainda estavam na rede*”. Assim, em 1939, Chambers resolve “*advertir os Estados Unidos contra a espionagem, sem destruir os homens que tinham sido seus amigos*”³⁵⁷.

As seis tribos Kazaks se reúnem e decidem deixar o Sinkiang, com cerca de um milhão de cabeças de gado, e partir rumo ao sul, primeiro percurso em direção à Turquia, cujo trajeto compreendia uma distância de 3.200 quilômetros, percorrida em quase dois anos e terminada com apenas cerca de 2.500 sobreviventes³⁵⁸.

Em novembro de 1950, Marion Miller deixava a vida doméstica para aderir ao Comitê de Defesa dos Cidadãos Nascidos no Estrangeiro, passando dias e noites trabalhando na sede da organização. Em dois meses já fazia parte da sua diretoria, e pouco depois no Partido Comunista³⁵⁹.

Na prisão, o padre Hoa traçou um plano de fuga da China comunista. Liberto, reuniu os fiéis e deixou o país, trilhando um longo caminho, sempre sob as ameaças do agressor comunista. A primeira parada foi no Camboja, onde conseguiu trabalho para todos na extração da borracha. Mas, com a queda de Dien Bien Phu e a crescente infiltração comunista, a situação naquele país ficou desfavorável, e o padre Hoa e seu povo são obrigados a deixar o novo lar e procurar refúgio em outro país, dirigindo-se então para o Vietnã do Sul. Em março de 1959, após oito anos de peregrinação, chegaram a Binh Hung, terra pantanosa cedida por Ngo Dinh Diem, Primeiro Ministro sul vietnamita³⁶⁰.

³⁵⁷ Anônimo, *op. cit.*

³⁵⁸ KENT, *op. cit.*

³⁵⁹ MILLER, *op. cit.*

³⁶⁰ CHAPELLE, *op. cit.*

Seguindo o plano à risca, na noite do dia 4 de setembro Rafael Rodriguez embarcava com sua família ao encontro dos demais fugitivos. Apenas quando chegaram ao local marcado, sua esposa e filhos souberam do plano. Esperava-se em torno de 40 pessoas, mas apareceram 85. Segundo o autor, “*Sem querer, ele estava chefiando a maior fuga em massa que já se verificara na Cuba de Fidel Castro*”. A caminhada a pé até o ponto determinado da costa sul, primeira etapa do plano de fuga, levou seis horas, repleta de dificuldades como o mato fechado, o pântano, os mosquitos e um helicóptero que por um momento pairou 450 metros acima deles. Enquanto isso, no barco, o plano de colocar narcótico no café não deu certo. Para poder parar no local combinado para resgatar os fugitivos, o comandante Armas teve que mentir para seus tripulantes, informando que deveria atender a um pedido de socorro; e quando começou a trazer os fugitivos para dentro do navio começou a insultá-los, chamando-os de “cães capitalistas” e dando voz de prisão. Quando todos estavam a bordo, o comandante inverteu a situação e fez presos os tripulantes³⁶¹.

16 – O herói e seu agressor defrontam-se em combate

No decorrer desta epopéia iniciada pelos kazaks ocorreu uma série de combates entre o herói e seu agressor comunista. O primeiro se deu logo no início da marcha, quando, segundo o autor, 15 aviões russos metralharam cerca de mil pessoas e mataram ou espantaram grande quantidade de animais. Na confusão, alguns kazaks seguiram para o norte. Enfim, restaram cerca de 18 mil que foram para o sul, rumo à província chinesa de Kansu. Durante todos os dias deste percurso, foram atacados por tropas russas montadas em camelos e saíram vencedores, mas chegaram ao destino 11 mil kazaks e dez mil cabeças de gado. Foram bem recebidos em Kansu, onde viviam muçulmanos, aliados tradicionais. Mas tiveram paz por pouco tempo, pois os comunistas avançavam. Novamente se

põem em marcha, rumo ao oeste, para o Tibet. Já próximo do destino, são atacados novamente pelo agressor comunista, e novamente vencem. Entretanto, foram impedidos de entrar no país, e tiveram que prosseguir através do perigoso caminho da grande barreira formada pelas Montanhas Kuenlun, onde a temperatura atingia até -35°C à noite. Contavam nesse momento com cinco mil homens, 3.500 mulheres e crianças e alguns milhares de cabeça de gado. Afastado o perigo comunista, os inimigos eram outros: a neve, o frio, o vento e a altitude. Conseguiram atravessar apenas três mil kazaks, na maioria homens, e nenhum animal. Em seguida chegaram a Cachemira, onde foram atingidos por uma epidemia e em 15 dias morreram 800 pessoas³⁶².

Depois de três meses encarcerado e incomunicável, como uma “primeira fase de amolecimento mental”, conforme relata o autor do artigo, teve início o julgamento do missionário John Hayes, acusado de “*espião imperialista*”, por um tribunal popular composto por seis juízes chineses. Os primeiros combates duraram quarenta dias consecutivos, quando John Hayes passou por sessões de tortura ideológica durante horas seguidas. O tribunal tentou fazê-lo confessar que era um agente do FBI, pois, segundo os juízes chineses, J. Edgar Hoover era membro da Junta Presbiteriana Nacional de Missões Estrangeiras. Hayes tentava explicar-lhes que o FBI não atuava fora do país, mas eles continuavam com suas denúncias. Também o acusavam de ter ligações com o regime nacionalista de Formosa. O herói, depois de tantas acusações seguidas, enfraquecido, já começava a esmorecer e já estava quase disposto a confirmar tudo o que os juizes dele afirmavam. “*Estava começando a não se importar com coisa alguma*”.³⁶³

Fortalecido após a derrota do seu mais forte agressor interno, Binh Xuyen, Diem procedeu “*a uma limpeza nos ninhos dos chefes comunistas e de suas tropas no Vietnam do Sul*”, com o plano de dar oportunidade aos comunistas de permanecerem na zona livre, desde que declarassem lealdade ao seu governo.

³⁶¹ BLANK, *op. cit.*

³⁶² KENT, *op. cit.*

“Grande número de antigas tropas vermelhas se renderam. Mais de 8.000 membros do Partido Comunista, numa demonstração coletiva rasgaram suas fichas partidárias e suas bandeiras vermelhas. ‘Preferiram passar para o team vitorioso’, explica o General Ty”. Ainda assim, Diem continuava a ser pressionado: o general Le Van Vien, chefe militar do Binh Xuyen, posicionou tropas em Saigon, em franco desafio ao governo, mas o Exército Nacionalista do premier conseguiu sufocar os rebeldes. O governo francês exigia sua saída, mas dos Estados Unidos o Secretário de Estados John Foster Dulles mandou mensagem de apoio ao governo sul vietnamita. “‘Quando um sujeitinho como eu, se vê assediado por valentões, não há nada que dê tanto conforto como a ajuda de seu irmão mais velho!’ disse-me o premier com um sorriso ao relatar o confortador progresso”.

A providência seguinte de Diem foi empreender visitas a cada província do Vietnã do Sul, onde costumava falar ao povo de cada aldeia que no Vietnã do Norte trabalhava-se muito porque eram escravos que trabalhavam para patrões comunistas, mas no *“Vietnam livre nós trabalhamos muito porque, como homens livres, estamos trabalhando para nós mesmos...”*. No plebiscito de outubro de 1955 o povo confirmou apoio a Diem, que recebeu 98% dos votos. Diante de *“esmagadora solidariedade”*, passou a organizar uma nova *“constituição democrática”*, cujo ponto principal era a elaboração de uma Carta de Direitos, *“que demonstre com clareza o grande contraste entre a liberdade humana e a tirania do governo comunista”*. Enfim, mostrando que o herói ainda continuava na sua batalha contra os inimigos do seu governo, o autor finaliza o artigo afirmando que *“No meio das tenebrosas procas que ameaçam a Ásia, o vulto do Presidente Diem se projeta como um farol luminoso, mostrando a rota ao povo livre”*.³⁶⁴

Os combates entre a contra-espiã Marion Miller e o seu agressor comunista se davam nas atividades que ela realizava no Partido Comunista: grupos de estudo, piquetes, campanhas financeiras, campanhas de propaganda etc., e que absorviam todo o seu tempo. Marion afirma que odiava tudo aquilo, considerava os

³⁶³ SONDERN Jr., *op. cit.*

³⁶⁴ ARMSTRONG, *op. cit.*

“camaradas” estranhos e neuróticos, idealistas, e “*o pior de tudo é que não tinham o menor senso de humor*”. Aos poucos perdia contato com os filhos; mas a grande ameaça era perdê-los para o Partido. A situação chegou a tal ponto que contou suas dificuldades para o FBI, mas como ela estava fornecendo valiosas informações, pediram-lhe para ficar um pouco mais. O grande combate entre a heroína e o agressor comunista se deu no dia três de outubro de 1955, quando passou cinco dias no banco das testemunhas, depondo para o Conselho de Controle de Atividades Subversivas, do Congresso norte-americano, em Washington, e acabou oficialmente denunciando o Comitê de Los Angeles como uma frente comunista³⁶⁵.

Com a obtenção de relativa estabilidade, Rómulo Betancourt iniciou o combate aos inimigos do governo. Sua primeira ação foi montar uma Comissão de Enriquecimento Ilícito para apurar os casos de suborno em seu governo. Em seguida, com a participação de 60% que cabia ao governo venezuelano nos lucros das companhias de petróleo (renda diária de 400 milhões de cruzeiros, de acordo com o autor), passou a investir em educação. Gastou mais dinheiro nesta área do que em despesas militares, através do lançamento de um programa intensivo de formação de professores e da fundação de 17 escolas. Com isso, o número de alunos matriculados subiu de 370 mil para mais de um milhão e duzentos mil e o analfabetismo começou a ser atacado, por meio da organização de um corpo de voluntários formado por estudantes universitários. Em seguida, Betancourt se voltou para os dois milhões de camponeses sem terra que trabalhavam em condições precárias para os grandes latifundiários. Com um plano de investimento de 300 milhões de dólares em quatro anos, comprou terras improdutivas visando ao assentamento dos camponeses, além de conceder créditos para a aquisição de ferramentas, irrigação e fertilizantes. O governo de Betancourt também contava com uma verba de “*40 bilhões de cruzeiros*” para construção e financiamento de casa própria, principalmente nos centros urbanos. Portanto, investindo em infra-estrutura, finalizava o autor, Betancourt “*está dando uma lição a um turbulento continente à procura de um futuro. Está provando que os países latino-americanos*

³⁶⁵ MILLER, *op. cit.*

*subdesenvolvidos não têm de trocar as cadeias dos ditadores da velha escola pelas cadeias dos novos totalitários. Há um melhor meio-termo latino-americano*³⁶⁶.

Em 1939, Whittaker Chambers iniciou seu combate ao agressor comunista, tendo como arma a delação, que chegou ao conhecimento do próprio presidente Roosevelt. Também enviou provas documentais ao Departamento de Estado, vinculando Alger Hiss à espionagem diplomática, e chegou até a jantar com o Subsecretário de Estado, Adolph A. Berle, que tomou notas das suas informações. Chambers *“queria revelar esta história ao povo americano, e ninguém lhe dava ouvidos”*. A força para a empreitada estava na religião, pois desde *“o momento em que rompera com o comunismo, Chambers sentira necessidade de religião. Em 1941 tornou-se quacre, fé que não mais o abandonou. A sua aceitação da filosofia quacre é decisiva nesta narrativa. A nova fé lhe deu uma força poderosa para guiá-lo em suas ações subseqüentes”*.

Mas as autoridades não lhe davam ouvidos e enquanto ele via seus esforços fracassarem, Hiss ascendia cada vez mais na carreira. Em agosto de 1944 participou do anteprojeto da Carta das Nações, em seguida foi nomeado assessor presidencial, e nessa função compareceu à Conferência de Yalta, onde foi aprovado para o cargo de secretário-geral da Conferência de São Francisco. Em 1947, Hiss deixava o departamento de Estado para se tornar presidente da Fundação Carnegie para a Paz. A série de enfrentamentos de Chambers e os comunistas começaram apenas nove anos mais tarde. Nos dias 3 e 5 de agosto de 1948, Chambers acusou Hiss de espionagem, sem sucesso, porque os membros da Comissão estavam inclinados a encerrar o caso, visto que Hiss ocupava um alto posto no governo. Mas Richard Nixon solicitou novo interrogatório de Chambers para o dia 07 de agosto, em New York. Novamente o delator confirmou todas as informações. Alger Hiss depôs novamente no dia 16 de agosto, mas o grande confronto se deu a 17 de agosto, quando se realizou a acareação entre Chambers e Hiss. Este, depois de muito relutar, confirmou ter certeza de que o homem das fotos era realmente seu ex-inquilino. O inquérito terminou ainda no mês de agosto, sem conclusão oficial.

³⁶⁶ VELIE, *op. cit.*

Segundo o autor, o caso poderia ter se encerrado ali, não fosse Hiss ter aberto uma ação judicial por perdas e danos, em novembro de 1948. Neste novo inquérito, Chambers trouxe provas documentais contra Hiss: cópias de 47 documentos do Departamento de Estado e quatro memorandos escritos à mão por Hiss. Ao mesmo tempo, Chambers entregava a Richard Nixon três rolos de microfilmes que havia escondido dentro de uma abóbora, em sua fazenda. Foi realizado um laudo pericial nestes documentos, incriminando Hiss, e aberto um processo de perjúrio contra ele. Chambers repetiu suas declarações sobre a participação de Hiss em atividades de espionagem. Esther Chambers confirmara a longa amizade que existira entre as duas famílias. Hiss e Priscilla negavam veementemente. Neste processo, o júri não chegou a um veredicto unânime, e foi dissolvido³⁶⁷.

Depois de instalado no Vietnã do Sul, o padre Hoa acreditava que enfim sua missão havia sido cumprida, quando descobriu que se encontrava rodeado de vietcongs, “*que infestavam aquelas terras*”. Mas desta vez decidiu resistir, formando um pequeno exército de vigilantes – o Exército da Andorinha do Mar, cujo nome foi dado pelo próprio Diem. Uma força cansada de fugir, que, segundo a autora, estabeleceu como estratégia se manter todo o tempo na ofensiva. O padre Hoa havia lhes ensinado que ninguém podia vencer se continuasse parado, incutindo-lhes “*a necessidade de fazerem incursões incessantemente, noite e dia, sob qualquer tempo, em emboscadas e contra-ataques aos combatentes vermelhos no campo e na selva*”. Segundo a autora, a difícil tarefa de resistir aos comunistas ainda continuava, e as palavras de Hoa aos novos recrutas que chegavam eram exatamente estas: “*Você vieram unir-se a nós, meus filhos, e não viverão três anos. Mas a morte que tiverem será abençoada, ao contrário da morte dos covardes, porque será em benefício da liberdade de todos os povos. E, antes que ela chegue, terão oportunidade de matar muitos inimigos*”. E finalizava o artigo afirmando que

³⁶⁷ Anônimo, *op. cit.*

Hoa e seu exército estavam ampliando a área da liberdade no mundo. “*Quem poderá servir a causa maior?*”.³⁶⁸

No meio da tarde do dia da fuga, o barco pilotado por Rafael Rodriguez atingia o ponto mais perigoso da costa cubana, perto da base naval de La Coloma, quando surgiram três caças à frente dele; um torpedo saiu da base e quase atingiu o barco. O barco foi mantido perto da costa até as 22 horas, “*quando então virou a proa para o sul e rumou para o alto-mar*”. Às seis horas da manhã seguinte, Rafael enfim arriou a bandeira de Cuba e hasteou uma bandeira norte-americana. “*Alguns dos fugitivos começaram a chorar. Um grupo de rapazes cantou trechos do Hino dos Fuzileiros, pensando que fosse o hino nacional norte-americano*”. Porém, às 11 horas, avistaram uma canhoneira com uma bandeira cubana, que felizmente não mudou o curso. No começo da tarde do segundo dia, o barco encontrava-se a cerca de 100 milhas de Cuba e a 200 milhas da Península de Yucatán, no México, e a 580 milhas da Flórida. Rafael sabia que não daria para executar o plano inicial, pois não teria víveres e combustível suficientes para chegar aos Estados Unidos, e teriam então que aproar em Yucatán, a dois dias de viagem³⁶⁹.

O comício de João Goulart no dia 13 de março de 1964 pode ser considerado, diz o autor, “*detonador da revolução preventiva*”, e seis dias depois, as ruas do centro de São Paulo ficaram tomadas pelo que as mulheres denominaram “*Marcha da Família com Deus Pela Liberdade*”. “*Apertando livros de oração e rosários contra o peito, mais de 600.000 pessoas marcharam solene e ritmicamente sob pendões anticomunistas*”. Dias depois, marchas semelhantes foram organizadas nas principais cidades do país. Além destas atividades, os líderes da classe média começaram a confidenciar com os generais anticomunistas. Um deles foi Humberto de Alencar Castelo Branco, que comandava o Exército sediado em Pernambuco, “*um perigoso foco de agitação social*” e que, em virtude de seus embates com o governador Miguel Arraes, foi “*promovido*” a Chefe do Estado-Maior.

³⁶⁸ CHAPELLE, *op. cit.*

³⁶⁹ BLANK, *op. cit.*

Após o comício do dia 13 de março, Castelo Branco resolveu agir: redigiu nota defendendo a ação militar em defesa da legalidade, e a distribuiu secretamente para a alta oficialidade. Os oficiais da Marinha seguiram o exemplo e fizeram circular um manifesto. A primeira conclamação para depor Goulart, segundo o autor, partiu do governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto, e no dia 31, uma divisão do Exército sediada em Minas e comandada pelo general Olympio Mourão Filho pôs-se a caminho do Rio. Horas depois o general Amaury Kruel, comandante do II Exército, em São Paulo, aderiu ao movimento, mandando um contingente para a capital carioca. O IV Exército, sediado em Pernambuco e comandado pelo general Justino Alves Bastos, uniu-se aos golpistas. João Goulart se refugiou no Rio Grande do Sul, onde o III Exército, liderado por Ladário Pereira Telles, leal ao presidente, ainda não havia se definido, ao contrário do governador Ildo Meneghetti. Por fim, Carlos Lacerda, governador do Rio de Janeiro, driblando a censura imposta pelo governo federal às estações de rádio, conseguiu oficializar seu apoio ao movimento³⁷⁰.

18 – O agressor é vencido

Desesperado, a reação de John Hayes veio com a oração, que lhe deu forças para enfrentar com resolução o tribunal. E neste momento ocorria uma inversão no campo de forças: John Hayes passou a dominar a situação, pois ao iniciar uma oração os juizes diminuíram a gritaria e passaram a ouvi-lo. Aproveitando-se da respeitabilidade adquirida pelo pai, William Hayes, o “*Velho Mestre*”, que havia dedicado toda sua vida ao povo chinês, o herói começou a mostrar ao tribunal o verdadeiro significado da democracia americana e do cristianismo para o mundo. “*Acudiu-lhe claramente ao espírito que não era mais o tribunal que o estava catequizando, mas ele é que estava catequizando o tribunal... com a ajuda de Deus!*”. O autor conta que, diante das proporções que o julgamento ia tomando, com o domínio do herói, subitamente o processo foi interrompido e em algumas semanas o missionário John Hayes conseguia sua liberdade³⁷¹.

³⁷⁰ HALL, *op. cit.*

³⁷¹ SONDERN Jr., *op. cit.*

Na metade da tarde de 1º de abril o movimento estava terminado, declarou o autor, “e os líderes da classe média do Brasil estavam nos microfones saudando o colapso do comunismo (...) e as ruas de todas as grandes cidades do Brasil se encheram de gente alegre e dançando num espírito carnavalesco”. João Goulart, Brizola, o Embaixador de Cuba e chefes graduados dos comunistas fugiram do país ou se abrigaram nas embaixadas de países da Cortina de Ferro. No Rio, “densas nuvens de fumaça subiam dos incineradores da Embaixada Russa, onde grandes quantidades de documentos e papéis foram queimadas às pressas”.³⁷²

26 – A tarefa do herói é cumprida

Logo ao chegar a Cachemira, os refugiados kazaks solicitaram ao governo turco licença para se estabelecerem naquele país. Depois de um ano conseguiram a autorização, e cerca de dois mil kazaks migraram para a Turquia, finalizando assim a “longa e cruenta marcha foi uma das grandes proezas de coragem e fortaleza de ânimo da história”.³⁷³

Para Marion Miller sua tarefa havia sido finalmente cumprida quando conseguiu novamente restabelecer a vida familiar, o que no artigo é representado no momento em seu filho entra correndo em casa e lhe pede para recomeçar as aulas de piano, que tinham sido interrompidas desde quando entrara para o Partido Comunista³⁷⁴.

³⁷² HALL, *op. cit.*

³⁷³ SONDERN Jr., *op. cit.*, pp.

³⁷⁴ MILLER, *op. cit.*

O último julgamento do espião comunista Alger Hiss começou no dia 19 de novembro de 1949, mas parecia mais uma reprise do anterior. Porém, depois de uma série de etapas de acusações e defesas, no dia 24 de janeiro de 1950 o juiz o sentenciava a cinco anos de prisão, pena que acabou reduzida a 44 meses, por bom comportamento. E conta o autor que, posto em liberdade em 1954, tendo que aceitar o divórcio, Hiss começou a trabalhar como vendedor. Na sua fazenda, após saber do veredicto, Chambers apenas disse: “– *Meu trabalho está terminado*”³⁷⁵.

Segundo ao autor, às 10 horas do dia 8 de setembro de 1963, depois de quatro dias da partida, o grupo de fugitivos cubanos liderado por Rafael Rodriguez chegava ao porto de Cozumel, em Yucatán. O barco foi apreendido pelas autoridades mexicanas e devolvido a Cuba, com dois tripulantes, pois os demais preferiram não voltar. Os refugiados foram aplaudidos no cais pelo povo, as crianças foram atendidas nos hospitais, as lojas de roupas ofereceram camisas e vestidos, os restaurantes os convidaram para fazerem as refeições. Dias depois a maioria encontrava-se em Miami. Depois de tudo terminado, finaliza o autor, Rafael tinha certeza de que a foi a Providência que tornou possível a fuga, pois “*o bom Deus deve sorrir sempre que alguém do Seu povo foge da escravidão*”³⁷⁶.

O mérito da rápida mudança política no Brasil após o golpe de 1964, e praticamente sem perda de vidas coube, em grande parte, segundo o autor do artigo (Lincoln Gordon, embaixador dos Estados Unidos no Brasil), ao quadro dos oficiais do Exército, “*altamente civilizado*”. Mas, para estes o maior mérito era dos civis, que no “*momento culminante deram o sinal aos militares agirem*”. Além disso, comentou que “*foi uma revolução doméstica, feita com as próprias mãos, tanto na concepção como na execução. Nem um só dólar ou cérebro norte-americano foi empenhado nela!*”. E no dia 2 de abril, conforme planejado, a CAMDE realizava passeata no Rio de Janeiro, mas já uma “*marcha de ação e graças a Deus*”, que reuniu mais de um milhão de pessoas. O autor finaliza o artigo tecendo alguns comentários sobre as

³⁷⁵ Anônimo, *op. cit.*

³⁷⁶ BLANK, *op. cit.*

primeiras ações dos militares vitoriosos: por meio de Ato Institucional, prendeu todos os elementos subversivos e corruptos, cassou direitos políticos por dez anos de 68 congressistas e 349 outros brasileiros, entre eles Goulart, Quadros e Kubitschek.

E após 30 dias, o Congresso elegeu Castelo Branco presidente, para terminar os dois anos que restavam do governo Goulart. O artigo prossegue, relatando que Castelo Branco permaneceu no poder até 1966, em virtude da prorrogação do mandato aprovada pelo Congresso. *“É um homem sereno, mas obstinadamente corajoso”,* e chefiava *“um governo que está longe de ser uma ditadura militar”,* pois mantinha o Congresso em funcionamento e dava liberdade de imprensa. No seu governo, à exceção dos ministros militares e do marechal reformado Juarez Távora, Ministro da Viação e Obras Públicas, todos os demais membros eram civis, *“homens da ‘classe média’, devotados às anunciadas reformas de Castelo”*. A avaliação de Gordon é de que Castelo Branco, assim que assumiu, *“começou a desmontar a gigantesca e corrupta máquina burocrática”,* cortou 30% do orçamento, *“começou a despejar no funil do Congresso reformas que vão direto ao cerne das dificuldades brasileiras”,* iniciou uma *“limpeza moral”* no país e colocou em prática as primeiras reformas econômicas. Com o objetivo de deter a inflação, entre outras ações, reduziu gastos públicos, elaborou emenda à Lei de Remessa de Lucros, *“há muito tempo discriminatória contra os investimentos estrangeiros”,* proibiu a nacionalização e o confisco de empresas privadas, eliminou subsídios para a importação de trigo, petróleo e papel de imprensa. Suas reformas sociais se concentravam num programa nacional de construção de casas populares e num programa de reforma agrária *“para corrigir a pobreza e as injustiças sofridas pelas massas nordestinas, virtuais servas dos grandes senhores feudais”*³⁷⁷.

Conforme observamos nas trajetórias destes heróis anticomunistas, os resultados de suas jornadas parecem conduzir ao sucesso ou, ao menos nos casos

³⁷⁷ HALL, *op. cit.*

em que a agressão comunista ainda estava presente, a situações sempre coroadas pelo vigor inesgotável de uma heróica resistência.

Contudo, a transformação dos heróis em mito não deu base de sustentação às versões produzidas pelos artigos sobre a história do tempo presente. Ao fim e ao cabo, as conseqüências históricas dos acontecimentos narrados acabaram se constituindo na base para a manutenção da hegemonia dos Estados Unidos – intolerante tal qual o agressivo combate anticomunista conduzido pelos heróis dos artigos –, e não para a construção de uma efetiva democracia planetária. Nos artigos selecionados, analisadas as respectivas condições históricas, quatro exemplos de heróis definem esta proposição.

O processo de heroificação observado no artigo sobre o presidente venezuelano Rómulo Betancourt é um claro exemplo da execução de uma política externa e interna favorável aos interesses do poder econômico e aos objetivos do governo norte-americano para o país, e para a América Latina em geral.

Na Venezuela, a primeira experiência da Ação Democrática – AD no poder ocorreu em 18 de outubro de 1945, após a deposição do general Isaías Medina Angarita por meio de um golpe militar. Foi formada uma junta, integrada por cinco civis e dois militares, presidida por Rómulo Betancourt, secretário-geral da AD. Após a reforma do sistema eleitoral e a convocação para a Assembléia Constituinte, em dezembro de 1947 os venezuelanos elegeram novos membros para o Congresso e o novo presidente da república. Rómulo Gallegos, da AD, foi o vencedor do pleito, e formou um gabinete em quase sua totalidade por integrantes de seu partido ou seus simpatizantes. Mas seu governo foi breve, sendo deposto por um movimento militar em 24 de novembro de 1948³⁷⁸.

A AD só voltaria ao poder em 23 de janeiro de 1958, quando outro golpe cívico-militar derrubou a ditadura de Marcos Pérez Jiménez. Mas, antes de analisarmos o segundo mandato de Betancourt, é importante destacar que durante o

governo ditatorial o país se abriu ainda mais ao capital estrangeiro, que passou a dominar diferentes setores da economia nacional. Entre 1954 e 1956, ou seja, nos dois últimos anos da ditadura, foram outorgadas novas concessões petroleiras, reforçando ainda mais o controle dos recursos naturais do país por parte dos monopólios estrangeiros, que acabou se estendendo também à exploração de minério de ferro e ao setor agropecuário. Mas, a burguesia venezuelana também se favoreceu com a ditadura, quando “*as principais fortunas prosperaram durante o regime*”. Burguesia e o capital estrangeiro se constituíram nos suportes do regime ditatorial, apoiado pelo governo dos Estados Unidos³⁷⁹.

Rómulo Betancourt retornou ao poder em 1959, e com ele a AD, quando teve início a etapa dos governos democráticos representativos. É deste período que trata o artigo da revista. O objetivo principal de Betancourt foi permanecer no governo até o fim do mandato. E conseguiu, em parte ajudado pela estabilidade advinda do Pacto do Ponto Fixo celebrado entre os três principais partidos do país – AD, a União Republicana Democrática – URD e o Copei (social-cristão). A gestão de Betancourt, todavia,

*“se caracterizou por seu serviço aos interesses dominantes, o freio às necessidades e aspirações dos setores populares, uma campanha persistente contra os partidos de esquerda (...) contra a Revolução Cubana dirigida por Fidel castro e o Movimento Comunista Internacional”*³⁸⁰.

Betancourt buscou a todo o momento conquistar a confiança do poder econômico, nacional e internacional, ao favorecer o maior enriquecimento da burguesia. Reafirmava garantias efetivas ao capital estrangeiro, ao propiciar a conciliação dos interesses de empresários e dos sindicatos, e ao segregar toda manifestação mais radical em seu partido. A vitória de Fidel Castro, justamente no

³⁷⁸ ZAVALA, D. F. Maza. “*História de meio século na Venezuela: 1926 – 1975*”. In: CASANOVA, Pablo Gonzáles (org). **América Latina. História de meio século**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1988, p. 292, 302-303.

³⁷⁹ *Idem, ibidem*, pp. 304-306, 314. Em 1945, os investimentos estrangeiros brutos chegaram a 938 milhões de dólares, valor este que atingiu 3.719 milhões em 1956, divididos entre empresas norte-americanas (70%) e inglesas e holandesas (30%). Segundo o autor, John Foster Dulles, secretário de Estado do governo dos Estados Unidos, chegou inclusive a declarar que o regime de Pérez Jiménez era o mais conveniente para os interesses de seu país.

³⁸⁰ *Idem, ibidem*, pp. 329-330.

início de seu mandato, influenciou profundamente a política venezuelana, o que levou a um recrudescimento da ação anticomunista durante seu governo. O Partido Comunista Venezuelano – PCV, tendo apoiado o golpe que derrubou Pérez Jiménez, tentou prosseguir no governo Betancourt uma política de convivência e de oposição “civilizada”. Entretanto,

*“a crescente repressão oficial, os reiterados golpes às aspirações populares de melhoramento sócio-econômico e democracia efetiva, a cerrada campanha anticomunista de Betancourt, sua aberta entrega aos interesses dominantes, eliminaram toda oportunidade de alcançar durante o seu mandato os supostos ideais de 23 de janeiro de 1958”.*³⁸¹

A trajetória do “herói-delator” Whittaker Chambers, no artigo, representa a própria trajetória do fenômeno do macartismo, o qual, segundo Argemiro Ferreira, geralmente é reduzido pela historiografia oficial norte-americana apenas à ação do senador Joseph Raymond McCarthy à frente da sua Subcomissão de Segurança Interna do Senado. Mas, na verdade, o período de perseguição aos comunistas teve início bem antes, com a Doutrina Truman e sua política de contenção ao expansionismo soviético, e se prolongou até depois da morte do senador, em 1957³⁸².

De particular interesse para a pesquisa, a atitude intolerante da imprensa norte-americana foi o que mais decisivamente influiu na formação da histeria que favoreceu a onda macartista. Mas, alguns veículos da mídia liberal, como os jornais *The Washington Post* e *The New York Times*, a revista *Time* e a rede de televisão CBS, “resistiram heroicamente à investida obscurantista”. Vale destacar que os veículos da imprensa liberal norte-americana se colocavam contra a histeria

³⁸¹ *Idem, ibidem*, pp. 330-331.

³⁸² FERREIRA, Argemiro. **Caça às bruxas. Macartismo: uma tragédia americana**. Porto Alegre: L&PM, 1989, pp. 27-28. O macartismo revelou vários nomes para a política, como Richard Nixon, membro da HUAC, e Ronald Reagan, que delatou nomes do Sindicato de Atores de Hollywood e da comunidade do cinema em geral. O autor esclarece que a Comissão de Atividades Antiamericanas – HUAC, que apenas investigava a infiltração comunista na administração pública, e a

macartista, mas nunca contra o perigo comunista; em outras palavras, aceitavam seu objetivo básico, apenas discordavam dos métodos³⁸³.

Richard Hofstadter assim definiu o macartismo:

“O verdadeiro papel da Grande Inquisição dos anos cinquenta não foi algo tão singelo e racional como descobrir espões ou prevenir a espionagem (para o que os órgãos policiais são, presumivelmente, mas apropriados) ou mesmo desmascarar comunistas, mas descarregar ressentimentos e frustrações punir, satisfazer inimizades cujas raízes repousam em outro motivo que não a posição de comunista. Eis porque ela demonstrou tão insaciável e indiscriminado apetite e porque parecia mais feliz quando atingia a pessoas poderosas e respeitáveis do que a um ocasional e obscuro bolchevique (...) Tivesse a Grande Inquisição se dirigido apenas contra comunistas, teria procurado ser mais precisa e ponderada em sua perseguição, mas na verdade, seus princípios militantes pareciam importar-se pouco com a diferença entre um comunista e um unicórnio (...) Os inquisidores estavam querendo acertar contas com os liberais, os New Dealers, os reformistas, os internacionalistas, os intelectuais e finalmente com a administração republicana quer não conseguira acabar com a política liberal (...) Nessa cruzada o comunismo não era o alvo, mas a arma e por essa razão é que tantos dos ardorosos caçadores de impotentes comunistas domésticos eram indiferentes aos esforços para atingir o poder do comunismo internacional onde ele realmente tinha importância – na arena da política mundial”³⁸⁴.

Vitória Cancelli confirma que Whittaker Chambers foi uma das testemunhas amistosas da HUAC, ouvido pela primeira vez em 3 de agosto de 1948, e que numa “rápida leitura de seus depoimentos”, observa-se que o “comunista arrependido” alterou, tantas vezes quantas foi preciso, fatos, datas e tudo o que fosse necessário para “adequar o seu relato ao que dele esperavam os seus inquisidores”. Segundo a autora, tanto Chambers como Elizabeth Bentley,

Subcomissão presidida por McCarthy eram distintas. Portanto, Richard Nixon nunca investigou o comunismo em Hollywood, e McCarthy nunca interrogou Whittaker Chambers.

³⁸³ *Idem, ibidem*, pp. 155, 168.

³⁸⁴ HOFSTADER, Richard. **Antiintelectualismo nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967, pp. 51-52.

“apesar das lacunas, das debilidades e da falta de provas, citaram inúmeros nomes que tiveram suas carreiras e suas vidas destroçadas pela fúria do anticomunismo que assolou os Estados Unidos nos anos 40 e 50”³⁸⁵.

A exposição de Chambers na mídia norte-americana em virtude do caso Hiss permitiu-lhe angariar outros frutos com seus relatos, como lançamento de obras sobre sua participação no processo envolvendo espionagem diplomática. Além de *Seeds of treason*, condensado pela revista, outro sucesso foi *Witness*, que chegou a ser proclamado pelos intelectuais liberais norte-americanos como uma “obra-prima da literatura universal”, segundo Argemiro Ferreira³⁸⁶. Mas, passada a “febre macartista”, Chambers rapidamente caiu no ostracismo, e em 9 de julho de 1961 se suicidava.

O destino de Ngo Dinh Diem acabou não correspondendo ao futuro promissor definido no artigo. No caso do Vietnã do Sul, os Estados Unidos não assinaram o acordo de Genebra de 1955, que definia a independência do Vietnã, do Laos e do Camboja, como também impediram as eleições de 1956 com vistas à reunificação do país. Para o governo norte-americano, a República do Vietnã era uma criação sua, e com isso tinha assumido o compromisso de desenvolver e manter o país: desde 1955, o governo dos estados Unidos passou a sustentar “o governo despótico e corrupto do general Ngo Dinh Diem, financiando-o e ajudando-o a organizar seu próprio Exército”³⁸⁷.

Confiando apenas nos membros de sua família, o governo de Diem baseava-se poder pessoal; além disso, os laços de lealdade eram critério para a nomeação dos altos funcionários e dos generais, tal qual um “regime ‘feudal’ que refletia a origem mandarim do presidente”. Diem era um católico devoto, educado por dominicanos

³⁸⁵ CANCELLI, *op. cit.*, p. 33. Elizabeth Terril Bentley, companheira de Jacob N. Golos, dirigente do Partido Comunista Americano, também depôs na HUAC, em 31 de julho de 1948, quando confirmou suas atividades de espionagem diplomática, enviando documentos sigilosos para a União Soviética.

³⁸⁶ FERREIRA, *op. cit.*, p. 192.

³⁸⁷ MONIZ BANDEIRA, Luis Alberto. **Formação do império americano: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 252.

espanhóis, líder de um país onde 20% (três milhões) eram católicos, que formavam influente minoria³⁸⁸.

Entretanto, todos os esforços dos Estados Unidos no Vietnã do Sul, tendo gasto mais de sete bilhões de dólares em ajuda econômica e militar entre 1955 e 1962, não conseguiram conter o avanço da insurreição contra o governo de Diem. Segundo depoimento do vietcong Nguyen Van Dong, representante da Frente de Libertação Nacional – FLN do Vietnã do Sul, entre julho de 1954 e fins de 1959, mais de 500 mil pessoas haviam sido aprisionadas e torturadas no país, e mais de 80 mil mortas ou desaparecidas³⁸⁹.

Em 1961, a guerrilha empreendida pela FLN já atingia níveis de violência que comprometiam a estabilidade do governo. Para reforçar a ação ofensiva na região, Kennedy criou a SEATO – Southeast Asian Treaty Organization, e em 28 de janeiro de 1961, pouco depois de assumir o governo, aprovou uma verba de 40 bilhões de dólares ao governo sul-vietnamita. O número de militares norte-americanos no país, perto de 900 em janeiro de 1961, passou para 3.264 no final daquele ano, e atingiu 16.263 ao tempo em que Kennedy foi assassinado, em 22 de novembro de 1963³⁹⁰.

A crescente participação dos soldados dos Estados Unidos não conseguia modificar a situação, porque a luta dos vietcongs era cada vez mais apoiada pela população. Em agosto de 1963, diante da impopularidade de Ngo Dinh Diem, *“desafiado por uma campanha de desobediência civil e o suicídio dos monges budistas que se queimavam nas ruas de Saigon”*, Averrel Harriman, Roger Hisman e Michael Forrestall, do Departamento de Estado norte-americano, chegaram à conclusão de que era necessária a constituição de um governo que substituísse o de Diem. Com o enorme desgaste do governo sul-vietnamita e a sua incapacidade de conciliação com os generais dissidentes, Kennedy percebeu que seu líder não tinha mais condições de governar o país³⁹¹.

³⁸⁸ BIANCO, Lucien. **Asia contemporânea**. Cidade do México: Siglo Veintiuno Editores, 1985, p. 290.

³⁸⁹ VAN DONG, Nguyen. *“Depoimento”*. In: RUSSEL, Bertrand; SARTRE, Jean-Paul; DEDIJER, Vladimir. **Os Estados Unidos no banco dos réus**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970, p. 57.

³⁹⁰ MONIZ BANDEIRA, *op. cit.*, p. 253.

³⁹¹ *Idem, ibidem*, pp. 253-254.

Na verdade, o fator determinante para a derrubada de Diem e de seu irmão Ngo Dinh Nhu, comandante das forças de segurança, não foi a instabilidade do governo e as dificuldades em vencer os comunistas, mas a descoberta, por parte dos Estados Unidos, de que Diem e seu irmão estavam secretamente tentando firmar *“uma solução pacífica para a guerra, mediante o entendimento com o Vietnã do Norte”*; e se caso fosse formado um governo de coalizão com representantes do Norte e do Sul, e mais tarde a reunificação do país, nenhuma tropa estrangeira permaneceria no Vietnã, fosse ela soviética, chinesa ou norte-americana. O neutralismo que assim surgiria no Vietnã do Sul era inaceitável para o governo norte-americano, que o via como sinônimo de comunismo. Kennedy substituiu seu embaixador em Saigon, Frederick Nolting, por Henry Cabot Lodge, com a missão de remover Diem do governo. No dia 1º de novembro de 1963, o general Duong Van Minh desfechou o golpe militar, apoiado por Cabot Lodge e Lucien Conein, responsável pela estação da CIA em Saigon. Diem e seu irmão foram executados no dia seguinte, *“depois que deixou de convir aos interesses dos Estados Unidos”*. Lyndon Johnson, sucessor de Kennedy, aprofundou a intervenção norte-americana no Vietnã: em 1965, já haviam sido construídas 14 bases aéreas e 166 mil soldados operavam no país, número este que dobrou no ano seguinte³⁹².

No caso brasileiro, segundo Júlio José Chiavenato, o principal componente ideológico que contribuiu para o golpe militar de 1964 foi *“a resistência da classe média às mudanças, com um medo quase histérico a tudo que cheirasse a ‘proletário’*”, e cuja saída foi o apoio às soluções autoritárias. Os mesmos receios se davam no meio militar, onde os oficiais e suboficiais sentiam-se ameaçados pela ascensão política dos sargentos, cabos e soldados, e *“a cúpula da Igreja também, temeu ser acuada pelos leigos e padres ligados aos movimentos populares”*. Portanto, o *“medo da classe média e o pavor da quebra de uma hierarquia, tanto nas Forças Armadas como na Igreja, cimentaram a resistência às mudanças que pretendiam resgatar o Brasil da miséria social”*. Contudo, *“esse medo às mudanças transformou-se em medo à ditadura e à repressão”*; mas, ainda assim, a classe

³⁹² *Idem, ibidem*, p. 254-255.

média chegou a sonhar “*com a convivência entre democracia e autoritarismo, mascarada sob a aparência de legalidade constitucional*”, que propiciasse “*liberdade para a classe média e autoridade para o povo que hipoteticamente ameaçava seus ‘direitos’*”³⁹³.

Conseqüentemente, a crescente militarização do aparelho de Estado brasileiro após o golpe militar de 1964 foi resultado de dois fatores. Um deles era a rejeição ao populismo pelo conjunto da classe dominante, que viu na centralização horizontal e vertical do Estado um instrumento para a manutenção da ordem social no campo, e por se constituir numa forma de interromper o processo de ascensão política das massas rurais.

O outro fator foi a intenção de dar base à industrialização, iniciada em 1956, que exigia a intensificação do processo de acumulação de capital, em detrimento da participação política das classes populares, via repressão às organizações sindicais e partidos políticos de esquerda. Na verdade, além do desejo do conjunto da classe dominante em frear quaisquer aspirações populares, a militarização do Estado atendia aos imperativos colocados pela industrialização, que acabou ampliando a dimensão intervencionista e tecnocrática do Estado brasileiro, ajustando-o ao desenvolvimento monopolista da economia³⁹⁴.

A crise final do populismo criou as condições para a militarização do aparelho de Estado; entretanto, a orientação geral da política das Forças Armadas enquanto novo grupo dirigente já tinha embasamento ideológico para a militarização, pela doutrina dos “*objetivos nacionais*”, que definia a possibilidade da intervenção militar no processo político³⁹⁵.

As camadas médias tradicionais – alta burocracia do Estado e profissionais liberais – participaram ativamente do golpe militar de 1964, mas desejando uma militarização transitória, para em seguida ver reconstituída uma democracia parlamentar caracterizada pela hegemonia dos partidos liberais clássicos. Queriam

³⁹³ CHIAVENATTO, Júlio J. **O golpe de 64 e a ditadura militar**. São Paulo: Moderna, 1994, pp. 43-45. Coleção *Polêmica*.

³⁹⁴ SAES, *op. cit.*, pp. 153-155.

³⁹⁵ *Idem, ibidem*, p. 158.

também pelo domínio absoluto do “*mérito*”, representado pelos profissionais liberais, advogados, médicos, engenheiros, nas atividades legislativas e no parlamento. Entretanto, a militarização progressiva do Estado seguiu o caminho oposto, ou seja, a dissolução das formas democráticas parlamentares, através do AI-2, decretado em outubro de 1965, que criou uma estrutura bipartidária artificial e assestou um golpe contra as aspirações políticas das camadas médias tradicionais; daí sua resistência ao autoritarismo do Estado militar, contra a repressão e a violação das garantias e direitos fundamentais³⁹⁶.

Por outro lado, o desenvolvimento monopolista favoreceu setores profissionais das camadas médias tradicionais, com a integração de advogados, médicos, engenheiros e economistas às grandes empresas, e, portanto, o liberalismo tradicional acabou dando lugar “às *formas ideológicas engendradas pelo contato com a ‘racionalidade’ autoritária da empresa, pública ou privada*”. A política de desenvolvimento conduzida pelo Estado militar contribuiu para a melhoria do poder aquisitivo de um vasto setor profissional da grande empresa, pública e privada – gerentes, funcionários, técnicos, engenheiros, economistas, etc. – denominado por Saes de “*novas camadas médias*”. Entretanto, desmobilizados politicamente, estes setores constituíram-se na melhor base potencial de apoio ao Estado autoritário e, portanto, é neste sentido que é possível caracterizar o Estado brasileiro pós-1964 como “a *expressão da aliança entre os ‘setores modernos’ da empresa capitalista e da classe média*”³⁹⁷.

O Estado militar, criando as condições políticas para a execução de uma política econômica favorável à expansão do grande capital, desfavoreceu as baixas camadas médias assalariadas – bancários, comerciantes e funcionários públicos –, em virtude da política governamental de compressão salarial. Segundo Saes, o valor do salário médio real dos funcionários públicos federais, por exemplo, um dos setores mais representativos das baixas camadas médias, foi reduzido em 40%, entre 1964 e 1971. Portanto, no papel de vítimas da política de expansão do grande

³⁹⁶ *Idem, ibidem*, pp. 174-176.

³⁹⁷ *Idem, ibidem*, p. 177, 179, 182.

capital, e principalmente pelo “*culto nostálgico do populismo*”, as baixas camadas médias foram mais dificilmente mobilizadas pelo regime militar³⁹⁸.

³⁹⁸ *Idem, ibidem*, pp. 184-185.

Considerações Finais

Neste trabalho procurei analisar a atuação de Seleções do *Reader's Digest* no mercado brasileiro da imprensa, nas décadas de 1950 e 1960, por meio de dois campos de pesquisa: um que procurou discutir a veiculação de uma propaganda ideológica pela revista, alinhada com os interesses dos Estados Unidos para o mundo pós-segunda guerra mundial, mais especificamente voltada para o combate ao comunismo; o outro campo resultou do estudo das relações entre a imprensa nacional e a imprensa estrangeira, tema por diversas vezes em pauta nos meios civis e políticos, especialmente nos anos imediatamente anteriores ao golpe militar de 1964.

Segundo Margarethe Steinberger, a imprensa colocou “o mundo no papel” e desde então o homem passou a vê-lo conforme é descrito na imprensa, ou na mídia em geral. Consolidou assim a idéia de que o discurso geopolítico produzido pela mídia é um instrumento de descrição do mundo, e mais ainda, de ação sobre ele³⁹⁹. Este poder conferido à mídia se constitui num componente potencial para a geração de formas de intolerância. É o papel de produzir, através de um sistema de referenciais, uma representação geopolítica do mundo baseado em interesses específicos, oferecendo a realidade por meio da representação, retirando fragmentos, partes de um contexto e reproduzindo-os, recriando-os em outro contexto, tal qual um mapa.

Esta questão se aplica ao *Reader's Digest*, pois criou seu império graças aos dividendos proporcionados pelas sucursais espalhadas por diversos pontos do planeta, publicando, durante décadas, essencialmente recortes, fragmentos, condensações de notícias produzidas em outras publicações, com o “humanitário” objetivo de trazer ao homem moderno, com pouco tempo para a leitura, informações

³⁹⁹ STEINBERGER, *op. cit.*, pp. 31-33.

variadas sobre o que ocorria no mundo. Uma inovação editorial que rapidamente ganhou o mundo: no início dos anos 1960, existiam 28 edições internacionais do *Reader's Digest*, em 13 línguas, espalhadas em mais de cem países, compreendendo 65 milhões de leitores e mais de 21 milhões de exemplares vendidos.

Além do verdadeiro sucesso de público, *Reader's Digest* atendia à necessidade de promover intercâmbio entre setores do governo norte-americano – Departamento de Estado, CIA entre outros –, que por isso estimularam seu lançamento fora do país. Conforme indicação historiográfica, é possível afirmar que a revista se constituiu num poderoso instrumento para a propagação de um discurso geopolítico alinhado com a política externa do governo dos Estados Unidos. Ou seja, a revista foi um poderoso instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social, justificando e legitimando a posição norte-americana no planeta. Portanto, um duplo poder: o de criar e recriar contextos hegemônicos nos países em que atuava, pois seus artigos eram quase na sua totalidade publicados nas diferentes edições internacionais, e o poder proporcionado pelo apoio do governo norte-americano.

O editores promoviam “caráter internacional” da revista, ao veicular um sistema de referenciais baseados no interesse de todos, sem ferir as particularidades de cada povo ou nação. Os editores também articulavam assuntos de interesse universal e de caráter permanente, que poderiam ser lidos, relidos e guardados. A equipe editorial acabava organizando, tal qual um mapa, o mundo para o leitor, que logicamente facilitava ou preparava terreno para a expansão imperialista.

A exploração de temáticas universais e hegemônicas criava um alto valor simbólico da informação veiculada pela revista, que dispensava inclusive os editoriais. A verossimilhança dos fatos apresentados em seus artigos, por exemplo, na abordagem sobre o avanço comunista num país do Sudeste Asiático ou do norte da Europa, da África etc., levava o leitor a imaginar que seu país também poderia ser palco do mesmo processo. Não importava a nação, o valor da mensagem anticomunista servia a propósitos mundiais.

Assim, conjugados com o seu “caráter internacional”, os planos da revista eram globais. Praticamente todas as regiões do planeta foram invadidas pelo *Readers Digest*. Um verdadeiro “mapa da intolerância” que, definindo no campo geopolítico mundial as fronteiras entre o “mundo livre” e o “mundo da escravidão”, foi sendo traçado ao mesmo tempo em que se realizava, nem tanto às escondidas, a corrida armamentista. E gradualmente desaparecia a frialdade da guerra fria. Era o fim da guerra fria, que passava a ser substituída por um acentuado aquecimento político global.

Um mapa repleto de formas de intolerância. Senão vejamos.

Intolerância política, idealizada principalmente pelo anticomunismo e pela interferência na soberania nacional, necessário para legitimar as ações político-militares norte-americanas sobre as mais diversas regiões do globo.

Intolerância cultural, devido à publicação de um pesado “fast food” de informações, em substituição à imprensa de opinião, bem como a criação de uma *mass media* com a finalidade de propagar uma atmosfera essencialmente norte-americana para quase todos os recantos do planeta.

Intolerância moral e ética, ao propagar de forma exaustiva o ideal do *american way of life*; ao coletivismo e à formação de associações, estimulando de forma expressiva o individualismo, divinizando o homem comum; étnica e racial, ao valorizar sobremaneira o modo de vida anglo-saxão, e criticando os países pobres com população analfabeta, consideradas vias de acesso para o comunismo.

Intolerância religiosa, ao defender incansavelmente o modo de vida cristão.

Intolerância ideológica, visto que os EUA, com um poderoso controle sobre os meios de comunicação, propagavam incessantemente imaginários sociais que anulavam, ao menos em parte, as formas locais (ou nacionais) de pensar de maneira autônoma e independente, criando desta forma representações de interesse permanente ou universal para a maioria dos povos.

Seleções reproduzia os ideais anticomunistas elaborados pela matriz norte-americana através da sua visão unilateral do mundo, positivando o ocidente

capitalista como o lugar da democracia e da liberdade, contra o bloco oriental representado como intolerante. O princípio da pluralidade, elemento inerente à democracia e base para a autonomia do indivíduo, apregoados nos discursos promovidos pelo *Reader's Digest*, e na própria mídia norte-americana em geral, não fugiam do monismo da propaganda ideológica anticomunista.

A campanha anticomunista que orientava as ações do *Reader's Digest* negava, da mesma forma que a maioria da mídia norte-americana, os esforços para o estabelecimento de uma efetiva coexistência pacífica. Em seus artigos anticomunistas, a revista promovia o histriônico discurso do “incansável combate ao caráter expansionista do comunismo”. E justamente por ter colaborado ostensivamente com um discurso contrário a uma efetiva coexistência pacífica, *Seleções* se posicionava de modo intolerante.

Com a utilização da metodologia de Propp na análise dos artigos anticomunistas foi possível defender a tese de que estes heróis anticomunistas, independentemente do conteúdo das mensagens, percorriam praticamente um mesmo movimento. O que se observou foi a elevada recorrência das mesmas funções nos diferentes artigos, indicando assim o caráter comum da jornada que o herói anticomunista empreendeu para derrotar seu agressor, ou seja, diferentes personagens inseridos em diferentes situações, mas que na lógica interna de cada um dos artigos, percorriam as mesmas funções. Por outro lado, a ausência de determinadas funções entre um artigo e outro não anulava nem inviabilizava o entendimento da totalidade do percurso do herói no combate ao comunismo, nos mais diferentes rincões do planeta – ao contrário, as ausências podem ser consideradas como elementos ampliadores do poder ideológico observado nestes artigos.

A fórmula utilizada, baseada nos rituais de passagem – separação, iniciação e retorno – repetiu-se nos artigos selecionados: em primeiro lugar, ao herói é colocada uma interdição; em seguida, a interdição é transgredida, acompanhada da aceitação ou da decisão de agir; na ação empreendida, o herói sai de casa, ou seja, de sua pátria, de um país onde vivia, ou mesmo de uma condição social; a ação

empreendida resulta no combate entre o herói e seu agressor, que geralmente o vence (em alguns artigos o herói ainda continuava no combate); terminado o combate, o herói volta para casa, fortalecido, e a tarefa é cumprida.

A principal característica dos heróis anticomunistas, alinhada com a doutrina ideológica do *Reader's Digest*, era também seu caráter internacional, pois se encontravam posicionados em todos os pontos do globo que exigiam a contenção do agressor e, portanto, na fronteira entre a liberdade e a escravidão: a liberdade que poderia advir do ato da delação e da contra-espionagem; a proporcionada pela fuga; a promovida pela liderança religiosa em torno de um objetivo comum; a alcançada por meio das políticas públicas com vistas à melhoria das condições de vida.

As ações empreendidas pelos heróis selecionados compreendiam uma série de realizações positivas. Por exemplo, medidas que visavam ao crescimento econômico, investimentos em reformas sociais e urbanas, a vitória advinda pela força da fé religiosa, a dura jornada para a conquista de uma vida melhor para os fugitivos etc. Era definida para estes agentes a qualidade de “guardião da normalidade”, perpetuando os interesses da comunidade e que, no caso do anticomunismo, se apoiava nos ideais democráticos, negando de forma intolerante qualquer tipo de diversidade.

Contudo, como foi demonstrado, a transformação dos heróis em mito não deu base de sustentação às versões produzidas pelos artigos e, ao fim e ao cabo, as conseqüências históricas dos acontecimentos narrados acabaram se constituindo na base para a manutenção da hegemonia dos Estados Unidos, e não para a construção de uma efetiva democracia planetária.

Partindo do pressuposto de que é apenas no ato da leitura que os processos de significação de um texto se materializam, este trabalho também se propôs a analisar o perfil do leitor *Seleções*, com o objetivo de averiguar como as mensagens divulgadas pela revista eram recebidas em nossa sociedade. Para tal intento, foram articulados dados estatísticos, produzidos através de pesquisas de opinião, e trabalhos de história oral.

Os resultados obtidos mostraram a forte penetração de *Seleções* no país, majoritariamente no seio da classe média urbana. Durante anos seguidos, o Ibope divulgou pesquisas em que *Seleções* perdia apenas para O Cruzeiro como a revista mais lida. Mas, em três situações, extremamente valorizadas pela revista, o leitor optava por ela: como a revista mais útil, a mais confiável e a que possibilitava ser manuseada várias vezes e não necessariamente ser lida de uma única vez, indicando assim o caráter permanente das mensagens veiculadas pela publicação norte-americana.

Os relatos obtidos com os trabalhos de história oral com leitores também mostraram uma unanimidade: *Seleções* tinha uma forte penetração, principalmente por trazer uma grande variedade de assuntos, de várias partes do mundo, e também pela qualidade da impressão e pelo texto escrito em português perfeito, sem erros. E até hoje, passados mais de 50 anos, os entrevistados ainda se lembraram de algumas de suas seções fixas – *Piadas de Caserna*, *Rir é o Melhor Remédio*, *Enriqueça o seu Vocabulário*, *Meu Tipo Inesquecível* – e alguns inclusive se lembraram do conteúdo de alguns artigos.

Finalmente, conforme demonstrado neste trabalho, a consolidação do poder das empresas jornalísticas estrangeiras no mercado nacional produziu, principalmente a partir dos anos 1960, uma resistência de parcela da imprensa brasileira (ligada ao nacionalismo e antiimperialista), acusando-as de burla aos limites impostos pela Constituição Federal, e da prática de abuso de poder econômico.

O calor destas discussões chegou ao Congresso Nacional, o que resultou na formação de duas CPIs na Câmara dos Deputados para investigar o assunto: a que se debruçou sobre a atuação do complexo IPES/IBAD e a que procurou investigar as empresas jornalísticas estrangeiras no país. A análise da documentação desta última possibilitou avaliar a eficácia das estruturas políticas e jurídicas na resolução dos conflitos e embates que surgiam no campo da imprensa nacional, nos anos imediatamente anteriores ao golpe militar de 1964.

Incluída na lista das empresas jornalísticas estrangeiras que promoviam abuso de poder econômico e propagavam influências antinacionais, em desacato à soberania nacional, os representantes da Editora Ypiranga S.A. se diziam cobertos pela lei. Diziam haver constituído uma empresa formada por brasileiros, pessoas de destaque da sociedade carioca, e para eles isto já era o suficiente para configurar o caráter nacional da revista e, portanto, a legalidade parecia assim justificar a tolerância a uma publicação que praticava um desmando constitucional intolerável.

Como vimos, a CPI 33/63 não concluiu seus trabalhos, o que possibilitou colocar em discussão se as questões articuladas pela mídia nacionalista e antiimperialista em torno dos embates entre imprensa nacional e a estrangeira efetivamente sensibilizaram as classes no poder. Mas, a tentativa de utilizar o recurso parlamentar como instrumento para dar fim aos abusos de poder econômico na imprensa brasileira não teve êxito. A crise política estava aberta, e os militares golpistas apoiavam-se nos acordos secretos com os Estados Unidos para evitar esta e as demais investigações em curso no Congresso, obstando o governo.

Depois do golpe de 1964, *Seleções* se manteve no Brasil até 1971, quando a produção da revista passou a ser realizada em Portugal, cancelando todas as vendas por assinatura, algo em torno de 360 mil leitores, e reduzindo sua circulação no país apenas através de venda em bancas de jornais. Tinha o objetivo inicial de retornar ao país depois de cinco anos, conforme determinava as leis norte-americanas, mas isto só veio a acontecer em 1997.

Bibliografia

ABREU, Alzira Alves et al. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930**. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001, 5 volumes.

AGHION, Irène et al. **Tout l'Art Encyclopédie. Héros et dieux de l'antiquité. Guide Iconographique**. Paris: Flammarion, 1994.

ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon (coord.). **Classes médias e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ARAÚJO, Célia Regina Aiélo. **Perfil dos operários do Frigorífico Anglo de Barretos – 1927 / 1935**. Campinas: IFCH/Unicamp, Dissertação de Mestrado, 2003.

ARAÚJO, Marco C. **O Estado e a representação da problemática regional: uma ideologia de desenvolvimento e segurança nacional. 1954/1959**. São Paulo: FFLCH/USP, Dissertação de Mestrado, 1996.

ARBEX Jr, José. **Guerra fria: terror de Estado, política e cultura**. São Paulo: Moderna, 2000.

ARON, Raymond. **República imperial: os Estados Unidos no mundo do pós-guerra**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

ARRIGHI, GIOVANNI. **O poder norte-americano**. IN: *PRAGA, ESTUDOS MARXISTAS*, N. 8. SÃO PAULO: HUCITEC, 1999.

AYERBE, Luís Fernando. **A hegemonia dos Estados Unidos e a trajetória do desenvolvimento latino-americano: aspectos políticos e econômicos. 1945-1990**. São Paulo: FFLCH/USP, Tese de Doutorado, 1992.

AZEVEDO, Cecília. **Em nome da “América”: os Corpos da Paz no Brasil (1961 – 1981)**. São Paulo: FFLCH/USP, Tese de Doutorado, 1999.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica. História da imprensa brasileira.** São Paulo: Ática, 1990.

BAITZ, Rafael. **Um continente em foco: a imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras (1954–1964).** São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2003.

BARROS, Edgar Luiz de. **A guerra fria.** São Paulo: Atual; Campinas: Editora da Unicamp, 1985.

BENEVIDES, Maria Vitória de M. **O governo Kubitschek: desenvolvimento e estabilidade política (1956-1961).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. **O governo Jânio Quadros.** São Paulo: Brasiliense, 1982. Coleção *Tudo é história*.

_____. In: DINES, Alberto; FERNANDES Jr, Florestan; SALOMÃO, Nelma (orgs.). **Histórias do poder: 100 anos de política no Brasil**, vol. 2: “*Ecos do Parlamento*”. São Paulo: Ed. 34, 2000.

BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian (orgs.). **América Latina entre a segunda guerra mundial e a guerra fria.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BIANCO, Lucien. **Asia contemporânea.** Cidade do México: Siglo XXI, 1991.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **A economia das trocas simbólicas.** SP: Perspectiva, 2004. Coleção *estudos*.

BRADBURY, Malcolm; TEMPERLEY, Howard. “*Guerra e guerra fria*”. In: BRADBURY, M; TEMPERLEY, H. (eds.). **Introdução aos estudos americanos.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega.** Petrópolis: Vozes, 2000.

BRETON, Philippe. **A manipulação da palavra.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BURBAGE, R.; CAZEMAJOU, J.; KASPI, A. **Os meios de comunicação nos Estados Unidos: imprensa, rádio, televisão**. Rio de Janeiro: Agir, 1973.

BUSETTO, Áureo. “*Pela legitimidade de prever: Ibope, imprensa e lideranças políticas nas eleições paulistas de 1953 e 1954*”. In: CPDOC/FGV, **Estudos Históricos, Mídia**, n. 31, 2003/1.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2005.

CANCELLI, Elizabeth. “*Intelectualidade e poder: inconformidade na Guerra Fria*”. In: *ArtCultura*, n. 9, 2004 – Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História.

CANCELLI, Vitória. **Macarthismo, ficção científica e indústria de armas: os efeitos de uma íntima relação**. São Paulo: FFLCH/USP, Tese de Doutorado, 1994.

CAPELATO, Maria Helena R. “**Os intérpretes das luzes”: liberalismo e imprensa paulista – 1920-1945**”. São Paulo: FFLCH/USP, Tese de Doutorado, 1986.

_____. **Imprensa, uma mercadoria política**. In: *História & Perspectiva*, n. 4, jan/jun/1991.

_____. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1994.

_____. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas: Papirus, 1998.

CARDOSO, MIRIAM L. **Ideologia do desenvolvimento – Brasil: JK-JQ**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHACON, Vamireh. **História dos partidos políticos brasileiros: discurso e prática dos seus programas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CHIAVENATTO, Júlio J. **O golpe de 64 e a ditadura militar**. São Paulo: Moderna, 1994. Coleção *Polêmica*.

CHOMSKY, Noam. “*Armas estratégicas, guerra fria e Terceiro Mundo*”. In: New Left Review. **Exterminismo e guerra fria**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

COGGIOLA, Osvaldo. **O destino de uma revolução. Ensaio sobre a história contemporânea da URSS e do Leste Europeu**. São Paulo: FFLCH/USP, Tese de Livre Docência, 1992.

COLOMBANI, Jean-Marie. In: ACADEMIA UNIVERSAL DAS CULTURAS. **A intolerância**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CONGRESSO NACIONAL. Câmara dos Deputados. Coordenação de Comissões Temporárias. **Comissões parlamentares de inquérito realizadas pela Câmara dos Deputados: 1946-1982**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1983.

CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, de 18 de setembro de 1946.

COSTA, Ana Maria Siqueira. “**O destino (não) manifesto**”. **Os imigrantes norte-americanos no Brasil**. São Paulo: FFLCH/USP, Tese de Doutorado, 1985.

COUTO, Ari M. Macedo. “*Adhemar de Barros – ações e práticas políticas*”. Anais Eletrônicos do XXII Semana de História – “**O golpe de 1964 e os dilemas do Brasil contemporâneo**”. Unesp/Assis, 19 a 22 de outubro de 2004.

DAVIS, Mike. “*O imperialismo nuclear e dissuasão extensiva*”. In: New Left Review. **Exterminismo e guerra fria**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DELMAS, Claude. **Armamentos nucleares e guerra fria**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

DERAI, Yves. “*A ética das mídias*”. In: ACADEMIA UNIVERSAL DAS CULTURAS. **A intolerância**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

DEUTSCHER, Isaac. **Ironias da história. Ensaio sobre o comunismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

DIAS, Eduardo. **Um imigrante a revolução: memórias de militante operário. 1934–1951**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

DI LUCA, Tânia Regina. In: **XVII Encontro Regional de História**. Campinas: IFH/UNICAMP, setembro de 2004. Simpósio Temático 25 – O lugar da política na história; os usos da história na política, debate “*História na e das revistas: questões metodológicas*”.

DJILAS, Milovan. **A nova classe**. Rio de Janeiro: Agir, 1971.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

EHRENREICH, Barbara. **O medo da queda. Ascensão e crise da classe média**. São Paulo: Scritta, 1994.

EMERY, Edwin. **História da imprensa nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1999.

FEAR, Jacqueline; McNEIL, Helen. “Os anos 1920”. In: BRADBURY; M; TEMPERLEY, H. (eds.). **Introdução aos estudos americanos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

FERRERA, Argemiro. **Caça às bruxas. Macartismo: uma tragédia americana**. Porto Alegre: L&PM, 1989.

FIGUEIREDO, Anna Cristina C. Moraes. **Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada. Publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1998.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HIPPOLITO, Lucia. **De raposas e reformistas – o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LEI DE IMPRENSA n° 2083, de 12 de novembro de 1953.

LIPSET, Seymour M. **A sociedade americana: uma análise histórica e comparada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HELLMAN, Lílian. **A caça às bruxas**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1981.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos. O breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOFSTADER, Richard. **Antiintellectualismo nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

HOOK, Sidney. **O herói na história**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.

HUGGINS, Martha K. **Polícia e política: relações Estados Unidos e América Latina**. São Paulo: Cortez, 1998.

IANNI, Octavio. **Estado e planejamento econômico no Brasil (1930-1970)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

_____. **Imperialismo e cultura**. Petrópolis: Vozes, 1976.

JUNQUEIRA, Mary A. **Ao sul do Rio Grande – imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)**. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia. Contribución a la teoría de las representaciones**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

MAGNOLI, Demétrio. **Da guerra fria à détente: política internacional contemporânea**. Campinas: Papyrus, 1988.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MELO FRANCO, Afonso Arinos de. **A Câmara dos Deputados: síntese histórica**. Brasília: Câmara dos Deputados, 1976.

MENEZES, Ruy. **Espiral**. Barretos, São Paulo: Academia Barretense de Cultura; Academia de Letras Municipais do Brasil, 1985.

MONIZ BANDEIRA, Luís Alberto. **A Presença dos Estados Unidos no Brasil (dois séculos de História)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *“O Brasil e o continente”*. In: CERVO, Amado Luiz (org). **O desafio internacional**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

_____. **O governo João Goulart e as lutas sociais no Brasil: 1961-1964**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Formação do império americano: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MOREL, Edmar. **A trincheira da liberdade: história da Associação Brasileira de Imprensa**. Rio de Janeiro: Record, 1985.

MORSE, Richard M. **O espelho de próspero: cultura e idéias nas Américas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MOURA, Gerson. **Sucessos e ilusões. Relações internacionais do Brasil durante e após a segunda guerra mundial**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

SCHILLER, Herbert I. **O império norte-americano das comunicações**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SWEARINGEN, Rodger & ROLPH, Hammond. **O comunismo no Vietname**. Rio de Janeiro: Bloch, 1967.

WISNIK, José Miguel. “*Ética e jornalismo*”. In: **Ética**, programa produzido, exibido e comercializado pela TV Cultura de São Paulo, 2001.

ZIZEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

MOTTA, Rodrigo P. Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: FFLCH/USP, Tese de Doutorado, FFLCH, 2000.

MOURA, Gérson. **Estados Unidos e América Latina**. São Paulo: Contexto, 1990.

MÜLLER, Lutz. **O herói – todos nascemos para ser heróis**. São Paulo: Cultrix, 1997.

NÉTTO, Daniel Bampa. **Família Bampa: de Verona a Barretos**. Barretos, SP: Daniel Bampa Nétto, 2001.

POWERS, Richard Gid. **Not without honor. The history of american anticomunism**. New Haven/London: Yale University Press, 1998.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto**. Lisboa: Editorial Vega, s/d. Primeira publicação: 1928.

REALE, Miguel. In: DINES, Alberto; FERNANDES Jr, Florestan; SALOMÃO, Nelma (orgs.). **Histórias do poder: 100 anos de política no Brasil**, vol. 2: *Ecos do Parlamento*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

REIS FILHO, Daniel Aarão, et al. **História do marxismo no Brasil**. v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

REMOND, RENÉ. **O século XX: de 1914 aos nossos dias**. São Paulo: Cultrix, 1974.

RICOEUR, Paul. **Política: tolerância/intolerância**. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Casamoeda, 1985.

_____. “*Etapa atual do pensamento sobre a intolerância*”. In: ACADEMIA UNIVERSAL DAS CULTURAS. **A intolerância**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

RIESMAN, David. **A multidão solitária. Um estudo da mudança do caráter americano**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

RODRIGUES, Marly. **A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil**. São Paulo: Ática, 2001.

SADER, Emir (org.). **Fidel Castro**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Século XX: uma biografia não autorizada**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

SAES, Décio. **Classe média e sistema político no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1984.

SCHMITT, Rogério. **Partidos políticos no Brasil (1945–2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

SCHOULTZ, Lars. **Estados Unidos: poder e submissão**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio a Castelo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SONTAG, Susan. **A vontade radical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SPALDING, Tassilo Orpheu. **Dicionário da Mitologia Greco-Latina**. Belo Horizonte: Itatiaia, s/d.

STEINBERGER, Margarethe B. **Discursos geopolíticos da mídia. Jornalismo e imaginário internacional na América Latina**. São Paulo: EDUC; Fapesp; Cortez, 2005.

TEBBEL, William. **Os meios de comunicação nos Estados Unidos**. São Paulo: Cultrix, 1978.

THOMPSON, Edward. “*Notas sobre o exterminismo, o estágio final da civilização*”. In: New Left Review. **Exterminismo e guerra fria**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem. Indagações sobre o século XX.** São Paulo: Arx, 2002.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor. A americanização do Brasil na época da segunda guerra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TREVISAN, Maria José. **O projeto do empresariado e a estratégia da industrialização. 1956-1960.** São Paulo: FFLCH/USP, Dissertação de Mestrado, 1981.

VAN DONG, Nguyen. “*Depoimento*”. In: RUSSEL, Bertrand; SARTRE, Jean-Paul; DEDIJER, Vladimir. **Os Estados Unidos no banco dos réus.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. **Guerra do Vietname.** Porto Alegre: Editora UFRS, 1988.

_____. **Da guerra fria à crise (1945-1989): as relações internacionais do século XX.** Porto Alegre: Editora da UFRS, 1990.

WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

WEINBERG, Albert K. **Destino manifiesto. El expansionismo nacionalista en la historia latinoamericana.** Buenos Aires: Paidós, 1968.

WILLETT, Ralph; WHITE, John. “*Os anos 1930*”. In: BRADBURY, M; TEMPERLEY, H. (eds.). **Introdução aos estudos americanos.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

WOLFE, Alan. “*Política perversa e guerra fria*”. In: New Left Review. **Exterminismo e guerra fria.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZICMAN, Renée. “*História através da imprensa: algumas considerações gerais*”. In: **Projeto / História**, n° 4, EDUC/PUC, 1985. Oficina de Trabalho.

ZAVALA, D. F. Maza. "*História de meio século na Venezuela: 1926-1975*". In: CASANOVA, Pablo Gonzáles (org). **América Latina. História de meio século**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1988.

Fontes

- exemplares da revista *Seleções do Reader's Digest*, edições n° 144 a 275, de janeiro de 1954 a dezembro de 1964. Acervo próprio.

- exemplares da revista *Política & Negócios – PN*, edições n° 586, 587 e 590, publicadas, respectivamente, em 19 de agosto de 1963, 26 de agosto de 1963 e 16 de setembro de 1963. Acervo da Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo.

- *Pesquisas Especiais* do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – Ibope, realizadas entre 1954 e 1964, e reunidas no Arquivo Edgar Leuenroth, da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp:

Volume	Ano/vol.	Item	Título
9	1950	19	“Popularidade – <i>Seleções Reader's</i> ”
10	1951	17 a 19	“Circulação – <i>Seleções</i> ” e “Opinião – <i>O Cruzeiro</i> ”
14	1954/v.1	6	“Consumidores Leitores de Revistas”
15	1954/v.2	6 a 15	“Penetração Doméstica” e “Consumo”
19	1955/v.2	21	“Penetração Doméstica”
21	1956/v.2	1	“Penetração Doméstica”
23	1957/v.2	2	“Penetração Doméstica”

- Documentação da Comissão Parlamentar de Inquérito n° 33/63, instaurada com o objetivo de verificar a situação das empresas jornalísticas estrangeiras que operavam no país, cuja documentação encontra-se arquivada no CEDI - Centro de Documentação e Informação, da Seção de Documentos Legislativos, Câmara dos Deputados Federais, Brasília – DF.

- Dados estatísticos produzidos e divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, obtidos do CD ROM “*Estatísticas do Século XX*”, produzido em 2003:

Aspecto	Conteúdo
<i>Imprensa Periódica</i>	Relação dos periódicos existentes no país, tiragens médias e outros aspectos.
<i>População</i>	Número de habitantes por Unidades da Federação, segundo a idade, o sexo e o grau de instrução etc.
<i>Educação</i>	Número de alunos matriculados no ensino ginásial, colegial e superior, número de escolas por unidades da federação etc.
<i>Rádiodifusão</i>	Número de estações de rádio, capital investido, número de funcionários etc.
<i>Difusão Bibliográfica</i>	Livros e folhetos editados, por número de tiragens, por tipo de assunto etc.

- Projetos de História Oral, com os seguintes colaboradores:

Erasmus Lessi, 72 anos

Expedito José Prudente de Oliveira, 71 anos

Jaime Marchi, 62 anos

Jeannette Dente, 82 anos

José Carlos Moreira de Oliveira, 74 anos

Luiz Agostinho da Silva Brandão, 89 anos

Saulo Guimarães, 80 anos

Waldomiro Sphângero, 80 anos

- Sites consultados

www.bartleby.com

www.camara.gov.br

www.dhnet.org.br

www.digest.com

www.diplo.com.br

www.en.wikipedia.org

www.fipe.org.br

www.hwwilson.com

www.ibge.gov.br

www.lifemag.com

www.loc.gov

www.nytimes.com

www.photobetty.com

www.selecoes.com.br

www.spartacus.schoolnet.co.uk

www.unsystem.org

LISTA DOS ARTIGOS ANTICOMUNISTAS SELECIONADOS, COM UM BREVE RESUMO										
Art	Ed.	Mês	Ano	Autor	Cond.	Título	Pp.	Palavra-Chave 1	Palavra-Chave 2	Resumo
1	144	Janeiro	1954	Louis Fischer visitou Moscou pela primeira vez em 1922 e viveu 14 anos como correspondente estrangeiro; autor de <i>Soviets in World Affairs</i> e <i>The Life and Death of Stalin</i> .	Reader's Digest	Dois dias que abalaram o mundo	33-43	Eurásia	Resistência anticomunista	Mais de 1 milhão de pessoas pediram a mudança do governo, eleições livres e voto secreto, num movimento popular ocorrido na Alemanha Oriental, nos dias 16 e 17 de junho de 1953. O governo comunista se desmantelava, e por isso Moscou mobilizou milhares de soldados soviéticos. "Houve boa pontaria e mau marxismo", diz o autor. As nações européias começavam, ali, a se desvencilhar do domínio soviético.
2	144	Janeiro	1954	Bonner Fellers	The Freeman	A Grã-Bretanha concentra-se na Força Aérea	81-84	Aspectos teóricos	Armamentismo	Conferência entre as Forças Armadas norte-americanas e britânicas. A sugestão destas é neutralizar o superior poderio humano soviético por meio de bombardeiros nucleares estratégicos, apoiados por caças interceptadores defensivos.
3	144	Janeiro	1954		Livro de Gregory Klimov	A máquina do terror	149-194	Eurásia	Regime soviético	Sobre um oficial soviético da Administração Militar de Berlim que, acometido pela desconfiança e pelo medo dos ideais comunistas, conseguiu fugir para o lado Ocidental, apesar de ter sido educado para a obediência absoluta. O autor afirma que um dos erros de Stalin foi ter permitido que cidadãos soviéticos conhecessem a Europa, e dispara: "Na União Soviética a fome foi elevada à categoria de sistema. Com ela se influencia as massas. A fome é membro graduado do Politburo". O desejo de paz é sinal de fraqueza para o Kremlin; e a desmobilização da democracia seria uma oportunidade para uma nova agressão.
4	145	Fevereiro	1954	Bertrand Russell	The New York Times	Guerra não dá lucro	22-24	Aspectos teóricos	Coexistência	O autor mostra que uma terceira guerra mundial significaria a destruição total. E insiste em que isto deveria estar bem claro para os dois lados do bloco, de modo a que nenhum se aventurasse numa nova guerra.
5	145	Fevereiro	1954	Max Eastman	Reader's Digest	O Kremlin: símbolo sinistro, linda fortaleza	36-39	Eurásia	Regime soviético	Sobre o esplendor arquitetônico do Kremlin, por si só um instrumento do poder despótico. A vasta Sala do Trono de Santo André é onde se reúnem os 1.200 delegados do Congresso Panrusso dos Sovietes, que ouvem como crianças em sala de aula, recolhendo "com reverente atenção todas as palavras que lhes são ditas ou lidas. (...) Nos dez anos da história desse parlamento, não há lembrança de um só voto discordante. Isso nos dá idéia de como serão as coisas se o Kremlin tiver êxito em sua ambição de dominar o mundo".

6	145	Fevereiro	1954	Whittaker Chambers, ex-membro do Partido Comunista Americano, de 1925 a 1938.	Look	Que é um comunista?	82-86	Aspectos teóricos	Comunismo	O autor declara que o comunismo "é um credo militante e semimilitar, empenhado numa guerra, ora aberta, ora dissimulada, contra todos os outros." Segundo ele, fracassou mundialmente a fé - um fracasso da crença nas formas tradicionais de autoridade e do respeito a esses princípios reguladores e ordenadores do pensamento e da vida. O comunismo reivindica para si a posse de uma nova fé de caráter prático, agressiva, "que rejeita Deus e que estabelece como norma que o homem deve contar apenas consigo mesmo, deve usar os seus próprios recursos, mormente a Tecnologia e a Ciência, para criar o seu próprio paraíso na terra".
7	145	Fevereiro	1954	Michael Scully	Reader's Digest	Guatemala: ensaio de dominação comunista	105-114	América Latina	Expansão comunista	O autor discute a nacionalização de empresas norte-americanas pelo Governo Arbenz (United Fruit Co., American Foreign Power e International Railways of Central America), alertando que é só começo, pois o comunismo irá gerar novas ações de expropriação, não só na América Latina mas no mundo todo.
8	146	Março	1954	Louis Fischer, "observador perspicaz das coisas russas", visitou Moscou pela primeira vez em 1922 e viveu 14 anos como correspondente estrangeiro; autor de <i>Soviets in World Affairs</i> e <i>The Life and Death of Stalin</i> .	Reader's Digest	Não haverá Terceira Guerra Mundial	48-53	Aspectos teóricos	Coexistência	Não haverá Terceira Guerra Mundial porque o Ocidente continuará a política da vigilância armada, e a URSS "não se arriscará a uma guerra que não poderá vencer". Mas o Kremlin seguia uma declaração de Stalin, de que só entraria numa guerra quando os outros combatentes estivessem esgotados, "e então se apoderaria dos despojos" (vitória sem luta, como ocorreu na Europa Oriental). Moscou teme seu próprio povo, que não é leal ao governo; daí o Estado policial. Na Segunda Guerra, os russos lutaram pela pátria e não pelos soviets. A Europa Oriental manifesta descontentamento diante do domínio soviético, como aconteceu com imperialistas europeus na Ásia e na África. "O imperialismo gera os seus coveiros. A sua simples presença fomenta implacável oposição".
9	146	Março	1954	Frederic Sondern, Jr., trabalhou em Viena como correspondente do McClure Newspaper Syndicate de Nova York, de 1932 a 1938.	Reader's Digest	Os negros americanos não quiseram ficar "vermelhos"	85-90	China	Doutrinação comunista	Projeto da Divisão Psicológica do Kremlin, através dos chineses comunistas, considerava que os prisioneiros norte-americanos negros da Guerra da Coreia, descontentes e revoltados com a discriminação racial nos EUA, "poderiam ser transformados em sólidos comunistas". O projeto foi um fracasso: apenas três dos mais de 700 negros preferiram ficar na China. Um deles, questionado pelos chineses sobre como suportava as manifestações racistas no sul dos EUA, respondeu: "- Se bem me recorde, meu senhor, inúmeros comissários soviéticos fizeram coisas bem mais terríveis a muitos mais <i>do seu próprio</i> povo. E vou lhe dizer uma coisa, camarada instrutor. O sofrimento do negro nos Estados Unidos está quase no fim, mas o sofrimento dos chineses nas mãos de seus senhores russos apenas começou. Vocês são o povo que deve ser lastimado, não nós".
10	147	Abril	1954	Leland Stowe, ex-chefe do Serviço de Noticiário e Informações da Rádio Europa Livre; autor de "Conquista pelo Terror"	Reader's Digest	Leva a esperança atrás da Cortina de Ferro	99-110	Eurásia	Resistência anticomunista	O artigo descreve as atividades da Rádio Europa Livre, e os diversos tipos de informações enviados para os países do Leste Europeu, dentre elas as possibilidades de fuga, maus tratos dos comunistas, notícias mais recentes que a imprensa oficial comunista demora para publicar etc.

11	148	Maio	1954		Time	Pio XII. Um papa diferente	25-29	Eurásia	Resistência anticomunista	Descreve as atividades do Papa Pio XII, considerado um dos "campeões mundiais do combate ao comunismo", tendo exercido forte influência na própria política comunista italiana. "Em 1948 tomou a mais difícil decisão política do seu reinado: levou a Igreja diretamente para a arena política na Itália ('soou a grande hora da consciência cristã') e anunciou que seriam recusados os sacramentos aos comunistas e seus partidários. O Papa sustenta que esta intervenção foi moral e não política, uma vez que o comunismo representa uma ofensiva de ateus contra a própria moral".
12	148	Maio	1954	Andre Visson, que "estudou na Alemanha depois da Primeira Guerra Mundial e tem-na visitado periodicamente desde o fim da Segunda Guerra"	Reader's Digest	A Alemanha de hoje	34-40	Eurásia	Resistência anticomunista	Demonstra a recuperação da Alemanha Ocidental após a Segunda Guerra. "A Alemanha avança sob o pavilhão da livre iniciativa. (...) A intervenção governamental é limitada a medidas necessárias para garantir o suave funcionamento da economia". Discute o objetivo político da unificação nacional, que seria um risco para o país, ao tentar resgatar os 18 milhões de alemães orientais, além dos territórios anexados pela URSS na Polônia. O autor não acredita que ocorra aproximação da Alemanha Ocidental com a União Soviética, pois aquele governo tem ciência dos seus cidadãos "gemendo sob o jugo soviético".
13	149	Junho	1954	Tom Whitney	The Wall Street Journal	Capitalistas que prosperam na Rússia	38-41	Eurásia	Regime soviético	Mostra que o livre empreendimento sobrevive na URSS, por meios legais e ilegais, porque o sistema soviético de produção e de distribuição é rígido e ineficiente, e por isso não há como não existir a iniciativa privada. O dirigismo estatal não consegue manter a oferta ajustada à procura, outra razão para o mercado negro. "Para cada especulador apanhado, há dezenas que continuam fazendo negócios. Até no Estado policial mais rígido a ambição de lucro consegue varar proibições legais".
14	150	Julho	1954	Svetlana Gouzenko	The American Weekly	Fugindo à polícia secreta dos soviets	53-56	Aspectos teóricos	Coexistência	O artigo retrata a vida da família Gouzenko. O esposo da autora, ex-secretário do Serviço Secreto do Exército Soviético na Embaixada Russa de Ottawa, no Canadá, foi deserddado em 1945. Vivem exilados e escondidos no país, mas que assim mesmo não sentem o menor desejo de retornar à condição de cidadãos soviéticos.
15	150	Julho	1954	Gordon Gaskill	The American Magazine	Atenção para a Turquia	116-118	Eurásia	Resistência anticomunista	O autor mostra a Turquia, seu povo, as riquezas naturais, os auxílios econômicos dos EUA etc. Ataca o regime soviético, como o fato de os turcos não temerem a URSS. "Para se saber o que é ódio aos russos é preciso conhecer a Turquia. A história turca está cheia dessa luta cruenta (...) Na lápide de um túmulo em Ancara há uma inscrição rara, quase envergonhada: 'Morreu Sem Combater Os Russos'".
16	151	Agosto	1954	Mario A. Pei	The Saturday Evening Post	A liberdade básica	135	Aspectos teóricos	Comunismo	O autor mostra que a opção pelo comunismo é o mesmo que a opção pela escravidão, e que a liberdade básica que o comunismo não proporciona é a "de ir embora" (sair, evadir, voar).

17	151	Agosto	1954	Eugene Lyons, redator do <i>Reader's Digest</i> , "tem dedicado a vida ao estudo da Rússia Soviética e do Comunismo". Trabalhou de 1928 a 1934 como correspondente da United Press em Moscou. É autor de <i>Missão na Utopia</i> , <i>Nossos Aliados</i> e <i>Secretos: os Povos da Rússia</i> .	Livro Our secret allies: the people of Russia	Nossos aliados secretos: os povos da Rússia	185-224	Eurásia	Resistência anticomunista	Para o autor os povos da União Soviética são aliados do mundo ocidental para a derrubada do regime soviético, em virtude de existir grande desconfiança e animosidade entre os dirigentes e os cidadãos, observadas nos tremendos esforços em garantir a segurança interna do regime, por meio de órgãos de vigilância e repressão, da tortura e do terror, da censura e da intimidação.
18	152	Setembro	1954	William Hard, jornalista norte-americano, é há mais de 40 anos repórter de assuntos internacionais. Desde 1940, é redator itinerante do <i>Reader's Digest</i> , e "conta entre seus amigos íntimos muitos diplomatas e estadistas, tanto em Washington como na Europa".	Reader's Digest	Nosso futuro à luz da bomba de hidrogênio	33-41	Aspectos teóricos	Coexistência	O falso caminho para atingir a paz encontra-se no desarmamento fácil e rápido e na proscrição das armas atômicas. O autor acredita e deseja o desarmamento, mas acha que ele virá após a paz e não a precederá. Deve-se buscar a paz dentro da paz, ou seja, não por meio da luta armada, diz ele, afirmando que este é o espírito norte-americano. O espírito soviético é duplo: apresenta tendência de expansão comunista, mas também busca o convívio com o mundo capitalista. O mundo não encontra-se realmente em paz; ele está em guerra latente. Este aspecto agressivo deve ser combatido com todas as forças disponíveis, enquanto a coexistência deve ser estimulada.
19	152	Setembro	1954	Louis Fischer, "observador perspicaz das coisas russas", visitou Moscou pela primeira vez em 1922 e viveu 14 anos como correspondente estrangeiro; autor de <i>Soviets in World Affairs</i> e <i>The Life and Death of Stalin</i> .	Reader's Digest	China e Rússia - aliados ou rivais?	49-54	China	URSS	Em alguns aspectos existe uma forte rivalidade entre a União Soviética e a China, como nos casos da Mongólia, da Coreia do Norte e de Sinkiang. Por outro lado, as relações externas entre os dois países são "bastante íntimas". Portanto, o quadro atual mostra que eles são aliados e rivais, e que o destino, tanto da Ásia como do planeta, vai depender do resultado final de suas relações.

20	152	Setembro	1954	Béla Fabian, ex-líder do Partido Democrático Independente da Hungria, atualmente encontrava-se exilado.	America	Os mortos não falam	129	Eurásia	Regime soviético	Relato do destino dos agentes de Moscou envolvidos no julgamento do Cardeal húngaro Mindszenty, acusado de espionagem a favor dos EUA. Por exemplo, os três sucessivos Ministros do Interior, que participaram da perseguição ao cardeal, tiveram morte violenta. László Rajk, "foi enforcado como espião americano". János Kádár, que o sucedeu, "também acabou na forca". E Sándor Zöld "foi depois forçado e se demitir; para fugir à sorte que costuma caber aos comunistas depostos, preferiu matar a mulher e os filhos e suicidar-se". "Os maus agentes das forças do mal infelicitaram-se pela sua cumplicidade no crime contra o Cardeal".
21	152	Setembro	1954	Dr. Marek S. Kerowicz, ex-professor de Direito Internacional da Polônia, e que, estando em New York como membro da delegação polonesa junto à ONU, renunciou ao posto e pediu asilo, em setembro de 1953.	Life	Falo pelos escravos do Soviete	150-172	Eurásia	Comunismo	O autor diz que "há numerosas Cortinas de Ferro... tantas quantos são os países satélites". "A prosperidade americana, aos olhos de um estrangeiro que vem de trás da Cortina de Ferro, é inacreditável. Mais importante ainda era a oportunidade de ver de perto uma democracia completa, com relações inteiramente livres de coação entre operário e patrão. Os Estados Unidos elevaram infinitamente a minha esperança no futuro do mundo". O plano comunista previa o domínio do mundo em 4 etapas: criação de uma força militar como ameaça; assimilação das nações cativas; "cortina de fumaça" diplomática, para dissimular atividades e ganhar tempo; conquista do mundo por meio da propaganda e das "quinta-colunas", sem guerra aberta e total.
22	153	Outubro	1954	Frederic Sondern, Jr., trabalhou em Viena como correspondente do McClure Newspaper Syndicate de Nova York, de 1932 a 1938.	The Catholic World	A batalha de Bolonha	52-57	Eurásia	Resistência anticomunista	Há uma guerra entre a democracia e o comunismo na Itália, em especial em Bolonha, entre o Cardeal Lercaro e o prefeito Dozza. Este afirma que somente um governo comunista poderia resolver o desemprego, o baixo padrão de vida e a distribuição das oportunidades e da riqueza; e seria diferente de qualquer outro, sem violência, sem tirania policial, sem cerceamento dos direitos individuais e sem ingerência da URSS no governo. Para o Cardeal (um dos prováveis sucessores do Papa Pio XII), "somente a Igreja possuía a tradição, o poder e a sabedoria capazes de evitar uma catástrofe na Itália". Seu "esquadrão volante de frades" combate os agitadores vermelhos; conhecedores da teoria marxista, da política exterior soviética e das condições reinantes por trás da Cortina de Ferro.
23	153	Outubro	1954	George May	Liberty	A família que voltou	82-87	Aspectos teóricos	Comunismo	A família Biro vivia modesta mas confortavelmente, no Canadá. Aliciada pela propaganda, foi para a Hungria (terra do esposo), e passa por imensas dificuldades no regime comunista, como moradia, racionamento, doutrinação nas escolas, mas por fim consegue retornar para o Ocidente.
24	154	Novembro	1954		Time	O grande dissimulador	63-68	China	Doutrinação comunista	O poder político de Mao Tsé-tung possui os seguintes fatores: direção unida e dedicada; domínio total e hegemônico sobre o povo, por meio de homicídio, terror, força e persuasão; um grande exército; e aliança com a Rússia. Por trás do caráter "espiritual, encantador e hábil" de Chou En-lai, Primeiro-Ministro e Ministro do Exterior da China Comunista, encontra-se um grande dissimulador, responsável pelo assassinato de compatriotas com as próprias mãos. "Veterano de intrigas" e homem de confiança do Kremlin, seu talento mais conhecido é "a habilidade em cortejar, enredar e mudar de lado". Para os comunistas, a paz é "um estado de contínuo movimento e agitação, de pressão constante, de ameaças fictícias e de perigos dissimulados. Em todas essas artes sutis Chu En-lai é mestre".

25	154	Novembro	1954	Lester Velie, escritor e jornalista, trabalhou no Reader's Digest, Colliers e The Saturday Evening Post	Post, de Denver	Um veneno assola os campos	155-158	Aspectos teóricos	Comunismo	O artigo descreve uma planta que produz um veneno e que é originária da União Soviética, mas tendo algumas sementes entrado nos EUA de forma oculta, e que tem destruído imensos rebanhos de animais. No artigo, sempre de maneira figurada, esta planta recebe expressões tais como "invasor clandestino", "oculto", "invasão da erva tóxica", "praga que assola os campos".
26	154	Novembro	1954		U.S. News & World Report	Austrália: nova âncora da defesa	187-188	Eurásia	Resistência anticomunista	O artigo diz que a Austrália tem servido como linha de segurança para bloquear a ameaça comunista no Sudeste da Ásia. Acaba sendo proteção no sul da Bacia do Pacífico, e que o crescimento, por meio dos investimentos na industrialização e no estímulo à imigração, dão à Austrália condições de defender esta região do globo.
27	155	Dezembro	1954	Frederic Sondern, Jr., trabalhou em Viena como correspondente do McClure Newspaper Syndicate de Nova York, de 1932 a 1938.	Reader's Digest	Viena - cidade de coragem	44-49	Eurásia	Resistência anticomunista	O autor mostra que, mesmo sob o domínio soviético, Viena, na zona neutra, tornou-se uma das mais sólidas democracias do continente, e não se dobrou ao poderio soviético. Para os russos, "os vienenses vivem fazendo caretas para Moscou e são uma inspiração para todos os satélites soviéticos involuntários da Europa Central". A Catedral de Santo Estevão, restaurada após a guerra, "volta a ser um símbolo para Viena e para toda a Áustria. Ali, há 271 anos, o Conde Rüdiger von Starhemberg comandou a obstinada defesa de Viena contra o exército dos turcos, que estavam decididos a conquistar toda a Europa. Os turcos não passaram e o continente foi salvo. Viena, com força renovada, está preservando essa tradição".
28	155	Dezembro	1954	Charles W. Thayer	Life	Como o Kremlin trata os seus	81-86	Eurásia	Regime soviético	Tenente-coronel soviético fugiu para a Alemanha Ocidental e descreve a polícia política da União Soviética, com suas atividades de coerção, prisão, tortura, deportação, assassinato etc.
29	155	Dezembro	1954	J. P. McEvoy	Reader's Digest	Magsaysay: exemplo de dinamismo para a Ásia	117-126	Eurásia	Resistência anticomunista	O Ministro da Defesa das Filipinas, Magsaysay, combate os revoltosos Huks, dominados pelos comunistas e abrigados no interior do país. Lição da eliminação deste foco comunista: rompido o apoio das massas a um grupo dissidente, este perde totalmente as forças e a capacidade de subverter e derrubar um governo.
30	155	Dezembro	1954	David Lawrence	Reader's Digest	Será a "coexistência pacífica" a solução?	169-180	Aspectos teóricos	Coexistência	O autor não crê na coexistência pacífica como solução para conflito entre EUA e URSS. Os comunistas ficariam mais audaciosos, à medida que fossem obtendo concessões. Acredita no embargo econômico e comercial, e na busca de apoio dos povos que estão atrás da Cortina de Ferro, pelo direcionamento de recursos da corrida armamentista para a melhoria de suas condições de vida.
31	156	Janeiro	1955	Carlos P. Romulo	Collier's	As Nações Unidas estão morrendo	110-116	Aspectos teóricos	Coexistência	O ex-presidente da ONU acredita que a organização está morrendo, tanto pelo lado comunista, através de seus vetos, abstenções e agressões, quanto do lado ocidental, que evita a sua utilização, discutindo grandes questões políticas no nível de governos, o que reduz o seu prestígio político. Diz que somente a ONU tem instrumentos para atender regiões com muita fome e miséria, e que se isto não ocorrer seus habitantes "se bandearão para o comunismo em busca de pão".
32	157	Fevereiro	1955	Peter Thacher	Reader's Digest	Incidente na costa da China	30-38	China	Repressão	O autor, integrante do vôo do DC-4 britânico, entre Bangcoc e Hong-Kong, que na costa da China foi vítima de um ataque por parte de aviões de combate da China Comunista, "sem nenhuma explicação", e foi derrubado no mar.

33	157	Fevereiro	1955		Reader's Digest	Censurado	94	Eurásia	Comunismo	Reprodução de carta de um alfaiate búlgaro a um patricio refugiado em NY, comentando as dificuldades que o povo encontra na Bulgária. O interessante no artigo é a observação de que, como todas as cartas que saem da Cortina de Ferro passam por censura, esta tinha anotado no canto superior esquerdo, pelo censor: "Exatamente! A situação é até pior".
34	157	Fevereiro	1955		Life	Diplomacia cinematográfica	114	Aspectos teóricos	Coexistência	Sobre a disputa cultural entre EUA e URSS, na Feira Internacional em Damasco, onde os soviéticos investiram 500.000 dólares para a construção do seu pavilhão. O agente norte-americano, sem dinheiro, teve a idéia de levar o Cinerama, desconhecido daquela gente. Final da história: multidões se aglomeravam para ver a apresentação norte-americana, deixando de visitar o pavilhão soviético.
35	157	Fevereiro	1955	Henry J. Taylor	This Week	A única porta para a paz	123-128	Aspectos teóricos	Coexistência	O autor acredita que existem ilusões políticas, após a Segunda Guerra, que os EUA devem revisar. E recomenda ao governo dos EUA: compreender os aliados, minar os inimigos, ajudar os povos somente quando solicitados, permanecer fortes, esquecer qualquer invasão por terra através da Europa Ocidental, manter postos avançados de paz (OTAN, Formosa, Coreia do Sul, SEATO), estar preparados para qualquer guerra, e deixar claro que qualquer agressão será respondida com uma tentativa de guerra.
36	158	Março	1955	G. S. Gale	Manchester Guardian Weekly	Seiscentos milhões de fantoches	65-67	China	Doutrinação comunista	Jornalista inglês acompanhou uma delegação trabalhista à China e mostra como vive o povo, os trabalhadores e os jornalistas naquele país. Acredita que o verdadeiro povo chinês não existe mais, mas apenas fantoches mascarados, doutrinados. "Os cérebros dos seus homens estão sendo transformados em esponjas que, se forem apertadas, só deixarão gotejar a água do comunismo"
37	158	Março	1955	James A. Michener. Formado em História, consagrou-se como escritor; livros: <i>Tales of South Pacific, Sayonara, Iberia, As Pontes de Toko-Ri, A Saga do Colorado, Os Rebeldes, A Ponte de Andau</i> etc.	Reader's Digest	Tailândia - jóia da Ásia	117-132	Eurásia	Resistência anticomunista	Um painel geopolítico da Tailândia, que, mesmo cercada de comunistas, permanece "magnificamente livre". Mas o poder vermelho é expressivo: ao norte a China, a leste o Vietnã, ao sul os comunistas da selva da atual Malásia, e a oeste os exércitos comunistas da Birmânia, além dos refugiados tailandeses pró-comunistas que vivem na China.
38	158	Março	1955	Harrison E. Salisbury	The New York Times	A Rússia de Malenkov	139-190	Eurásia	Regime soviético	Condensação de uma série de 10 artigos do <i>Times</i> , com diversidade de temas: o novo governo após a morte de Stalin (quicá assassinado); a vida, prisão e morte de Lavrenti Beria, chefe supremo da MVD; o fortalecimento do exército após Stalin, particularmente o grupo em torno do Mal. Georgi K. Zhukov; características do "triunvirato" Krushev, Malenkov e Molotov; a relação entre o novo governo soviético e a igreja ortodoxa russa e os judeus; o trabalho forçado e os trabalhadores de residência obrigatória; o programa nuclear soviético; as relações entre URSS com a China e a Índia; a reabertura das relações comerciais da URSS e China com a Inglaterra, e a aproximação das relações culturais com a França.

39	159	Abril	1955	Michael Scully	Reader's Digest	A história secreta da conspiração do Kremlin na Guatemala	49-56	América Latina	Domínio soviético	Denuncia que o presidente Arbenz vendeu o país aos comunismo, e revela a "complexa trama de Moscou para a América Latina", cujos pontos vulneráveis eram Guatemala, Brasil, Chile e Bolívia. Diz que o governo foi derrubado pelo movimento dos estudantes, que recrutaram operários, camponeses e militares para reunirem-se a Castillo Armas, exilado em Honduras. Afirma que a deposição de Arbenz deu impulso aos movimentos nacionais anticomunistas do continente, como as recentes eleições brasileiras, onde "a extrema esquerda sofreu revés arrasador". Inclui comentário sobre a deposição de Arbenz, do brasileiro Antonio Porto Sobrinho, em "O Jornal" (RJ, 14/8/54), que descreve fuzilamentos e cenas de selvageria da Guarda Nacional nos últimos dias do governo.
40	159	Abril	1955	Frederic Sondern, Jr., trabalhou em Viena como correspondente do McClure Newspaper Syndicate de Nova York, de 1932 a 1938.	The Catholic World	Balões através da Cortina de Ferro	135-142	Eurásia	Resistência anticomunista	O Comitê da Europa Livre, sediado em NY, tinha como objetivo principal estimular a oposição ao comunismo nos países do Leste Europeu, buscando assim o fortalecimento de seus povos para poderem sair do domínio soviético. Sua tática era enviar, através de balões infláveis, informativos sobre acontecimentos como os levantes na Alemanha Oriental em junho de 1953, sobre o novo regime de Moscou, sobre a situação política e econômica do país de origem dos balões etc.
41	160	Maio	1955	Marguerite Higgins	Herald Tribune, de New York	A "coexistência" segundo a Rússia	46-49	Aspectos teóricos	Coexistência	A autora viajou pela URSS e mostra que para os soviéticos a coexistência é a melhor estratégia para conseguir apoio ocidental aos seus objetivos econômicos. Para os soviéticos a atenuação das tensões reduz a vigilância do mundo ocidental, o comércio aumenta e eles podem obter produtos industriais que não possuíam. A conclusão do artigo, é de que <i>mir</i> significa "paz", mas também "mundo"; então quando o soviético diz "eu quero paz" pode estar dizendo "eu quero o mundo".
42	160	Maio	1955	Irwin Ross	The New Leader	China Vermelha - a grande traficante de entorpecentes	93-100	China	Expansão comunista	O artigo mostra que a China, com os comunistas no poder, tem se dedicado à exportação de entorpecentes, para o Sudeste da Ásia, Japão e Estados Unidos, com o objetivo de suprir o déficit econômico do país. Mas para um norte-americano, a propagação da toxicomania é uma forma de enfraquecer o inimigo.
43	161	Junho	1955	Joseph Wechsberg	Reader's Digest	Como a Rússia espera ganhar as Olimpíadas	89-94	Aspectos teóricos	Comunismo	O autor diz que os soviéticos fizeram dos esportes uma arma eficiente na sua atual campanha de coexistência pacífica. O autor afirma que as vitórias esportivas soviéticas são sempre resultado do "treinamento socialista correto", e que as derrotas são causadas por "insuficiente educação ideológica".
44	162	Julho	1955	Edwin Muller	Reader's Digest	Boas-vindas aos fugitivos soviéticos	128-133	Aspectos teóricos	Coexistência	Dois casos de fugitivos soviéticos. No primeiro, sem estrutura de apoio nos EUA, um deles até que conseguiu formar família e viver modestamente, mas o outro, fracassado, se meteu em más companhias, passou a beber e, por fim, acabou retornando à URSS. O segundo caso é de um fugitivo que, chegando aos EUA, encontrou sólida estrutura para receber e dar apoio aos fugitivos do regime comunista, e portanto conseguiu trabalho e se deu muito bem.
45	163	Agosto	1955	George Kent	Reader's Digest	A espantosa fuga dos "homens sem amo"	86-94	Eurásia	Regime soviético	O artigo descreve a opressão soviética sofrida pelos <i>kazaks</i> , originários do Sinkiang, e que buscaram durante 1946 e 1950 o deslocamento, tentando chegar à Turquia, pátria de seus ancestrais.

46	163	Agosto	1955	Arnold J. Toynbee, historiador norte-americano, autor de "Um Estudo de História".	The New York Times	Resposta a seis perguntas oportunas	109-112	Aspectos teóricos	Comunismo	O autor que, na civilização ocidental, evitando-se a guerra e controlando-se a população mundial, ocorrerá o renascimento da religião. O modo de vida ocidental é a expressão de uma crença na inviolabilidade individual; mas está sendo ameaçado pelo comunismo, que "endeusa a comunidade humana e afirma que o indivíduo apenas existe no interesse do formigueiro". Acredita que o comunismo não seduzirá a humanidade "por ter pouco conforto espiritual ou orientação a oferecer ao homens e mulheres nas dificuldades e empecilhos de suas vidas individuais". O comunismo é um movimento poderoso e não podemos aguardar que a humanidade se desiluda naturalmente dele. Se nos <i>esforçarmos</i> , nossa fé vencerá a luta pela conversão das almas".
47	163	Agosto	1955	Lin Root	Reader's Digest	Finlândia - sobrevivência pelo sisu	162-170	Eurásia	Resistência anticomunista	Mostra que o povo finlandês, que tem integridade, ânimo, resolução, coragem e independência (o <i>sisu</i>), conseguiu se manter independente em relação à URSS, inclusive pagando em dia as dívidas decorrentes do armistício de 1944.
48	163	Agosto	1955		Livro de J. P. McEvoy	Um homem acorda a Ásia	201-228	Eurásia	Resistência anticomunista	O artigo mostra a vida do Dr. Y. C. Yen, que montou o Movimento de Educação em Massa na China, antes dos comunistas no poder, e nas Filipinas. Se der certo, poderá ser a maior esperança de manter em liberdade toda a Ásia. O programa tem o total apoio do presidente Ramon Magsaysay, que acredita que o comunismo tem que ser combatido tanto com arroz como com batalha. Para Yen, o povo asiático deseja apenas uma tigela de arroz e um pouco de dignidade humana, e quem conseguir realizar essas simples demandas terá tudo.
49	164	Setembro	1955	Andre Visson, que "estudou na Alemanha depois da Primeira Guerra Mundial e tem-na visitado periodicamente desde o fim da Segunda Guerra"	Reader's Digest	A Itália vai vencendo a crise	50-54	Eurásia	Resistência anticomunista	Afirma que após a Segunda Guerra, o Partido Comunista Italiano se fortaleceu, mas começava a perder terreno. Motivos: controle excessivo de todos os aspectos da vida dos membros do partido; a manutenção dispendiosa do partido, mesmo com as contribuições de Moscou; promoção de greves políticas, entre o final de 1953 e início de 1954, justamente num período em que as condições econômicas estavam melhorando, e que "aborreceu e cansou" os trabalhadores, pois traziam mais dificuldades financeiras; perda gradual da adesão da juventude italiana, tanto estudantil quanto operária; prosperidade no país, mas que ainda apresentava dificuldades econômicas, que não seriam resolvidas da noite para o dia.
50	164	Setembro	1955	Ellsworth Raymond, analista político e econômico da Embaixada dos EUA em Moscou, de 1938 a 1943; de 1944 a 1946 trabalhou no Serviço de Informações; atualmente é professor na Universidade de New York.	The Saturday Evening Post	Os enfurecidos camponeses da Rússia	99-103	Eurásia	Resistência anticomunista	"O planejamento mecânico do marxismo despreza a centelha essencial da vida: os sonhos humanos". Os camponeses soviéticos querem a posse da sua própria terra. Antes da coletivização nunca foram prósperos, mas ao menos eram livres. Stalin confessara a Churchill que havia sido mais fácil lutar contra Hitler do que "socializar o obstinado camponês russo". Os agricultores mantêm hortas particulares, último resquício de agricultura privada permitido na URSS. Promovem uma resistência passiva, que se traduz em queda brutal dos níveis de produção no campo. O regime comunista despreza "o mais simples e mais lógico estímulo à agricultura": a propriedade privada. O mundo livre deve ser grato "ao seu aliado silencioso, o humilde camponês russo. Enquanto ele sabotar o comunismo, o Kremlin hesitará muito antes de lançar-se a uma guerra".

51	164	Setembro	1955	Fred Sparks	Reader's Digest	A verdade sobre Formosa	141-152	China	Expansão comunista	Descreve como Formosa está se preparando, com a ajuda dos EUA, para a defesa do país contra possíveis agressões da China e outros países comunistas do sudeste asiático. O autor afirma que enquanto a URSS busca a expansão através da Europa e do Oriente Médio, a China busca formar a sua enorme república popular do Paquistão até o Japão. E que Formosa é um simples obstáculo de um objetivo maior, que é a invasão mais para o sul: Malásia, Indonésia e Tailândia.
52	165	Outubro	1955	Richard M. Nixon, ex-vice-presidente do EUA.	This Week	Fala o vice-presidente dos Estados Unidos	65-69	América Latina	Visão ocidental	Nixon descreve as suas impressões sobre os países latino-americanos durante sua visita à região em 1953, mostrando que em alguns deles estão sendo realizadas medidas governamentais que estimulam o investimento particular e empreendimento individual, mas que também há outros países com constante ameaça comunista à paz e ao próprio progresso, como o ocorrido na Guatemala.
53	165	Outubro	1955	James A. Michener. Formado em História, consagrou-se como escritor; livros: <i>Tales of South Pacific</i> , <i>Sayonara</i> , <i>Iberia</i> , <i>As Pontes de Toko-Ri</i> , <i>A Saga do Colorado</i> , <i>Os Rebeldes</i> , <i>A Ponte de Andau</i> etc.	Reader's Digest	Reunião histórica na Indonésia	85-89	China	Expansão comunista	O artigo descreve a Conferência de Bandung entre os líderes da África e da Ásia. Para o autor, a previsão era de que a China, com Chou En-lai, dominasse o evento. Mas não foi o que aconteceu, pois países aliados dos EUA (Turquia, Paquistão, Tailândia, Irã e Filipinas) levantaram a voz contra alguns fatos apresentados pela China referentes à interferência norte-americana no mundo.
54	165	Outubro	1955	Leland Stowe, ex-chefe do Serviço de Noticiário e Informações da Radio Europa Livre; autor de "Conquista pelo Terror"	Reader's Digest	Adeus "Lar, doce lar"	177-184	Eurásia	Comunismo	O autor diz que, tanto na URSS como na Europa Oriental, "a casa tornou-se uma sala de aula para a execução de propaganda e um ponto de inspeção na ronda do policial vermelho". O lar é o inimigo natural do comunismo porque constitui "o mais forte dos elos com o passado", além de constituir-se numa lealdade mais forte do que a dedicada ao Estado. Segundo o autor ocorre o envenenamento das relações domésticas por meio de dificuldades econômicas; privação de tempo de folga; visitas constantes de supervisores e inspetores do partido; exame regular do orçamento da família; invasão persistente de responsáveis pela "paz", pela "cultura" e pela coleta de material refugado; registro compulsório dos hóspedes; proibição de encontros de amigos; e censura de telefone e interrogatório policial.
55	166	Novembro	1955	Joseph Mazandi e Edwin Muller	Reader's Digest	O palpite que salvou o Irã	129-134	Eurásia	Resistência anticomunista	Através da prisão acidental de um capitão iraniano que carregava uma mala suspeita, foi possível desvendar um complô comunista para dominar o país.
56	166	Novembro	1955	Frederic Sondern, Jr., trabalhou em Viena como correspondente do McClure Newspaper Syndicate de Nova York, de 1932 a 1938.	Reader's Digest	A catequese de John Hayes	173-186	China	Repressão	Descreve a política de repressão, prisão e tortura dos missionários protestantes que estavam trabalhando na China, através do exemplo da prisão e julgamento do missionário John Hayes.

57	166	Novembro	1955		Livro de Eddy Gilmore	Minha esposa russa	251-274	Aspectos teóricos	Coexistência	História de um jornalista norte-americano que trabalhava na URSS, onde conheceu a esposa, casaram-se e tiveram filhos. Depois de diversos contratempos e dificuldades, conseguiram, após a morte de Stalin, a saída e o exílio nos EUA.
58	167	Dezembro	1955	Robert Littell, especialista em assuntos da URSS, foi redator-geral da Newsweek; escreveu uma série de livros sobre espionagem: <i>The Defection of A. J. Lewinter, The Company, Mother Russia, The October Circle</i> etc.	Reader's Digest	Berlim - a cidade dividida	93-99	Eurásia	Al. Oriental/Berlim	Berlim é "metade escrava e metade livre", "ilha no interior de um Estado fantoche comunista, a chamada 'República Democrática Alemã', com 18 milhões de alemães subjugados". Nas poucas áreas de passagem entre as duas partes da cidade, "os dedos de Moscou comprimem a garganta da cidade". Entretanto, estes "pequenos filetes servem para fazer ecoar a verdade brutal e singela de que Moscou quer forçar este posto avançado da liberdade a render-se pela fome". Compara modos de vida, economia, política, sociedade etc., nas duas zonas de Berlim, e o fascínio da ocidental sobre a oriental. Não vê possibilidade próxima do término do sítio à cidade. Assim, a Berlim Ocidental deve ser manter "perpetuamente viva como um mostuário, em pleno Oriente Soviético, dos padrões da vida ocidental; como abrigo para os refugiados; como um raio de luz em meio às trevas totalitárias".
59	167	Dezembro	1955	Andre Visson, que "estudou na Alemanha depois da Primeira Guerra Mundial e tem-na visitado periodicamente desde o fim da Segunda Guerra"	The Freeman	Desconfia do teu próximo como a ti mesmo	119-122	Eurásia	Regime soviético	Mostra como o regime comunista convive com uma contínua atmosfera de desconfiança mútua entre seus membros. O autor traz como exemplo a forma como os soviéticos e chineses se comportaram na Conferência de Genebra, quando foi montado um monumental aparato de segurança.
60	168	Janeiro	1956	Norbert Muhlen	The Saturday Evening Post	O carrasco mais temido da Europa	90-94	Eurásia	Comunismo	Hilda Lange Benjamin, "Hilda Vermelha" ou "Guilhotina Vermelha", ministra da Justiça da Alemanha Oriental, foi "estrela de um dos maiores espetáculos de horror jamais irradiados". Trata-se dos julgamentos contra quem não se submetesse aos "mandamentos comunistas" (1950-51). "Seu nome ficou sendo o símbolo da cruel opressão com que governantes comunistas ameaçam os cidadãos". Para ela, os juizes deviam ser partidários da luta de classes revolucionária: "se um juiz tenta ser imparcial, ele próprio é culpado do crime de objetivismo - e merece castigos"; os advogados não devem defender seu cliente, "mas convencê-lo da justiça de sua punição". Encontra-se numa armadilha: não pode fugir para o Ocidente sem ser presa. Um dia será expurgada como bode expiatório. É uma mulher "mal-assombrada por temores".
61	168	Janeiro	1956	Hanson W. Baldwin	The New York Times	A ilusão do poderio vermelho	104-105	Aspectos teóricos	Armamentismo	Mostra que a capacidade militar dos russos não é superior à dos EUA, que só perdem em massa humana. E que os comunistas têm se vangloriado desse respeitado poderio militar, obtendo vitórias sem derramamento de sangue.
62	168	Janeiro	1956	Max Eastman	Livro Reflections on the failure of socialism	A falsa promessa do socialismo	123-126	Aspectos teóricos	Comunismo	Ex-socialista, que viveu na URSS no início da revolução, não crê que o Estado se apodere dos meios de produção e dirija a economia de acordo com um plano visando à sua expansão. Diz que na economia de mercado a escolha é pela liberdade e que no coletivismo a escolha é pela tirania. E que tanto o socialismo como o comunismo levam à ditadura. O erro dos socialistas foi imaginar a paz em meio a agudos conflitos de interesses, de lutas de castas e de classes

63	168	Janeiro	1956	James A. Michener. Formado em História, consagrou-se como escritor; livros: <i>Tales of South Pacific, Sayonara, Iberia, As Pontes de Toko-Ri, A Saga do Colorado, Os Rebeldes, A Ponte de Andau</i> etc.	Reader's Digest	Afeganistão - terra de gente impetuosa e livre	137-156	Eurásia	Resistência anticomunista	O autor mostra que o comunismo nunca foi importante no Afeganistão, mas que nos últimos tempos há boatos de que a URSS poderia invadir o país. Argumenta que esse fato é muito pouco provável, mas não desconsidera o perigo nisso, pois os soviéticos têm promovido diversos programas de ajuda ao país.
64	169	Fevereiro	1956	Glaus Gaedemann e Robert Littell	Reader's Digest	A única saída	65-71	Aspectos teóricos	Coexistência	Sobre a prisão de um alemão na Alemanha Oriental, que acabou tornando-se amigo de um guarda da Vopo, um comunista pouco convicto. No fim, ambos fogem da Penitenciária de Bradenburgo para uma região da Alemanha Ocidental
65	169	Fevereiro	1956		U.S. News & World Report	Cingapura cairá de novo?	81-84	China	Expansão comunista	O artigo afirma que quando a Grã-Bretanha conceder autonomia para Cingapura, a cidade será assumida pelos comunistas, tornando-se satélite da China Comunista e rompendo com o poderio britânico na Malásia. Os argumentos: os chineses são maioria da população, controlam o Partido da Ação Popular, dirigem as escolas e controlam grande parte do operariado e os comerciantes.
66	170	Março	1956	John Strohman - ex-presidente da Associação Americana de Jornalistas Agrícolas, é estudioso dos "problemas de viveres e da agricultura em 70 países, inclusive a Rússia Soviética e a China Vermelha".	The Freeman	Ivan visita Tio Sam	73-78	Aspectos teóricos	Coexistência	Descreve excursão de uma delegação agrícola soviética nos EUA. Os soviéticos se impressionam com a superioridade dos norte-americanos na agricultura, e com os automóveis, a qualidade das estradas, o tipo de comida, as condições de higiene e saneamento, a qualidade e preço dos artigos de consumo. A excursão possibilitou aos soviéticos compreender que os norte-americanos não querem a guerra.
67	170	Março	1956	Syngman Rhee	This Week	É possível a coexistência?	151-154	Aspectos teóricos	Coexistência	Presidente da Coreia critica a coexistência pacífica. Diz que o objetivo dos comunistas é apenas prosseguir sem empecilhos a guerra ideológica e a conquista dos países. Afirma que muitos itens do armistício assinado em Panmunjon, que acabou com a Guerra da Coreia, não foram respeitados pela URSS. Um quadro traz discurso de Krushchev sobre a coexistência, publicado no Herald Tribune de NY, confirmando que as ações tomadas após a Conferência de Genebra são verdadeiras, mas que, por outro lado, não significam que foram abandonados os ensinamentos de Marx e de Lenin, ou a orientação comunista do país.
68	171	Abril	1956	O. K. Armstrong	Reader's Digest	O maior homenzinho da Ásia	95-102	Eurásia	Resistência anticomunista	O autor descreve atuação política do Primeiro Ministro do Vietnã do Sul, Ngo Dinh Diem, contra focos comunistas no seu país. O autor mostra a visão de Diem com relação à sociedade formada no Vietnã do Norte, liderada por Ho Chi Minh, e as diferenças entre os dois países. Para Diem, com as eleições gerais marcadas para 1956, corre-se o risco de que todo o Vietnã caia nas mãos dos comunistas

69	171	Abril	1956		U.S. News & World Report	As conversações com a Rússia compensam?	125-126	Aspectos teóricos	Coexistência	Desde o reconhecimento diplomático dos EUA ao regime soviético, em 1933, foram firmados 52 acordos, mas só dois foram cumpridos: a entrada na guerra contra o Japão e a permissão dos corredores aéreos ocidentais para Berlim. O autor questiona se vale a pena manter conversações com a URSS.
70	172	Maio	1956	Francis Vivian Drake, redator-militar do Reader's Digest.	Reader's Digest	Arma de guerra ou de paz?	29-35	Aspectos teóricos	Armamentismo	Este artigo busca mostrar que a URSS está na dianteira da corrida armamentista, produzindo artefatos numa situação de vantagem em relação aos EUA. Descreve em detalhes estes artefatos, principalmente o tão temido projétil dirigido.
71	172	Maio	1956	George Kent	Reader's Digest	O saque da Áustria pelos vermelhos	51-55	Eurásia	Comunismo	Descreve a devassa que os soviéticos efetuaram na Áustria durante os 10 anos de ocupação, denunciando todos os bens materiais saqueados, como também os ataques ao povo austríaco (prisões, deportações para a Sibéria, estupros)
72	172	Maio	1956		Livro de John H. Noble, Slave 1E-241	Fui escravo dos soviéticos	181-220	Aspectos teóricos	Coexistência	Norte-americano que vivia com a família na Alemanha foi preso, após a Segunda Guerra, acusado de espionagem, e condenado a trabalhos forçados na Sibéria. Descreve-se o confinamento nas minas de carvão. O preso teria participado do movimento grevista (julho-agosto de 1953), esmagado brutalmente pelas tropas soviéticas. Por fim conseguiu contato fortuito com os norte-americanos, o que possibilitou ações diplomáticas e o seu retorno para os EUA.
73	173	Junho	1956	J. D. Ratcliff	Reader's Digest	A medicina rompe a Cortina de Ferro	101-108	Aspectos teóricos	Comunismo	Descrição de programa médico da Rádio Europa Livre, que alcança países da Europa Oriental, e auxilia doentes e médicos. Instrui e aconselha, além de facilitar envio de medicamentos. O artigo busca ressaltar que o sistema de saúde nos regimes comunistas é extremamente corroído.
74	174	Julho	1956		Livro de Thomas Dooley	Livrai-nos do mal	170-214	Eurásia	Resistência anticomunista	História do tenente da Marinha dos EUA, Dr. Thomas Dooley, que participou da transferência de refugiados não-comunistas do Vietnã do Norte para o Vietnã do Sul, entre agosto de 1954 e maio de 1955. Ele descreve casos de perversidade para com os refugiados: mutilações, torturas, propagandas ideológicas contra os EUA. O artigo mostra o fervoroso trabalho do médico norte-americano no combate ao mal, representado pelas atrocidades cometidas pelos comunistas.
75	175	Agosto	1956	Lin Root	Collier's	Estarão os russos na dianteira em ciência nuclear?	39-45	Aspectos teóricos	Armamentismo	O artigo afirma que a URSS avançou na questão da energia atômica: já havia desde 1955 testado a sua segunda bomba de hidrogênio. A partir de dados obtidos com um cientista norueguês que havia visitado a URSS, o autor mostra que os soviéticos estão avançados neste campo, e que o Ocidente precisa compreender melhor o que está sendo feito nos países comunistas, um desafio que não deve ser desprezado.
76	175	Agosto	1956	Frank Kluckhohn	Reader's Digest	Percorrendo os Estados Unidos com sete vermelhos	126-130	Aspectos teóricos	Comunismo	Descreve a excursão de sete jornalistas soviéticos pelos EUA. O comportamento deles em relação aos norte-americanos seria exemplo do pensamento vigente na URSS em relação ao mundo ocidental. O autor ressalta que os visitantes são dissimulados, falseiam a verdade, faltam à palavra, buscam o tempo todo propagandear as grandezas de seu país, e gostam de viver com luxo.

77	176	Setembro	1956		Time	A China é vencida pelo terror	62-65	China	Repressão	Sobre o terrorismo do regime comunista de Mao Tsé-tung. Diz que, desde 1949, 23 milhões de pessoas foram presas, e 20 milhões mortas, além de milhares de escritores e intelectuais que se suicidaram. Diz que a máquina de terror foi copiada da URSS mas que, diferentemente, busca sempre a máxima publicidade, através de julgamentos em massa, em que as vítimas são difamadas e fuziladas publicamente.
78	176	Setembro	1956	James Poling	Sports Illustrated	Como os comunistas subvencionam um campeão	109-113	Eurásia	Comunismo	História de Miroslava Náchodská, campeã tcheca de patinação artística, que conseguiu exilar-se nos EUA. Era considerada uma das mulheres mais bem vestidas de Praga, e essa postura "burguesa" incomodava os chefes comunistas, porque a nova linha do Partido, decretada por Moscou, era de que os atletas tinham de contribuir para demonstrar a supremacia do regime sobre o capitalismo. Por isso, os atletas tchecos se vestiam e se alimentavam muito melhor que o cidadão comum, a fim de se apresentarem ao mundo como exemplos de prosperidade. Além da aptidão física, deveriam ter na ponta da língua a "ideologia marxista", e frequentavam aulas obrigatórias de instrução política. Mesmo aos vencedores não lhes era permitido competir num país do bloco ocidental. Até que conseguiu permissão para participar do Campeonato Mundial, em Viena, em 1955...
79	176	Setembro	1956	Max Eastman	National Review	Noruega: um exemplo do que é socialismo	133-142	Eurásia	Resistência anticomunista	O autor afirma que o socialismo na Noruega é diferente do praticado na URSS, pois todos os negócios e a maior parte dos lucros estão sob regulamentação e controle do Estado, mas a propriedade é particular. É o "socialismo democrático" ou "evolucionista", implantado após o rompimento com os soviéticos em 1923. O país não tem campos de concentração nem prisioneiros políticos. O autor mostra que o rumo dessa experiência socialista na Noruega está se alterando, e que lentamente a economia do país está voltando ao livre empreendimento e a uma economia libertada de regulamentações, significando, para ele, que o socialismo democrático não funciona.
80	177	Outubro	1956	Robert Littell, especialista em assuntos da URSS, foi redator-geral da Newsweek; escreveu uma série de livros sobre espionagem: <i>The Defection of A. J. Lewinter, The Company, Mother Russia, The October Circle</i> etc.	Reader's Digest	O semideus que Stalin foi	65-68	Eurásia	Regime soviético	Na primeira parte do artigo é descrito o quanto Stalin foi endeusado durante a vigência de seu regime na URSS. Contudo, após a sua morte e a revisão realizada pelos novos dirigentes soviéticos, este semideus foi na verdade "um homem vaidoso, ignorante, covarde, cruel, desconfiado, maligno, despótico, demente e monstruoso". Neste processo de demolição da imagem de Stalin, Krushev acabou mostrando ao mundo que ele havia prejudicado enormemente a nação e que condenava vigorosamente o culto do indivíduo em detrimento da linha marxista-leninista. O autor considera que essas acusações feitas à pessoa de Stalin também se estendem a todos os que obedeciam às suas ordens, ou seja, que são tão culpados quanto Stalin. E que neste momento, o antigo culto do indivíduo estava dando lugar ao culto do Partido.
81	177	Outubro	1956	Alexander Jordan	The Freeman	Um episódio da Justiça inglesa	87-91	Aspectos teóricos	Coexistência	Conta a história de um polonês que conseguiu, de navio, chegar à Inglaterra e, por um artifício do <i>habeas corpus</i> determinado pela Justiça inglesa, se fixou no país.

82	177	Outubro	1956	James A. Michener. Formado em História, consagrou-se como escritor; livros: <i>Tales of South Pacific, Sayonara, Iberia, As Pontes de Toko-Ri, A Saga do Colorado, Os Rebeldes, A Ponte de Andau</i> etc.	Reader's Digest	O Enigma Pândita Nehru	149-160	Eurásia	Resistência anticomunista	O autor busca explicar a figura do governante da Índia, Pândita Nehru. Acredita que, devido às condições econômicas e políticas do país, Nehru é provavelmente socialista, por ter nacionalizado as companhias de aviação e o maior banco; mas são medidas de prudência e até mesmo de aspecto conservador, e que, em outros países, teriam uma feição comunista. Entretanto, não crê que Nehru seja comunista, porque o próprio dirigente afirma que não o é, e se mostra hostil aos próprios comunistas de seu país. Quanto à aproximação da Índia com a URSS e a China Comunista, para ele isto se deve à fraqueza do país perante as duas potências naquele momento, e que para Nehru uma agressão poderia ser evitada mediante a amizade com esses dois países.
83	178	Novembro	1956	Robert Guillain	The Saturday Evening Post	O que eu vi na China Vermelha	62-66	China	URSS	Correspondente do <i>Le Monde</i> relata suas impressões da China, após excursão de dois meses. Afirma que em todas as esferas (econômicas, políticas, sociais e culturais) a China havia se "russificado", e que para os 600 milhões de chineses a URSS tornou-se "a fonte de onde emanam todas as bênçãos. A influência soviética se estende a todas as fases da vida chinesa e penetra nos espíritos".
84	178	Novembro	1956	Joseph e Stewart Alsop	The Saturday Evening Post	A corrida que a Rússia está ganhando	86-89	Aspectos teóricos	Armamentismo	O artigo mostra que a URSS encontra-se fortalecida, e que isso se deve ao povo russo continuar pobre, ou seja, "a contribuição de Stalin para a moderna arte de governar reside no fato de que a miséria do povo podia se transformar na força do Estado", e que, "para forçar a aceitação desse mergulho na miséria, o Estado soviético teve virtualmente de declarar guerra ao povo russo". A URSS tem investido na formação técnica dos habitantes, diplomando mais cientistas e engenheiros que o Ocidente e, além disso, investindo quase todo o seu capital para o aumento do poderio bélico. O autor declara que esse aumento acaba deslocando o equilíbrio de forças no mundo atual, e que deve ser encarado seriamente.
85	179	Dezembro	1956		Life	O sentido da confusão moscovita	68-70	Eurásia	Regime soviético	Discute o histórico discurso de Krushev, e o quanto foi danosa a máquina de terror stalinista. Mas o artigo culpa todos que participavam do governo, inclusive Krushev: "Devemos considerar os seus chefes comunistas responsáveis pelos mesmos crimes que agora fingem detestar até que, como homens civilizados, estejam dispostos a proceder a uma revisão dos seus princípios básicos e reconheçam que o próprio comunismo é a raiz dos males de que sofrem".
86	180	Janeiro	1957	Kurt S. Lachmann e Fred C. Painton	U.S. News & World Report	Como a mocidade húngara lutou pela liberdade	43-48	Eurásia	Resistência anticomunista	Relata a revolta popular da Hungria (sem mencionar data), iniciada pela juventude, e que depois recebeu adesão de membros do exército. Após cerca de 10 dias de levante, tropas soviéticas, com artilharia, tanques e força aérea, esmagaram a revolução, "num banho de sangue de crueldade inominável". A partir daí os soviéticos não poderiam mais confiar num dos exércitos satélites que organizaram.
87	180	Janeiro	1957	Stanley High	Reader's Digest	Um missionário ocidental no Oriente	62-65	Eurásia	Resistência anticomunista	O missionário protestante Billy Graham, pouco depois da visita de Krushev e Bulganin à Índia, congregou mais cristãos e não-cristãos, de modo espontâneo, do que os chefes soviéticos que tiveram organização governamental. Graham afirma existir duas espécies de comunistas indianos, os "inconscientes", recrutados entre os pobres e sem ideologia comunista, atraídos pela promessa de arroz e terra; e os "racionalistas", recrutados em sua maioria entre estudantes universitários. Graham afirma que em Bangcoc, Manilha, Hong-Kong, Seul e Tóquio (cidades anticomunistas), milhares se aglomeraram em estádios para ouvir a pregação.

88	180	Janeiro	1957		Life	A Rússia recruta seus técnicos	75-76	Aspectos teóricos	Armamentismo	Sobre o intenso estímulo do governo soviético à formação de cientistas e engenheiros, para evitar desperdício de talento científico. Os jovens são educados na metade do seu tempo em ciência e matemática. Conforme o autor, 500 mil dos melhores alunos estão matriculados nas 33 universidades russas, que "produzem cientistas puros", e nos 180 institutos que preparam engenheiros. Diplomados, conseguem remuneração até cinco vezes maiores que a média nacional, além de prestígio e autoridade. Sobre esse grupo de elite a URSS funda a sua maior esperança na corrida técnica em que está empenhada contra o Ocidente.
89	181	Fevereiro	1957	Lester Velie, escritor e jornalista, trabalhou no Reader's Digest, Colliers e The Saturday Evening Post	Reader's Digest	Ques está acontecendo na Iugoslávia?	39-45	Eurásia	Resistência anticomunista	A Iugoslávia foi o primeiro país comunista a reconhecer, em 1952, os insucessos do comunismo. Com a agricultura está em declínio e a indústria estagnada, busca a construção de um socialismo. Por outro lado, tem ensaiado desvio para o capitalismo pois, não acreditando na propaganda comunista que vê o capitalismo como exploração de ricos sobre trabalhadores famintos, consegue produzir o bastante para alimentar o povo, e ainda sobram recursos para ajudar outras nações. Os iugoslavos sabem que a democracia capitalista funciona. Para o autor, "os comunistas, liderados pela Iugoslávia, começaram a inquirir e duvidar. E essas dúvidas poderão ser oportunidades para o mundo livre".
90	182	Março	1957	Art Buchwald	Herald Tribune, de New York	Os comunistas contam a verdadeira história de Budapeste	38-39	Eurásia	Resistência anticomunista	O artigo descreve o que realmente ocorreu na rebelião em Budapeste, em out/nov de 1956. É um artigo às avessas, pois todos os fatos ocorridos são descritos de forma oposta, pelos comunistas: que havia paz na Hungria, que a população era muito feliz, mas que estudantes antipopulares, estimulados por Washington, Londres e Paris, começaram a fazer algazarra, e que o povo ficou muito feliz quando as tropas soviéticas entraram na cidade e massacraram os rebelados
91	182	Março	1957	Louis Fischer, "observador perspicaz das coisas russas", visitou Moscou pela primeira vez em 1922 e viveu 14 anos como correspondente estrangeiro; autor de <i>Soviets in World Affairs</i> e <i>The Life and Death of Stalin</i> .	Reader's Digest	Rebelião em Poznan	61-66	Eurásia	Resistência anticomunista	Descreve protesto de trabalhadores em Poznan, contra o governo comunista, em fins de junho de 1956, e que teve também a adesão de populares. O artigo ressalta que cidade estava sendo realizada uma Feira Internacional e que diversos estrangeiros acabaram sendo testemunhas do ocorrido. Os manifestantes começaram por mostrar-se na feira, depois caminharam até a sede do PC e a invadiram. Depois foram até a prisão e libertaram os presos. Na sequência foram até a sede da UB (polícia secreta da Polônia), onde travou-se imenso tiroteio. O artigo ressalta que a juventude esteve presente, maciçamente, ao movimento, mostrando que a propaganda comunista, que consegue mais facilmente aliciar os jovens, acaba sendo falsa.
92	183	Abril	1957	John C. Caldwell	Reader's Digest	A China Vermelha "ataca o coração" da Ásia	44-47	China	Expansão comunista	Relata a estratégia chinesa de ofensiva política, por todo o Sudeste da Ásia, desde Hong-Kong até a Indonésia, no sul, e até a Índia, no oeste. A principal arma era o chamado "Ataque ao Coração", e teria como alvo os 12.500.000 chineses que viviam fora do país. Agentes chineses infiltrados empregariam subornos, ameaças e subversão, terror e assassinato, para que apoiassem o plano comunista.

93	183	Abril	1957		Livro de James A. Michener, de 1957.	A ponte de Andau	129-212	Eurásia	Resistência anticomunista	Livro com depoimentos de testemunhas da revolta em Budapeste, entre 23 de outubro e 7 de novembro de 1956. Para muitos húngaros que lutaram participaram do combate, as baixas totais estiveram por volta de 80.000, e no máximo 8.000 soviéticos. Segundo Michener, "Na Hungria, o comunismo russo mostrou ao mundo seu verdadeiro caráter. Com uma ferocidade e barbarismo inigualados na história, destruiu cruelmente uma população indefesa". Depois do ocorrido, "o povo nos países satélites e nas nações livres sabe agora que a Rússia é o inimigo mortal, pois a Hungria destruiu a grande mentira russa". A ponte de Andau era fisicamente insignificante, mas tornou-se durante algumas semanas uma das mais importantes do mundo, pois através dela saíram do país mais de 20 mil refugiados.
94	184	Maio	1957	Fred Clark e Richard S. Rimanoczy	Livro The Economic Facts of Life	O que o marxismo promete o moderno capitalismo dá	56-57	Aspectos teóricos	Comunismo	Os autores afirmam que Marx errou quando disse que a justa distribuição da renda está no confisco da propriedade privada. "Na Rússia, após 30 anos de socialismo, não se conseguiu progresso comparável ao norte-americano". Por exemplo, na Rússia trabalhadores mais mal pagos ganham cerca de US\$ 25 por mês, enquanto que nos EUA esse valor é de US\$ 200. "O segredo das boas rendas para toda a gente sob o capitalismo de propriedade privada é simples: para que haja produção em massa, deve haver consumo em massa, o que, por outro lado, requer poder de aquisição em massa, que, por sua vez, necessita grandes rendas para as massas". O fracasso da filosofia de Marx, dizem, impedirá que socialistas e comunistas norte-americanos tenham possibilidade de subir ao poder pelo voto.
95	184	Maio	1957		Time	Ele sustentou a defesa da Europa	122-124	Eurásia	Resistência anticomunista	O artigo defende a continuidade das tropas da OTAN na Europa Ocidental, organizadas desde 1949. Também é homenagem ao Gal. Gruenther, responsável por três anos pela condução da organização, e que fez com que os países-membros adotassem nova estratégia, a partir de 1954: em vez de infantaria forte, apoiada na artilharia e na aviação, seria a infantaria apoiando ataque atômico. Para o general, somente assim seria possível resistir à subversão comunista na Europa.
96	184	Maio	1957	Hans Hardt	Reader's Digest	Fale-nos de Fichtenhorst!	145-152	Eurásia	Resistência anticomunista	O autor do artigo, cujo nome foi alterado, conta a história de sua travessia entre a cidade de Fichtenhorst, localizada na zona polonesa, para a Alemanha Ocidental.
97	185	Junho	1957	George Kent	Reader's Digest	A colheita de ódio do Kremlin	111-123	Eurásia	Resistência anticomunista	Retrata diversos protestos contra as tropas soviéticas no massacre da rebelião da Hungria. O autor descreve manifestações em Paris, Montevidéu, Buenos Aires, NY, Inglaterra, Berlim Ocidental, Luxemburgo, Bélgica, Islândia, Canadá, Áustria, Indochina etc. Outro efeito da intervenção soviética foram as baixas em diversos PCs e em organizações sindicais. A onda de protesto foi observada em periódicos e jornais. Sindicatos emitiram notas condenando a ação da URSS. Também é citado Sartre, conhecido simpatizante do comunismo: "Condeno completamente e sem reservas a agressão soviética. O crime para mim não está no ataque de Budapeste, mas no fato de ter sido tornado factível, por doze anos de terror e imbecilidade... os erros não se corrigem com canhões"

98	186	Julho	1957	John C. Caldwell	Reader's Digest	Eu estudei na China Vermelha	53-58	China	Doutrinação comunista	Trajetória de um rico estudante chinês, que vivia fora da China, e que foi atraído pela propaganda para estudar na China Comunista. Mas só encontrou logro e desilusão. Teve que passar primeiro por um curso de marxismo e leninismo, e em seguida foi enviado 5.000 km distante, para uma cidade na Manchúria, onde viveu praticamente preso e vigiado o tempo todo. Na escola, era doutrinado a acreditar que existiam dois grupos no mundo: as nações traficantes de guerra, tendo à frente os EUA, e as nações amantes da paz, tendo à frente a URSS.
99	186	Julho	1957	Harold H. Martin	The Saturday Evening Post	O homem que queria ajudar a Hungria	96-101	Aspectos teóricos	Coexistência	O artigo mostra o esforço de um cidadão comum norte-americano em ajudar os combatentes da Hungria, enviando medicamentos e alimentos. Mas no fundo, queria ter ajudado com armas, o que muito contribuiria para o fim da tirania soviética.
100	187	Agosto	1957	Lin Root	Reader's Digest	A recuperação da Alemanha	52-58	Eurásia	Resistência anticomunista	Sobre a estrondosa recuperação econômica da Alemanha Ocidental. Mas o autor faz referências à Alemanha Oriental, dizendo que há grande contraste entre o crescimento da parte ocidental e os 17 milhões que vivem "a leste da liberdade". Para ele, "estes outros alemães, sob a tirania comunista e no regime de trabalho escravo, cada dia estão mais apáticos e em maior miséria". Diz que a prosperidade da parte ocidental pode dar ao leste exemplo dos benefícios da liberdade política e econômica.
101	188	Setembro	1957	Christine Hotchkiss	Reader's Digest	A revolução silenciosa da Polônia	53-61	Eurásia	Resistência anticomunista	Mostra as relações entre a Polônia e a URSS, a partir da "revolução silenciosa de outubro de 1956", quando o governo polonês enfrentou a opressão soviética e com isso conseguiu certa autonomia. Para o autor, os soviéticos aceitaram a situação na Polônia pois sabiam que se usassem a força o país se levantaria, e eram 28 milhões de habitantes com um exército considerável e bem equipado; além disso, fatalmente a Alemanha Oriental entraria no conflito. Mas após 15 dias a URSS esmagava cruelmente uma revolta de estudantes e operários na Hungria, e isto fez com que a Polônia buscasse um meio-termo nas relações com os soviéticos. Por fim, o autor diz que a Polônia está lentamente se abrindo ao Ocidente, tendo inclusive celebrado com os EUA, em junho de 1957, um acordo de empréstimos para a compra de produtos excedentes norte-americanos.
102	189	Outubro	1957	Hollington Tong	Reader's Digest	Por que a China Vermelha não romperá com a Rússia	68-72	China	URSS	O artigo mostra que vai demorar para a China se tornar autônoma em relação à URSS, pois continua dependente tanto em equipamentos militares e assistência técnica quanto na esfera econômica, pois todos os planos foram estabelecidos em conjunto com os soviéticos. Para o autor, "esperar que Mao Tsé-tung venha a fazer um 'titoismo' não tem validade nem lógica"

103	190	Novembro	1957	Eugene Lyons, redator do <i>Reader's Digest</i> , "tem dedicado sua vida ao estudo da Rússia Soviética e do Comunismo". Trabalhou de 1928 a 1934 como correspondente da United Press em Moscou. É autor de vários livros.	Reader's Digest	Krushchev - o novo senhor do Kremlin	54-63	Eurásia	Regime soviético	O artigo constrói a figura de Krushchev de forma extremamente negativa e perversa, afirmando que por trás daquele comportamento amigável, benigno, bem-humorado e cordial, preocupado com o bem-estar dos seus súditos e com a paz em todo o planeta, existe um homem cruel e sem escrúpulos, "do mesmo pano de Stalin e segundo o molde stalinista", e que tem "o mesmo talento de Stalin para a intriga, a chantagem e o assassinio". Tendo destruído o mito de Stalin, Krushchev está construindo, de forma astuta, o seu próprio mito; mas para o povo soviético, "ele continua sendo o açougueiro da Ucrânia e da Hungria".
104	191	Dezembro	1957	Eugene Lyons, redator do <i>Reader's Digest</i> , "tem dedicado sua vida ao estudo da Rússia Soviética e do Comunismo". Trabalhou de 1928 a 1934 como correspondente da United Press em Moscou. É autor de <i>Missão na Utopia</i> , <i>Nossos Aliados</i> <i>Secretos: os Povos da Rússia</i> etc.	Reader's Digest	O livro que está abalando o mundo comunista	33-38	Aspectos teóricos	Comunismo	Milovan Djilas, ex-vice-presidente da Iugoslávia, está preso desde novembro de 1956, por ordem do Mal. Tito, após a publicação nos EUA de seu livro <i>A Nova Classe</i> , escrito secretamente durante mais de 2 anos. Nele, rejeita integralmente o comunismo, pois apresenta um problema insolúvel, a "ausência de liberdade", além dos regimes comunistas se caracterizarem como "uma forma de guerra civil latente entre o governo e o povo". O <i>New York Times</i> considerou seu livro "a mais penetrante análise do comunismo moderno, [que] revelou a essência da tirania e do embuste comunista". Num artigo de <i>Life</i> , é "provavelmente o mais arrasador documento anticomunista já escrito". Segundo Djilas, os horrores e as corrupções presentes no comunismo são inerentes à sua própria natureza, e portanto, seus regimes devem acabar no despotismo.
105	192	Janeiro	1958	Stanley High	Reader's Digest	A Alemanha Vermelha perde a guerra contra a Igreja	47-51	Eurásia	Al. Oriental/Berlim	Afirma que a Igreja Cristã resiste bravamente, sob a autoridade do Bispo Otto Dibelius, à opressão do regime comunista na Alemanha Oriental, empenhada em suplantar Deus. Para Dibelius, "O Estado não é o nosso Deus. Ainda devemos obediência em primeiro lugar a Deus, não aos homens".
106	192	Janeiro	1958	John E. Roche	Reader's Digest	Incidente no Mar do Japão	107-116	Eurásia	Regime soviético	Único sobrevivente do avião RB-50, em vôo entre o Japão e a Sibéria, conta seu dramático salvamento. No artigo, menciona que o governo soviético divulgou nota à Embaixada dos EUA em Moscou, afirmando que o avião norte-americano violara o espaço aéreo soviético, e que foi avisado por dois caças MIG, mas abriu fogo, e os soviéticos foram obrigados a responder, derrubando assim o RB-50 no Mar do Japão. O capitão diz que conseguiu sobreviver para contar a verdade.
107	193	Fevereiro	1958	Cameron Hawley	The Saturday Evening Post	A Índia ensaia uma nova liberdade	45-51	Eurásia	Resistência anticomunista	O autor afirma que a Índia, mesmo ainda pregando o socialismo estatal (para ele ilusoriamente bem-sucedido até 1956, quando havia se focado na agricultura), está modificando o curso de sua economia, com incentivos à livre iniciativa. "A inclinação da Índia para a direita é em grande parte consequência do descrédito do planejamento socialista". Este fato significa um exemplo às outras nações subdesenvolvidas.

108	193	Fevereiro	1958	Jerome Wilson	Reader's Digest	O maior "gangster" de Moscou na Europa	134-140	Eurásia	Comunismo	Descreve as atividades de Ernst Wollweber, quando Ministro da Segurança da Alemanha Oriental: sabotagem em navios e instalações portuárias da OTAN, espionagem, raptos e assassinatos políticos, e fomento de greves nas indústrias pesadas da Alemanha. O autor acredita que estes atos, promovidos pela URSS na Alemanha Oriental, tinham como objetivo conquistar todo o país, pois esta é a chave do domínio comunista na Europa. Wollweber, antes de ter sido ministro, ocupou o cargo de chefe da SSD (polícia secreta da Alemanha Oriental), após os motins de operários em junho de 1953.
109	193	Fevereiro	1958	Dr. Guillermo Labbé	Reader's Digest	Depois de "executado", voltou para salvar a Pátria	160-167	América Latina	Expansão comunista	Escrito por um médico da Guatemala que presenciou o levante de populares contra o governo de Arévalo, que tinha Arbenz como Ministro da Defesa, e cujo objetivo era tomar a base militar de La Aurora. Incumbido de identificar os 26 corpos no necrotério da cidade, o médico descobriu três vivos. Um deles era o coronel Carlos Castillo Armas, que depois de recuperado foi preso, mas conseguiu fugir e refugiar-se na embaixada da Colômbia, indo depois para este país, e por fim para Honduras, onde, em 13 de junho de 1954, atravessou a fronteira e conseguiu derrubar o governo comunista. Mais tarde, Armas foi eleito presidente.
110	194	Março	1958	John Gunther	Livro Inside Russia Today	Moscou, cidade monótona	34-39	Eurásia	Regime soviético	Relato do monótono cotidiano de Moscou. O autor mostra que nenhum cidadão chegou a ler uma coluna social, nunca viu um supermercado, um cinema ao ar livre, ou um campo de golfe, nunca pagou contas com cheques, nunca viu uma torradeira elétrica. São as roupas que mais contribuem para a monotonia e a desolação de Moscou, pois seu povo veste geralmente o preto lúgubre e triste. Os soviéticos são fascinados em sapatos, inclusive cita que: "Se Marilyn Monroe aparecesse na rua inteiramente nua, todo mundo lhe olharia primeiro os pés". A URSS "é um país onde ninguém se expõe às críticas, governado que é por um regime sem coração. O mundo exterior é o inimigo e é preciso estar vigilante contra ele a todo o custo". Mas se o povo soubesse o que se passa no exterior, conclui o autor, fatalmente seria o começo do fim do regime comunista.
111	195	Abril	1958	William Henry Chamberlin, correspondente estrangeiro de <i>The Christian Science Monitor</i> e cronista de <i>The Wall Street Journal</i> , comentarista político, e autor dos livros <i>The Russia Enigma</i> e <i>America's Second Crusade</i> .	Reader's Digest	Onde o socialismo falhou	48-52	Aspectos teóricos	Comunismo	Com o fim da Segunda Guerra houve forte ascensão do socialismo, que decresceu principalmente depois da intervenção soviética na Hungria. Para ele, a fé no mercado livre e o incentivo individual do capitalismo substituiu amplamente o planejamento e o racionamento do socialismo. Para o autor, o que realmente fracassou foi o núcleo do credo socialista. Um exemplo de que a economia livre deu um golpe no socialismo é o caso da recuperação da Alemanha, onde ficou demonstrado que uma economia livre tem melhores condições de produzir um máximo de economia, de melhor qualidade para um maior número de pessoas. O que dá ao capitalismo o seu poder dinâmico é a liberdade individual, coisa que nenhum governo comunista pode-se dar o luxo de conceber.

112	195	Abril	1958	Walter Robertson	Western World	Deve ser admitida a China Vermelha?	84-86	China	ONU	Subsecretário de Estado dos EUA para os Negócios do Extremo Oriente discute a admissão da China Comunista na ONU. Propõe que se faça à China três perguntas que estão presentes na Carta da organização: É amante da paz? Aceitará as obrigações da Carta? Pode e quer cumprir tais obrigações? Para ele nenhuma resposta seria afirmativa, e cita ações agressoras dos chineses, como no caso da Coreia, no apoio à insurreição no Vietnã, a conquista do Tibet, a invasão da Birmânia e o apoio à rebeldia contra o governo do Laos. A entrada da China na ONU diminuiria a resistência ao comunismo; além disso, sua admissão excluiria Formosa, e isso produziria efeitos desfavoráveis entre as nações livres. URSS e China na ONU formariam uma equipe desfavorável ao mundo livre.
113	196	Maio	1958	John Gunther	Livro Inside Russia Today	A Rússia chama para a escola	43-46	Eurásia	Regime soviético	Relato do sistema educacional soviético, que o autor considera positivo e de alto investimento, principalmente em ciência e tecnologia. Menciona o número elevado de universidades e de escolas técnicas, e o rigor da grade curricular exigida na instrução. Depois de toda a descrição ele pergunta: para que tanta educação se as pessoas acabam se tornando autômatas e obedientes, se essa educação não produz espíritos livres? E afirma que essa educação em massa na URSS pode até mesmo enfraquecer e modificar a estrutura do regime soviético. E cita Nehru: "O movimento educacional que está sendo implantado na União Soviética poderia no futuro fazer prevalecer a expressão 'democrática do povo'".
114	196	Maio	1958	Louis Fischer, "observador perspicaz das coisas russas", visitou Moscou pela primeira vez em 1922 e viveu 14 anos como correspondente estrangeiro; autor de <i>Soviets in World Affairs</i> e <i>The Life and Death of Stalin</i> .	The New Leader	O erro fatal do Marechal Zhukov	92-95	Eurásia	Regime soviético	Descreve o plano de Krushev em se tornar o número 1 na direção do regime soviético. Primeiro, Krushev se apóia no Mal. Zhukov para obter o afastamento de Malenkov e Molotov. Em seguida, aproveitando-se de uma viagem de Zhukov à Iugoslávia, busca apoio no Marechal Konev, e juntos conseguem destituir Zhukov do cargo de Ministro da Defesa e expulsá-lo do Presidium. Mas o autor também afirma a existência de uma legião de inimigos de Krushev, e que se os seus planos econômicos e políticos forem bem-sucedidos ele poderá se manter no poder, mas caso ocorra algum insucesso na economia ou na política externa, seus adversários se unirão contra ele. "O que é certo, porém, é que a sua intenção de fazer o Partido dominar a indústria, o exército e tudo mais deverá produzir atritos, ressentimentos e oposição."
115	197	Junho	1958	Paul Palmer	Reader's Digest	União Soviética versus EUA - quais são os fatos?	39-45	Aspectos teóricos	Coexistência	O autor indaga sobre as relações militares entre a URSS e os EUA, a um almirante, Chefe das Operações Navais dos Estados Unidos, um general, Vice-Chefe do Estado-Maior da Força Aérea Norte-Americana, e ao Presidente da Comissão de Energia Atômica do Estados Unidos. Algumas das questões: haverá uma guerra total entre EUA e URSS? Os soviéticos têm projéteis balísticos intercontinentais em condições de uso? Os soviéticos estão à frente dos EUA em ciência, técnica e produção? Qual é a importância dos satélites artificiais? Quais as precauções para que não ocorra acidentalmente uma guerra atômica?

116	197	Junho	1958	Henry Jordan	Argosy	Ivan Serov: verdugo nº 1 do Kremlin	145-154	Eurásia	Regime soviético	Descreve a trajetória de Ivan Serov, chefe do recém-criado KGB (Comitê de Segurança do Estado) e que dominava a polícia secreta soviética, ameaçando o mundo livre com uma enorme rede de espões. Afirma que Serov foi responsável pelo assassinato do membro do Politburo e chefe do PC de Leningrado Sergei Kirov; durante a ocupação da Polônia, Serov foi responsável pela deportação e morte de mais de 1 milhão de pessoas; atuou na repressão às repúblicas da Letônia, Estônia, Lituânia e Chechen-Ingush. Na Alemanha, ocupando o cargo de Primeiro-Assistente do Mal. Zhukov, dedicou-se à caça dos técnicos alemães que haviam fabricado os projéteis V-1 e V-2. O autor acredita que Serov acabou traindo Stalin.
117	198	Julho	1958	Hanson W. Baldwin	The New York Times	Qual é a situação	51-59	Aspectos teóricos	Armamentismo	O artigo foi resultado de entrevistas feitas com líderes militares dos EUA e de outros países. Mostra qual a situação de um possível conflito entre a URSS e os EUA. Após o lançamento do satélite soviético ocorreu uma precipitada avaliação de que os soviéticos haviam alterado o equilíbrio do poderio mundial. Para o autor não é verdade: os soviéticos continuavam inferiores em poderio militar total, em força industrial, em engenharia básica, e em capacidades técnicas e científicas. Para corroborar sua afirmação, ele discute o <i>status</i> dos EUA nos mesmos quesitos. Mas alerta para a necessidade de que o Ocidente deve se preparar o mais rápido possível, em virtude de que o ritmo de desenvolvimento soviético tem-se elevado de forma intensa, enquanto que a superioridade do Ocidente está reduzindo.
118	199	Agosto	1958	Eugene Lyons, redator do <i>Reader's Digest</i> , "tem dedicado sua vida ao estudo da Rússia Soviética e do Comunismo". Trabalhou de 1928 a 1934 como correspondente da United Press em Moscou. É autor de <i>Missão na Utopia</i> , <i>Nossos Aliados</i> <i>Secretos: os Povos da Rússia</i> etc.	Reader's Digest	Refugiados: fracasso do Mundo Livre	55-61	Aspectos teóricos	Coexistência	Os refugiados que conseguem chegar à Europa Ocidental ficam em campos lotados, fétidos e em más condições. O processo de seleção é moroso, fazendo com que permaneçam em média 9 meses no campo, mas alguns ficam durante anos. O autor cita os refugiados da Hungria, em fins de 1956, que foram rapidamente absorvidos por 35 países, o que deixou refugiados de outros países aguardando mais tempo a sua vez. Há na Europa Ocidental 200 mil refugiados dos países da Cortina de Ferro, espalhados por 180 campos. Desde o fim da Segunda Guerra, cerca de 1,5 milhão foram absorvidos pelo Ocidente. Para o autor, o critério de seleção dá preferência para jovens aptos. Uma forma de desafogar um enorme número de refugiados que se encontram nos campos "deverá ter por base a verdade evidente que os fugitivos do despotismo vermelho constituem responsabilidade comum de toda a comunidade das nações livres". Afirma também que os processos de seleção devem ser mais simples, padronizados e rápidos.
119	199	Agosto	1958		Time	Através dos muros de uma prisão	115-116	Eurásia	Resistência anticomunista	Descreve a vida de dois húngaros na prisão: Paul I., ex-adido de imprensa na Grã-Bretanha, preso em Budapeste desde 1949, e a jovem Florence M., filha de uma inglesa e que trabalhara no Automóvel Clube Húngaro, presa por acusação de espionagem. Em celas separadas, conseguem se comunicar reproduzindo as letras do alfabeto através de sons por batidas. Ela consegue sair da prisão. Ele, somente depois da visita de Buganin e Krushev à Inglaterra. O casal se reencontra e acaba se casando. E durante o movimento popular da Hungria, ambos andaram por toda noite "através de pantanais alagadiços e campos minados, transpondo as fronteiras da Áustria para a liberdade".

120	199	Agosto	1958	Eugene Lyons, redator do <i>Reader's Digest</i> , "tem dedicado sua vida ao estudo da Rússia Soviética e do Comunismo". Trabalhou de 1928 a 1934 como correspondente da United Press em Moscou. É autor de <i>Missão na Utopia</i> , <i>Nossos Aliados</i> <i>Secretos: os Povos da Rússia</i> etc.	Reader's Digest	"Negociando" com o Kremlin	146-161	Aspectos teóricos	Coexistência	Dos acordos e promessas entre o Ocidente e o Oriente, muitos não foram cumpridos. O autor relata alguns exemplos: as independências da Geórgia e da Ucrânia, reconhecidas por Moscou, mas que entre 1921 e 1922 foram invadidas e absorvidas pelos soviéticos; o estabelecimento das relações diplomáticas entre os EUA e a URSS em 1933, quando ficou definido que ambas nações se absteriam de interferir nos assuntos internos dos governos (em 1935, no Congresso da III IC, delegados do PC americano receberam instruções sobre os novos métodos para destruir a ordem social americana). A "longa lista dos rompimentos de compromissos pelo Kremlin deriva de um código pervertido de conduta, sancionado por doutrinas comunistas. E cria um sério risco nas negociações com os soviéticos". Continuava a regra de Lenin: "é necessário usar todo o ardil, toda a astúcia, todo o recurso ilícito, toda a evasiva e dissimulação da verdade".
121	200	Setembro	1958	Stanley High	Reader's Digest	O inabalável Foster Dulles	90-94	Aspectos teóricos	Coexistência	O artigo faz menção à força que o Secretário de Estado John Foster Dulles representa para o Mundo Livre. Em 1953, quando assumiu, avaliou que a nova linha de Moscou, da "paz a todo custo", levava o Ocidente à despreocupação e à inércia. Em seu discurso pela TV, afirmou: "Temos inimigos que estão fazendo planos para a nossa destruição. São eles os comunistas russos e os seus aliados em outros países". Também chamou a atenção dos líderes dos países aliados da Europa Ocidental, que reduziam recursos para a defesa comum. Dulles é o inimigo público número um do comunismo: os EUA deveriam pressionar a URSS para que não reiniciasse o conflito na Coreia, em 1953. Com essa mesma pressão os EUA haviam salvo o Vietnã Meridional, o Laos e o Camboja, "do esperado avanço vermelho pelo Sudeste da Ásia".
122	200	Setembro	1958	James A. Michener. Formado em História, consagrou-se como escritor; livros: <i>Tales of South Pacific</i> , <i>Sayonara</i> , <i>Iberia</i> , <i>As Pontes de Toko-Ri</i> , <i>A Saga do Colorado</i> , <i>Os Rebeldes</i> , <i>A Ponte de Andau</i> etc.	Reader's Digest	A batalha pela Birmânia	130-140	Eurásia	Resistência anticomunista	O artigo informa sobre intensa batalha dos russos e chineses para a conquista dos birmaneses, e que em nenhum outro país neutro é tão incerto o resultado da guerra entre a liberdade e o comunismo. Pela sua Constituição, a Birmânia é um Estado socialista, e muitos observadores prediziam que no máximo cinco anos após sua independência (julho 1947), a URSS estaria controlando o país. Isto não ocorreu graças à ajuda de outros países como Israel, Japão, Índia, Holanda, assim como da ONU, da OIT, do Banco Mundial e de empréstimos dos EUA e da Fundação Ford. O autor afirma que a ajuda soviética era ilusória, mas não foi isso que afastou a Birmânia do seu curso pró-comunista, mas a desastrosa experiência do socialismo estatal. O autor espera que a Birmânia se torne um Estado socialista parecido com o britânico, "e com igual dedicação à liberdade".

123	201	Outubro	1958	Robert Littell, especialista em assuntos da URSS, foi redator-geral da Newsweek; escreveu uma série de livros sobre espionagem: <i>The Defection of A. J. Lewinter, The Company, Mother Russia, The October Circle</i> etc.	Reader's Digest	Técnico alemão sequestrado por Moscou	54-59	Eurásia	Regime soviético	Aborda o processo de deportação de 5 mil alemães (cientistas, técnicos, peritos em armamentos, aviação e indústria), para a URSS, junto com mulheres e filhos, para trabalhar no aperfeiçoamento de equipamentos militares, em outubro de 1946. Dentre eles, encontrava-se o cientista Helmut G., que fora um dos responsáveis pela construção da bomba V-2. A deportação em massa contrariava o acordo feito pelo governo soviético, após a Segunda Guerra, de que manteria todos esses profissionais trabalhando na Alemanha Oriental.
124	201	Outubro	1958	Dickey Chapelle, reporter-fotógrafa.	Reader's Digest	A Rússia estaca na Turquia	117-129	Eurásia	Resistência anticomunista	Após a Segunda Guerra, a URSS tentou obter o acesso ao Mediterrâneo, reclamando o controle dos Dardanelos. Mas até hoje o Kremlin tem evitado invadir a Turquia. É o membro mais exposto da OTAN, pois sofre a força comunista da URSS e da Bulgária, além da República Árabe Unida, pró-soviética. O artigo mostra as condições sociais, políticas e econômicas do país, para poder responder à questão inicial: por qual motivo a URSS até o momento não invadira e dominara a Turquia? Resposta: esse domínio ainda não aconteceu, não pelo receio de uma derrota soviética, mas pela força do povo turco, que não se curva diante da tirania.
125	201	Outubro	1958		Livro de Christine Hotchkiss, Home to Poland	Uma vida - dois mundos	160-214	Eurásia	Resistência anticomunista	Uma polonesa, durante a Segunda Guerra, conseguiu fugir, casou-se na Áustria com um oficial norte-americano, e foi morar nos EUA. O artigo trata do seu retorno para uma visita à Polônia, após a revolução de outubro de 1957, quando o país, mesmo comunista, tornou-se autônomo em relação à URSS. A autora critica mudanças ocorridas em Varsóvia durante o domínio soviético.
126	202	Novembro	1958	Ellis O. Briggs	Reader's Digest	Crime e castigo em Praga	75-79	Eurásia	Resistência anticomunista	Relata episódio bem-humorado da passagem do Ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS por Praga, durante sua viagem de Paris a Varsóvia. Nesse trajeto surgiram contratempos para o político soviético, e que formam um todo deveras engraçado.
127	202	Novembro	1958		U.S. News & World Report	O lado fraco do poderio russo	99-103	Eurásia	Regime soviético	O autor nega que a URSS seja, mesmo após ter lançado o primeiro satélite ao redor da Terra, uma nação líder em ciência e em indústria. O autor enumera dados do regime soviético: criação de uma rede de espionagem para vigiar seus próprios cientistas; impedimento de que o povo russo possa viajar, com medo de que possa fazer comparações com o exterior e questionar o regime comunista; a não unificação do país (cerca de 50% dos 200 milhões de habitantes representam minoria nacionais, com 70 línguas diferentes); concentração de recursos no aumento do poderio militar; desperdício de trabalho, onde 52 milhões de soviéticos atuam na agricultura; dificuldade de transportes e comunicações; fraca produtividade industrial; má qualidade da vida urbana; educação voltada somente para formação de cientistas e engenheiros, entre outros.

128	203	Dezembro	1958	James A. Michener. Formado em História, consagrou-se como escritor; livros: <i>Tales of South Pacific, Sayonara, Iberia, As Pontes de Toko-Ri, A Saga do Colorado, Os Rebeldes, A Ponte de Andau</i> etc.	Reader's Digest	Malaca - nação exótica e livre	229- 252	Eurásia	Resistência anticomunista	O autor descreve a Malásia, ex-colônia britânica desde agosto de 1957: sua população, cultura, danças, rituais etc., e também a batalha travada contra os comunistas quando, a partir de fevereiro de 1948, a URSS iniciou um plano de conquista do país por meio do terror. Mostra como se desenrolou a conspiração comunista e de que forma ela foi derrotada, com a intervenção do governo inglês. No caso da China, ela estaria mais preocupada naquele momento com o domínio da Indonésia, e que portanto seus esforços contra a Malásia estavam reduzidos. Mas que, ao fim da conquista daquele país, automaticamente os chineses de Chou-en-Lai residentes no país assumiriam seus postos.
129	204	Janeiro	1959	Ellsworth Raymond, analista político e econômico da Embaixada dos EUA em Moscou, de 1938 a 1943; de 1944 a 1946 trabalhou no Serviço de Informações; atualmente é professor na Universidade de New York.	Reader's Digest	O que os russos me contaram	32-39	Eurásia	Regime soviético	Professor de Estudos Russos na Univ. de New York descreve sua viagem à URSS, no novo regime de Kruschchev. Afirma que os povos da URSS são, na sua maioria, anti-soviéticos, consideram-se comunistas por desconhecer outro tipo de sistema; não se preocupam com a comunização do mundo; têm interesse pela religião, têm inveja do padrão de vida americano e medo profundo de que uma represália dos EUA destrua a URSS num confronto nuclear. Segundo o autor, o povo discute mais criticamente os problemas e exige melhores condições de vida, e por isso o governo soviético tem 3 alternativas: ou faz concessões ao povo, destruindo seu poder ditatorial, ou abre guerra contra o exterior, na busca de unir seu povo, com risco elevado para a sobrevivência do regime, ou promove um expurgo em massa, com igual possibilidade de uma revolta em massa.
130	204	Janeiro	1959	George Mardikian	Reader's Digest	O que é preciso lembrar a respeito do mundo árabe	125- 132	Eurásia	Resistência anticomunista	Afirma que as frágeis relações entre EUA e Oriente Médio estimulam interferência soviética na região. Tenta responder as razões da debilidade nas relações do seu país com os árabes, como o rótulo dado pelos soviéticos de os EUA serem um potência imperialista, o que teve péssima repercussão no mundo árabe, que sofreu séculos de opressão e exploração do imperialismo. Afirma que a URSS somente apoiou a formação do Estado de Israel para explorar essa força perturbadora. Nasser é um anticomunista, pois mesmo odiando o imperialismo, sabe que o praticado pela URSS é o pior de todos. Mas o risco de se entender com o diabo, em Moscou, é grande. Afirma que no Oriente Médio existe uma forte obstáculo ao comunismo, pois 90% da população são de muçulmanos, cientes do que aconteceu com seus irmãos muçulmanos na URSS.
131	205	Fevereiro	1959	David Chipp	The New York Times	Como se controla o pensamento de 650 milhões de chineses	45-48	China	Doutrinação comunista	Após viagem de 2 anos pela China, o autor descreve como o governo comunista controla a vida e até o pensamento do povo. Existe controle em todo o país: nas aldeias, cooperativas agrícolas, fábricas, escolas, universidades, sindicatos, oficinas, estão policiais secretos, mostrando a onipresença do regime. Também há informantes "amadores", cidadãos patrióticos e vigilantes, que denunciam até parentes à polícia. A vigilância ostensiva serve para mostrar aos chineses que eles estão "sob a lente de um microscópio moral e social". Durante anos o conformismo foi suficiente para manter uniformidade no governo, mas não mais. Em todos os locais há grupos de estudo das idéias socialistas e comunistas, além das reuniões de autocrítica, onde as pessoas confessam culpas em relação ao regime.

132	205	Fevereiro	1959	Roscoe Drummond, colunista do New York Herald Tribune Syndicate, em Washington.	Herald Tribune, de New York	Nova arma do Kremlin: a falsificação de documentos	162-166	Aspectos teóricos	Coexistência	Afirma que desde 1957 uma intensa campanha mundial soviética atribui documentos falsos aos Estados Unidos, dados como provas de que os norte-americanos planejam dominar o mundo. As falsas propagandas exploram cinco temas: que a Europa não deve possuir armas nucleares, que Dulles está bloqueando uma conferência de cúpula, que os EUA estão tentando ocupar o Oriente Médio, que planejam dominar o mundo economicamente, e que os norte-americanos anseiam pela guerra. O documento "mais digno de estudo" é um relatório feito por um médico do Comando Aéreo dos EUA, de que 67% dos pilotos e navegadores têm problemas mentais, e são tidos como neuróticos, o que leva a fobias e síndromes histéricas, além de serem bêbados e pervertidos.
133	206	Março	1959	John Stroh - ex-presidente da Associação Americana de Jornalistas Agrícolas, é estudioso dos "problemas de viveres e da agricultura em 70 países, inclusive a Rússia Soviética e a China Vermelha".	Reader's Digest	A campanha de ódio na China Vermelha	45-55	China	Doutrinação comunista	O autor fez uma viagem de 3 semanas pelo território chinês, conversando nas escolas, estabelecimentos agrícolas, hospitais e residências. Mostra que o povo chinês é doutrinado para o trabalho e para o ódio, numa lavagem cerebral que visa a atingir um estado de verdadeira fúria contra os EUA. Todos com quem falou argumentavam sobre os males do imperialismo americano. Essa fúria, propagada pela mídia (60% dos espaços são ocupados por artigos contrários aos EUA), é utilizada pelos dirigentes comunistas como estímulo ao trabalho, deve-se ao reconhecimento norte-americano ao governo de Formosa. Afirma também que os soviéticos consideram a China um aliado e não um "senhor", e que os chineses têm buscado atingir o comunismo puro, coisa que os soviéticos falharam.
134	206	Março	1959	Maria Maleter	Reader's Digest	Artigo Especial: Herói da Hungria rebelde.	147-192	Eurásia	Resistência anticomunista	A respeito do movimento na Hungria, em 1956, <i>Seleções</i> publicou artigo da esposa do comandante da revolução húngara, Pal Maleter, sobre a vida e a carreira desse ídolo nacional que foi executado em junho de 1958. Diz a autora: "O comunismo foi o veneno que corroeu e destruiu o nosso casamento (...) o rompimento veio na noite em que Pal quis convencer-me da perfeição da ideologia comunista".
135	207	Abril	1959	Eugene Lyons, redator do <i>Reader's Digest</i> , "tem dedicado sua vida ao estudo da Rússia Soviética e do Comunismo". Trabalhou de 1928 a 1934 como correspondente da United Press em Moscou. É autor de <i>Missão na Utopia</i> , <i>Nossos Aliados</i> <i>Secretos: os Povos da Rússia</i> etc.	Reader's Digest	O livro que o Kremlin tem medo de deixar os russos lerem	60-67	Eurásia	Comunismo	"Dr. Jivago", de Boris Pasternak, alcançou repercussão mundial após vencer o Nobel de Literatura. Por pressão do governo soviético, o autor recusou o prêmio. Descreve que motivos faziam com que a URSS não permitisse a divulgação da obra no país, alegando que Pasternak despiu a revolução de todo romantismo, que "a obra exalta o homem acima do Estado, a vida acima do dogma, a consciência acima do conformismo". O autor não pretendia denunciar nem polemizar, mas apenas retratar realidades com paixão e sinceridade. "A sua discordância não é política; o seu interesse fica na zona da ética, da estética, da filosofia. Mas seja qual for a intenção, o resultado equivale a uma arrasadora acusação do comunismo". O livro mostra profundo respeito pelo indivíduo e desconfiança em face do Estado arrogante, e isto abalou os homens do Kremlin. Segundo o autor, é ilógico que um país que tem um poderoso exército, que lançou o Sputnik, que explodiu bombas de hidrogênio, esteja com medo de um escritor.

136	207	Abril	1959	Gal. James Gavin	Livro War and peace in the space age	Guerra total ou guerras limitadas?	77-83	Aspectos teóricos	Armamentismo	General reformado critica a política militar adotada pelos EUA após a Guerra da Coréia. Denuncia mais esforço na produção de armas nucleares redução dos contingentes do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais sob alegação de contenção de despesas de defesa. Esse tipo de política busca a solução para uma guerra total, enquanto que do lado soviético isso não tem sido promovido, pois tem buscado guerras limitadas. "Enquanto nossa posição não melhorar, as guerras limitadas resultarão em derrotas limitadas - derrotas estas que explicaremos na ocasião, mas que poderão levar-nos à derrota total ou à guerra generalizada".
137	208	Maio	1959	Enno Hobbing	The New Leader	A Rádio Libertação penetra a Cortina de Ferro	128-134	Eurásia	Resistência anticomunista	Como funciona a Rádio Libertação, financiada pelo Comitê Americano Pró-Libertação, com programas 24 horas por dia, em russo e em mais 17 línguas, a partir de estações em Munique e em Formosa, alcançando a URSS e países da Europa Oriental. Os programas são conduzidos por cerca de 150 refugiados soviéticos, que podem falar "nós, russos", "nós, ucranianos" e "nós, muçulmanos". Segundo um dos organizadores, a Radio Libertação "fornece aos seus ouvintes soviéticos munição mental e espiritual para a sua luta pela liberdade".
138	209	Junho	1959	Dickey Chapelle, reporter-fotógrafa.	Reader's Digest	Lembrem-se de 26 de julho! A história de Fidel Castro e a libertação de Cuba	27-34, 172-194	América Latina	Cuba	A autora acompanhou a queda do governo de Fulgêncio Batista, e faz um traçado historiográfico de Cuba, desde fins da década de 20, com as ditaduras anteriores, e também da vida de Fidel Castro, desde a sua tentativa de eleição para o Parlamento, em 1952, as tentativas frustradas de tomar o poder (julho de 1953 e novembro de 1956) até a vitória final. Não faz menção à tendência comunista da rebelião, mas a autora confirma boatos nesse sentido, embora não tenha encontrado junto aos rebeldes qualquer indício de comunismo. Busca uma posição moderada, mas elogia a postura de Fidel, um autêntico herói popular. "É um cubano em ponto maior, com todos os defeitos e virtudes do seu povo".
139	209	Junho	1959	Selwyn Lloyd, Ministro das Relações Exteriores da Grã-Bretanha	Reader's Digest	Como viver com os russos	84-94	Aspectos teóricos	Coexistência	Plano para a efetivação da coexistência pacífica entre o Ocidente e o mundo soviético, algo difícil, pois os comunista têm como único plano o domínio do planeta. As medidas: fortalecimento do Ocidente; a constante vigilância; a solução de outros problemas mundiais: no Ocidente, a desunião política e econômica, no Terceiro Mundo, a fome, a ignorância e a miséria, a doença, a subprodução e a superpopulação ("Deve-se evitar quaisquer formas de desigualdades legal ou econômica, em virtude de crença, cor ou raça, qualquer injustiça social que leve à intolerância entre grupos"); a remoção de barreiras econômicas e alfandegárias entre países do Ocidente; fortalecimento das Nações Unidas; ampliação da assistência técnica às nações subdesenvolvidas; desobstrução do caminho para relações entre povos do bloco comunista e o Mundo Livre.
140	210	Julho	1959		Time	Não há missão mais nobre...	141-142	Aspectos teóricos	Coexistência	Os objetivos de John Foster Dulles para a política exterior dos EUA e demais países das Nações Unidas, exceto a URSS, e que poderiam ser sintetizados em 3 princípios: condenar mais e tolerar menos os atos do bloco comunista; exigir da ONU decisões verdadeiramente morais, em lugar de votações feudais, por blocos, regiões geográficas ou de povos ricos <i>versus</i> povos pobres; estimular o emprego mais amplo da Corte Internacional de Justiça. "Conseguir a paz pela lei é uma tarefa que exigirá paciência e perseverança, mas não há missão mais nobre".

141	211	Agosto	1959	Enno Hobbing	The Lion	Cantando na Rússia soviética	100-118	Eurásia	Regime soviético	Relato de viagem não-oficial de 18 estudantes universitários dos EUA, do Coral Russo da Universidade de Yale, à URSS. Cantaram em praças, museus, praias etc. Assim, faziam contato com o povo e extraíam impressões sobre o país: que as músicas russas emocionavam os ouvintes, pois não eram mais cantadas na URSS; que o povo russo não queria a guerra; que não existia liberdade de imprensa; que os soviéticos não haviam perdido a capacidade de pensar; que a ditadura soviética não dizia a verdade quando aludia à unidade de governantes e governados etc. "Nossa música permitiu-nos conhecer os russos melhor, e abriu caminho para que nossas idéias de liberdade penetrassem nos espíritos soviéticos".
142	211	Agosto	1959		Time	Fogo no Teto do Mundo	149-158	China	Expansão comunista	Descreve geopolítica, povo e cultura do Tibet, e a vida do Dalai Lama. Conta que em maio de 1951 houve acordo em que a China deixava o Tibet autônomo sem alterar os poderes do Dalai Lama, e o Tibet cedia à China a direção das suas relações exteriores. Mas em 1959, em virtude do não apoio do Dalai à China no combate às guerrilhas que se formaram no país, os chineses passaram a dominar. Dalai se refugia na Índia, em março de 1959. A violência do massacre, comparado à invasão soviética em Budapeste, deu uma visão mais realista do comunismo para os asiáticos, ao invés dos "bem intencionados discursos do Ocidente".
143	212	Setembro	1959	Eugene Lyons, redator do Reader's Digest, "tem dedicado sua vida ao estudo da Rússia Soviética e do Comunismo". Trabalhou de 1928 a 1934 como correspondente da United Press em Moscou. É autor de Missão na Utopia, Nossos Aliados Secreos: os Povos da Rússia etc.	Reader's Digest	As muitas faces de Nikita Khrushchev	37-43	Eurásia	Regime soviético	O maior risco mundial é o poderio da URSS nas mãos de um único líder, Nikita Krushev. Portanto, nunca o espírito, o caráter e o temperamento de um ser humano teve tanta importância para o mundo. Na superfície ele era fanfarrão, cordial, encantador, cativante, jovial, mas disfarçava sua dureza brutal, inteligência e astúcia. Segundo o ex-Primeiro-Ministro francês, Antoine B., Krushev era um bruto, um rude, mas extremamente inteligente; para o senador Robert H. Humpfrey era manhoso e astuto, que sabia o que queria. Os emigrados soviéticos ressaltavam nele a crueldade e insensibilidade moral, e que sua atual atitude pós-stalinista de moderação era uma cínica representação. Um ex-professor universitário da Ucrânia diz que era um homem destituído de princípios, sem o menor traço de comunismo ou qualquer outra espécie de idealismo. Baseado na idéia de Krushev de construir um comunismo universal, Lyons acredita na impossibilidade de um conflito nuclear, mas na "vitória mundial sem guerra mundial".
144	212	Setembro	1959	Edith Bone	Livro Seven years solitary	Sete anos de solidão	140-148	Eurásia	Resistência anticomunista	Descreve os sete anos de prisão de uma inglesa de 61 anos, de 1950 a 1956, numa prisão comunista da Hungria, acusada de ser agente-secreto. Foi libertada depois da insurreição dos estudantes universitários de Budapeste.

145	213	Outubro	1959	Herbert L. Matthews	The New York Times	Aviso a Washington: a América Latina é vital para o hemisfério	47-50	América Latina	Visão ocidental	O artigo faz apologia à importância da América Latina para os assuntos norte-americanos, e que esse novo olhar para os vizinhos do sul ocorreu depois da viagem do vice-presidente Nixon, em abril-maio de 1958. Washington reviu sua maneira de agir, entendendo que a América Latina era fundamental para a liberdade, e que se não existir respeito e amizade, os latino-americanos poderiam ir para o neutralismo, para a americanofobia, ou debandar para o comunismo. É zona politicamente instável, em ebulição social, e por isso fértil para o comunismo, e que a URSS já mostrava interesse pelo comércio e pela política na região. Sem estabilidade econômica, a crise vai ser efetivada, e uma reação comunista, ou de combinação de elementos militares com os comunistas, seria provável. Os EUA também deveriam escolher melhor os embaixadores nos países latino-americanos, para que o caso cubano não se repetisse.
146	213	Outubro	1959	Prescott Bush, senador norte-americano	Reader's Digest	A União Soviética precisa ver para crer!	69-73	Aspectos teóricos	Armamentismo	Afirma que Krushev não conhece a situação dos EUA, e que seus auxiliares mentem sobre o poderio militar norte-americano. Sugere que o alto comando soviético seja convidado a ver pessoalmente esse poderio militar, passando pelas bases, instalações de guerra, o comando aéreo estratégico, voar nos aviões de caça ou fazer uma viagem num submarino atômico, conhecer o cargueiro da Marinha, ir até o Cabo Canaveral etc. Assim, o Kremlin poderia ser dissuadido de começar uma guerra. "Que melhor meio de dissuadir do que exibir?"
147	213	Outubro	1959	Charles D. Rice	This Week	Poderá haver guerra sem morte?	105-108, 121	Aspectos teóricos	Armamentismo	O general reformado Crease afirma que a possível existência de uma arma psicoquímica na URSS, pronta para uso, é grande risco para a humanidade, pois poderia produzir guerras sem mortes. Atuando na <i>psique</i> do indivíduo, alterando comportamento e capacidade de julgamento, poderia tornar uma cidade inteira se tornasse indefesa, pela confusão mental que poderia provocar. Por exemplo, se lançada em meio a uma concentração de soldados, estes poderiam ficar com medo da companhia humana, e se dispersariam, refugiando-se nos porões.
148	213	Outubro	1959	Maks Snuderl, professor de Direito na Iugoslávia	East Europe	Vida de cão na China	164-165	China	Doutrinação comunista	Relata visita à China, onde não viu cães. Um homem que tinha cão virou suspeito para os vizinhos, que o questionaram sobre como conseguia alimentá-lo (imagina-se o gasto, caso os 600 milhões de chineses tivessem cães). Que, em vez de passear com o cão, devia realizar atividade benéfica para a comunidade. Por ser diferente, o homem tendia a um desvio direitista. Mas, na visão de um membro do Partido, o homem tirava sua própria comida para alimentar o cão, e portanto tinha o direito de possuí-lo. Ai os vizinhos adotaram a tática de dizer que, titubeando diante da censura, o homem mostrava consciência social fraca. Diante das críticas, o homem confessou suas falhas, e os vizinhos afirmaram que ele deveria fortalecer suas convicções marxistas, por meio de trabalho físico.

149	214	Novembro	1959	Leland Stowe, ex-chefe do Serviço de Notícias e Informações da Rádio Europa Livre; autor de "Conquista pelo Terror"	Reader's Digest	Os finlandeses continuam lutando pela liberdade	77-82	Eurásia	Resistência anticomunista	Desde 1940, quando a Finlândia teve que se render aos soviéticos, o país tem feito altos esforços para se manter independente e livre, pagando as reparações do armistício. Mas o desenvolvimento acelerado promoveu sólidos alicerces para a reconstrução do país. Moscou interfere na política interna finlandesa, como nas eleições de julho de 1958, quando o socialismo formou o governo de coligação, de que o Partido Comunista não fez parte. Em 1959, Krushev retirou o embaixador e ameaçou embargo comercial. Por isso, o governo foi destituído, assumindo um governo agrário de um só partido, aceito por Moscou. Os comunistas também influenciaram o movimento sindical, por meio de greves. Mas os finlandeses não acreditam que os soviéticos ocupem o país, pois Dinamarca e Noruega viriam para o combate, além do reforço com o ingresso da Suécia na OTAN.
150	214	Novembro	1959	William J. Jordan	The New York Times	Por que o Kremlin não pode levantar a Cortina de Ferro	147-152	Eurásia	Resistência anticomunista	Por que o Kremlin não desfaz a Cortina de Ferro? Qual a razão para que a URSS busque o isolacionismo, mesmo tendo adquirido enorme poder? Respostas: evitar que seu povo tome conhecimento da realidade da vida no Mundo Livre, melhor que a dele. Além disso, seria mais difícil para o governo manter a liderança, sendo necessário ampliar recursos em vigilância e no terror. Segundo o autor, os líderes comunistas sabem que não podem ganhar em qualquer competição livre com os ideais políticos do Ocidente (eleições diretas, por exemplo), e que no fundo os soviéticos não estão interessados em manter intercâmbio de idéias e de informações em grande escala, salvo as técnicas e as que tenham proveito para o regime. "A supressão da Cortina de Ferro seria o fim do regime soviético, e isso é o preço que o Kremlin nunca estará disposto a pagar".
151	215	Dezembro	1959	Louis Fischer, "observador perspicaz das coisas russas", visitou Moscou pela primeira vez em 1922 e viveu 14 anos como correspondente estrangeiro; autor de <i>Soviets in World Affairs</i> e <i>The Life and Death of Stalin</i> .	The New Leader	Berlim, fronteira da liberdade	45-49	Eurásia	Al. Oriental/Berlim	Berlim é a única porta aberta em toda a Cortina de Ferro, e essa é a razão para que Moscou queira fechá-la. "Berlim Ocidental proclama o insucesso do comunismo". Afirma que não há obstáculos ao tráfego dos alemães entre as duas partes da cidade e que isso proporciona grande contingente de refugiados orientais para o lado ocidental. Conforme seus dados, de 1950 a 1958, o número oficial de refugiados era de 2, 260 milhões de pessoas, mas que podia haver pelo menos mais 500 mil, pois muitos vão para casas de parentes. Por sua vez, 47,9% tinham a idade entre 18 e 45 anos, o que significava que a parte Oriental perdia muitos indivíduos na idade ativa. Em 1958, a Alemanha havia perdido 6,9% de seus médicos e 7,5% de seus professores universitários e secundários.
152	215	Dezembro	1959		Associated Press	Pequena América	73	Eurásia	Comunismo	Afirma que na Ucrânia há uma réplica de cidade americana, onde são treinados 1.000 estudantes para espionagem nos EUA. Vivem como estudantes norte-americanos médios, comem as mesmas comidas, assistem somente a filmes de Hollywood, dirigem automóveis dos EUA, têm aulas dos seus dialetos, estudam sua história, conversam sobre beisebol e os últimos escândalos. As lojas vendem somente artigos norte-americanos. Após quase 10 anos de treinamento, estes estudantes acabam indo para a América, como diplomatas ou de outras formas.

153	216	Janeiro	1960	Eugene Lyons, redator do <i>Reader's Digest</i> , "tem dedicado sua vida ao estudo da Rússia Soviética e do Comunismo". Trabalhou de 1928 a 1934 como correspondente da United Press em Moscou. É autor de <i>Missão na Utopia</i> , <i>Nossos Aliados</i> <i>Secretos: os Povos da Rússia</i> etc.	Reader's Digest	Uma viagem à Rússia não faz um técnico	62-67	Eurásia	Regime soviético	O autor faz crítica aos turistas que vão à URSS e que acabam não vendo a realidade do país, pois geralmente as viagens são coordenadas pelo departamento soviético responsável pelo controle e vigilância dos visitantes estrangeiros. As viagens turísticas não esclarecem o mundo soviético, mas ao contrário, ampliam mais a imagem turva da realidade russa. As impressões dos turistas são superficiais, e assim, quanto maior for o número de turistas naquele país, maior será o número de verdades incompletas e de erros absolutos que levarão para seus países de origem. Por exemplo, uma turista escreveu um artigo na sua cidade sobre o progresso da indústria, da ciência, do teatro, do cinema, da literatura e até da vida espiritual do povo russo. "A idéia de que uma grande visita habilita o viajante a proferir julgamento sobre uma nação e as suas instituições é evidentemente ingênua".
154	217	Fevereiro	1960	Isaac Don Levine, russo, foi correspondente do <i>Daily News</i> de Chicago na URSS.	Livro The mind of an assassin	Revelações de um assassino soviético	88-105	Aspectos teóricos	Comunismo	O artigo reconstitui a história secreta do assassinato de Leon Trotsky, em 1940, pelo espanhol Ramon Mercader del Rio, "treinado em Moscou na arte de matar, pela organização policial secreta mais temível do mundo, o Departamento de Segurança do Estado Soviético, então chamada NKVD".
155	218	Março	1960	Lester Velie, escritor e jornalista, trabalhou no Reader's Digest, Colliers e The Saturday Evening Post	Reader's Digest	Protegendo Khrushchev nos Estados Unidos	62-65	Aspectos teóricos	Coexistência	Descreve o aparato de segurança à viagem de Krushev aos EUA, de 15 a 27 de setembro de 1959. Foram usados 40 mil homens das Forças Armadas, FBI, Serviço Secreto, polícias municipais e estaduais e xerifes de condado. "Krushev é o visitante mais odiado que já pôs os pés nos EUA. Mas nem um só incidente ameaçador para a vida do governante soviético perturbou a excursão". Nota de rodapé afirma que o jornal Pravda escreveu a seguinte legenda: "Autoridades de New York mobilizaram 3 mil policiais para 'manter a ordem'. Foi designada tal demonstração de força policial a fim de impedir que cidadãos comuns exprimissem simpatia ao emissário da boa vontade da União Soviética".
156	218	Março	1960	Marion Miller	Reader's Digest	Eu fui uma contra-espiã	82-87	Aspectos teóricos	Coexistência	História da contra-espionagem da autora, norte-americana, em seu próprio país, de 1950 a 1955. Tendo trabalhado para o FBI, relatou as atividades do Comitê de Defesa dos Cidadãos Nascidos no Estrangeiro, uma frente comunista nos EUA. A contra-espiã e o marido participaram do Partido Comunista Americano.
157	218	Março	1960	Dickey Chapelle, reporter-fotógrafa.	Reader's Digest	Cuba... um ano depois	96-106	América Latina	Cuba	A autora retorna a Cuba um ano após a revolução, e seus pontos de vista já não são os mesmos. Critica a postura de Fidel, dizendo que lhe falta administração fria, sagaz e realista. Critica a campanha de expulsão dos americanos da ilha, "obra mais importante do Kremlin no hemisfério ocidental, para arruinar a unidade hemisférica". Castro quer engrandecer seu papel de libertador, e para isso necessita dos EUA como bode expiatório. "'Devemos seguir sozinhos', é a ladainha de Castro". Afirma que Cuba está vulnerável ao comunismo, mas acredita que Fidel não aceitaria qualquer tipo de restrição ao seu ego explosivo; seu nacionalismo é tão intenso que dificilmente se subordinaria aos interesses de Moscou. Mas Castro tem dito que "o comunismo viaja em barrigas vazias". Entretanto, "tirar dos ricos e dar aos pobres não é tão fácil como parecia nos acampamentos rebeldes".

158	218	Março	1960	Francis Vivian Drake, redator-militar do Reader's Digest.	Reader's Digest	Que significaria, de fato, o desarmamento total?	122-130	Aspectos teóricos	Coexistência	Discute proposta soviética nas Nações Unidas de desarmamento total. Mas aceitar a oferta levaria à paz mundial ou deixaria as democracias indefesas diante da força bruta de 900 milhões de russos e chineses sob domínio comunista? O que teria que ser abandonado no acordo de desarmamento total ? Seria possível controlá-lo e fiscalizá-lo? Os EUA têm o direito moral e legal de desarmarem-se? Para o total desarmamento é necessária fraternidade autêntica e completa, possível somente através da confiança, quase impossível, porque há décadas os comunistas têm se baseado na "política de ódio implacável a todos os homens livres". Um desarmamento progressivo poderia ser factível, pois "política, ciência, medicina, a própria civilização avançaram... passo a passo".
159	220	Maio	1960	Andre Visson, que "estudou na Alemanha depois da Primeira Guerra Mundial e tem-na visitado periodicamente desde o fim da Segunda Guerra"	Reader's Digest	Oriente <i>versus</i> Ocidente em conferência de cúpula	83-88	Aspectos teóricos	Coexistência	Analisa a Conferência de Cúpula marcada para Paris, em 1960, com Eisenhower, Kruschev, De Gaulle e Harold McMillan. O autor analisa a conferência de 1955, desprestigiada porque pouco contribuiu para resolver a guerra fria. Para alguns, além de não produzir resultados práticos, ela pode ser usada por Moscou como propaganda da imagem de "amante da paz". Reforça também que o relaxamento resultante da reunião de 1955 foi seguido de levantes na Polônia e na Hungria. Os três assuntos a serem discutidos na conferência: Berlim Ocidental, desarmamento e, solicitada pela França, discussão da possibilidade de uma íntima cooperação com os soviéticos em alguns dos países subdesenvolvidos da Ásia ou da África.
160	221	Junho	1960	Ed Sullivan, jornalista e apresentador de TV nos EUA	Reader's Digest	Minha viagem a Moscou	60-65	Eurásia	Regime soviético	Descreve sua turnê à URSS. Apesar da burocracia e das dificuldades da montagem dos shows impostas pelo Ministério da Cultura, o povo russo recebeu-o muito bem. Afirma que o Kremlin falhou, pois pregou o ódio durante 40 anos, mas o povo soviético não odeia os norte-americanos.
161	221	Junho	1960	Vincent Sheean	Reader's Digest	A missão universal do Rei-Deus	151-156	China	Expansão comunista	O governador legal do Tibet, Dalai Lama, dá entrevista no seu exílio na Índia, contando que pretende visitar os países não-comunistas para contar como as forças militares chinesas chegaram ao país em 1950, até tomarem o poder, em 1959. Diz que, em 1951, a China não cumpriu acordo, prendeu e executou sem julgamento altos funcionários tibetanos. Calcula-se que 65 mil pessoas morreram antes mesmo da revolta de 1959, que provocou morticínio. Dalai acredita que os comunistas chineses querem que todos os povos mongóis da Ásia (na URSS, na Índia, na Mongólia etc.) devem se subordinar à República Popular Comunista.
162	222	Julho	1960	Stewart Alsop	The Saturday Evening Post	O que vi no inquieto império de Kruschev	83-96	Eurásia	Resistência anticomunista	Relata viagem do autor aos países satélites da Europa Oriental (Polônia, Hungria, Bulgária, Tchecoslováquia e Romênia). Critica os regimes comunistas desses países. Conclui que "já é pouca a crença no comunismo, e existe apenas o medo". E é este sentimento, misto de temor e de desesperança, que torna a Europa Oriental tão deprimente. Mas retornou feliz da viagem, porque viu que o comunismo não é mais a promessa do futuro. "Por muito capaz que seja de produzir foguetes ou divisões de infantaria, o comunismo é, em termos humanos, um trágico malogro".

163	223	Agosto	1960	Frederic Sondern, Jr., trabalhou em Viena como correspondente do McClure Newspaper Syndicate de Nova York, de 1932 a 1938.	Reader's Digest	Estado de nervos na Berlim Ocidental	42-47	Eurásia	Al. Oriental/Berlim	Afirma que existe em Berlim Oriental um esquema no Ministério da Segurança do Estado, conhecido como MFS, para fazer com que a cidade fique sob o domínio dos alemães orientais e, portanto, dos soviéticos. A diferença de qualidade de vida e da prosperidade da parte ocidental exerce pressão sobre os comunistas. Portanto, é função da MFS solapar Berlim Ocidental e destruir o moral de seus habitantes, através do emprego de todos os meios, inclusive o rapto e o homicídio de pessoas de todas as camadas sociais, com o único objetivo de criar atmosfera de terror. O MFS executa ataques sistemáticos contra líderes da política, da indústria, do operariado, da Igreja, das profissões liberais, e inclusive dos refugiados da parte oriental, com o apoio de um grande contingente de espiões.
164	223	Agosto	1960	John F. Kennedy, senador dos EUA.	Discurso proferido em novembro de 1959	Seção permanente: "Pontos a Ponderar"	59	Aspectos teóricos	Coexistência	Segundo Kennedy, nos próximos anos "os inimigos do Oriente" colocarão os EUA sob dura prova. Para preservar a liberdade, os americanos deverão mostrar que são os verdadeiros revolucionários e não os comunistas, "cuja estrutura monolítica é tão velha quanto a do Antigo Egito". Os norte-americanos deverão provar que representam o futuro da humanidade, e que os comunistas representam o passado. O EUA terão que mostrar também uma maior disciplina e vitalidade.
165	223	Agosto	1960	John E. Frazer	Reader's Digest	Kerala faz nova tentativa	157-170	Eurásia	Resistência anticomunista	O autor mostra que medidas tomadas pelo governo comunista em Kerala, no poder desde abril de 1957, principalmente nas áreas da educação, da reforma agrária e do emprego, fizeram com que em 838 dias a experiência comunista se encerrasse, pois em 31 de julho de 1959, "de acordo com o artigo 356 da Constituição da Índia, o presidente Prasat destituiu o governo comunista", e marcou nova eleição para 1º de fevereiro de 1960. "Os comunistas falharam em Kerala porque não puderam coexistir com uma sociedade democrática. Demonstraram ao povo da Índia, da Ásia e do mundo o seu desrespeito às leis, à decência humana, a qualquer instrumento ou instituição que não possam converter em arma para servir a seus fins".
166	224	Setembro	1960	Robert Littell, especialista em assuntos da URSS, foi redator-geral da Newsweek; escreveu uma série de livros sobre espionagem: <i>The Defection of A. J. Lewinter, The Company, Mother Russia, The October Circle</i> etc.	Reader's Digest	A outra Alemanha	39-44	Eurásia	Al. Oriental/Berlim	Mostra com exemplos o quanto a barreira construída para dividir as duas Alemanhas prejudicou os alemães, pois passa por fazendas, estradas de ferro, fábricas, separa vizinhos, escolas etc., e que apesar do alegado objetivo de proteger o seu povo do Ocidente, na verdade barra o desejo de fuga dos orientais. Mas afirma que mesmo com a divisão e sem ajuda do Ocidente a Alemanha Oriental tem crescido extraordinariamente. E que 30% dos refugiados já retornaram ao país, por causa do isolamento e do sentimento de insegurança que passaram no lado ocidental, fazendo até críticas ao consumismo e ao conceito materialista dos valores pessoais. Todavia, tem ocorrido na Alemanha Oriental uma verdadeira lavagem cerebral, nos jovens e nas crianças. Dizem os alemães ocidentais mais idosos: "é Hitler outra vez, apenas mais bem organizado".

167	224	Setembro	1960	Cel. Truman Smith	Reader's Digest	História da espionagem soviética	156-168	Aspectos teóricos	Coexistência	Enquanto Krushev exigia dos EUA desculpas pelo episódio do U-2, em Moscou era montado o maior acervo de segredos de defesa estrangeiros já reunido por espões: fotografias aéreas de zonas estratégicas da OTAN, de depósitos militares, de centros de instrução, mapas das defesas costeiras e rotas marítimas secretas etc. Existem cerca de 75 mil espões russos em todo o planeta, numa conspiração jamais igualada por outra nação da história, quanto a proporções, alcance, implacável eficiência, e pura intenção maléfica". Conforme J. Edgar Hoover, diretor do FBI, cerca de 70 a 80% dos funcionários russos nos EUA fazem parte dos serviços secretos vermelhos. "Quando irá o próprio Krushev pedir desculpas e desistir de atentar contra a segurança do mundo livre?".
168	225	Outubro	1960	Karl E. Mundt, senador norte-americano.	Reader's Digest	Relembrando 1898 - a libertação de Cuba. Fatos documentados que contrariam a propaganda de Fidel castro	58-65	América Latina	Cuba	Segundo o autor, a intervenção dos EUA em Cuba, em 1898, foi só para libertar o povo cubano da opressão espanhola, o que Fidel desmente, dizendo que os EUA praticaram um ato de pirataria internacional. O autor contrapõe dizendo que, em 1870, "Cuba para os cubanos era o <i>slogan</i> popular nos Estados Unidos". Recrimina Castro, que disse que o encouraçado <i>Maine</i> foi deliberadamente destruído em Havana por ordens dos EUA, como pretexto para a intervenção e que a base naval de Guantânamo foi definida já quando Cuba era soberana, em 1903. O autor concorda que toda guerra é movida por interesses, mas que não foi o caso dos EUA, pois investiram na ilha cerca de US\$ 50 milhões, enquanto que as despesas com a guerra foram de US\$ 150 milhões.
169	225	Outubro	1960	John G. Hubbell	Reader's Digest	A verdade sobre a guerra química e bacteriológica	81-86	Aspectos teóricos	Armamentismo	Sobre armas químicas encontradas no arsenal de Hitler. EUA e a Inglaterra jogaram sua parte no mar, mas os soviéticos levaram o que puderam, deixando claro que podem usá-las. Dá exemplos dos tipos de armas químicas e biológicas, e como atuam no organismo humano. Essas armas "são consideradas de um barbarismo inaudito, algo que só pode ser usado como revide". Contudo, o Ocidente nem tem como revidar, pois a repugnância impede pesquisas na área químico-bacteriológica (mas se contradiz ao afirmar que os EUA têm o gás sarin). O uso de tais armas pela Rússia pode evitar a despesa da reconstrução de áreas destruídas, pois elas só atuam no indivíduo. "O mundo livre precisa tomar conhecimento de tais armas e tomar providências para que nunca sejam usadas contra nós". Como? Por meio da criação do mesmo tipo de arsenal pelo Ocidente.
170	225	Outubro	1960	Frederic Sondern, Jr., trabalhou em Viena como correspondente do McClure Newspaper Syndicate de Nova York, de 1932 a 1938.	Reader's Digest	A grande ofensiva do Kremlin pela juventude mundial	160-164	Eurásia	Comunismo	Analisa o Festival Mundial da Juventude, promovido por Moscou, considerado propaganda soviética. Descreve o último festival, ocorrido em Viena em 1959, com 16 mil delegados de mais de 100 países. Sob o slogan "Paz! Amizade!", a URSS buscou convencer, principalmente as delegações africanas e asiáticas, de que o futuro estava na Rússia Soviética. Mas a população da cidade se opôs à realização e a imprensa fez silêncio em torno do evento. A oposição mais eficiente foi dada pelos jovens austríacos, discutindo em seminários assuntos polêmicos como a revolta húngara e óbices à distribuição dos livros "Dr. Jivago" e "A Nova Classe". Para o próximo festival, em 1962, o Ocidente deverá participar com delegações mais preparadas. "Do contrário, o Kremlin vencerá outra etapa na campanha contra a integridade da juventude mundial".

171	226	Novembro	1960	Frederic Sondern, Jr., trabalhou em Viena como correspondente do McClure Newspaper Syndicate de Nova York, de 1932 a 1938.	Reader's Digest	"Ché" Guevara - um argentino que manda em Cuba	37-42	América Latina	Cuba	Por trás de Fidel Castro está um homem menos conhecido, "baixo, calado, calculador sinistro". É Ernesto Chê Guevara, que entregou o país aos comunistas, cérebro e principal executor de Castro. Marca os rumos de Cuba. Comunista leal a Moscou, venenoso nas acusações aos EUA, é "o mais perigoso inimigo do mundo livre na América Latina". Segundo veterano emissário europeu em Havana, "pretende fundar o império comunista na América Latina e promover a supressão de todos os laços políticos e econômicos com o Norte". Afirma que na sua viagem de Buenos Aires até a Guatemala, Chê já começou a analisar as possibilidades do comunismo na América Latina. Cita seu livro "A guerra de guerrilhas", em que deixa claro que os laços entre a América do Norte e a América Latina terão de ser cortados, devendo ser criada outra cortina de ferro.
172	226	Novembro	1960	Jules Bergman, especialista em aviação.	Reader's Digest	A verdadeira história do U-2	60-65	Aspectos teóricos	Armamentismo	História dos aviões U-2 norte-americano, mantida em segredo de 1954 a 1960, quando um aparelho foi abatido na URSS. Tinha capacidade de voar acima dos 20 mil metros e com isso estar livre dos mísseis soviéticos, e podia fotografar todo o território soviético, apontar instalações subterrâneas e alvos camuflados e detectar estações soviéticas de rádio e de radar. O voo do U-2 interceptado no dia 1º de maio foi programado porque o Ocidente acreditava que a Rússia tentaria um lançamento espacial para festejar a data, como golpe de propaganda para a conferência de cúpula daquele mês. O U-2 foi abatido por causa de uma falha no motor que fez com que o piloto, Francis Gary Powers, reduzisse a altitude do voo. O artigo não aborda a problemática surgida desta interceptação, mas somente vangloria os feitos deste programa norte-americano.
173	226	Novembro	1960	Stewart Alsop	The Saturday Evening Post	As probabilidades de paz mundial	96-104	Aspectos teóricos	Coexistência	Comentaristas ocidentais afirmam que não há possibilidade de guerra mundial, e o artigo mostra que há razões sólidas para acreditar nisto. O próprio Krushev, considerado ideologicamente louco, tem se mostrado favorável à paz. Principalmente porque os EUA têm informações sobre áreas soviéticas vulneráveis. "Essa paz do terror mútuo, que temos hoje, é inteiramente diversa da paz genuína, baseada na estabilidade mundial. Salvo no caso de uma derrocada total do regime comunista, não conheceremos paz, nem a conhecerão nossos filhos ou os filhos dos nossos filhos". O Comando Aéreo Estratégico dos EUA deve estar sempre preparado, para que Krushev saiba do poderio nuclear americano, e que se dêem aos povos pobres uma solução diferente do comunismo.

174	226	Novembro	1960		Livro The future is ours, comrade, de Joseph Novak (um pseudônimo, pois trata-se de pequeno burocrata de um país satélite da URSS, e que gozava da confiança dos alto funcionários soviéticos)	O futuro é nosso, camarada	240-284	Eurásia	Regime soviético	Descreve impressões obtidas durante viagem à URSS. A moradia é coletiva, num sinal evidente de que ninguém pode ter propriamente vida privada. O soviético participava de atividades coletivas fora de casa, acabando por ceder a própria personalidade ao Estado. "Sua concepção das coisas desenvolveu-se de tal maneira que ele hoje admite a intervenção na vida privada da pessoas a bem da coletividade. Encara-o como direito natural do Estado e considera pecado a menor reação contra ele". A Rússia é um "modo de ser coletivo (...) A rua substitui o lar, cria uma excitação social, proporciona momentos de intimidade (...) A rua dá ao nosso cidadão a impressão de que tudo o que está construído nela lhe pertence: universidades, museus, estações subterrâneas, pavilhões, tudo é para ele". É mais importante uma rua monumental do que vida privada. Não existem vaidade nem sensualismo na URSS: somente as sociedades capitalistas degeneradas ainda "usam o sexo como 'ópio do povo'".
175	227	Dezembro	1960	Dr. Charles Malik, ex-presidente da Assembléia Geral das Nações Unidas.	Discurso proferido em 11 de junho de 1960	É tarde para vencer o comunismo?	64-70	Aspectos teóricos	Coexistência	Nos últimos decênios as forças do Ocidente retrocederam em relação à expansão do comunismo, e não conseguiram responder à altura o desenvolvimento do comunismo e a ampliação da propagação do anti-ocidentalismo. O artigo propõe medidas: unidade entre os aliados ocidentais, vitória na competição tecnológica e econômica, e maior compreensão e assistência aos povos da Ásia e da África. O Ocidente não pode ter posição defensiva, sem agressividade, pois está condenada ao insucesso. Uma política ativa de libertação é essencial em qualquer programa do Ocidente nos próximos anos. A propaganda de "coexistência pacífica" dos comunistas significa manter o objetivo de comunização do mundo sem guerras. "Só Deus pode conceder profundidade, sabedoria, coragem e orientação ao mundo livre, nesta hora crucial da história, para que o futuro redima o passado".
176	227	Dezembro	1960	John G. Hubbell	Reader's Digest	Sentinela alerta na América do Norte	90-98	Aspectos teóricos	Armamentismo	O Comando de Defesa Aéreo da América do Norte controla todo o espaço aéreo dos Estados Unidos e Canadá, diante de eventual ataque militar. O autor mostra os instrumentos de controle e planos de defesa e de reação a um ataque soviético. Todo o sistema é coordenado pelo gal. Kuter. Finaliza o artigo: "Ele [Kuter] pede a atenção para o fato de que a ameaça de aniquilamento nuclear mútuo não mais existirá quando a América do Norte tiver uma defesa bastante sólida para assegurar sua sobrevivência, com força expressiva, após uma investida".
177	228	Janeiro	1961	Charles Stevenson	Reader's Digest	Como os russos levaram a melhor na África	58-64	África	Domínio soviético	Discute a situação política na Guiné, independente da França desde 1958. Mostra que o país se voltou para a URSS por causa da morosidade da ajuda norte-americana, e que está tomado por comunistas da Cortina de Ferro, da China Vermelha e da URSS, em cargos administrativos, ministeriais e técnicos. Que os jovens do país são levados para trás da Cortina de Ferro, e doutrinados no comunismo. "A pretexto de dar ajuda à Guiné, Moscou faz do país palco de ensaio de uma campanha cujo objetivo é a dominação da África". Diz que a diplomacia ocidental e o sistema de auxílio ao estrangeiro estão sendo incapazes de fazer frente aos soviéticos. "O povo africano confia em qualquer promessa de transformação da sua ignorância e inépcia econômica em súbita riqueza e felicidade (...) O tipo de desastre que subjugou a Guiné não deve repetir-se".

178	228	Janeiro	1961	William Henry Chamberlain, correspondente estrangeiro de The Christian Science Monitor e cronista de The Wall Street Journal, comentarista político, e autor dos livros The Russia Enigma e America's Second Crusade.	The Freeman	Por que a Europa abandonou o socialismo	96-100	Eurásia	Resistência anticomunista	Duas impressões da Europa Ocidental: prosperidade e decadência do socialismo. Pessoas prósperas perdem interesse pelos dogmas socialistas. Não existe mais o receio de golpe comunista e o partido socialista perde eleições em diversos países, perde filiados, e deixa de participar dos governos de coalizão (Bélgica e Holanda). O sistema de relativa liberdade de iniciativa resulta em prosperidade, e exhibe o caráter negativo do controle exercido pelo Estado na economia. A transformação na Europa diz aos socialistas inteligentes que é necessário reformular princípios. O marxismo decai na Europa com a vinda do sistema de vida americano: casa e automóvel próprios, férias anuais, eletrodomésticos, imagem de abundância etc.
179	229	Fevereiro	1961	Leland Stowe, ex-chefe do Serviço de Noticiário e Informações da Radio Europa Livre; autor de "Conquista pelo Terror"	Reader's Digest	A China Comunista quer ser potência mundial	43-48	China	Expansão comunista	Na Ásia, África e América Latina, a estratégia chinesa abarca 4 ramos principais: penetração cultural, por meio de excursões à China de pessoas de peso na opinião pública, e que se transformam em eficientes e gratuitos propagandistas da China Vermelha. Penetração econômica, com as exportações da China comunista se tornando a ponta de lança da expansão global, como no caso do acordo com Cuba para a compra de açúcar, intercâmbio econômico que conquista solidariedade na luta comum contra o imperialismo. Penetração pela propaganda, por meio de publicações, filmes, radiodifusão, instalação de agências de notícias etc. Penetração política, como nos casos de intervenção na Coreia, no Tibet, no Vietnã do Norte, do auxílio ao Egito e aos Estados Árabes etc.
180	229	Fevereiro	1961	Hanson W. Baldwin	The New York Times	Nuvens sobre Guantânamo	77-81	América Latina	Cuba	Analisa a base naval norte-americana na baía de Guantânamo, considerada "oásis de estabilidade numa ilha cheia de tensões e de receios". Os EUA têm concessão da base pelo tratado firmado em 1903 e renovado em 1934 (não fala que esta concessão termina em 2034). A base é extremamente importante como centro de treinamento, como ponto estratégico em tempo de guerra no Mar das Antilhas, e mesmo como guarda da região antilhana, por onde há importante tráfego de petróleo, cobre e bauxita. Além dos aspectos militar e econômico, a base é política e psicologicamente importante, pois constitui símbolo do poder e do prestígio dos EUA. Caso abandonem Guantânamo "os efeitos serão visíveis através das Antilhas e da América Latina. Seria o início do declínio do poderio norte-americano".
181	230	Março	1961	Max Eastman	Livro Protracted Conflict	Já começou a Terceira Guerra Mundial! I. O magistral plano de domínio dos comunistas	23-27	Aspectos teóricos	Coexistência	As vitórias dos comunistas nesta Terceira Guerra Mundial devem-se ao fato de saberem que já estão nela. Obtêm controle de regiões até então mantidas pelo Ocidente, sem contra-ataque. A estratégia dos comunistas é expansionista, enquanto que a do Ocidente é a manutenção do <i>status quo</i> . "Quente" e "fria" são simplesmente fases de intensidade desta guerra". Na religião secular revelada por Marx a vitória final é prometida aos comunistas. "Os retardamentos são aceitos como inevitáveis, e passagens as derrotas, pois eles estão certos do resultado final". Os comunistas inclusive aplicam técnicas freudianas para criar no Ocidente complexo de culpa, por exemplo, com relação à riqueza e ao consumismo, e com isso paralisar sua vontade. Os EUA devem reconciliar a ética da sociedade com as necessidades de correr riscos, para proteger o país.

182	230	Março	1961	Eugene Lyons, redator do <i>Reader's Digest</i> , "tem dedicado sua vida ao estudo da Rússia Soviética e do Comunismo". Trabalhou de 1928 a 1934 como correspondente da United Press em Moscou. É autor de <i>Missão na Utopia</i> , <i>Nossos Aliados</i> <i>Secretos: os Povos da Rússia</i> etc.	Reader's Digest	Já começou a Terceira Guerra Mundial! II. As "tropas de choque" e seus processos de combate	27-32	Aspectos teóricos	Coexistência	No exato instante em que escrevia o artigo, em alguma capital da América Latina um diplomata soviético está entregando dinheiro a um líder comunista local, com o objetivo de financiar demonstração hostil aos EUA, de infiltrações numa organização estudantil ou de auxiliar o controle de um sindicato-chave. Ou no caso brasileiro, quando "o povo reunido para acompanhar o enterro do Presidente Getúlio Vargas, acabou atacando o consulado norte-americano". Estes agentes treinados em revolução são "a tropa de choque de um exército disciplinado, de comando centralizado e desdobrado em várias 'frentes' por todo o mundo". É uma guerra revolucionária, mundial, que há muito tempo está sendo travada, e que o Ocidente insiste em ignorar. O Ocidente deve unir-se para realizar uma contra-ofensiva enérgica a um inimigo que está adiantado na sua tática em 40 anos".
183	230	Março	1961	J. Edgar Hoover, diretor do FBI.	This Week	O caso do espião sem cara	44-47	Aspectos teóricos	Coexistência	Descreve atividades de um espião soviético nos EUA, disfarçado de fotógrafo, e que só foi descoberto porque um subalterno, chamado de volta a Moscou, preferiu se entregar ao FBI. Interrogado, contou-lhes o que sabia sobre o fotógrafo. Por fim, depois de vários esforços conseguiram prendê-lo.
184	230	Março	1961	Lester Velie, escritor e jornalista, trabalhou no Reader's Digest, Colliers e The Saturday Evening Post	Reader's Digest	O latino-americano a quem os comunistas mais temem	75-81	América Latina	Visão ocidental	Trajetória política de Romulo Betancourt, presidente da Venezuela desde 1959, que governa em meio à esquerda, com os comunistas promovendo motins para abalar a democracia, e a direita, onde o Exército é perigo constante. Seu governo é importante para a Venezuela e para todo o hemisfério ocidental. Tem mostrado "como se pode proporcionar instrução, terras e energia a milhões de deserdados - com um <i>governo livre</i> ." Conseguiu resolver o problema da fome, moradia e analfabetismo, a tríade de deficiências que favorecem revoluções comunistas. Betancourt sabe que para conservar a Venezuela fora do alcance dos 'vermelhos' tem que elevar o padrão de vida da população. Na juventude, chegou a abraçar por breve tempo o comunismo. "Porém, ao fim de três anos já sabia que o Kremlin não tinha soluções para a América Latina".
185	231	Abril	1961	David Reed	U.S. News & World Report	Voltando a Cuba	41-44	América Latina	Cuba	Havana, no início de 1961, tem "inconfundível atmosfera de angústia e medo". Fidel tem levado à prisão ou ao exílio "vintenas de oficiais", e organiza uma milícia de trabalhadores e de camponeses. Há escassez de víveres e de moedas fortes. Os carros cubanos, de fabricação norte-americana, "estão caindo aos pedaços por falta de peças". É difícil conseguir comprador para o açúcar, pois os EUA decidiram não comprá-lo. A popularidade de Fidel diminui, inclusive entre os trabalhadores. Isto se deve à tendência de Castro de entregar Cuba aos comunistas. "O aparelhamento comunista é hoje muito mais evidente do que há um ano". Há 'caras novas' em Havana: russos, chineses, alemães orientais, poloneses e tchecos. "Uma Cortina de Ferro desce em redor de Cuba".
186	232	Maio	1961	Martin Mann	Popular Science Monthly	A guerra secreta do radar	133-138	Aspectos teóricos	Armamentismo	Discute tecnicamente avanços dos EUA na batalha do radar. Afirma que americanos vigiam emissões eletrônicas dos russos, e estes, por sua vez, vigiam de igual maneira emissões dos EUA. "A Batalha do Radar é guerra quente".

187	232	Maio	1961	Lester Velie, escritor e jornalista, trabalhou no Reader's Digest, Colliers e The Saturday Evening Post	Reader's Digest	A China ameaça a América Latina	155-164	América Latina	Domínio chinês	Após acordo com os russos, os chineses criaram dois centros de adestramento. Um já enviou 200 agentes para a América Latina, disfarçados de estudantes, jornalistas e emissários culturais. O outro ensina comunistas latino-americanos a fazerem guerrilha e "a manobrar a burguesia". A estratégia de 'frente popular' já ocorreu no Chile, Cuba, Bolívia e Perú. Chê Guevara afirmou, em Pequim, que "Cuba está fomentando a rebelião armada em todo o hemisfério. Ligas Camponesas, semelhantes aos centros revolucionários rurais que os comunistas organizaram na China estão sendo formadas na região Nordeste do Brasil. Em novembro de 1960, o chefe das Ligas Camponesas no Brasil visitou a China Comunista, provavelmente para receber instruções". O êxito dos comunistas na América Latina deve-se em grande parte à omissão do mundo livre.
188	233	Junho	1961	Norman Cousin, redator. Esteve no Laos em janeiro de 1961.	Saturday Review	Atrás da cortina do Laos	73-79	Eurásia	Resistência anticomunista	Considera o Laos a "porta giratória" do sudeste asiático, abrindo-se "para a China, a Birmânia, a Tailândia, o Camboja, o Vietnã Setentrional, o Vietnã Meridional. O que acontecer ao Laos repercutirá no futuro da Índia, Ceilão, Malásia, Japão e Filipinas. O Laos é uma bolha febril do mundo, que pode degenerar numa guerra. Entram em choque ali interesses vitais dos EUA, da URSS e da China Comunista". Composto por 3 reinos, é uma sociedade heterogênea, e não há sentido de unidade étnica e nacional. Não apresenta democracia "funcionante"; a constituição autoriza o poder supremo do rei. O voto perde valor diante da elevada taxa de analfabetismo. "Mas há compreensão clara do perigo de que o Laos se torne outra Coreia, apresentando dificuldades militares que fariam a Coreia parecer uma tarefa suave".
189	233	Junho	1961	John G. Hubbell	Reader's Digest	"Ataque desencadeado!" O estranho incidente de 5 de outubro de 1960	86-92	Aspectos teóricos	Coexistência	Descreve o momento em que o sistema de radar dos EUA informou "com 99,9 % de certeza" que havia sido desencadeado o ataque de um míssil balístico contra o país. Os responsáveis pelo comando de defesa aéreo tiveram 1 minuto para tomar medidas para uma possível retaliação. Descobriu-se que não era um míssil soviético, mas um erro do sistema, que interceptou a lua na trajetória de um míssil. Outras razões para não acreditar no lançamento de um míssil soviético: Krushev estava em New York; um ataque de surpresa é precedido de indícios, que não ocorreram; o arsenal soviético não estava tão bem equipado a ponto de lançar vários mísseis, como indicava o radar. Enaltece a frieza da decisão americana, da certeza de ter agido correta, a certeza da verdade.
190	233	Junho	1961	Emery Reves, analista britânico de assuntos internacionais.	Look	Nem o armamento nem o desarmamento evitará a guerra. Trampolim para polêmica	121-126	Aspectos teóricos	Coexistência	Discute o discurso sobre desarmamento que já dura quase 30 anos. Sempre haverá guerra, "mesmo sem canhões, sem pólvora, até sem cavalaria e sem flechas". Existem hoje duas ilusões no mundo ocidental: a paz é assegurada por meio de corrida armamentista, e que a mesma paz pode ser assegurada pelo desarmamento. A paz é problema social e político, e não problema técnico ou militar. O desarmamento representa a "utopia das Utopias", e obscurece efetiva tomada de decisão. Pede para que a mídia e os diplomatas parem por uns poucos meses, que não ocorram conferências, nem viagens diplomáticas, nem propaganda, nem transmissão radiofônica, para que os dirigentes possam refletir. Enquanto isso a mídia propagandearia alianças, pactos, acordos, para que todos entendessem que o ponto é a paz e não o desarmamento.

191	233	Junho	1961	Max Eastman	Livro Protracted Conflict	Por que os comunistas estão vencendo	153-164	Aspectos teóricos	Coexistência	Trecho da sinopse já apresentada. A campanha comunista diversifica armas políticas e militares. E o Ocidente continua alheio a esse tipo de campanha, incapaz de elaborar resposta coordenada ao ataque comunista. Descreve princípios fundamentais da estratégia comunista: ataque indireto; promoção de fraude e confusão. Enquanto para o Ocidente coexistência pacífica significa "intercâmbio permanente e amistoso entre vizinhos", para eles é apenas " <i>etapa não-militar da guerra de conquista</i> ". Falsificação deliberada de dados econômicos que dá falsa prosperidade à URSS. Monopólio da iniciativa, fazendo com que o mundo livre fique em permanente estado defensivo. E o desgaste do poderio do inimigo, por meio de pressões e enfraquecimentos, às vezes quase imperceptíveis.
192	234	Julho	1961	John Gunther	Livro Inside Europe Today, de sua autoria. Cap. 1.	A Alemanha que eu vi	49-56	Eurásia	Al. Oriental/Berlim	Apologia à figura do Chanceler Konrad Adenauer, em 12 anos de governo, transformando a Alemanha Ocidental, de ruína, à mais poderosa, próspera e confiante nação da Europa. Afirma que o chanceler representa o povo e o que ele quer: paz, estabilidade, aproximação com a França e integração na Europa. A hostilidade do chanceler à URSS "é fixa, implacável e irredutível." Descreve a formação política, o partido, a União Democrática Cristã, o apoio dos industriais do Renânia-Ruhr, das igrejas católica e protestante, dos sindicatos e dos agricultores. Conservadores e industriais não são favoráveis à unificação, pois traria à Alemanha Ocidental 17 milhões de pessoas que durante 15 anos foram doutrinadas pelo socialismo, bem como abaixaria o padrão de vida dos ocidentais.
193	235	Agosto	1961	Max Frankel, correspondente do New York Times, esteve destacado em Moscou durante três anos.	The New York Times	Cuba - um histórico da dominação comunista	78-84	América Latina	Cuba	Afirma que o povo cubano está proibido de discordar. Boato de que os cubanos seriam anticomunistas chegou a influenciar exilados cubanos e o governo dos EUA, que organizaram invasão derrotada por Fidel, que aumentou a repressão: prisões, execuções, censura aos meios de comunicação, licença somente ao Partido Comunista, enfraquecimento do legislativo. O autor mostra como ficaram as relações de classe e o nacionalismo; como Fidel cooptava os juizes. Estações de rádio cubanas tornaram-se armas propagandísticas do governo, exaltando a URSS, a China Vermelha e as nações comunistas. Destaca a perda da privacidade, com a violação das correspondências e telefones. Até o início de 1961 ainda era possível sair do país.
194	235	Agosto	1961	Stewart Alsop	The Saturday Evening Post	África, o enigma negro	123-134	África	Discriminação racial	Destaca o fenômeno "África Ocidental Vence de Novo", que faz com que nativos se juntem "em bandos para rir e trocar do tolo homem branco". A doença é norma, e não "é fora do comum uma pessoa internada num leprosário estar sofrendo de malária, doença do sono, boubá, oncocercíase e verminoses, além de lepra". Acontecem coisas incompreensíveis para o homem branco, como o caso de autoridades da África Negra, "imponentes e com boa instrução", apresentarem marcas tribais no rosto. São sinais do instinto selvagem, que "pode substituir a jovial indolência do homem do sertão africano". O forte nacionalismo surgido após a independência serviu para barrar o avanço do comunismo. O estímulo ao ódio racial é um meio de propaganda criado pelos soviéticos; mas deveriam perceber que também são brancos, mas os chineses não.

195	235	Agosto	1961	Harry e Bonaro Overstreet	Livro The war called peace	De como não fazer o jogo de Khrushchev	162-165	Aspectos teóricos	Coexistência	Kruschev será vitorioso graças ao comodismo do Ocidente, e que se desdobra em: pessimismo, que acredita que o comunismo tenha vindo para ficar, e que estimula o mundo livre a fazer sucessivas concessões; otimismo, que vê a industrialização soviética capaz de produzir efeitos "liberalizantes"; sentimentalismo, que espera que somente o Ocidente realize o desarmamento, deixando o mundo livre a mercê dos comunistas; <i>indiferença</i> em relação às necessidades e aspirações humanas; fuga dos problemas, de tanto se ouvir falar dele. "Milhões de pessoas que vivem sob o guante do comunismo não o suportam mais. Procederemos mal permitindo que nosso enfado aumente esse número."
196	236	Setembro	1961		Time	Jânio - nova era para o Brasil	39-46	América Latina	Brasil	"Um Brasil forte e sadio não assegura democracia na América latina, mas é certo que, se o Brasil não der tal segurança, poucos países a darão". Jânio Quadros compreendia bem isso, e teria dito que "um dia, em alguma serra desconhecida, um desconhecido Fidel Castro aparecerá no Brasil". O artigo correlaciona o sentimento revolucionário com as Ligas Camponesas, que sob a direção do "discípulo de Castro", Francisco Julião, atacavam propriedades rurais e provocavam distúrbios nas cidades. A reforma do governo para o Nordeste devia combater a "influência crescente das Ligas Camponesas de infiltração comunista, com uma reforma agrária intensiva". Diz Jânio Quadros: "Os comunistas só se beneficiam com a ignorância que aflige muitos dos meus patrícios. Não têm absolutamente interesse num Brasil democrático e próspero. Procuram apenas explorar a miséria".
197	236	Setembro	1961	Everest Mulekezi	Reader's Digest	Fui "estudante" na Universidade de Moscou	88-101	Eurásia	Regime soviético	Dois jovens de Uganda conseguem estudar de graça atrás da Cortina de Ferro, em outubro de 1959. O artigo detalha controles na universidade, e passes existentes no país para tudo. Estranharam que os cerca de 1 mil estrangeiros ficassem isolados de estudantes russos. Cita observações do professor acerca da aptidão ao comunismo. Eram proibidos de ouvir jazz ou leituras ocidentais. Mostra focos de resistência entre os estudantes de Somália, Camarões, Congo, Mali, Nigéria, Togo etc. e as discussões com estudantes soviéticos sobre doutrinas comunistas. O extremismo fez com que os africanos, furiosos, tentassem sair da URSS. Mas as embaixadas ocidentais a princípio negavam auxílio. "Novas formas de colonialismo e discriminação representam grave ameaça para o futuro da África".
198	238	Novembro	1961	José Figueres, ex-presidente da Costa Rica, entre 1954 e 1958. Após seu mandato proferiu discursos em países da América do Sul, e visitou os Estados Unidos, "onde seu parecer é procurado nas mais altas esferas".	Reader's Digest	Estados Unidos e América Latina	47-54	América Latina	Visão ocidental	A ameaça comunista está presente na América Latina, que tem peso na balança do poder entre os blocos. Somente com o "apoio amigo" dos norte-americanos as batalhas contra as oligarquias e ditaduras à direita e a contenção e o afastamento dos comunistas à esquerda poderão ter êxito. O artigo é todo escrito como uma solicitação de ajuda aos EUA. Sugere que as grandes empresas que negociam com a América Latina ajudem os jornais democráticos. Propõe que se crie o comando unificado da guerra-fria em Washington, para liderar o combate ao comunismo, no hemisfério. "Isto significaria que os EUA logicamente orientariam a nossa revolução social democrática e não se oporiam a ela. Compartilhem conosco a democracia e nós compartilharemos com vocês o seu destino".

199	238	Novembro	1961	James Burnham, escrito e professor de Ciência Política, é autor de <i>A próxima derrota do comunismo</i> , <i>Imobilização ou libertação</i> e <i>A teia da subversão</i>	Ordinance	A velha tática continua ganhando batalhas	70-73	Aspectos teóricos	Coexistência	Sobre distúrbios populares em cidades não-comunistas: Caracas, Montevideu, Lima, Bagdá, Havana (?), Cidade do Cabo, Saigon, Tóquio, Ancara, Argel, Seul. Dentro de um ano, se o governo cubano não for derrubado, o comunismo conquistará a América Central e do Sul. Mais: em um ano, o Laos ou o Vietnã do Sul poderão ter governos comunistas. Neste avanço não são utilizadas armas nucleares ou militares. O armamento empregado está baseado em métodos de guerra política: agitação, propaganda, subversão, manobras econômicas, motins, terror, diplomacia diversiva, guerrilhas e ações paramilitares. "As operações coordenadas dos recentes motins no mundo inteiro e a sua alta percentagem de êxito são produto de adestrados neoblanquistas bolchevistas". Os norte-americanos gastam bilhões de dólares nas armas erradas.
200	238	Novembro	1961	Francis Vivian Drake, redator-militar do Reader's Digest.	Reader's Digest	O SAC está preparado!	221-232	Aspectos teóricos	Armamentismo	O Comando Aeroestratégico dos Estados Unidos é hoje " <i>mais forte e mais eficiente do que nunca e suficientemente mortífero para convencer os comunistas de que atacar seria suicídio</i> ". O inimigo deve ser convencido de que "o poder norte-americano de exercer represálias está pronto em qualquer tempo, e que é tão eficiente que nenhum agressor se atreva a atacar. Em toda sala de operações há uma divisa emoldurada: 'A Paz é a Nossa Profissão'". Mas crê que há necessidade de mais bombardeiros e a aceleração dos mísseis, para exercer maior poder de represália. Há uma diferença favorável aos soviéticos em relação aos mísseis, mas eles sabem que os EUA possuem um tremendo poder de ataque.
201	239	Dezembro	1961	Robert Coughlan	Life	A hora da América Latina	43-48	América Latina	Visão ocidental	Os problemas latino-americanos são desconcertantes: "procriação sem limites", analfabetismo, pobreza, desgoverno, "animosidades de raça e de classe, crescente ressentimento contra os EUA, faccionismo político, gosto pela intriga e violência, pelo lucro fácil e pela ostentação". A América Latina anseia "por uma vida melhor por parte de populações desprivilegiadas e pela independência dos povos coloniais" (?). Alguns "ressentimentos sociais": sistema feudal dos latifúndios, recurso naturais nas mãos de empresas capitalistas, subalimentação. "Mais da metade nada possui além da roupa do corpo e uns miseráveis cacarecos domésticos". "Algumas grandes nações, como o Brasil, estão imbuídas de um sentido de 'destino manifesto', quase como os EUA na década de 1840". A comunização da América Latina pode ser evitada com a ajuda dos EUA.

202	239	Dezembro	1961	Eugene Lyons, redator do <i>Reader's Digest</i> , "tem dedicado sua vida ao estudo da Rússia Soviética e do Comunismo". Trabalhou de 1928 a 1934 como correspondente da United Press em Moscou. É autor de <i>Missão na Utopia</i> , <i>Nossos Aliados</i> <i>Secretos: os Povos da Rússia</i> etc.	Reader's Digest	Sempre haverá uma "crise de Berlim"	188-196	Aspectos teóricos	Coexistência	Em cada crise mundial os EUA são pegos despreparados e surpresos. São crises periódicas que fazem parte de um novo plano de longo prazo dos comunistas. Fazem com o Ocidente perca o equilíbrio, desviem a atenção para outras regiões, dividem os aliados ocidentais, e mantêm o Ocidente em " <i>estado de espírito defensivo</i> ", que o impede de tomar a iniciativa no conflito. Sempre haverá uma em Berlim, no Iraque, Formosa, Venezuela, na Birmânia etc, cujo monopólio da ofensiva está nas mãos dos soviéticos. "O Ocidente ainda não percebeu que a guerra fria propagada pelos soviéticos e chineses, mesmo quando "crismada de 'coexistência pacífica'" significa que deve ser travada até o fim, ou melhor, o fim do Ocidente". "Em vez de aguardar passivamente que os Vermelhos hostilizem o <i>Ocidente</i> , o Ocidente deve encontrar e criar oportunidades de hostilizar os <i>Vermelhos</i> ". Propõe a organização de um "Estado-Maior político" para planificar e dirigir a guerra fria.
203	240	Janeiro	1962	William A. H. Birnie, redator do Reader's Digest, foi adido de informações da Embaixada Americana em "Bona" de 1957 a 1960.	Reader's Digest	A infamante Muralha de Berlim	21-27	Eurásia	Al. Oriental/Berlim	"O primeiro impacto desta infame construção que separa a Berlim Oriental da Berlim Ocidental é esmagador. É uma coisa feia essa afronta à civilização". Descreve a construção do muro, e conta histórias da separação, sobre os destinos de famílias e amigos após a construção. Fala da fuga dos refugiados da parte oriental. "Ao mostrar o passaporte a um Vopo, para efetuar alguma compra, tem-se a vívida consciência de estar em um vasto campo de concentração. Os cartazes de propaganda, a onipresença dos Vopos e a noção de que eu estava isolado me dava curiosa sensação de claustrofobia". E mesmo com certa estabilidade do lado ocidental, e da vida sofrida sob o regime comunista, era triste ninguém acreditar no desaparecimento do muro, num forte sentido de que essa divisão se perpetuaria.
204	240	Janeiro	1962	Don Wharton	Reader's Digest	Veneno em letras vermelhas	143-148	Aspectos teóricos	Comunismo	Nunca na história da propaganda os países comunistas produziram tanto material impresso. "Os países comunistas imprimem e despacham para o mundo livre 125 diferentes revistas, em 400 línguas; 3 milhões de exemplares de publicações vermelhas são mandados, mensalmente, só para o Japão, Alemanha Ocidental e Estados Unidos". Na América Latina podem ser encontrados nas bancas de jornais, revistas e folhetos comunistas impressos em Cuba. Explica que o dinheiro obtido neste comércio fica nas embaixadas soviéticas, e serve para subvencionar editoras comunistas locais ou atividades de partidos comunistas. Há uma atual onda de livros antiamericanos, com o objetivo de dividir o Ocidente.

205	241	Fevereiro	1962	John F. Frazer	Die Weltwoche	A batalha pelo Himalaia	52-57	China	Expansão comunista	Sobre a disputa entre Índia e China pela região do Himalaia. Chineses tomaram conta de 31 mil km² na Cashemira, além de territórios no norte e nordeste da Índia. Mas, na Índia, a confiança nos comunistas desapareceu. As próximas ações da China serão armar o Tibet, fazendo do país uma base para a subversão; perseguir a Índia com reivindicações de fronteiras; fomentar agressão indireta, por intermédio dos comunistas locais. A resposta da Índia a esse desafio tem sido um misto de firmeza, astúcia e ingenuidade, pois continua com a política de nação não-comprometida, cultivando amizade com Moscou somente para conter os chineses. Mas e o risco da união com os soviéticos? "A luta pelo Himalaia não terminará cedo. 'Cavamos onde está mole', disse um diplomata chinês. Sondarão as fraquezas e, no tempo oportuno, é provável que flexionem os músculos".
206	241	Fevereiro	1962	Lyndon B. Johnson, Vice-Presidente dos Estados Unidos.	Reader's Digest	Perguntas e respostas sobre os Estados Unidos	100-108	Aspectos teóricos	Coexistência	Respostas às questões recebidas na viagem, em 1961, pela Ásia, África, América Latina e Europa. As forças soviéticas têm poder de ataque terrestre superior ao da OTAN (10 para 1), o que exige fortalecimento da organização; os norte-americanos têm, para com o comunismo "profunda preocupação", "em vista dos milhões de pessoas incorporadas ao bloco soviético por meio de um hábil punhado de comunistas adestrados em Moscou e apoiados pela proximidade das forças do Exército Vermelho. Nos EUA, a palavra socialismo remete sempre aos nazistas, cujo partido se chamava Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores." O progresso econômico soviético, além de não se comparar com as economias livres, é pago em valor humano (queda do padrão de vida dos trabalhadores). As novas nações: o caminho soviético é perigoso.
207	242	Março	1962	Robert Littell, especialista em assuntos da URSS, foi redator-geral da Newsweek; escreveu uma série de livros sobre espionagem: <i>The Defection of A. J. Lewinter, The Company, Mother Russia, The October Circle</i> etc.	Le Nouveau Candide	A heresia na Iugoslávia cria progresso	55-61	Eurásia	Resistência anticomunista	Rompendo com a URSS, a Iugoslávia passou a ser "produtora, com mentalidade ocidental, desde brinquedos de matéria plástica a usinas siderúrgicas e transatlânticos". Também exporta talentos. O país tem se comportado como uma espécie agressiva e bem-sucedida de socialismo. Pela primeira vez, os iugoslavos estão podendo gastar com coisas "que estão além das suas necessidades básicas". Enquanto cidadãos da URSS ficam isolados do Ocidente por meio de forte vigilância, o que mantém os iugoslavos no seu próprio país é o elevado salário (ainda assim, em 1960, 80 mil fugiram do país). A Iugoslávia não se reunirá ao bloco soviético. Os costumes ocidentais estão ganhando terreno. "A sua economia continuará a desenvolver-se vigorosamente, e às vezes de maneira descontrolada e imprevisível, dentro da estrutura da sua espécie irregular de comunismo".
208	242	Março	1962	Lester Velie, escritor e jornalista, trabalhou no Reader's Digest, Colliers e The Saturday Evening Post	Reader's Digest	Nova bomba-relógio na América Central	115-126	América Latina	Expansão comunista	A Nicarágua vive uma crise que se assemelha à fase pré-revolução cubana. O país é governado pela ditadura militar da família Somoza desde 1936. É um dos mais urgentes problemas da América Latina, porque corre o risco de seguir o mesmo caminho de Cuba. O presidente Luis Somoza quer mostrar ao mundo "uma completa ficção de governo democrático". O autor alerta para o risco de infiltração de comunistas no governo dos Somozas, a mesma estratégia aplicada na revolução cubana. Os Somozas permitem a sobrevivência dos comunistas no país, enquanto reprimem os elementos democráticos. O país não segue o processo de reformas como as demais nações latino-americanas. Sua reforma agrária é às avessas, deixando que as melhores terras fiquem nas mãos de poucos.

209	243	Abril	1962		Life	Os milhões de famintos na China	46-51	China	Expansão comunista	Por trás da propaganda oficial chinesa sobre o progresso do país, há fome rigorosa. O próprio Mao concorda, não com uma grande fome, mas "apenas um período de escassez". Segundo Stanley Karnow, "é uma fome racionada, arregimentada. Simboliza o malogro da mais vasta experiência social já empreendida - a tentativa comunista da China, da noite para o dia, de passar do país mais pobre do mundo numa grande potência industrial". A partir de 1958, com "O Grande Salto para a Frente", milhões de camponeses foram agrupados em 24 mil "espartanas comunas do povo". "Um país que aspira à condição de potência mundial, que desafia Washington e Moscou, que está procurando produzir bombas nucleares e nem ao menos pode alimentar o seu povo".
210	243	Abril	1962	Roscoe Drummond, colunista do New York Herald Tribune Syndicate, em Washington.	Saturday Review	Estados Unidos da Europa - esperança do Ocidente	65-69	Eurásia	Resistência anticomunista	O Ocidente está prestes a presenciar uma aliança econômica e política que poderia levar à paz: os Estados Unidos da Europa, que terá uma forte direção econômica e política e, estando ao lado dos EUA, colocariam em prática iniciativas de mercado livre e de economia voltada para o consumidor. Os espíritos estão tão fartos das crises ocorridas no mundo, de Vietnã a Berlim, que o Mercado Comum pode conduzir à unificação política européia. O MCE fortalecido pode dividir com os EUA a liderança do mundo livre, e jamais seria alcançado pelos comunistas. Krushchev conhece bem o poder dessa união: como não é aliança militar, não pode ser contra-atacada, do mesmo modo que o Plano Marshall. "Uma Europa Ocidental econômica e politicamente unida, como a que está a caminho de concretizar-se, tornará a proposta de Krushchev vazia e sem sentido".
211	243	Abril	1962		Livro de Ralph Toledano e Victor Lasky, Seeds of treason	Sementes da traição	147-198	Aspectos teóricos	Comunismo	Único artigo sobre o comunismo nos EUA, descreve atividades de dois agentes americanos. Dá detalhes das ações do grupo liderado por Whittaker Chambers, que enviava informações secretas para a URSS. Em 1936, ele se desliga do partido, convencido de que o comunismo "significa a escravidão e a noite espiritual para a mente e a alma humanas" -, e denuncia ações comunistas para o FBI. No dia 24 de janeiro de 1950 Alger Hiss era condenado a 10 anos de prisão (mas passou na prisão apenas 44 meses, por bom comportamento). Hoje trabalha como vendedor e é divorciado. "Hiss foi um homem pilhado na tragédia da arrogância e da autodecepção. Mas há os que – e seus nomes forma legião – em sua cegueira inocente o instigaram, a ele e a outros como ele, a plantar as sementes da traição."
212	244	Maio	1962	Dwight D. Eisenhower, ex- Presidente dos EUA.	The Saturday Evening Post	Minha opinião sobre Berlim	41-48	Eurásia	Al. Oriental/Berlim	Descreve articulações, desde a Segunda Guerra, sobre o destino de Berlim. Diz que o muro é um monumento à desigualdade soviética. Não tinha objetivo de manter democratas do lado de fora, mas de prender do lado de dentro o seu povo "espezinhado e infeliz". A prosperidade da Alemanha Ocidental será grande reforço à OTAN e às defesas do Ocidente. Os soviéticos evitarão uma guerra nuclear, e vão se utilizar de todos os recursos para espalhar falsidades e distorções, confusão e temor no mundo livre, que deve estar disposto a negociar, mas sem restrições à liberdade. "Não devemos entregar-nos à militarização excessiva numa reação temerosa a estridentes ameaças ou baixar a guarda em face de palavras melífluas".

213	244	Maio	1962		Time	O teste de um presidente	118-132	Aspectos teóricos	Coexistência	<p>Analisa os 16 meses de Kennedy no poder, e as 3 fases da personalidade presidencial: a arrogância do início, a desilusão após a fracassada invasão cubana, e a recuperação da confiança, nos últimos meses, "temperada pelas amargas lições das experiências". A derrota foi um "abalo violento, mas pareceu disposto a tentar quase tudo para reconstituir a situação anterior a Cuba". Teve encontro sombrio com Kruschev, em Viena, e reconheceu a dureza do líder soviético. A grande prova futura de Kennedy será "enfrentar e combater as forças de pilhagem do comunismo em todas as frentes". No rodapé há uma nota sobre a desastrosa invasão, quando Nixon dissera "se eu chegasse a ser responsável pela omissão de uma importante decisão sobre o caso cubano capaz de assegurar a vitória, teria sofrido um processo de impeachment".</p>
214	245	Junho	1962	Luis Muñoz Marín, governador de Porto Rico, e Donald Robinson.	This Week	Como a América Latina pode salvar-se do castrismo	39-42	América Latina	Cuba	<p>A preocupação na América Latina é como barrar uma revolução do tipo cubano no continente, que levou Fidel a se aproximar dos soviéticos e agora manda agentes subverter as outras nações latino-americanas. Para a reação, devem ser sanados os males que prevalecem em toda a região: baixa renda <i>per capita</i>; concentração da terra; analfabetismo; baixa expectativa de vida. As promessas comunistas são tentadoras. Há alguns anos, Porto Rico quase foi dominada pelos comunistas. Alguns bons resultados: reformas agrária e tributária, saneamento básico, energia elétrica, moradia, educação. "Os latino-americanos encontram-se numa encruzilhada. Uma estrada poderá levá-los ao castrismo e ao fim de todas as suas liberdades. Pela outra estrada poderão encaminhar-se de maneira pacífica e democrática para a prosperidade, a saúde e a esperança".</p>
215	245	Junho	1962	Robert S. Strother	Popular Science Monthly	Fotografia aérea: sentinela do espaço	52-57	Aspectos teóricos	Armamentismo	<p>Rodapé: todas as informações deste artigo foram extraídas de fontes públicas e portanto já são do conhecimento dos comunistas. Destaca que depois do cancelamento dos vôos dos aviões U-2 sobre a Rússia, em maio de 1960, a Secretaria de Defesa dos EUA passou a usar satélites para fotografia de elevada altitude - além de alertar sobre ataques-surpresa, também são poderoso instrumento para evitar guerra. Em 31 de janeiro de 1961 foi lançado o satélite Samus II, que passa 7 vezes por dia sobre a URSS. Em 21 de outubro foi lançado o Midas, que contorna o globo em 2h40. Estes satélites formam órbitas a intervalos diferentes, permitindo assim que todo o planeta fique sob contínua vigilância.</p>
216	246	Julho	1962	Lord Taylor, psiquiatra britânico, autor de "A Doença Mental Como Chave da Normalidade", "O Décimo Psicopata"	The New York Times	Análise em profundidade do espírito russo	64-68	Aspectos teóricos	Comunismo	<p>Perfil da personalidade russa: alterna estados de exultação (paixão pela grandeza) e de depressão (desânimo diante das idéias novas; ausência de individualismo). Estado de ansiedade: reação emotiva ao perigo, mesmo sem causa para alarme. Estado esquizóide: "disposição de se retirar para um mundo pessoal fechado". Estado paranóico: "uma combinação de desconfiança com tortuosidade organizada". Estado histórico: o indivíduo só se detém quando se vê diante de uma realidade inexpugnável e perigosa, decorrendo daí a necessidade de bloquear-lhe firmemente o avanço". Estado obsessivo: as pessoas costumam "embriagar-se com idéias de justiça". O pensamento marxista se ajustou muito bem a esse perfil russo.</p>

217	246	Julho	1962	Drexel Gibson	Reader's Digest	Eu fui prisioneiro de Fidel Castro	88-98	América Latina	Cuba	História de um americano, que vivia em Cuba desde 1958, proprietário da Escola Belitz de Línguas. Em abril de 1961, justamente na semana da "malograda invasão pela Baía dos Porcos" foi preso pelos "agentes da temível polícia secreta G-2, como espião da CIA e do FBI. Os 300 mil cubanos detidos era sinal de que Castro ordenara prisões em massa, ao acaso, como forma de terror, para abortar qualquer revolta. Éramos tratados de <i>gusanos</i> (vermes), que aprenderam com o próprio Fidel, que dizia que seus opositores eram "vermes a corroerem as bases da revolução gloriosa". Mas, "nem mesmo uma cadeia comunista é capaz de abater a boa disposição dos cubanos". Foi libertado dia 5 de setembro. "No instante em que o avião começou a baixar sobre os palmares do aeroporto Miami senti, no fundo do meu coração, o que realmente significa ser livre".
218	247	Agosto	1962	Dr. Ricardo Castro Beeche	<i>La Nacion</i> , da Costa Rica.	O "Imperialismo ianque"	33	Aspectos teóricos	Comunismo	Faz uma comparação entre imperialismo ianque e imperialismo soviético. No primeiro, afirma que lutou duas guerras mundiais sem tomar um palmo dos países, que dedicou o Plano Marshall à reconstrução dos países assolados pela guerra, que tem investido milhões de dólares em assistência técnica e alimentação "para salvar da fome e da miséria muito povos do mundo. O imperialismo ianque diz que um homem tem direito à felicidade graças a uma vida digna". O imperialismo soviético, ao contrário, "mantém sob seu jugo, sem liberdade de espécie alguma, todos os países por ele derrotados".
219	247	Agosto	1962	Alex Kuchеров	U.S. News & World Report	Por que Khrushchev não quer guerra	33-34	Aspectos teóricos	Coexistência	A estratégia de Krushev não inclui a guerra total, pois sabe ser certa a sua derrota. "Sem uma guerra, vê uma boa probabilidade de ganhar tudo - isto é, o mundo inteiro - pouco a pouco". Graças à ausência de uma guerra maior tem ocorrido um avanço progressista dos soviéticos. Sem guerra nuclear: a potência de ataque dos EUA não é utilizada; a fabulosa industrialização do mundo ocidental continuará a produzir bens de consumo e não armas; Krushev pode manter em funcionamento "infiltração, subversão, espionagem e sabotagem em grande escala"; Krushev acredita poder dominar seu próprio império. "Por todas estas razões, uma guerra maior é a coisa que Krushev mais deve temer. Significaria a sua perdição".
220	247	Agosto	1962		Newsweek	Guerrilhas contra guerrilhas no Vietnã	141-150	Eurásia	Guerrilha	A Guerra do Vietnã ameaçava "sujeitar todo o Sudeste da Ásia ao domínio comunista e poderá colocar os EUA em choque direto com os vermelhos chineses". Surgiu novo gênero especial de guerra, as guerrilhas. "O guerrilheiro usa um fuzil, mas as suas verdadeiras armas são a fé e a disposição de morrer por uma causa política". Os comunistas, com o apoio de Krushev e de Mao, adotaram as guerrilhas como a técnica de expansão do domínio pela força. Os guerrilheiros se misturam com o povo, dizendo que lutam pela felicidade. Os líderes políticos do Vietnã não têm feito sua parte: uma reforma. Se o Vietnã "cair", também cairão o Laos, a Tailândia, o Camboja e talvez a Malásia e a Indonésia. Uma derrota inaceitável para o Ocidente.

221	248	Setembro	1962	Raymond Carroll	Newsweek	Vitória cara no Vietnã	134-144	Eurásia	Guerrilha	A missão dos EUA na Guerra do Vietnã é dar todo apoio ao governo na luta contra os guerrilheiros do Viet Cong comunista, e não combater. Os guerrilheiros, "empenhados em derrubar o regime ocidentalista de Diem, já dominam parcialmente o país". Depois do Laos, os comunistas, se conquistarem o Vietnã, poderão tomar também a Tailândia e o Camboja. A guerra é travada nos arrozais do país, onde soldados do exército vietnamita procuram vietcongs infiltrados. A maior dificuldade é isolar os guerrilheiros dos aliados camponeses, que lhes dão comida, esconderijo e informações. Autoridades norte-americanas, querem identificar, confinar e vigiar todos os camponeses em campos de concentração. Mas não existe técnica suficientemente boa para vencer os guerrilheiros, "se a maioria do povo vietnamita não for persuadida a dar as costas à causa comunista".
222	249	Outubro	1962	Eugene Lyons, redator do <i>Reader's Digest</i> , "tem dedicado sua vida ao estudo da Rússia Soviética e do Comunismo". Trabalhou de 1928 a 1934 como correspondente da United Press em Moscou. É autor de <i>Missão na Utopia</i> , <i>Nossos Aliados</i> <i>Secretos: os Povos da Rússia</i> etc.	Radio WRUL, de New York	Pacifistas ou "panicistas"	16, 18	Aspectos teóricos	Coexistência	Os soviéticos foram os primeiros a romperem o acordo de cessar experiências nucleares, mas ainda assim milhares de pessoas estão se manifestando em Washington, e não na Praça Vermelha; têm ocorrido distúrbios diante de embaixadas americanas mas não soviéticas. Estes movimentos em nome de um pacifismo não são verdadeiros. "O pacifismo, com efeito, tem uma longa e honrosa história. Emana de convicção religiosa. Os pacifistas genuínos eram e são contra o homem matar o homem, com estilingue ou com bombas antiquadas. Há na posição deles elementos de heroísmo". Esse novo pacifismo, estranho, deformado e apavorado, tem promovido situações ridículas, que não refletem a sua consciência, mas simplesmente "uma reação de puro medo animal". "Os pacifistas tradicionais preocupam-se como salvar suas almas. Os pacifistas da histeria nuclear estão apenas preocupados em salvar a pele!".
223	249	Outubro	1962	Stewart Alsop	The Saturday Evening Post	A grande estratégia de Kennedy	45-50	Aspectos teóricos	Coexistência	Kennedy afirma que ambos os lados possuem as mesmas armas e que os EUA devem estar prontos para o emprego de armas nucleares. Mas a estratégia principal é "o poder de escolha", pois dele emana certa flexibilidade, certo controle da situação. Segundo Krushev, a vitória mundial do comunismo seria alcançada por meio de lutas limitadas de guerrilhas. É o que ele entende por "coexistência pacífica". Por isso Kennedy pensa que outra forma de combater os comunistas, além do temor nuclear, é a união das nações comerciais do Ocidente, que atrairiam para si os países subdesenvolvidos e também países comunistas, tornando ridículas "as bazólias de Krushev sobre a vitória econômica do comunismo".

224	249	Outubro	1962	Bob Considine	Journal-American, de New York	Por falar em ameaças, Sr. K	129-142	Aspectos teóricos	Armamentismo	O Ocidente tem tanto poderio que seria capaz de destruir em horas a URSS no caso de guerra, o que torna ridículas "as jactâncias e ameaças de Krushev". Descreve a força bélica da Inglaterra, dos EUA, da OTAN, das bases americanas na França e na Itália, como resposta às ameaças de Krushev. Mas a maior arma do arsenal do Ocidente é o homem. "Está em toda parte esse homem ocidental que tem um poder inimaginável nas mãos e a compaixão dentro do peito. Ele deseja a paz. Mas se esta lhe for arrebatada, ele tem os meios e a disposição para reagir com hecatombes de fissão e fusão tão horríveis que não podem ser descritas". O artigo afirma que não "não há confusão e com o mínimo de duplicação de esforços haverá um máximo de resultados, e disso o inimigo sabe. É por esta razão que conserva suspensa a sua mão nuclear".
225	250	Novembro	1962	Noel F. Busch	Reader's Digest	O interesse do mundo livre na Tailândia	60-65	Eurásia	Resistência anticomunista	A "anticomunista" Tailândia é zona estratégica de defesa do mundo livre. Em 1954 foi criada a Organização do Tratado do Sudeste da Ásia - SEATO, e os EUA mandaram 5 mil soldados, que permanecerão enquanto existir o risco de uma derrota frente ao comunismo. O país tem 30 mil refugiados da Indochina, grande parte adepta do líder comunista do Vietnã do Norte, Ho Chi Minh, e 3 milhões de residentes chineses, muitos comunistas, que controlam comércio, bancos e moinhos de arroz. O país já aderira ao mundo livre há quase 700 anos: a própria palavra <i>thai</i> significa "livre" (nunca foram colonizados); e não crê que a URSS seja a protetora das nações novas "contra seus ex-senhores". Perder a Tailândia significa perder influência em países de população não-branca e não-cristã.
226	250	Novembro	1962	Peter Maas	The Saturday Evening Post	O maquiavélico Sr. Menon	116-124	Eurásia	Resistência anticomunista	Analisa as atividades de V. K. Krishna Menon, Ministro da Defesa e Chefe da Delegação da Índia na ONU. Menon instigou o ataque da Índia a Goa, em dezembro de 1961, o que revela a sua feição maquiavélica, pois declarara antes que não usaria de força. Na ONU é tido como desagradável, áspero, grosseiro e vaidoso, considerado "o diplomata mais detestado do mundo". Em 1958, na ONU, votou pelo apoio a Moscou no conflito da Coreia, mesmo se autodenominando neutralista ou "não-comprometido". Com influência perniciosa, é difícil compreender como o Primeiro-Ministro Nehru o aceita. Segundo um estudioso de sua carreira, "Menon é um produto das gerações de socialistas não-conformistas de 1920 a 1930, cuja principal característica não era o idealismo, mas a inveja e a desconfiança de toda a estrutura da sociedade". A questão é saber se ele poderá ser o sucessor...
227	250	Novembro	1962	Robert Bendiner	Show	A batalha no palco	197-202	Aspectos teóricos	Coexistência	Nos últimos anos era praticada a "diplomacia cultural", um tipo de guerra mais benigno. "É possível odiar um país qualquer e a sua política nacional, mas não se pode odiar o cantor que derrama a alma num palco ou a primeira bailarina que joga beijos para a galeria". "A União Soviética passava por país atrasado, onde a cultura fenecia sob a ditadura. Os americanos eram tidos como um povo superorgulhoso, impelido pela avidez materialista". Todas as ações culturais soviéticas são controladas pelo Estado, enquanto que nos EUA "a Seção de Assuntos Educativos e Culturais do Departamento de Estado norte-americano não tem autoridade para dar ordens nem sequer ao macaco do tocador de realejo". Cita aspectos negativos dessa diplomacia: em Bogotá, parte da bagagem da Companhia da Ópera de Pequim foi apreendida porque transportava panfletos de propaganda.

228	251	Dezembro	1962	Clarence W. Hall	Reader's Digest	Tibete violentado - um desafio à consciência do mundo livre	101-108	China	Expansão comunista	Descreve o terror e o genocídio praticado pela China Vermelha no Tibet: a partir de 1959, mais de 100 mil mortos. Dalai Lama foge para um exílio na Índia, mas não pode promover denúncia sob o governo de Nehru, que não quer crise com a China. Faz seguidos apelos à ONU, sem sucesso. Em setembro de 1959 a Assembléia-Geral da ONU declara apenas "grave preocupação", mas não nomina a China Vermelha; em dezembro a Assembléia pede garantia dos direitos humanos e liberdades fundamentais da nação tibetana. As montanhas do Tibet poderão ser transformadas "numa inexpugnável cidadela da qual se desfecharão ataques à Índia, à Birmânia, ao Paquistão e aos estados do Sudeste da Ásia". Afirma Dalai que o "comunismo chinês existe há 12 anos, mas a nossa fé dura 2.500 anos. Minha esperança está na coragem dos tibetanos."
229	251	Dezembro	1962	George Kent	Reader's Digest	Um natal em Vorkuta	203-209	Eurásia	Resistência anticomunista	História de casal que se conheceu no "campo de horror soviético de Vorkuta", em 1947: o médico dinamarquês Alexander, preso em Berlim sob acusação de colaborar com os alemães; e a médica letã Olite. Passaram juntos o Natal, "o mais feliz de suas vidas". Logo depois, ele foi mandado para um campo de trabalhos forçados em Stalino, a 3 mil km de distância. Via Olite algumas vezes, em dezembro de 1950 nasceu seu filho. Verificadas falsas as acusações, foi libertado e voltou para a Dinamarca. Mas, tido ainda como colaboracionista, no Natal de 1955 tenta o suicídio. Mas encontra provas, guardadas pelo irmão, que o isentavam da acusação de espião nazista. Consegue que o Primeiro-Ministro trouxesse Olite e a criança para a Dinamarca. Casaram-se em 12 de dezembro de 1956.
230	252	Janeiro	1963	William A. H. Birnie, redator do Reader's Digest, foi adido de informações da Embaixada Americana em "Bona" de 1957 a 1960.	Reader's Digest	Vinte e sete metros para a liberdade	21-36	Eurásia	Al. Oriental/Berlim	Descreve a fuga da família Becker, de Berlim Oriental para o lado ocidental. A fuga compreendeu 28 pessoas, e ocorreu no dia 24 de janeiro de 1962, por um túnel de 27 metros cavado na casa dos Beckers, próxima do muro. Os Beckers "tinham os nervos tensos a tal ponto que, no seu desespero, preferiram arriscar a vida a permanecer sob o regime comunista asfixiante e infestado de espiões". "Os comunistas espalhavam a opinião de que quem trabalhara em Berlim Ocidental provavelmente se deixara infeccionar pela 'decadência capitalista'. Foi a maior fuga coletiva, até aquele momento, desde a construção do Muro.
231	253	Fevereiro	1963		Times, de Los Angeles	A voz de uma nação cativa	20	Eurásia	Al. Oriental/Berlim	Discute a conveniência da política do mundo livre de ajudar os países comunistas sob privações, como a ajuda da Alemanha Ocidental para a Oriental, cogitada por Adenauer. Entretanto, ele recebeu cartas de toda a Alemanha Oriental, fazendo-lhe fortes críticas: "Terá Adenauer perdido o juízo? Preferimos morrer de fome a vê-los dar qualquer ajuda aos vermelhos. A nossa única esperança é que o comunismo fracasse". "Com a nossa bondade para com os seus senhores, poderemos talvez sem querer, estrangular as esperanças dos povos cativos".

232	253	Fevereiro	1963	Irwin Ross	Reader's Digest	A Finlândia estará brincando de roleta russa?	62-67	Eurásia	Resistência anticomunista	Em 1939, sem aviso, a Finlândia foi atacada pela URSS, e mesmo em desvantagem resistiu por mais de três meses. Depois lutou contra os russos de 1941 a 1944, quando teve que assinar um armistício. Embora derrotada não foram conquistada. Hoje, a ameaça é a perda da liberdade não por invasão, mas por erosão. Após a Segunda Guerra, a Finlândia ficou neutra na guerra fria. É preocupante para o Ocidente que o Presidente da República Urho Kekkonen firme seguidos acordos de amizade com Kruschev. "Embora puído nas extremidades, o tecido da democracia finlandesa está intacto Fervorosamente partidários do Ocidente, os finlandeses continuam firmes, independentes e obstinados como sempre. A questão é saber se uma coisa tão dramática como uma luta armada terá possibilidades de ocorrer".
233	253	Fevereiro	1963		Time	Anatomia da decisão sobre Cuba	125-130	América Latina	Cuba	Discute instalação dos mísseis soviéticos em Cuba, em outubro de 1962. A posição de Kennedy é das mais decisivas do século XX: "avançar custe o que custar". Todos os países latino-americanos apoiaram a decisão norte-americana de um bloqueio marítimo e aéreo. Kruschev propôs uma troca: retirar os mísseis de Cuba se Kennedy tirasse os dele da Turquia, energicamente recusada. Os mísseis instalados na Turquia não tinham a finalidade de "exercer chantagem sobre a Rússia, mas de reforçar o sistema defensivo da OTAN". "Equipar as bases norte-americana às russas é, de fato, equiparar os fins dos EUA e da Rússia". Kruschev cedeu mas afirmou que "a Rússia continua a auxiliar Cuba, o que indica que ainda espera utilizar a ilha como base para penetração comunista na América Latina".
234	254	Março	1963	Robert Littell, especialista em assuntos da URSS, foi redator-geral da Newsweek; escreveu uma série de livros sobre espionagem: <i>The Defection of A. J. Lewinter, The Company, Mother Russia, The October Circle</i> etc.	Reader's Digest	A corrida de Nasser contra o aumento de população	46-51	África	Socialismo árabe	A grande preocupação do Egito é o elevado crescimento demográfico. O país recebe auxílios financeiro e técnico da URSS, como na construção da represa de Assuã, e dos EUA, como na construção de novas aldeias. Nasser sabe que seu povo não pode esperar para satisfazer suas necessidades alimentares. A principal atividade industrial é a produção de bens de consumo, inclusive pelas fábricas de material bélico. No governo socialista de Nasser quase toda a indústria, bancos, importadoras, o Canal de Suez foram nacionalizados; e as terras dos proprietários rurais reduzidas a 50 hectares. Mas o "Socialismo Árabe" de Nasser é o melhor instrumento para a prosperidade do Egito? Uma coisa é certa: "O abismo entre o Egito socialista e a Rússia socialista parece estar aumentando (...) O Rio Nilo corre para o norte - em direção a Moscou. Deve-se impedir que ele chegue lá".
235	254	Março	1963		Livro de James Monahan e Kenneth O. Gilmore.	Como o Kremlin conquistou Cuba	158-202	América Latina	Cuba	Descreve como os soviéticos foram conquistando Cuba. A "sovietização" não ocorreu da noite para o dia: teve dois momentos de declarada influência comunista, com a visita do vice-primeiro-ministro da URSS ao país, Anastas I. Mikoyan, e, a partir de 1962, "quando Fidel Castro, não podendo salvar a economia do seu país de um colapso, nem controlar uma população cada vez mais rebelde, enviou seu irmão Raúl em missão a Moscou". Completava-se assim a ocupação política, econômica e militar de Cuba pelos soviéticos. 'A revolução é como uma melancia', dizia-se. 'Verde por fora e vermelha por dentro!'. Em 26 de julho de 1960, Fidel vangloriava-se: "Prometemos continuar fazendo de Cuba o exemplo que poderá converter a Cordilheira dos Andes na Sierra Maestra do continente americano".

236	255	Abril	1963	Lord Home, Secretário das Relações Exteriores da Grã-Bretanha	The New York Times	Nem a morte nem o comunismo	132-134	América Latina	Cuba	"Dizer 'antes o comunismo que a morte' é tão covarde quanto desnecessário, pois, se nos mantivermos calmos não morreremos nem nos converteremos em comunistas. O caso cubano "foi a oportunidade, não a causa dessa disputa internacional". A paz do mundo depende da manutenção do equilíbrio do poder nuclear, e "para isso é que existe a arma dissuasora". A liderança do bloco ocidental está nas mãos dos EUA, único a poder fazer frente à Rússia. O caso cubano não foi questão de política americana com relação a Cuba, "mas questão de política comunista com relação ao mundo livre". Constituiu somente uma etapa da guerra: os objetivos comunistas de domínio mundial são "permanentes e inexoráveis". "Se os EUA são ameaçados, nós somos ameaçados. Se eles cedem, a Rússia terá as mãos livres para tornar desagradável a vida de todos nós".
237	255	Abril	1963		Livro de James Daniel e John G. Hubbell, <i>Strike in the west</i> .	Enquanto a América dormia	160-214	América Latina	Cuba	O extenso artigo foi resultado do esforço de correspondentes do <i>Reader's Digest</i> pelo mundo, após o discurso de Kennedy em 22 de outubro, na busca da história completa da crise dos mísseis cubanos. "Concluídas as instalações, Cuba seria transformada numa plataforma de lançamento que neutralizaria grande parte da capacidade retaliativa dos EUA". O Kremlin sabia que os Estados Unidos não poderiam tolerar a instalação destas armas nucleares. E se os norte-americanos nada fizessem a OTAN desmoronaria. A OEA - um grupo muito mais fraco - se espalharia como codornizes à vista de um gavião. A Rússia teria vencido". Essa crise revelou alguns aspectos animadores: a firmeza da decisão e o fortalecimento de Kennedy. "Quando os motejos da China Vermelha se referiam aos EUA como um tigre de papel, ele respondeu: 'sim, um tigre de papel com dentes nucleares'".
238	256	Maio	1963	Eugene Lyons, redator do <i>Reader's Digest</i> , "tem dedicado sua vida ao estudo da Rússia Soviética e do Comunismo". Trabalhou de 1928 a 1934 como correspondente da United Press em Moscou. É autor de <i>Missão na Utopia</i> , <i>Nossos Aliados</i> <i>Secretos: os Povos da Rússia</i> etc.	Reader's Digest	Guiana Inglesa: outra Cuba em formação?	43-49	América Latina	Expansão comunista	Na Guiana Inglesa, "o espectro do comunismo paira sobre a colônia e poderá materializar-se quando os ingleses se afastarem". Além da presença de Cuba como satélite soviético, outros males afligem a Guiana: "racismo, estagnação econômica, explosão demográfica e outros, naquele 'microcosmo da inquietação universal'". A crise é tão intensa que a própria Inglaterra está ansiosa pela independência. O governo de Jagan liga-se ao bloco comunista por acordos de comércio e de construção com países da Europa Oriental. Mas considerar a Guiana Inglesa "cabeça-de-ponte vermelha na América do Sul" é exagerado: o país somente <i>fica</i> na América do Sul, mas não <i>faz parte</i> dela. O Kremlin ainda terá em Cuba o seu quartel-general para o avanço comunista no continente. "O país caiu nas mãos de comunistas que já cometeram grandes erros. Quando a autoridade colonial for afastada, cometerão erros mais numerosos e maiores. Além disso, os conflitos racistas irracionais deverão anular até os efeitos construtivos".

239	256	Maio	1963	William J. Lederer e Eugene Burdick	Reader's Digest	Indonésia - bomba-relógio no Pacífico Sul	69-73	Eurásia	Resistência anticomunista	A posição das novas nações dará a vitória na guerra fria. Mesmo com ajuda dos EUA e da URSS, a Indonésia está em crise, e cedo ou tarde haverá sublevação, dando as condições básicas para que os comunistas atinjam o poder. Mas parece que o comunismo não dominará o país. "O povo é afável e disposto a trabalho árduo. São pessoas inteligentes, capazes e têm orgulho da sua independência (...) São muçulmanos e culturalmente anticomunistas. Mas no coração de todos os indonésios, forjado por sua fé muçulmana e seu nacionalismo, há um duro cerne de fatalismo que facilmente pode ser convertido em fanatismo". O Ocidente deve auxiliar a Indonésia a explorar petróleo e minerais, por "um tipo de iniciativa privada exterior, capaz de estimular a criação do capital nacional e da propriedade local".
240	256	Maio	1963	Allen Drury	Reader's Digest	A ONU poderá sobreviver?	93-100	Aspectos teóricos	Coexistência	A ONU passa por uma crise de raça e de dinheiro. Na "Assembléia-Geral espreita o racismo. Séculos de colonialismo deixaram a muitos países africanos e asiáticos, cujos votos hoje controlam a Assembléia, este legado de ódio". O mal da ONU é que não luta contra o avanço do imperialismo comunista, e fica discutindo questões do velho colonialismo. Outro problema da ONU é a falta de pagamento das cotas de emergência. Os povos das nações recém-independentes "estão longe de serem uniformes em seu desenvolvimento. Na maioria delas há uma fina camada de educação e cultura no alto, uma massa de ignorância e superstição em baixo (...) O autor é contra nações tão novas terem o mesmo peso de voto de civilizações com séculos de experiência internacional.
241	256	Maio	1963	Albert Q. Maisel	Reader's Digest	A longa história da liberdade de falar	147-156	Aspectos teóricos	Comunismo	Histórico da idéia da liberdade de palavra, desde a Antiguidade até a Revolução Americana, que a garantiu já na sua primeira Constituição. As constituições de quase todos os países independentes do mundo adotaram garantias semelhantes, inclusive a Constituição Soviética de 1936; mas o que se tem visto é que os povos que estão por trás da Cortina de Ferro têm percebido que tal garantia não passa do papel, a menos que os homens estejam dispostos a lutar por ela. O artigo faz uma crítica velada ao comunismo. Segundo Andrei Vishinsky, Promotor dos expurgos de Stalin na Rússia soviética: "em nosso Estado, naturalmente, não há nem pode haver lugar para a liberdade de palavra dos adversários do socialismo". Nos EUA há ampla liberdade de palavra, para os que criticam e os que defendem o governo e seu partido.
242	259	Agosto	1963	George W. Hill, sociólogo especializado em questões rurais.	La Hacienda	O sistema de Don Eugenio	45-49	América Latina	Visão ocidental	Sobre Eugenio Mendoza, poderoso industrial venezuelano, que implantou um "capitalismo esclarecido" ou "progressista", que poderia tornar-se fator de combate à miséria e ao descontentamento dos quais a subversão de Fidel Castro se nutre. Desmente Marx, afirmando que não é um "explorador das massas": dá alfabetização e aperfeiçoamento aos seus fazendo com que eles ingressem "na crescente classe média da Venezuela"; construiu escolas e parques para seus filhos; fornece almoço e seguro de vida; dá gratificações de fim de ano; vende ações das suas companhias a eles; e concede sua participação nos lucros. Mendoza contratou assistentes sociais "para ajudarem a educar os operários no sentido de alcançarem um melhor padrão de vida". Já existem indícios em todo o hemisfério de outros empresários que estão seguindo o mesmo caminho.

243	259	Agosto	1963		Fontes diversas	A vida por trás do muro da vergonha	129-132	Eurásia	Al. Oriental/Berlim	Publicado na <i>National Review</i> : palestra de um cirurgião alemão, em Liepzig, sobre a viagem de Robert Koch à Nova Guiné, constatando que "selvagens construíam muralhas em torno de suas aldeias, matando e comendo quem quer que tentasse transpô-las para escapar". Margaret Anderson, <i>Women's News Service</i> : uma professora primária que perguntava aos seus alunos se ouviam o programa infantil "Tio Tobias", irradiado pela RIAS, estação norte-americana de rádio em língua alemã da Berlim Ocidental; caso afirmativo, significaria que seus pais sintonizam a estação e eram hostis ao regime comunista. UPI: coelhos desconcentravam os guardas comunistas ao longo do Muro, pois caíam nas armadilhas montadas para capturar fugitivos. UPI: "Carta de um berlinense do Leste, publicado num jornal da Berlim Ocidental: 'Troca-se luxuosa vila à beira do lago por um buraco no Muro'".
244	260	Setembro	1963	Max Frankel, correspondente do <i>New York Times</i> , esteve destacado em Moscou durante três anos.	The Saturday Evening Post	O violento conflito que divide o mundo comunista	44-50	China	URSS	O conflito sino-soviético "esfacelava o bloco comunista outrora monolítico, dividindo os partidos revolucionários". Krushev diz que a política dos chineses é louca, corta-lhes ajuda, nega-se a auxiliá-los na construção de armas nucleares, e opõe-se às aspirações militares contra Formosa e Índia. Mao Tsé-tung chama o líder soviético de grosseiro, que faz proclamações como "decretos imperiais", mas que é "tímido como um camundongo" quando enfrenta o Ocidente. Os chineses descobriram que a "coexistência pacífica" era fórmula de expansão russa, não de expansão comunista. Krushev não queria guerras em larga escala; Mao acreditava que os objetivos dos comunistas deveriam contemplar o uso da força, além da propaganda. Zbigniew K. Brzezinski, da Universidade de Columbia: "Nenhum império ou Igreja jamais conseguiu manter-se com duas capitais".
245	260	Setembro	1963	Gordon Gaskill	Reader's Digest	Chipre - a república relutante	151-160	Eurásia	Resistência anticomunista	Desde 1450 a.C. até 1960, quando tornou-se independente do domínio britânico, Chipre foi governado por persas, romanos, bizantinos, franceses, turcos e ingleses. O país vivia "perigosa confusão", dividido em comunidades grega e turca, além da crescente ameaça interna, o comunismo. Os turcos são anticomunistas, e entre a maioria grega o Partido Comunista Cipriota prospera de forma ameaçadora, controlando a Confederação Trabalhista, prefeituras e câmaras de vereadores. A URSS opera um serviço de propaganda dirigido ao Chipre, em turco e em grego. Um diplomata ocidental diz não ser impossível que o próximo presidente seja um comunista. "O Chipre é rico em sementes de insatisfação, econômicas e políticas".
246	261	Outubro	1963	Francis Vivian Drake, redator-militar do Reader's Digest.	Reader's Digest	A ameaça que vem do espaço interior	56-61	Aspectos teóricos	Armamentismo	Em busca de serem pioneiros na viagem à Lua, os EUA gastavam dinheiro e talento científico, correndo risco de perderem a batalha pela sobrevivência do mundo livre. Quem dominar o "Espaço Interior", faixa entre 160 e 480 km acima de nós, terá supremacia mundial, por ser possível colocar satélites armados. O programa espacial americano é pacífico, de satélites meteorológicos e de comunicações; "o esforço russo é inegavelmente <i>militar</i> ". A URSS "quer conquistar o espaço interior, único local onde ainda não encontra oposição; e onde ao contrário do que se dá na terra, no ar, no mar sob o mar, não se defronta com meios dissuasórios". E diante da ameaça, "é alarmante saber que <i>os EUA não têm nenhum programa de alta prioridade destinado a evitar, antecipar, ou dissuadir uma tal perspectiva</i> ".

247	261	Outubro	1963	Dickey Chapelle, reporter-fotógrafa.	Reader's Digest	O padre guerreiro do Vietnã	74-80	Eurásia	Resistência anticomunista	O padre chinês Hoa, de uma paróquia no sul da China, região habitada por "ferozes piratas" e "facínoras", empreendeu fuga com os fiéis para o Vietnã do Sul, onde o governo antivermelho de Ngo Dienh Diem os recebeu. Todavia, ali também havia agentes comunistas do Viet Cong. Foi formado então, com o apoio do padre, o Exército da Andorinha do Mar, para combater comunistas, sempre preparado sempre para a <i>ofensiva</i> , e composto de chineses e vietnamitas que afluíam de todo o país. A um grupo recém-chegado ao exército, falou-lhes o padre Hoa: "Vocês vieram unir-se a nós, e não viverão três anos. Mas sua morte será abençoada, ao contrário da morte dos covardes, porque será em benefício da liberdade de todos os povos. E, antes que ela chegue, poderão matar muitos inimigos".
248	262	Novembro	1963	Eugene Lyons, redator do <i>Reader's Digest</i> , "tem dedicado sua vida ao estudo da Rússia Soviética e do Comunismo". Trabalhou de 1928 a 1934 como correspondente da United Press em Moscou. É autor de <i>Missão na Utopia</i> , <i>Nossos Aliados</i> <i>Secretos: os Povos da Rússia</i> etc.	Reader's Digest	Um espectro assombra o Kremlin	46-53	Eurásia	Comunismo	Uma nova literatura russa tem saciado "a fome da nova geração e de muitos dos mais velhos, fome de vidas menos monótonas e arregimentadas, de verdade, de justiça, de liberdade, de idealismo e de outros valores semelhantes, reprovados ou banidos pelo regime". "O que mais alarmava o Kremlin era os temas principais desta explosão literária serem o amor, a compreensão, a verdade, a justiça, a dignidade humana - justamente os sentimentos e conceitos proibidos ao 'novo homem soviético'. Descobriram os governantes que nem o terror físico ou mental, nem a doutrinação haviam matado esses 'preconceitos burgueses' no coração e no espírito da Rússia". Os comunistas raramente são os heróis, e portanto, não é de admirar que o Kremlin esteja tentando bloquear essa nova explosão literária. A ditadura soviética não conseguiu produzir um "homem soviético" padronizado. "Pode dizer-se, numa paráfrase das linhas iniciais do Manifesto Comunista, que um espectro ronda o Kremlin - o espectro da liberdade".
249	263	Dezembro	1963	Joseph Alsop	Herald Tribune, de New York	Como a China Vermelha fez tremer o Kremlin	93-94	China	URSS	A crise sino-soviética poderá ser o acontecimento central da história atual. Em 1957 a URSS critica o "Grande Salto para a Frente", com a organização da agricultura chinesa em comunas rurais. "E a China marchou para o completo desastre que os soviéticos haviam previsto (...) Todo o terrível impacto do stalinismo megalomaniaco de Mao Tsé-tung foi sentido entre 1959 e 1962", quando Pequim exerceu pressão sobre os soviéticos para deflagração de uma terceira guerra mundial, com o objetivo de sair do desastre que sofriam. Para os soviéticos, essa posição chinesa não se tratava mais de uma posição de classe na luta para a abolição do capitalismo, mas de uma posição para objetivos inteiramente diversos. É aterrador para o Ocidente saber que uma nação é favorável à guerra total.

250	264	Janeiro	1964	Manifesto dos Redatores do <i>Reader's Digest</i>	Reader's Digest	Por que morreu o Presidente Kennedy	32-34	Aspectos teóricos	Coexistência	Questiona explosões de violência e de ódio, numa era de "deslumbrantes realizações materiais". O incidente de Dallas devia fazer com que os americanos se perguntassem o que estava acontecendo com eles como povo e à humanidade. "O povo americano é tolerante, leal e preza os métodos democráticos. Crê nos princípios do cristianismo". Mas após a Segunda Guerra, ele perdeu "a visão clara dos ideais que tornaram sua nação forte e grande": extremistas pregam a intolerância e criam seus "grupos de adoradores". Os norte-americanos, gozando dos bens materiais, estão esquecendo a nobreza do espírito? A democracia durará. Porque é a única forma decente de governo que o homem conseguiu idear (...) Os americanos não podem reformar o resto do mundo, mas podem e devem reformar a si mesmos."
251	264	Janeiro	1964	Ernest O. Hauser	Reader's Digest	Os "inocentes" comunistas da Itália	73-80	Eurásia	Resistência anticomunista	Analisa a vitória do Partido Comunista nas eleições de abril de 1963 na Itália, onde 25% dos votos foram para os comunistas. A prosperidade não elimina o comunismo? Como um país quase unanimemente católico pode "dar apoio a uma filosofia baseada no ateísmo?". Pelo visto, os comunistas podem chegar ao poder na Itália pelos meios democráticos. Com um grande tato para a publicidade, os chefes vermelhos envolveram seu verdadeiro objetivo numa aparência de respeitabilidade que parece atraente para os italianos de todas as camadas sociais (...) Mas a alteração da embalagem não influi de maneira alguma na mercadoria". Mas já tem surgido "forças políticas e espirituais que se mantinham passivas ou indiferentes".
252	265	Fevereiro	1964	Richard M. Nixon, ex-vice-presidente do EUA.	The Saturday Evening Post	A fraqueza oculta de Khrushchev	58-63	Eurásia	Resistência anticomunista	Relata visita a Berlim Oriental, em julho de 1963, e a Varsóvia em 1959, quando a população manifestou "amizade à América e ódio ao governo comunista". A Europa Oriental é um barril de pólvora no qual Krushev sabe que está sentado"; seus povos "odeiam governos comunistas e se rebelariam se acreditassem no sucesso". Krushev sabe que tem na Europa Oriental apenas "direitos de posseiro", obtidos pela força, subversão e golpes de Estado. Só a mobilização da opinião pública americana impedirá "a liquidação do direito à liberdade de 97 milhões de pessoas escravizadas". A Europa Oriental "é a maior fraqueza potencial de Krushev; zona de maior força para o mundo livre". "Nós, povos livres, nunca devemos esquecer que, na grande maioria, os povos que vivem sob governos comunistas são nossos amigos".
253	266	Março	1964	Karl Detzer	Reader's Digest	Instantâneos de um espião	146-155	Aspectos teóricos	Coexistência	Descreve o desenrolar de um processo de espionagem nos EUA do soviético Maksim Martynov, que fazia parte do grupo soviético da Comissão Militar da ONU. Mostra como ocorreu o seu contato com um coronel do exército norte-americano, em New York, como foi a aproximação, desde quando começou o caso, que ocorreu entre 1954 e 1955. Chegou a ser pego em flagrante, mas por ser um diplomata conseguiu imunidade. Mas ainda assim, foi declarado pelo Departamento de Estado <i>persona non grata</i> , e saiu dos EUA dias depois. O artigo também enfatiza que foi utilizada nesta ação a teleobjetiva: com ela, nos últimos 10 anos, mais 30 funcionários soviéticos, no gozo das imunidades diplomáticas e da hospitalidade norte-americana, foram surpreendidos em ações de espionagem, "inteiramente estranhas às suas funções oficiais". O FBI possui milhares destas fotografias, ou "instantâneos", e não somente de espiões, mas também sabotadores e criminosos de várias espécies.

254	267	Abril	1964		Time	China Vermelha: gigante acorrentado	52-57	China	Expansão comunista	Segundo Mao Tsé-tung, o comunismo era o martelo usado para destruir seus inimigos; mas com seu "martelo de papel, Mao logrou apenas atizar novos ódios contra si e contra o seu regime vermelho". Isolado, ele tem envolvido o seu problemático país em questões simultâneas com os EUA, a URSS e a Índia, além des insistir "nas questões de raça e de cor a fim de arregimentar contra o Ocidente as nações pobres da Ásia e da África". "Nos sonhos de Mao, a China é um gigante que domina as nações liliputianas da Ásia. Na opinião ocidental, a China Vermelha é um Gulliver de pés e mãos amarrados devido às suas próprias deficiências". A maior ameaça ao regime é a dissipação da boa vontade dos milhões de chineses que estavam impressionados com a força, a incorruptibilidade e a férrea disciplina dos comunistas. "Os chineses se cansaram das sessões coletivas de doutrinação, das reuniões públicas de acusação, das confissões em massa e das incessantes 'conferências de luta' em que turmas de vermelhos se revezavam na tarefa de censurar os relapsos".
255	267	Abril	1964	Gonzalo J. Facio, Embaixador da Costa Rica nos Estados Unidos e ex-Presidente do Conselho da OEA de 1962 a 1963.	Reader's Digest	Fidel castro deve sair!	85-90	América Latina	Cuba	A OEA deve reconhecer e aceitar o desafio de evitar a subversão comunista no continente. " <i>O governo satélite de Fidel em Cuba deve ser derrubado e substituído por um governo democrático</i> ". Um grande número de latino-americanos vai para Cuba receber instruções ideológica e paramilitar, e depois voltam para suas pátrias para fomentar a desordem, o caos e a derrubada dos governos legítimos, para implantar regimes semelhantes ao de Castro. Se uma ação contra Cuba seria intervencionismo, "uma intervenção <i>inimiga</i> já se efetuou. Através de Cuba, a <i>União Soviética interveio no coração das Américas</i> . O que se propõe não é intervir, mas <i>fazer cessar a intervenção soviética</i> ". A única solução seria fomentar uma revolta do povo cubano, ajudado pelos vizinhos do continente.
256	268	Maio	1964	Emmanuel John Hevi	Livro An african student in China	Um estudante africano na China Vermelha	38-42	China	Doutrinação comunista	Estudante de Gana que foi estudar Medicina em Pequim, com bolsa de estudos chinesa, mostra decepção na faculdade: moradias ruins, um único refeitório para 5 mil alunos, que também servia de sala de conferências, teatros e centros de jogo de salão. Um único banheiro. Não esperava luxo, mas o bem-estar do povo poderia ser melhor se o governo não se preocupasse tanto com despesas de ajuda a guerrilheiros comunistas em outros países e de preparativos militares para dominar e anexar os seus vizinhos mais fracos. Comenta sobre livros didáticos, reescritos "para dar-lhes feição marxista", e o forte controle sobre o que os professores ensinam. Relata discriminação racial como esforço do partido comunista para fazer os africanos aceitarem a idéia da "superioridade dos amarelos sobre os pretos".
257	268	Maio	1964	Noel F. Busch	Reader's Digest	U Thant - inescrutável pastor da ONU	63-68	Aspectos teóricos	Coexistência	O artigo duvida que o novo secretário-geral da ONU, o birmanês U Thant, tenha visão lúcida das questões em jogo nas disputas internacionais. Sua imparcialidade parece "relativa indiferença pelo desfecho da guerra fria". "A crença de que não há muita diferença entre os dois lados empenhados na guerra fria, é semelhante à velha ilusão ocidental de que todos os chineses se parecem. Comunismo e o capitalismo são produtos do Ocidente, por isso devem parecer semelhantes de um posto de vista oriental". Sobre as novas nações africanas: "sentar ao lado das maiores e mais velhas quando se discutem assuntos internacionais, é certamente o equivalente a fazer um curso, mas é de louca irresponsabilidade insistir em que tais Estados devem ter as decisões finais sobre o futuro rumo da história humana".

258	270	Julho	1964	John Strohm - ex-presidente da Associação Americana de Jornalistas Agrícolas, é estudioso dos "problemas de viveres e da agricultura em 70 países, inclusive a Rússia Soviética e a China Vermelha" - e Eugene Lyons.	Reader's Digest	Alimentos: calcanhar-de-Aquiles do comunismo	44-49	Eurásia	Regime soviético	Contradição comunista: o regime que avança na pesquisa espacial não consegue alimentar seu povo. Os camponeses resistem à socialização, retardam o trabalho, roubam colheitas e praticam resistência passiva. "Da China Vermelha à Cuba Vermelha, a marca do 'planejamento comunista' tem sido racionamento, crises agudas e às vezes até a fome". Em setembro de 1962, o <i>Komsomolskaya Pravda</i> , de Moscou, afirmou: "É mais fácil erradicar o mosquito anófele do que o vírus do individualismo, o irreprimível culto da propriedade". "Os líderes vermelhos sabem que poderiam resolver problemas de alimentação quase da noite para o dia com a volta à agricultura privada". Não dá para dissimular: comunismo gera fome, e isto deve servir de alerta às nações deslumbradas "pelos supostos milagres econômicos dos comunistas".
259	270	Julho	1964	Edward R. F. Sheehan	The Saturday Evening Post	A saga de um espião soviético	70-79	Aspectos teóricos	Coexistência	Sobre o espião Harold Adrian Russell Philby, apelidado "Kim", que atuava como correspondente em Beirute de dois periódicos ingleses - <i>The Observer</i> e <i>The Economist</i> . Mas antes trabalhou no Serviço Secreto do governo britânico, e também foi primeiro-secretário da embaixada britânica em Washington, na Segunda Guerra, quando o governo inglês acredita que tenha transmitido informações secretas aos russos. Chegou a receber a Ordem do Império Britânico. Após a guerra, foi para Washington, e manteve estreito contato com o governo americano e a CIA. Mas sob suspeita, foi chamado à Inglaterra e despedido. Para não perdê-lo de vista arranjaram-lhe o trabalho de correspondente. Mas não interrompeu a carreira de espião. Em 1963, cercado, conseguiu asilo político na URSS.
260	270	Julho	1964	Joseph P. Blank	Reader's Digest	A incrível fuga	123-136	América Latina	Cuba	O incrível plano de fuga de 85 cubanos para os EUA, talvez em 1962 - a maior fuga em massa daquele país. O líder era Rafael Rodríguez, que, mesmo apolítico, estava desiludido com o regime de Castro, que prometera um governo controlado <i>pelo</i> povo, mas que se tornou governo empenhado no controle <i>do</i> povo. Dono de um pequeno barco, em julho de 1961 foi preso por suspeita de tentativa de fuga, e ficou 7 meses na prisão. Seu navio foi confiscado. Libertado, ficou ainda mais decidido a fugir. O artigo descreve o plano, a sua aproximação do oficial que comandava um navio do governo, e como conseguiu convencê-lo a partir. Afirma repetidas vezes ter sentido a intervenção divina a favor deles: "Rafael, agora que tudo terminou, tem certeza de que foi a Providência que tornou possível a fuga - afinal de contas - disse ele - o bom Deus deve sorrir sempre que alguém do Seu povo foge da escravidão".
261	271	Agosto	1964		Time	A monumental "salada" econômica de Khrushchev	42-47	Eurásia	Regime soviético	A situação econômica da URSS é vacilante, e as "falhas atingem bem no coração a teologia comunista, que prevê a era da abundância como a etapa final e inevitável da marcha do homem para a perfeição". A idéia do Ocidente de que o povo soviético despreza os bens materiais é falsa: ele anseia "quase como obsessão por trajes elegantes, aparelhos eletrodomésticos e comodidades simples que no Ocidente são quase triviais". A ausência de concorrência não traz estímulos para a produção de artigos bonitos e bem feitos, ou para melhorar os modelos. "O sistema soviético de preços e prioridades se baseia não no custo e no lucro, mas numa posição de critérios vagos, como, por exemplo, a 'utilidade social' de um artigo". Na Rússia se tem um "desperdício maníaco", uma "ineficiência entusiástica" e uma "irresponsabilidade antediluviana", de uma economia dirigida por Moscou.

262	271	Agosto	1964	James Clavell	Ladies' Home Journal	A nova professora	157-164	Aspectos teóricos	Comunismo	A sinopse do artigo diz: "Isto é ficção - uma história de horror - mas poderia ter acontecido em Cuba, na Tchecoslováquia, na Polônia, na Hungria, na Alemanha Oriental. Poderia vir a acontecer aqui?" Narra a atuação de uma nova professora que doutrina os alunos (não jurar à bandeira, orar ao "Nosso Chefe"). Após algumas "conquistas", ela "sentia-se reconfortada em pensar que em toda a escola e em todo o país, todas as crianças, todos os homens e todas as mulheres estavam sendo ensinados com a mesma fé, por variantes do mesmo processo. Cada um de acordo com sua idade e necessidades". Explicações da <i>Ladies</i> : o motivo "era fazer as pessoas compreenderem quanto é fácil torcer mentes infantis. Ninguém se enganará com o inimigo que maneja o chicote. É o inimigo que sorri, e que se apresenta amistoso, que pode iludir os que não estão preparados".
263	272	Setembro	1964	Mario Lazo, "um dos advogados internacionais mais eminentes de Cuba, tinha como clientes o governo dos EUA e muitas sociedades estrangeiras, entre outros... Colaborou com o "movimento subterrâneo anticastro", mas conseguiu escapar da ilha, após a fracassada invasão.	Reader's Digest	Artigo Especial: A decisão desastrosa. Tradução: João Távora, redator de <i>Seleções</i> .	153-188	América Latina	Cuba	A invasão da Baía dos Porcos, "chocou o povo americano e prejudicou o prestígio e a liderança dos EUA no mundo livre". A operação falhou porque após ter aprovada pela CIA, FBI, Estado Maior e governo dos EUA, foi alterada, por insistência dos conselheiros políticos de Kennedy. "As mudanças condenaram a invasão ao desastre ainda antes de ser anunciado". A <i>Operação Pluto</i> , que devia destruir a força aérea de Castro, consistia de 3 ataques aéreos. Mas o 2º e o 3º foram cancelados, para preservar a "imagem de não-comprometimento dos EUA". Assim, "Fidel Castro obteve vitória esmagadora - horas antes de se ter derramado o primeiro sangue na Baía dos Porcos". O prestígio americano caiu, e o de Castro se elevou. Para o autor, "todos os Cubanos Livres devem esquecer fracassos passados e se concentrar no futuro. A única preocupação agora deve ser a libertação da nossa pátria, com os nossos próprios meios (...) nunca mais poderemos aceitar auxílio como subordinados da política dos EUA".
264	273	Outubro	1964	George W. Hill, sociólogo especializado em questões rurais.	Reader's Digest	O problema mais explosivo da América Latina	29-34	América Latina	Visão ocidental	Os camponeses da América Latina, sem instrução e empobrecidos, cada vez mais dão ouvido a agitadores, muitos deles comunistas. Acabarão seguindo quem quer que prometa melhor condição. Sua mensagem: "Aliviem minha pobreza, ou ajudarei os comunistas a instalarem novos Castros". "No Chile, no Nordeste do Brasil, na América central, no calcinado Norte do México, os vermelhos espalham inquietação entre os camponeses, exigindo 'movimentos de libertação nacional'". Há, entretanto, "um raio de esperança": o programa venezuelano de Betancourt, que desde 1959 "prova que a correta distribuição da terra pode criar democracia e fechar portas à infiltração comunista". O camponês tem base para crescer, e pode se içar para o nível da classe média". Os comunistas podem ganhar nas cidades da Venezuela, mas não conseguem resultado no sertão.

265	273	Outubro	1964	Ernest Dunbar	Look	Revolta dos africanos na Rússia	59-63	Eurásia	Regime soviético	Os soviéticos dizem que seu país "é a união harmoniosa de diversos povos em que a pigmentação jamais constituiu obstáculo". Mas na sua recente viagem, verificou "conflito com raízes na cor das pessoas". Os soviéticos dirigiam-se aos africanos na rua para tocar-lhes a pele ou os cabelos. As russas são advertidas e as operárias são perseguidas pelos chefes quando descobrem que mantinham relações com africanos. É cada vez maior o número de africanos atacados quando passeavam sozinhos pelas ruas da cidade. As autoridades soviéticas negam e acusam embaixadas ocidentais de estarem por trás dos rumores de discriminação racial. O assunto tem sido aproveitado pelos chineses, mostrando aos africanos e asiáticos que os russos são apenas outra variedade de brancos racistas.
266	274	Novembro	1964	Clarence W. Hall	Reader's Digest	Artigo Especial: A Nação que se salvou a si mesma	93-120	América Latina	Brasil	<i>Seleções</i> considera que o golpe de 1964 teve "significação muito especial". Mostra que a conquista do poder já estava preparada – "primeiro o caos; depois, a guerra civil; por fim, o domínio comunista total". O Brasil era estratégico para todo o continente, pois os comunistas poderiam subverter um país após o outro. Comparado a isso, "a comunização de Cuba era insignificante". Os comunistas dominavam o governo e o Congresso. "Os vermelhos tinham introduzido toneladas de munições por contrabando, havia guerrilheiros bem adestrados". Mas uma contra-revolução da classe média, com força bem organizada, antecipara-se à iniciativa. Para Gordon, embaixador dos EUA no Brasil, "foi uma revolução doméstica, tanto na concepção como na execução. Nem um só dólar ou cérebro norte-americano foi empenhado nela!".
267	274	Novembro	1964	Dr. Walter H. Judd	Discurso feito no Detroit Town Hall	Por que a China comunista deve ser mantida fora da ONU	205-212	China	ONU	Discute a admissão da China na ONU. O parágrafo 4 do artigo 2 da Carta, diz que os países-membros não podem usar de força contra a integridade territorial ou a independência política de qualquer Estado. Só por esses motivos a China estaria fora, pois usara de força em ações intervencionistas. Ademais, "os comunistas usam as negociações, as conferências e as organizações como meio, não de resolver conflitos, mas de cumprir política de guerra; não para conseguir acordos, mas para conquistar vitória". O regime de Mao ganharia legitimidade e faria aumentar seu prestígio e poder em todo o mundo, transformando suas embaixadas "em centros de espionagem, sabotagem e conspiração". Provocaria a saída da China Nacionalista, e, ocupando a cadeira no Conselho de Segurança, faria uso do veto, "como URSS, para obstruir esforços para manter a paz no mundo".
268	275	Dezembro	1964	David Reed	Reader's Digest	Gana: nova ponte do comunismo na África	142-149	África	Comunismo	Após a independência da Grã-Bretanha, em 1957, Gana tem como líder o "enigmático ditador marxista" Kwame Nkrumah, "o Lenine da África", que tornou o país num "Estado totalitário de tipo comunista e num foco de subversão contra países africanos simpáticos ao Ocidente". Gana é um Estado policial, sem oposição e sem instituições democráticas. Nkrumah é "dos homens mais estranhos e mais complexos da África - espantosa mistura de intelectual, filósofo e agitador. Cruelíssimo, pode ser às vezes tão encantador que desarma os próprios inimigos. Está em dia com a filosofia ocidental, mas se deixa fascinar pelo <i>juju</i> , a magia negra da África Ocidental (...) Abandonou o catolicismo e permite que os seus adeptos lhe lavem os pés com sangue de animais". O futuro de Gana é sombrio.

Fontes:

Reader's Digest	130
Livros diversos	24
The Saturday Evening Post	16
Time / The New Yor Times	cada 12
Life / U.S. News & World Report	cada 7
This Week	6
The Freeman	5
Herald Tribune, de New York / The New Leader	cada 4
Discursos	3
Look	3
Collier's	2
Newsweek	2
Popular Science Monthly	2
Saturday Review	2
The Catholic World	2
America	1
Argosy	1
Fontes diversas	1
Associated Press	1
Die Weltwoche	1
East Europe	1
Journal-American, de New York	1
La Hacienda	1
La Nación, de Costa Rica	1
Ladies' Home Journal	1
Le Nouveau Candide	1
Liberty	1
Manchester Guardian Weekly	1
National Review	1
Ordinance	1
Post, de Denver	1
Radio WRUL, de New York	1
Show	1
Sports Illustrated	1
The American Magazine	1
The American Weekly	1
The Lion	1
The Wall Street Journal	1
Times, de Los Angeles	1
Western World	1
TOTAL	268

Autores:

Autoria desconhecida	36
Eugene Lyons	14
Frederic Sondern, Jr.	8
Robert Littell	7
James A. Michener	6
Lester Velie	6
Louis Fischer	6
Max Eastman	5
Stewart Alsop	5
Andre Visson	4
Dickey Chapelle	4
Francis Vivian Drake	4
George Kent	4
Leland Stowe	4
Hanson W. Baldwin	3
John G. Hubbell	3
John Gunther	3
Lin Root	3
John Strohm	3
Irwin Ross	2
Stanley High	2
Clarence W. Hall	2
David Reed	2
Ellsworth Raymond	2
George W. Hill	2
Gordon Gaskill	2
John C. Caldwell	2
Max Frankel	2
Michael Scully	2
Noel F. Busch	2
Richard M. Nixon	2
Roscoe Drummond	2
William A. H. Birnie	2
William Henry Chamberlin	2
Edwin Muller	2
Enno Hobbing	2
Joseph Alsop	2
Albert Q. Maisel	1
Alex Kuchеров	1
Alexander Jordan	1
Allen Drury	1
Arnold J. Toynbee	1
Art Buchwald	1
Béla Fabian	1

Bertrand Russell	1
Bob Considine	1
Bonner Fellers	1
Cameron Hawley	1
Carlos P. Romulo	1
Cel. Truman Smith	1
Charles D. Rice	1
Charles Stevenson	1
Charles W. Thayer	1
Christine Hotchkiss	1
David Chipp	1
David Lawrence	1
Don Wharton	1
Dr. Charles Malik	1
Dr. Guillermo Labbé	1
Dr. Marek S. Kerowicz	1
Dr. Ricardo Castro Beeche	1
Dr. Walter H. Judd	1
Drexel Gibson	1
Dwight D. Eisenhower	1
Ed Sullivan	1
Edith Bone	1
Edward R. F. Sheehan	1
Ellis O. Briggs	1
Emery Reves	1
Emmanuel John Hevi	1
Ernest Dunbar	1
Ernest O. Hauser	1
Everest Mulekezi	1
Frank Kluckhohn	1
Fred Clark e Richard S. Rimanoczy	1
Fred Sparks	1
G. S. Gale	1
Gal. James Gavin	1
George Mardikian	1
George May	1
Glaus Gaedemann e Robert Littell	1
Gonzalo J. Facio	1
Hans Hardt	1
Harold H. Martin	1
Harrison E. Salisbury	1
Harry e Bonaro Overstreet	1
Henry J. Taylor	1
Henry Jordan	1
Herbert L. Matthews	1
Hollington Tong	1
Isaac Don Levine	1

J. D. Ratcliff	1
J. Edgar Hoover	1
J. P. McEvoy	1
James Burnham	1
James Clavell	1
James Poling	1
Jerome Wilson	1
John E. Frazer	1
John E. Roche	1
John F. Frazer	1
John F. Kennedy	1
José Figueres	1
Joseph Mazandi	1
Joseph P. Blank	1
Joseph Wechsberg	1
Jules Bergman	1
Karl Detzer	1
Karl E. Mundt	1
Kurt S. Lachmann e Fred C. Painton	1
Lord Home	1
Lord Taylor	1
Luis Muñoz Marín e Donald Robinson	1
Lyndon B. Johnson	1
Maks Snuderl	1
Manifesto dos Redatores do RD	1
Marguerite Higgins	1
Maria Maletier	1
Mario A. Pei	1
Mario Lazo	1
Marion Miller	1
Martin Mann	1
Norbert Muhlen	1
Norman Cousin	1
O. K. Armstrong	1
Paul Palmer	1
Peter F. Drucker	1
Peter Maas	1
Peter Thacher	1
Prescott Bush	1
Raymond Carroll	1
Robert Bendiner	1
Robert Coughlan	1
Robert Guillain	1
Robert S. Strother	1
Selwyn Lloyd	1
Svetlana Gouzenko	1
Syngman Rhee	1

Tom Whitney	1
Vincent Sheean	1
Walter Robertson	1
Whittaker Chambers	1
William Hard	1
William J. Jorden	1
William J. Lederer e Eugene Burdick	1
TOTAL	272